

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

FELIPE MOURA DE OLIVEIRA

A SEMIOSE DA NOTÍCIA EM AMBIENTE DE CRISE
Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea

SÃO LEOPOLDO

2016

Felipe Moura de Oliveira

A SEMIOSE DA NOTÍCIA EM AMBIENTE DE CRISE
Movimentos em rede e mediação na semiosfera contemporânea

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

São Leopoldo
2016

DADOS INTERNACIONAIS DE PUBLICAÇÃO (CIP)

O48s

Oliveira, Felipe Moura de

A semiose da notícia em ambiente de crise : movimentos de rede e mediação na semiosfera contemporânea / Felipe Moura de Oliveira – São Leopoldo, 2016.
206 f.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn.

Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2016.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo – Notícia. 3. Semiologia. I. Henn, Ronaldo Cesar.
II. Título.

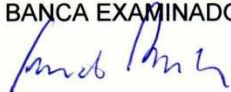
FELIPE MOURA DE OLIVEIRA

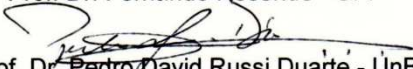
“A SEMIOSE DA NOTÍCIA EM AMBIENTE DE CRISE: movimentos em rede e
mediação na semiosfera contemporânea”

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovada em 08 de abril de 2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Fernando Resende - UFF


Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte - UnB


Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva - UNISINOS


Profa. Dra. Christa Liselote Berger Ramos Kuschick - UNISINOS


Prof. Dr. Ronaldo César Henn- UNISINOS

*Aos que ousam sonhar;
Aos que ousam lutar;
Aos que ousam amar.*

AGRADECIMENTOS

Aos familiares, estimados amigos e colegas, representados no apoio incondicional, na educação, no respeito, na admiração e no carinho da mãe, Maria Regina de Moura; do pai, Adão Carlos Costa de Oliveira; dos irmãos, Gustavo Moura de Oliveira e Júlia Mattos de Oliveira.

Aos professores que contribuíram durante toda a formação, representados na dedicação irreparável; sobretudo nos ensinamentos valiosos do orientador e amigo, Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn; da graduação ao doutoramento.

Aos colegas, especialmente representados naqueles com quem o convívio foi mais intenso no Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor) e no Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC).

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na generosidade e presteza dos seus trabalhadores.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Estadual da Pensilvânia (EUA) pelo estágio sob a orientação do atencioso Prof. Dr. Vincent Colapietro, a quem também fica o agradecimento.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na valorização da produção do conhecimento, pela bolsa que viabilizou esta pesquisa.

*Por um mundo onde sejamos
socialmente iguais,
humanamente diferentes
e totalmente livres.*

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esta tese se dedica às tensões geradas sobre as práticas jornalísticas por novas formas de intervenção social cujo protagonismo é exercido pelos chamados *movimentos de ocupação global*, com as redes sociais digitais como espaço de metabolização. No esteio da *Teoria Geral dos Signos*, de C.S. Peirce, defende-se que, na linguagem, materializa-se a principal função do jornalismo: exercer uma *mediação qualificada* no espaço público entre a realidade caótica dos acontecimentos e a sociedade, fruto da formação como campo social, acadêmico e profissional. A produção noticiosa é entendida, assim, como um complexo emaranhado de mediações que resulta na *semiose da notícia*, graficamente expressa no esquema *objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia*. Decorre dessa perspectiva a ideia de que o jornalismo, na condição de sistema de produção de sentido, esteja enfrentando uma crise de natureza sistêmica, provocada pela interação com outros agentes que compõem o espaço não físico que Lotman concebe como *semiosfera*. Aquilo que o jornalismo não representa no signo/notícia que produz por uma semiose tradicionalmente cerceadora do poder hermenêutico do acontecimento, em Quéré, agora é significado por outros sistemas e amplamente compartilhado nas redes digitais, pondo em xeque o lugar de mediação que o jornalismo firmou ao longo da história. A reflexão tem lastro em inferências oriundas de movimentos etnográficos empreendidos nas redações de três jornais de referência: *Folha de S. Paulo* (Brasil); *The New York Times* (EUA); *El País* (Espanha). Alia-se a essa experiência o acompanhamento de fenômenos como o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, e as *Jornadas de Junho*, no Brasil, numa tentativa de desvendar suas formas de articulação, mobilização e intervenção. Vislumbra-se na interface entre jornalismo e movimentos de ocupação global, pela disputa de sentidos em torno dos acontecimentos que se concretiza nas redes digitais, a proposição do conceito de *interpretante em rede*. Advoga-se, enfim, a necessidade de uma autorreflexão do jornalismo ante a crise, ao ocupar o lugar lógico e transitório do interpretante na semiose da notícia, que redundaria em formas mais complexas de representação dos conflitos sociais como objeto semiótico. Aos movimentos sociais, pois, caberia a compreensão da constituição do interpretante em rede de modo a traçar estratégias de promoção do debate acerca de suas demandas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Semiose da notícia. Crise. Redes sociais digitais. Interpretante em rede.

ABSTRACT

This doctoral thesis studied the tensions inflicted upon journalistic practices by new manners of social intervention which are led by the so-called Occupy movement, with social networking websites as spaces of metabolization. Based on C. S. Peirce's Theory of Signs, it is argued that in language is the main function of journalism: to exercise a *qualified mediation* in the public space between the chaotic reality of events and the society, a result of its formation as a social, academic and professional field. So, the production of news stories is understood as a complex tangle of mediation that results in *the semiosis of news*, represented graphically by the scheme *object/event – interpreting mind/journalism – sign/news*. What follows from this perspective is the idea that journalism, in the condition of a system that produces meanings, is going through a systemic crisis caused by the interaction with other agents that compose the non-physical space Lotman calls *semiosphere*. That which journalism does not represent in its sign/news because of a semiosis that traditionally limits the hermeneutic power of events, as said by Quéré, now is signified by other systems and broadly shared in social networks, which threatens the part of mediator journalism has played throughout history. This reflection is based on inferences made during ethnographic movements carried out in the newsrooms of three reference newspapers: *Folha de S. Paulo* (Brazil); *The New York Times* (USA); *El País* (Spain). Also, together with this experience, the monitoring of phenomena such as the Occupy Wall Street movement, in the US, and the June Journeys, in Brazil, was a an attempt to understand their manners of articulation, mobilization and intervention. In the interface between journalism and the Occupy movements it is glimpsed, because of their dispute of meanings in the social networks, the proposition of the concept of *network interpreter*. At last, the need for journalism to reflect upon this crisis is argued, since it occupies the logical and transitory part of interpreter in the semiosis of news. This reflection would result in more complex manners of representing social conflicts as semiotic objects. The social movements, thus, should comprehend the constitution of the network interpreter so as to create strategies for promoting the debate about their demands.

KEYWORDS: Journalism. Semiosis of news. Crisis. Digital social networks. Network interpreter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Assembleia do movimento Occupy Wall Street em Nova York	65
Figura 2 - Publicações extraídas do Twitter com o uso da hashtag “#MeuAmigoSecreto.	69
Figura 3 - Ato do Ocupa Poa em Porto Alegre (RS).....	71
Figura 4 - Juliana Vallone, repórter da Folha de S. Paulo, após ser atingida por bala de borracha	76
Figura 5 - Circuito de significação dos acontecimentos em rede	88
Figura 6 - Charge publicada em 07 de janeiro de 2015 pelo cartunista	90
Figura 7 - Seção criada pelo El País em sua página eletrônica para a cobertura do “25S”	92
Figura 8 - Memes que circularam na rede, em alusão à atuação do garçom.....	94
Figura 9 - Perfil da revista Veja no Twitter, invadido por hackers	107
Figura 10 - Imagem de perfil do Twitter reproduzida pelo blog Verne, do El País	128
Figura 11 - Capa do El País de 08 de novembro de 2015	129
Figura 12 - Publicação do Facebook de suposta vítima de agressão por segurança de bar em Porto Alegre (RS)	132
Figura 13 - Capa de Época, 07 de novembro de 2015.....	149

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
1.1.1 Constituição do objeto	19
1.1.2 Ferramentas metodológicas	22
2 UM LUGAR EPISTÊMICO PARA O ESTUDO DO JORNALISMO.....	25
2.1 ESTUDO DO JORNALISMO	27
2.1.1 Fronteiras semióticas.....	32
2.2 A SEMIOSE DA NOTÍCIA	34
2.2.1 A constituição dos legi-signos	36
2.2.2 Práticas jornalísticas como legi-signos.....	37
2.2.3 Que legi-signos são esses	38
2.3 O JORNALISMO EM PERSPECTIVA SISTÊMICA	40
2.4 SEMIOSE DA NOTÍCIA EM PROCESSO.....	44
2.4.1 Limitação e redundância.....	47
2.5 JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO	50
2.5.1 Perspectivas.....	52
3 MOVIMENTOS EM REDE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.....	54
3.1 A EMERGÊNCIA DO FENÔMENO: APORTES CONCEITUAIS.....	55
3.1.1 A internet como catalisador.....	59
3.1.2 Militância ou ativismo? Mais do que semântica	61
3.2 DO “OCCUPY WALL STREET” AO “OCUPA POA”	62
3.2.1 Conexão Espanha-Brasil	67
3.2.2 Ocupa Poa.....	70
3.2.3 Movimento midiático: a percepção do ativista	72
3.3 DAS REDES PARA AS RUAS	74
4 CRISE SISTÊMICA NA SEMIOSFERA CONTEMPORÂNEA	78
4.1 REDE CONCEITUAL.....	79
4.1.1 Sistemas abertos como perspectiva lógico-teórica.....	79
4.1.2 Uma definição de crise	82
4.1.3 Semioses difusas no âmago da crise	84
4.2 O JORNALISMO EM CONTEXTO DE CRISE.....	86
4.2.1 Ecos da crise	87
4.3 PISTAS PARA A COMPREENSÃO DA CRISE.....	96

5 REDAÇÕES EM AMBIENTE DE CRISE: FOLHA DE S. PAULO, <i>THE NEW YORK TIMES</i> E <i>EL PAÍS</i>	100
5.1 UNIVERSALIZANDO INFERÊNCIAS	101
5.2 FOLHA DE S. PAULO	102
5.2.1 Do lado de dentro	104
5.2.2 A redação em ebulição	105
5.2.3 Anotações	111
5.3 THE NEW YORK TIMES	112
5.3.1 <i>People's Climate March</i> e <i>#FloodWallStreet</i> : dois lados da mesma moeda.....	113
5.3.2 Uma extensão da redação	115
5.4 EL PAÍS	120
5.4.1 Das redes, nas redes, em rede: #7N	126
6 PARA ALÉM DA CRISE	131
6.1 APONTAMENTOS SOBRE O INTERPRETANTE	134
6.1.1 Hábitos de rede	138
6.2 O INTERPRETANTE EM REDE	142
6.2.1 A Primavera das Mulheres	146
6.3 POR UMA MEDIAÇÃO QUALIFICADA	150
6.3.1 Enfrentamentos	153
7 LIMITES E POSSIBILIDADES	156
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MARISA HOLMES	181
ANEXO 1 – FOLHA DE S. PAULO 13/6/2013	184
ANEXO 2 – FOLHA DE S. PAULO 14/6/2013	185
ANEXO 3 – FOLHA DE S. PAULO 15/6/2013	186
ANEXO 4 – FOLHA DE S. PAULO 16/6/2013	187
ANEXO 5 – FOLHA DE S. PAULO 17/6/2013	188
ANEXO 6 – FOLHA DE S. PAULO 18/6/2013	189
ANEXO 7 – FOLHA DE S. PAULO 19/6/2013	190
ANEXO 8 – FOLHA DE S. PAULO 20/6/2013	191
ANEXO 9 – FOLHA DE S. PAULO 21/6/2013	192
ANEXO 10 – FOLHA DE S. PAULO 22/6/2013	193
ANEXO 11 – THE NEW YORK TIMES 22/9/14	194
ANEXO 12 – THE NEW YORK TIMES 23/9/14	196
ANEXO 13 – THE NEW YORK TIMES 30/3/15	197
ANEXO 14 – MÉDIA DE ACESSOS EL PAÍS 26/10/15	199
ANEXO 15 – EL PAÍS 27/10/2015	200

ANEXO 16 – EL PAÍS 27/10/2015 P. 26.....	201
ANEXO 17 – EL PAÍS 27/10/2015 P. 33.....	202
ANEXO 18 – EL PAÍS 7/11/2015 P. 10.....	203
ANEXO 19 – EL PAÍS 7/11/2015	204
ANEXO 20 – EL PAÍS 8/11/2015	205
ANEXO 21 – EL PAÍS 8/11/2015 P. 28.....	206

1 INTRODUÇÃO

“De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois se formaram redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões”, destaca Manuel Castells (2013, p. 9-10): “[...] com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada.”

Tomavam forma os movimentos de ocupação global. Novas estratégias de articulação, mobilização e intervenção no espaço público, com as redes sociais digitais como ambiente de metabolização.

E das redes para as ruas.

Começou pela *Primavera Árabe*. Ditaduras caíam, feito penas, no sopro produzido pelas vozes indignadas. O vento levou o grito que ecoava dos países do chamado Oriente Médio ao Ocidente. *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos. Na Espanha, *Indignados*. A mensagem chegaria ao Brasil em junho. *Jornadas de Junho*.

“Ninguém esperava”, admite Castells (2013, p. 9), o intelectual perplexo. “Num mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu”. Aconteceu. E enquanto acontecia afetava o jornalismo no seu âmago. Aron Pilhofer (2014), à época editor de notícias interativas do *The New York Times*, respondendo se o campo sobreviveria à crise instaurada pela internet: “Sim, sim. Mas em um modelo completamente diferente do que temos agora. [...] não estou certo do que vem para substituí-lo.”

A perplexidade dá lugar à resignação, em conclusão extraída de relatório interno sobre as implicações da internet no jornal estadunidense: “O *New York Times* ganha no jornalismo. Mas a nossa vantagem jornalística diminui à medida que os novos meios digitais expandem as suas redações” (SIZA; GOMES, 2014).

“Agora, e isto, por um lado, é um grande drama; por outro, uma grande oportunidade, perdemos esse monopólio da intermediação. Muita gente está disputando, em alguns casos com vantagem, e isto tem nos obrigado a reinventar o nosso ofício”, avalia Gumersindo Lafuente (2012, p. 212), ex-diretor do espanhol *El País*, acrescentando que, diferentemente dos avanços tecnológicos anteriores, agora o poder da intermediação é, potencialmente, descentralizado; não ainda mais concentrado, como fora, por exemplo, com o rádio em detrimento da impressora ou a televisão do rádio.

Em meio às *Jornadas de Junho*, o profissional que ocupava cargo de direção na redação do jornal *Folha de S. Paulo* constata: “Tá na cara que a força e a rapidez de mobilização tá calcada nisso [redes sociais]. A maioria fica sabendo por ali [dos protestos], não tá nem aí para o que gente diz. O efeito disso temos que discutir”¹.

A ideia de que o jornalismo enfrenta uma crise de ordem sistêmica² não só ganha vazão entre estudiosos do campo como é percebida também por profissionais de postos avançados nos principais jornais do mundo. Citar suas percepções já na introdução desta tese, contudo, não é mero recurso à retórica. Denota o esforço a que se propõe no sentido da plena compreensão sobre os limites e as possibilidades na interface entre movimentos sociais em rede e jornalismo. Mais: se constituem em indícios empíricos expressivos do momento de tensão.

A história do jornalismo é marcada por crises causadas, a rigor, por avanços tecnológicos. Começar uma reflexão sobre o momento atual do campo demanda, portanto, uma justificativa para o que se postula ser a crise do jornalismo contemporâneo. Por que estudá-la?

Ramonet (2012, p. 15), performaticamente, contribui a uma tentativa de resposta: “O planeta mídia está sofrendo um traumatismo de amplitude inédita. O impacto do meteorito internet, semelhante àquele que fez desaparecer os dinossauros, tem provocado uma mudança radical de todo o ecossistema midiático”.

Para além das perspectivas da sociologia e da economia do jornalismo, sobre as quais pesquisadores têm feito reconhecidos esforços para compreender a crise, defende-se a filosofia da linguagem como mais uma contribuição. É um exercício que recorre ao escopo teórico; no entanto, não como modelo formal de análise de produtos jornalísticos, mas como base epistemológica para entender os processos que permeiam o campo.

Considera-se, desse ponto de vista, que reside na linguagem a materialidade do jornalismo, compreendida a mediação entre os acontecimentos e a sociedade como sua principal função na esfera pública. O campo é pensado como um sistema de produção de sentido com regras próprias para representar os acontecimentos na forma da notícia.

É uma concepção que tem lastro na Teoria Geral dos Signos, de Charles Sanders Peirce, associada às releituras de seus principais intérpretes e comentaristas, a partir da qual o

¹ A fala é extraída de diálogo entre profissionais da redação do jornal brasileiro durante reunião de pauta a que o pesquisador teve acesso durante a pesquisa de campo realizada na redação, em São Paulo (SP), entre os dias 17 e 23 de junho de 2013.

² Ramonet (2012) é um dos autores que entende que a crise é sistêmica. Não é cíclica ou de evolução; mexe com parâmetros históricos do jornalismo como campo profissional e prática social.

processo de produção jornalístico se expressa numa complexa rede de mediações: a *semiose da notícia*, representada no esquema lógico: *objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia*.

A esfera pública, pois, é entendida como semiosfera, conceito cunhado por Iuri Lotman (1999). Em resumo, operando em analogia com a biosfera, o semioticista russo a define como o espaço não físico em que a vida ganha sentido; espaço em que se constituem as condições para a significação humana sobre o mundo, com ênfase na cultura. Sistemas de produção de sentido agem e interagem, numa complexa negociação que, ao mesmo tempo em que resulta na atribuição de significados aos acontecimentos, transforma-os entre si, avançando a novos arranjos de significação.

Não é difícil presumir o lugar de destaque que o jornalismo galgou nesse conflituoso espaço ao logo da história. Trata-se do campo ao qual se atribui a prerrogativa para a definição dos temas que merecem atenção no presente (FRANCISCATO, 2005). Ao exercê-la, confere sentidos aos acontecimentos que são amplamente replicados, levando a sociedade a ações concretas.

A novidade nestes tempos de redes digitais é a capacidade de intervenção de que são dotados outros agentes que compõem a semiosfera. A representação que o jornalismo faz dos acontecimentos é questionada, quando não refutada, e não raro pelos próprios personagens que os protagonizam. Aquilo que o jornalismo não representa do objeto/acontecimento no signo/notícia que produz, na condição de interpretante, é o que, nas palavras de Santaella (2008), resulta em *sobras*. Sobras que, agora, são significadas por sistemas de produção de sentido alheios ao jornalismo.

Nesse contexto, as ações de mediação e representação, que pela perspectiva da linguagem estão no epicentro da atividade jornalística, impõem um desafio ético fundamental: a perspectiva do outro como problema; o outro representado, o outro envolvido, dialogicamente, no ato comunicacional.³ E o jornalismo se vê compelido ao diálogo.

Estabelece-se, assim, uma *disputa de sentidos* em torno dos acontecimentos e suas representações na esfera pública. Em que pese não seja esse um fenômeno recente, as redes sociais digitais se constituem no ambiente em que a disputa se materializa e, mais, potencializa-se, a ponto de produzir sobre o jornalismo a sua crise atual, sobretudo a partir de

³ Apontamento de conferência ministrada pelo professor Fernando Resende no dia 07 de novembro de 2014, durante o 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, na Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc (RS).

manifestações que se expressam no conceito que Henn (2014a) concebe como *ciberacontecimento*.

Convém destacar, de antemão, que não se trata de uma conotação negativa de crise. Pelo contrário. Numa apropriação dos resultados a que chegou Prigogine (1996) depois de investigar fenômenos biológicos, é pela interação/tensão que os sistemas abertos avançam; sem elas, em última instância, morreriam isolados (espera-se que essa percepção alcance o leitor no desenrolar do texto, ao passo em que o que se propõe são estratégias de enfrentamento da crise com vistas à compreensão do papel do jornalismo na relação com os movimentos sociais contemporâneos).

O primeiro capítulo é marcado, ao encontro dessa perspectiva, pela defesa epistemológica da semiótica como espaço para a concretização da discussão. Outrossim, a semiose da notícia tradicional, ainda fortemente orientada por processos de produção mais lineares, sem as implicações típicas das redes digitais, é caracterizada. Isso para, em seguida, fazê-la funcionar ao desvendamento da forma como o jornalismo representa os acontecimentos pela análise de materiais que têm os movimentos sociais como objeto.

Ao capítulo seguinte reserva-se um esforço conceitual de definição dos movimentos de ocupação global, das suas lógicas de articulação, mobilização e intervenção pública em rede. É um exercício ancorado na transição dos movimentos sociais mais ortodoxos, de orientação marxista, aos fenômenos contemporâneos, que têm as redes digitais como catalizador.

Ainda no segundo capítulo, são oferecidos ao debate os resultados de pesquisas exploratórias empreendidas junto a movimentos representados pelo signo “Ocupai”. Essas pesquisas foram concretizadas em entrevistas com ativistas e no acompanhamento dos fenômenos que os envolvem: manifestações como o *Occupy Wall Street*, em estado nos EUA; *Indignados*, em viagem à Espanha; ou ainda seus ecos no Brasil, sobretudo durante incursão à redação do jornal *Folha de S. Paulo*, em São Paulo, justamente no auge dos protestos mais tarde contextualizados na história do Brasil como *Jornadas de Junho*.

Aquela semiose da notícia tradicional é tensionada por novas formas de intervenção na esfera pública, provocando a crise do jornalismo. O terceiro capítulo é dedicado a uma caracterização mais ontológica do sentido de crise com que a tese trabalha, estabelecendo os parâmetros epistemológicos para fazê-la operar como conceito. É um movimento que se dá não apenas pelo recurso a referências teóricas, mas por manifestações da crise em curso, a partir do manuseio de materiais empíricos.

A semiose da notícia em ambiente de crise é descrita no quarto capítulo, por pesquisa de campo concretizada em observações das rotinas de produção, com as atenções voltadas às implicações das redes sociais digitais, em três jornais de referência: o brasileiro, *Folha de S. Paulo*, em 2013; *The New York Times*, nos EUA, e *El País*, na Espanha, ambos em 2015. Intenta-se perceber as tensões caracterizadas nos capítulos anteriores em ação para, pelos indícios do próprio campo, produzir inferências ao encontro de uma proposta de solução para o problema de pesquisa.

Ao capítulo final, resta reflexão que tem como base enfrentamentos possíveis à crise, tanto do ponto de vista do jornalismo quanto dos movimentos sociais contemporâneos. É quando se propõe ao debate o conceito de *interpretante em rede*, forjado no cotejamento entre o que foi possível reunir de indícios ao longo da investigação e o aparato teórico-conceitual oferecido pela Teoria Geral dos Signos, de Peirce.

Advoga-se, enfim, a necessidade de uma autorreflexão do jornalismo, que pode resultar em formas mais complexas de dar a ver dos campos problemáticos que os acontecimentos potencialmente revelam, sem conter o que Quéré (2005) concebe como *poder hermenêutico* que eles carregam. A essa justificativa soma-se o risco que corre o jornalismo, furtando-se dessa reflexão, de ver em xeque a outorga que ostenta como instituição social. Não numa perspectiva de salvação do campo profissional; tampouco acadêmico. Mas como tentativa de realizar o projeto de um jornalismo que contribua, pelo esclarecimento do presente (BERGER, 2010), à resolução dos conflitos sociais.

1.1 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Quando da implementação do projeto de pesquisa, em março de 2012, o objetivo geral era entender os meandros da relação entre o jornalismo e os movimentos de ocupação global: como o jornalismo percebia essas novas formas de organização e reivindicação social. Interesse despertado por fenômenos contemporâneos já citados, desde os mais espontâneos, como a *Primavera Árabe*, até os mais articulados: *Occupy Wall Street*, nos EUA, ou *Indignados*, na Espanha – ambos com ecos no Brasil desde a primeira hora.

A investigação se propunha a entender como se dá o processo graficamente assim expresso: acontecimentos produzidos pelos movimentos de ocupação global, articulados em rede > representação que o jornalismo faz desses acontecimentos na forma da notícia > outros sentidos conferidos aos acontecimentos e compartilhados em rede pelos próprios ativistas > ciclicamente, incidência desses sentidos na forma como o jornalismo representa os

acontecimentos > revisão dialética das práticas jornalísticas ante a crise que o fenômeno desencadeia > potencial de acesso à esfera pública por parte dos movimentos sociais e do debate sobre as demandas que reivindicam.

Sintetizado, o problema de pesquisa é representado na pergunta: como o jornalismo, compreendido como processo semiótico, é tensionado a gerar representações mais complexas dos movimentos sociais em rede, dada a sua configuração historicamente cerceadora do poder hermenêutico do acontecimento?

1.1.1 Constituição do objeto

A proposta metodológica sempre foi calcada em exercícios de observação dos processos de produção das redações de jornais de referência frente ao fenômeno. Isso no que se refere ao jornalismo como expressão do objeto de pesquisa. Com relação à outra ponta, que teria os movimentos de ocupação global como manifestação, a preocupação era constituir ferramentas metodológicas capazes de apreendê-los, dada, sobretudo, a sua conformação fluída, que a própria natureza do conceito de “movimentos sociais” revela (GOHN, 1997).

Haveria acontecimentos capazes de constituir-se, nos termos das teorias que inspiram a pesquisa, como representação do fenômeno? Ou, ainda, como construir o elo entre as duas dimensões do objeto?

Com os primeiros desdobramentos da investigação, constata-se o protagonismo das redes sociais digitais, como espaço de articulação dos movimentos sociais contemporâneos, e o impacto desse processo sobre o fazer jornalístico. Vislumbra-se, assim, na crise do jornalismo, pela relação de causa e efeito que se constitui com os movimentos em rede, chave para a arena na qual se processariam as inferências para a compreensão do problema de pesquisa. Decorrem dessa construção teórico-metodológica as respostas para a segunda pergunta que os parágrafos acima manifestam.

A ansiedade em contemplar a primeira pergunta, cujas respostas dependiam, fundamentalmente, de contingências da ordem do imponderável, somente foi sendo atenuada pela dinâmica da lógica de articulação e mobilização dos movimentos em rede em si. Seja pela concretização em ciberacontecimentos que se processavam nas redes digitais, seja pela ocupação do espaço público urbano por acontecimentos que, antes, foram objeto de articulação no espaço digital.

A expressão máxima dessa tendência é a eclosão das *Jornadas de Junho*, no Brasil, em 2013, coincidentemente no mesmo período para o qual fora planejada a observação dos

processos de produção jornalística na redação do jornal *Folha de S. Paulo* – o que, evidentemente, não se poderia prever com antecedência. Essas oscilações do objeto, naturalmente, determinam um arranjo de teorias e metodologias, na mesma medida, complexo.

Vão se desencadeando, ao longo dos últimos quatro anos, uma série de manifestações em rede – e nas redes – que acabam por compor o objeto de pesquisa, estendendo-o das redações e dos movimentos de ocupação global ao que circula, concretizado em signos, na semiosfera.

Trata-se de um processo de constituição do objeto a ser investigado de natureza cartográfica, ao encontro do que propõe Martín-Barbero (2004), articulando jornalismo e movimentos sociais contemporâneos a uma ampla trama semiótica, ampliada pela sua constituição em redes. Materiais empíricos são acionados, frente a essa trama, para compor a tessitura de mapas semióticos em convergência com os espaços de produção e circulação efetivamente observados.

Santaella (2001a, p. 186) defende que a observação:

[...] não se restringe necessariamente à observação empírica, daquilo que estreitamente costumamos chamar de realidade, mas se estende para a observação documental, estendendo-se até mesmo até a observação abstrativa, quando criamos diagramas mentais da rede de conceitos teóricos com os quais estamos lidando, observando suas configurações e modificando-as conforme as necessidades de condução de uma argumentação.

Martín-Barbero (2004, p. 19) fala de “imaginação categorial”, que é “aquilo que torna pensável o que até agora não foi pensado, abrindo novos territórios ao pensamento”. Ao refletir sobre o que entende ser o ofício do cartógrafo, o autor retoma os três modos de relação do trabalho acadêmico com as concepções teóricas hegemônicas que concebeu na década de 1990: dependência, apropriação e invenção. Propõe, então, a superação da dependência (que se explica no próprio sentido semântico da palavra) pela apropriação, definida como “direito e capacidade de *fazer nossos* os modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente” (2004, p. 18-19, grifos do autor).

Metodologicamente, essa perspectiva implica em *leituras oblíquas*, ou “fora de lugar”, “a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 19), como condutores à invenção pela imaginação categorial.

No diálogo entre os conceitos de semiose, em Peirce, e semiosfera, em Lotman, ancora-se a proposição de que há uma crise instaurada no jornalismo como sistema de produção de sentido a partir da interação com as redes sociais digitais.

A natureza dos fenômenos protagonizados pelos movimentos de ocupação global e a organização em rede impõem dificuldade para a sua compreensão e consequente enquadramento numa cobertura jornalística. A materialidade essencialmente pública e midiática desses fenômenos, constituída nas redes digitais, de discursividade amplamente pluralista e tensa, confronta-se com as formas tradicionais de narrativa do acontecimento empreendidas pelo jornalismo.

Esse processo produz semioses de texturas de natureza explosiva na semiosfera. A semiose, da forma como foi proposta por Peirce (2002), é a própria ação do signo: a potencial produção ininterrupta e diversa de sentidos disparada pelos processos de representação dos objetos semióticos. No jornalismo, o acontecimento ocupa o lugar lógico do objeto, e sua representação em narrativas como a notícia desencadeia sentidos através da geração de novos signos instituídos na sua repercussão.

Como alerta Colapietro (2004), por não serem completamente mudos, ou sem vida própria, os objetos têm natureza efusiva ao serem representados pelo signo. O jornalismo, entretanto, organizava a produção dessa representação do acontecimento com base em códigos historicamente convencionados e que agora são tensionados pela emergência das redes digitais (HENN, 2014a). Os usos das redes, que muito rapidamente transcenderam à dimensão de sociabilidade, também as transformaram em lugar privilegiado para a produção e circulação de informações. Essa dinâmica tira do jornalismo o estatuto de narrador preferencial do acontecimento a partir dos seus enquadramentos característicos; gera semioses difusas, horizontais, não lineares.

Quando o jornalismo começa a narrar os acontecimentos a partir dos seus códigos, o nível de tensionamento aumenta porque a repercussão de coberturas dá-se instantaneamente. O jornalismo perde a primazia da narrativa do cotidiano em face de acontecimentos que se desenrolam em plataformas que já têm naturezas narrativas e midiáticas, e os sentidos ofertados por ele são rapidamente confrontados com outros enquadramentos com manifestações múltiplas, de atores que se interconectam. Todo esse emaranhado é perpassado por camadas intensas de mediações, que acaba por constituir o ruidoso universo de observáveis.

1.1.2 Ferramentas metodológicas

No intento de apreender esses fenômenos e produzir sínteses que contribuam a sua compreensão, a proposta é a imersão em redações de três jornais de referência: *Folha de S. Paulo* (Brasil); *The New York Times* (Estados Unidos); e *El País* (Espanha); observá-las lançando mão de ferramentas etnográficas.

A *etnografia* dispensa justificava quanto ao uso em pesquisas que envolvem hábitos, rotinas, práticas. Seu uso nos estudos de jornalismo, sim, merece contextualização. Trata-se de um método que possibilita a plena observação de decisões no processo de produção da notícia. Não fosse pela incorporação de algumas de suas técnicas, pesquisadores das práticas jornalísticas não poderiam, apenas pela capacidade de abstração, elaborar teorias como as que explicam o *newsmaking*.

É por ferramentas etnográficas que se passa a considerar a dimensão organizacional a que o jornalista está exposto no seu fazer diário, as relações que envolvem o contexto de sua atividade. Um primeiro passo à desmistificação da figura daquele jornalista que não interage com o seu objeto de trabalho (TRAQUINA, 2004).

Cumprir destacar, porém, que o que se propõe aqui é não mais do que uma *apropriação* das ferramentas etnográficas – até mesmo nos termos de Martín-Barbero (2004). Aplicá-la como prescreve a antropologia seria um movimento muito mais dispendioso, com efeito, de longa duração. A proposta ora em caracterização aproxima-se mais da provocação que faz Winkin (1998, p. 129, grifo do autor) – numa tentativa de apreensão de fenômenos comunicacionais:

Pergunta: como se pode agarrar firme a comunicação? Resposta: graças ao procedimento etnográfico. Nova pergunta: que é então a etnografia? O dicionário Robert diz simplesmente: “um estudo descritivo de diversos grupos humanos (etnias), de seus caracteres antropológicos, sociais etc.”. Evidentemente, *etnografia* é um termo no qual se encontra de tudo, e que parece um pouco ultrapassado. [...] ela é, ainda hoje, muito pertinente e particularmente adequada à investigação científica da comunicação.

O que não quer dizer que a adoção dessas ferramentas seja sem nenhum rigor. O esforço é o de respeitar seus preceitos para uma observação social sistemática: seleção do problema, investigação preliminar por meio da observação direta, definição do universo a ser observado e do período de observação, desenvolvimento dos instrumentos de coleta e registro, instrumentos de pré-teste, organização no campo, processamento de informações e análise dos dados (FERRANDO; SANMARTÍN, 1986).

Importa, em especial, entender as tensões geradas ao jornalismo como mediador do espaço público pela emergência das redes digitais, que passam a protagonizar a própria constituição do acontecimento, e do compartilhamento de sentidos que antes delas não era possível. A principal fonte de extração empírica para tanto é pesquisa de campo na redação do jornal *Folha de S. Paulo*, em São Paulo (SP), de 13 a 24 de junho de 2013, período em que as mobilizações sociais no Brasil, aquelas que compuseram as *Jornadas de Junho*, foram mais intensas.

Durante uma semana, de segunda-feira a domingo, acompanhou-se o trabalho da redação, com o olhar mais atento à editoria de Cotidiano, de modo a perceber movimentos dos profissionais diante de um ambiente de produção de sentido composto por novos agentes conectados em plataformas digitais. Todo o fluxo da notícia, da informação que vira pauta, atendendo, assim, ao estatuto do acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010), à edição final do jornal, é objeto de observação.

Diante das restrições impostas à observação das rotinas de produção nas duas outras redações (*NY Times* e *El País*), ainda na dimensão do objeto cuja epiderme é o próprio jornalismo, recorre-se também à *entrevista aberta*, com referência em Winkin (1998), como ferramenta metodológica. Isso porque não seria possível mais do que um dia de acompanhamento em cada uma delas.

No *The New York Times* a visita à redação ocorre em abril de 2015, viabilizada por estágio realizado na Universidade Estadual da Pensilvânia, nos EUA, sob a orientação do professor Vincent Colapietro, de agosto de 2014 a maio de 2015⁴. No *El País*, transcorre em viagem à Espanha com este único propósito – aliado ao acompanhamento de manifestações sociais –, entre outubro e novembro de 2015.

O resultado dos movimentos realizados em jornais do exterior entra em jogo na tese, portanto, como uma espécie de extensão empírica do que foi possível inferir da experiência na *Folha de S. Paulo* e das demais manifestações que compõem o conjunto de observáveis na semiosfera (neste caso, pela *análise documental*, alcançando também o status de ferramenta metodológica evocada durante a pesquisa).

No que tange à compreensão quanto à organização dos movimentos de ocupação global, a proposta é a de aproximação com grupos que aderem aos “Ocupai” ou que tenham as redes como espaço de constituição e articulação – também nos três países referidos e recorrendo-se a técnicas de entrevista com ativistas.

⁴ Estágio viabilizado por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), mantido pelo governo brasileiro por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Inicialmente, são investigados, em caráter preliminar: 1) o *Ocupa Poa*, em Porto Alegre (RS), durante manifestações promovidas pelos movimentos de ocupação global em todo o mundo sob o signo *12M 15M*, em maio de 2012; 2) mobilizações ocorridas durante as *Jornadas de Junho*, em exercício concomitante à imersão na redação do jornal *Folha de S. Paulo*. Esses materiais redundariam em aportes para a definição de estratégias para o acesso a movimentos de rede nos EUA e na Espanha.

Com as próprias redes sociais digitais como espaço de investigação, costura-se uma rede de contatos de ativistas que leva à identificação de potenciais entrevistas. Nos EUA, ativista do *Occupy Wall Street* é ouvida com o intuito de aprofundar a lógica de organização do movimento, assim como ativista do movimento feminista que compusera manifestação de lógicas semelhantes às do *Indignados*, na Espanha.

Cabe ainda salientar a percepção do pesquisador ao longo da investigação no sentido de identificar manifestações do objeto de pesquisa em representações que vão se concretizando na semiosfera; são registros feitos, a rigor, paralelamente a todas as etapas do estatuto metodológico proposto e que compõem, gradativamente, o mosaico de crises que a tese desenha e investiga.

2 UM LUGAR EPISTÊMICO PARA O ESTUDO DO JORNALISMO

Pensar a prática jornalística como uma semiose implica em considerá-la um exercício de produção de signos, que se expressam na notícia publicada pelo jornal. É especialmente a partir da Teoria Geral dos Signos, de Charles Sanders Peirce, que se pretende dar luz à reflexão sobre jornalismo e movimentos de ocupação global – ora constituídos como objeto de estudo. Neste capítulo, há um esforço de caracterização desta proposta; uma contribuição à epistemologia do jornalismo.

O ambicioso projeto filosófico de Peirce, antes de qualquer relação específica com determinada ciência, propunha a compreensão dos fundamentos pelos quais o conhecimento é possível, argumentando que todo o pensamento humano é processado por signos. Fruto dessa premissa, convencionou tratar a semiótica como a “ciência das ciências” (OEHLER, 1987, p. 3).

Peirce faz um movimento no sentido de avançar da filosofia idealista de Kant a um pragmatismo capaz de explicar como o conhecimento se estabelece e avança. A percepção da mente humana sobre o mundo se sobrepõe à abstração – ainda que, paradoxalmente, seja pela abstração, na concepção peirceana, que a mente humana é capaz de acessar a realidade (ou a realidade é inapreensível ao ser humano senão pela linguagem). A concepção de mente é o que muda em relação aos idealistas na construção de uma epistemologia semiótica. O pensamento só é possível em signos, que emergem de um processo eminentemente fenomenológico de afetação da mente. Uma expressão desse movimento é o famoso artigo “*How to make our ideas clear*”, escrito junto a uma série, entre 1877 e 1878, no qual é debatida a possibilidade de uma pragmática da representação das ideias (OEHLER, 1987).

Na relação com o jornalismo, uma premissa básica se impõe. Compreende-se que é na linguagem que reside a materialidade da atividade jornalística, sobretudo no que se defende ser sua principal função: ocupar um lugar de mediação qualificada na esfera pública, como campo capaz de produzir certo tipo de conhecimento específico (MEDITISCH, 1998), entre a realidade caótica dos acontecimentos e a sociedade.

O conceito de esfera pública é proposto em Habermas (2003) pelo que tem de relação com o pensamento peirceano. Quando Oehler (1987) retoma o percurso histórico da semiótica de Peirce, aponta sua preocupação teleológica com o *consenso* como conceito capaz de elevá-la a uma dimensão pragmática; da síntese transcendental kantiana à síntese semiótica da interpretação. Se Habermas empreende esforços por um pragmatismo universal, que investiga os pressupostos gerais da comunicação, transitando do processo comunicativo representativo

ao estágio sócio-cultural da ação do homem na esfera pública pelo ato de fala, a Peirce interessava uma espécie de “pragmática-social” por meio da qual seria possível compreender o processo comunicacional – e, especialmente, suas condições – com vistas ao consenso. O fim teleológico de Habermas é o bem-comum; o de Peirce, a *opinião final*.

Em Habermas, a ação comunicativa na direção do bem-comum estaria balizada em quatro premissas: *compreensibilidade* na expressão; *verdade* na mensagem; *veracidade* na enunciação; *exatidão* no discurso. Em Peirce, a opinião final, que levaria ao consenso, é calcada na escolha, pelo método adequado, dos signos mais precisos para representar objetos da ordem da realidade. Vislumbra-se que num ambiente de rede em que a esfera pública é composta por processos de interpretação do mundo amplamente difusos, o jornalismo poderia ser o agente dotado, pelas características específicas que o compõem como campo social, acadêmico e profissional, tanto das premissas habermasianas quanto do método adequado – em termos peirceanos; ressaltando, sem o receio da redundância, o caráter teleológico de ambas as perspectivas.

Resta na concepção de esfera pública em Habermas, contudo, dizem seus críticos, ecos da filosofia idealista. Como fazer, então, o conceito funcionar para a compreensão de fenômenos jornalísticos? A própria leitura de Peirce contribui para uma tentativa de resposta. As premissas habermasianas não poderiam ser pensadas sem uma relação lógica; têm um problema de origem: a intersubjetividade dos sentidos entre dois sujeitos interlocutores seria marginalizada, avalia Oehler (1987). E é essa relação lógica – e triádica – que a semiótica oferece como saída. Eco (1976, p. 317) também dá a sua contribuição ao advogar que:

[...] a semiótica é designada a reconhecer estes sujeitos apenas enquanto eles se manifestam através de funções sígnicas, desempenhando funções sígnicas, criticando outras funções sígnicas, e reestruturando as funções sígnicas preexistentes. Aceitando esses limites, a semiótica evita totalmente qualquer risco de idealismo.

Ao encontro dessa proposta, o primeiro exercício é no sentido de delimitar a ação das teorias sobre o problema de pesquisa, no intento do seu pleno desvendamento. Recorre-se à semiótica não como mera ferramenta metodológica. O esforço é o de lançar um olhar sobre um problema inerente ao jornalismo do ponto de vista da semiótica como lugar epistêmico. Portanto, trata-se também de um escopo metodológico, sim, mas para a compreensão de um problema construído epistemologicamente neste lugar. E decorre dessa escolha outra: privilegiar o processo de produção da notícia em detrimento da abordagem que a entende como produto.

2.1 ESTUDO DO JORNALISMO

O jornalismo é pensado, à luz da semiótica peirceana, como um sistema de produção de sentido com regras próprias para representar os acontecimentos na forma da notícia. Daí introduz-se o conceito de *semiose*, em Peirce (2002). O processo de produção noticioso, como semiose (HENN, 1996), expressa-se pelo esquema lógico que tem *objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia: a semiose da notícia* (OLIVEIRA, 2015).

Cumprir ressaltar, inequivocamente, que a noção de interpretante que o esquema expressa não denota sua ocupação por um sujeito concreto (o intérprete), nem faz relação à interpretação puramente do acontecimento, numa leitura que será facilitada adiante. Daí o recurso à utilização de “jornalismo” e não “jornalista”, assim como “mente interpretante”. Santaella (2008, p. 63) contribui a esse esclarecimento quando destaca que “O termo interpretante tem uma função técnica, que visa à precisão e rigor, não cumprindo aí a função de um mero sofisma verbal. Nessa medida, interpretante, interpretação e intérprete não são sinônimos [...]”.

Com Yuri Lotman (1996), uma breve digressão: a *semiosfera* é o espaço de confluência da semiose; dos processos que produzem sentido. É composta por uma materialidade chamada de *textos da cultura* pelos semioticistas que trabalharam com ele – e com a Escola de Tartu. Nela, sistemas abertos⁵ interagem, compartilham códigos e significam a realidade em signos (OLIVEIRA; HENN, 2014a). É o espaço em que o jornalismo atuou historicamente com protagonismo – embora em interação constante com os demais sistemas.

Tendo o acontecimento no lugar lógico de objeto semiótico, na semiose da notícia, a caracterização das categorias de objeto, em Peirce, é determinante. Colapietro (1993) a faz elucidativamente. Os objetos têm naturezas distintas: imediato e dinâmico. Ao objeto imediato associa-se o sentido que o signo que o representa produz; ao dinâmico, um sentido que está nele antes do signo, independe dele e por ele pode, dependendo do interpretante, ser mais ou menos aferido; atender, teleologicamente, numa trama complexa de signos, mais ou menos à opinião final.

Quando eu olho para o fogão a gás, aceso, dependendo do contexto de sentido que eu aciono, produzo um signo que pode representá-lo como um objeto que posso tocar, seria frio: é o objeto imediato que represento. Ao tocá-lo, queimo a mão, como se o objeto dinâmico

⁵ Para saber mais sobre a relação entre sistemas abertos, comunicação e crise ver: Oliveira e Henn (2014a).

desmentisse o meu signo inicial e, assim, os objetos não fossem completamente mudos (COLAPIETRO, 1993, p. 152; 2004).

A objetos que têm origens mais abstratas, é natural que essa explicação pragmática não se aplique tão perfeitamente. É preciso, pois, ressaltar que os objetos não necessariamente têm uma concreticidade física, como um fogão. Ideias, valores, também são objetos representados por signos que geram interpretantes, e outros signos, sucessivamente, constituindo, em última instância, grandes planos ideológicos.

Experiência colateral, na semiótica peirceana, é a reação a que qualquer mente interpretante de um objeto é submetida no ato da significação, acionando determinado contexto de sentido para produzir signos que o representam. Peirce (2002) a define como a intimidade prévia que esta mente tem com aquilo que o signo denota. Ou seja, a proximidade com os objetos representados. E ele alerta: não se confunde com a familiaridade com o sistema de signos que possibilita a atribuição de sentidos aos objetos, na medida em que isso se constitui como pré-requisito para qualquer ideia significada no signo; não é colateral, é central.

Cada mente que atua na condição de interpretante tem a sua experiência colateral. Isso confere particularidade às semioses que se desencadeiam em cada mente específica, mas não quer dizer que não tenham referências coletivas.

Colapietro (1989) argumenta que todos os processos de significação humana no mundo, que têm caráter absolutamente subjetivo, são, ao mesmo tempo, coletivos, na medida em que é pelo compartilhamento de sentidos que a realidade é interpretada. Esse compartilhamento repetido é fruto do que Peirce chama de interpretante energético – “ação decorrente da resposta para a nossa interpretação de um signo” (COLAPIETRO, 1989, p. 35)⁶. Ao cristalizar-se um tipo de reação à semiose disparada pelo fenômeno da ordem da realidade objetiva, pela experiência colateral, tem-se hábitos, que, em última instância, determinam classes de interpretantes diante dos fenômenos. O esforço no sentido de desvendá-las, porém, fica para o capítulo 5. Interessa mais, neste momento, as implicações sobre o jornalismo.

E quando o jornalismo está no lugar lógico do interpretante, a rápida necessidade de contextualização do acontecimento/objeto para sua representação no signo/notícia aciona hábitos que produzem um interpretante energético que impõe o enquadramento desse

⁶ Livre tradução do original, em Língua Inglesa, para a Língua Portuguesa.

acontecimento num esquema restritivo da sua complexidade; não avança ao interpretante lógico.

Para Henn (2014b), esse fenômeno é compreensível pela cultura profissional e as exigências do mercado de trabalho, ambas com referências diretamente ligadas ao tempo e a velocidade dos processos: “[...] é necessária uma decifração rápida do acontecimento e gerar planos muito eficazes de cobertura no menor tempo possível. Essa pré-semiotização é funcional na engrenagem do sistema, mas também altamente restritiva”.

O *acontecimento* – percebe-se – é conceito-chave, na medida em que, no raciocínio em curso, é o que dispara, ao afetar o jornalismo como interpretante, a semiose da notícia propriamente dita. Uma tentativa de caracterizá-lo recorre à Adriano Rodrigues (1993, p. 27) e sua clássica definição: “É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. Na relação com as teorias mobilizadas, estaríamos diante do elemento propulsor da construção social da realidade; da significação do mundo: uma singularidade formada por um conjunto de condições iniciais que a possibilitam (HENN, 2010). A partir da afetação sobre os sujeitos por acontecimentos das mais variadas ordens, sentidos são produzidos.

É notório o caráter triádico da semiótica de Peirce. Os fenômenos afetam qualquer consciência a partir de três categorias: *primeiridade*, que é ainda apenas qualidade – um aroma não associado a nenhuma outra elaboração de sentido, numa tentativa de exemplificá-la; *secundidade*, que é quando o fenômeno, ainda na sua singularidade, já é relacionado a modos de operação de sentido; e a *terceiridade*, que é quando o pensamento é efetivamente processado e o fenômeno representado por signos produzidos pela mente interpretante. É esse o processo que Peirce denominou semiose.

Quando o ser humano tem acesso ao fenômeno pela linguagem, já é terceiro. Isso representaria a impossibilidade de um acontecimento em “estado puro”, acessado na sua radicalidade e singularidade? Não exatamente. Henn (2014b) lembra que as categorias fenomenológicas de Peirce costumavam ser abordadas por ele também como “timbres”⁷. Seria possível à mente humana acessar os fenômenos por signos que tenham predominância de uma ou de outra, mas sempre com uma atuando sobre a outra. A linguagem verbalizada, em que se constituem os argumentos, é a mais restritiva dessas possibilidades. Já uma obra de arte

⁷ Santaella (2001b) explicita essa compreensão das categorias como timbres ao pensar nas porosidades que caracterizam os fenômenos da linguagem sonora, visual e discursiva, que se hibridizam no interior delas mesmas e entre elas.

estaria, no momento da fruição estética, mais perto da primeiridade, numa aproximação com o que Deleuze (1998) compreende como “acontecimento ideal”.

Nesse sentido, impõe-se um último movimento de contextualização acerca do pensamento peirceano: as categorias de signo em relação a si mesmo⁸. Também são três: *quali-signo*, do âmbito da primeiridade e que representa o objeto por ícones; o *sin-signo*, mais ligado à secundidade e que está conectado ao objeto por índices; e o *legi-signo*, que representa objetos por convenção, por meio de símbolos. Henn (2010, p. 88) contribui explicando que:

A primeira é a que envolve aspectos qualitativos, de comportamento icônico. A segunda acentua as conexões com o objeto e possui dinâmica indicial. A terceira refere-se às convenções que fazem o signo funcionar de determinada forma e é nela que o caráter simbólico se pronuncia. É neste âmbito que operam os legi-signos, signos que, com relação a eles próprios, funcionam como tal em função da determinação de uma forte convenção.

O jornalismo age, nesse desenho lógico, na condição de interpretante do acontecimento, que na semiótica assume o lugar do objeto; produz um signo que o representa, na forma da notícia, e o faz circular na semiosfera, quando esse signo interage com outros: aqueles que desencadeia sobre um leitor de jornal, por exemplo. E assim sucessivamente, já que a semiose é infinita e incontrolável (PEIRCE, 2002).

Ao versar sobre o acontecimento jornalisticamente constituído, a partir desse esquema, Henn (2010, p. 88) avalia que: “tem uma conexão indicial com o objeto que atua fora do signo, apresenta forte expressividade de apelo icônico, mas está fortemente amarrado a convenções histórica e culturalmente instituídas” – é, assim, da categoria dos legi-signos.

Aquele momento inicial a que se refere Rodrigues (1993), do acontecimento que irrompe na superfície da história, estaria próximo da primeiridade. Louis Quéré (2005, p. 61-62) é evocado para uma relação com a secundidade, quando ensina que é preciso que “o acontecimento ocorra, que ele se manifeste na sua descontinuidade e que tenha sido identificado de acordo com uma certa descrição e em função de um contexto de sentido, para que se lhe possa associar um passado e um futuro [...]”.

Pela lógica de significação do acontecimento, é na terceiridade que a semiose da notícia se concretizaria em sentido pleno. Charaudeau (2006, p. 131-132) vai defender que o “acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento

⁸ Peirce põe o signo em relações triádicas também tricotomicamente: o signo em relação a si mesmo – que é sobre a qual está se discorrendo; o signo em relação ao objeto (ícone, índice e símbolo); e o signo em relação ao interpretante (rema, dicissigno e argumento).

significado nasce num processo evenencial que se constrói ao término de uma mimese tripla. E daí que nasce o que se convencionou chamar de ‘a notícia’⁹.

Na concepção de Quéré (2005), “acontecido” o acontecimento revela campos problemáticos pelo que definiu como *poder hermenêutico* que ele carrega, no contexto de sentido e pela descrição que lhe é atribuída – ao que Charaudeau chama “discurso” –, imbricando passado e futuro. A profusão de sentidos que o acontecimento dispara, entretanto, é contida, também em Charaudeau (1997), pelos enquadramentos que são dados pelos discursos aos quais são associados.

No caso do jornalismo, essa contensão se dá pelas normas narrativas que ao longo da história o constituíram e que se configuram como legi-signos que incidem sobre a semiose da notícia. Há de se registrar, por outro lado, que não se dá apenas pelo ato consciente de aplicação das técnicas da linguagem jornalística. É também resultado de um processo social mais amplo, que envolve os compartilhamentos de sentidos entre sujeitos com vistas à significação do mundo.

A representação que o jornalismo faz do acontecimento atenderia a uma tentativa de chegar ao seu desvendamento completo, transmiti-lo tal qual é; o objeto representado por ele mesmo – num eco, inclusive, de teorias constitutivas do campo e já superadas, como a própria “Teoria do Espelho” e as discussões sobre o paradigma da objetividade.

Não seria ingenuidade, no entanto, considerar, teleologicamente, essa ação com vistas ao “interpretante final”, aquele capaz de aproximar-se do consenso pela “opinião final” – que, em Peirce, representaria o fim de uma semiose, a morte térmica da interpretação. Essa busca assumiria a condição de motor semiótico dos processos de sentido, que trabalha no plano do ideal (HENN, 2010). Isso desde que se assumia, também, a função mediadora que o jornalismo exerce entre o acontecimento e a sociedade.

É um movimento que aciona o que Santaella (2008, p. 23) define como “caráter vicário do signo” ao argumentar que “ele age como uma espécie de procurador do objeto, [...] a operação do signo é realmente a operação do objeto *através e por meio do signo*” (grifos do autor). Admitida a mediação, o jornalismo seria o campo a ocupar a condição de “conhecedor”, de que trata Oehler (1987), do método capaz de aferir sentidos dos acontecimentos como objeto semiótico; representá-lo de modo a dar a ver mais da sua

⁹ Ao encontro da compreensão do conceito de “mimese tripla”, associa-se Ricouer (1994). Ao lê-lo, Farré (2004, p. 14) propõe esmiuçar cada uma das três etapas do processo narrativo: “1. A prefiguração ou mimese I, que fornece o modelo do mundo ético ou representação do real, como pressuposições de verdade, que o leitor tem como certas. 2. A configuração ou mimese II é o domínio da poeisis, dos mecanismos de criação que realizam diferentes instâncias narradoras. 3. A reconfiguração ou mimese III é a esfera que faz intervir a atividade receptora com atualização persuasiva e emotiva.”

complexidade no signo/notícia – ainda que não se possa alcançar todos os sentidos que ele potencialmente carrega, logicamente.

Nessa conjuntura, o signo tem uma função ontologicamente mediadora: nunca será completamente adequado ao objeto, não se confunde com ele e nem prescinde dele (SANTAELLA, 2008). Mais: há sempre aspectos do objeto que o signo não pode representar. Sobras. A razão é simples: o signo é signo; não é o objeto, apenas o representa. “É exatamente porque o objeto não está no signo, mas é representado por ele, que partes não narradas ainda podem ser acessadas ao longo do tempo [...]” (HENN, 2014b). Não há como dissociar, portanto, o interpretante da relação triádica: o signo é o objeto mediado por um interpretante.

É esse o meandro em que o jornalismo firma sua função mediadora. *Contrario sensu* à crítica que se pode aferir do que fora tratado como a contensão que as técnicas jornalísticas impõem aos sentidos que o acontecimento revela, é também por elas que o jornalismo se afirma como campo social legitimado para produzir signos que tentam representar seus objetos de modo que aquilo que é essencial deles esteja contido.

As limitações impostas a esse ideal e a problematização das mesmas, num ambiente de crise na semiosfera contemporânea, compõem o prisma das preocupações a que esta tese se propõe refletir. Num primeiro momento, porém, o investimento é no sentido de entender como se constituem historicamente.

2.1.1 Fronteiras semióticas

Umberto Eco (1976) identifica fronteiras no pensamento semiótico: *políticas, naturais e epistemológicas*. As fronteiras políticas resultam de convenções entre disciplinas formalmente separadas e desdobram-se em acadêmica, cooperativa e empírica. Especificamente nelas catalogam-se os limites da prática jornalística de representação do mundo pelos acordos transitórios que a orientam – seja na sua dimensão acadêmica, profissional ou social. E se constituem, por elas, os limites com os quais o jornalismo se depara como sistema de produção de sentido que tem suas próprias regras.

No âmbito das fronteiras epistemológicas está a construção, naturalmente pela linguagem, de um problema de pesquisa; não se confundem com as políticas, ao passo que dependem da intervenção do pesquisador, na condição de interpretante produzido pelo signo que o representa como objeto, no esforço de enfrentá-las.

E há, por fim, as fronteiras que Colapietro (1989) põe em contraste com as demais: as fronteiras naturais. Eco (1976, p. 05-06) diz que “estas são as determinadas pelo próprio

objeto da disciplina [a semiótica]”. E avança ao dizer que determinam os limites “além dos quais uma abordagem semiótica não pode ir”. Ao lê-lo, Colapietro (1989, p. 69) oferece uma contribuição a este entendimento:

[...] há mais nos céus e na terra do que é sonhado por qualquer teoria de signos, a semiótica, deste modo, deve simplesmente aceitar que o incrivelmente vasto escopo dos fenômenos genuinamente semióticos define apenas parte desta realidade, não a sua totalidade.

Não está em jogo, portanto, uma tentativa de definir, ontologicamente, o que é o jornalismo e qual seria a sua função no desenho lógico da produção de conhecimento proposta pela semiótica. O que está em suspeição é o conjunto de hábitos historicamente cristalizados que redundam na contensão dos sentidos que os acontecimentos representados no signo/notícia potencialmente revelam.

Também não há, em corolário, nenhuma pretensão de desvendar qual seria a *intenção* do jornalismo. Como ensina Eco (1976, p. 48): “um signo é sempre um elemento de um plano de expressão convencionalmente correlacionado a um (ou vários) elementos de um plano de conteúdo”. Ainda que seja uma definição de signo fundamentada em Hjelmslev e, assim, corresponda apenas àquilo que, na teoria de Peirce, está na categoria de símbolo, dá conta de ressaltar a escolha pela observação dos processos de produção do jornalismo para a compreensão da semiose da notícia: que sentidos são acionados, de entre uma profusão que circula nas redes sociais digitais, por exemplo, associados àqueles que o próprio acontecimento revela, para representá-lo no signo/notícia.

Ao encontro dessa proposta, o movimento teórico-metodológico que põe a tese em funcionamento compreende um conjunto de semioses distintas compondo a *grande semiose* epistemologicamente construída: a semiose da notícia, que a seguir é caracterizada a partir de um recorte datado de um momento histórico em que ela ainda atendia a uma lógica mais linear, pré-consolidação das redes sociais digitais como espaço de compartilhamento de sentidos produzidos por semioses difusas e distintas em relação àquela desencadeada pelo acontecimento sobre o jornalismo.

Ainda que o curso da ciência indique um quase-consenso em torno da intervenção do pesquisador no processo de significação do mundo, vale ressaltar o que se entende como caráter aberto de uma proposta sistêmica, no âmbito da semiótica, para o estudo do jornalismo. A semiose dos objetos não para nas conclusões a que se chega com o término de

uma análise. Para Nakagawa (2012)¹⁰, o pesquisador vai, na fronteira que se estabelece pelo contato com o objeto investigado, até o que é possível apreender. O desafio é produzir inferências que efetivamente contribuam à sua compreensão.

2.2 A SEMIOSE DA NOTÍCIA

O conceito de *semiose da notícia* é advindo de pesquisas anteriores que investigaram fenômenos intrínsecos ao jornalismo à luz da semiótica; processos pensados desde a pauta, como etapa inicial do fluxo da notícia (HENN, 1996). Em Peirce, “semiose é uma ação envolvendo a cooperação de *três* sujeitos – um signo, seu objeto e seu interpretante” (COLAPIETRO, 1989, p. 70, grifo do autor). É dessa definição que decorre a constituição do esquema lógico na semiose da notícia que tem *objeto/acontecimento –mente interpretante/jornalismo – signo/notícia*.

Importante a ressalva, antes da atenção à semiose da notícia propriamente dita, de que segundo Colapietro (1989), lendo Eco (1976), a concepção peirceana de semiose propõe uma estrutura triádica que não pode ser reduzida a uma série de ações entre pares. Os três sujeitos em Peirce (objeto, signo, interpretante) são entidades semióticas abstratas; não necessariamente sujeitos humanos. Quando o jornalista é posto, portanto, na condição de interpretante, trata-se de um lugar lógico e transitório na semiose da notícia – que poderia, por exemplo, ser ocupado pelo jornalismo como sistema de produção de sentido; não exatamente por este ou aquele jornalista.

Ao encontro da proposta de Henn (1996), a semiose da notícia é investigada em pesquisa anterior (OLIVEIRA, 2012a) ainda baseada num percurso mais linear, que não era atravessado por semioses difusas e antagônicas que atualmente se concretizam nas redes sociais digitais. Nesse contexto, numa tentativa de materializá-la em sentido didático, começa pelo acontecimento que transita ao acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010), quando ascende à condição de pauta nas redações. Tem-se, então, um fluxo de semiose submetido às etapas historicamente consagradas no processo de produção da notícia: pauta, apuração, redação, edição, direção de fotografia, diagramação... Até o signo/notícia que circula em diferentes plataformas.

A tentativa de compreensão do percurso da semiose da notícia, dos hábitos que a permearam antes das tensões produzidas sobre o campo pelo advento das redes sociais

¹⁰ Apontamento de aula ministrada pela professora Dra. Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa no dia 27 de novembro de 2012, durante o seminário Semiótica da Cultura, promovido pelo PPGCOM da UFRGS.

digitais, atende à necessidade de identificação, ao longo da tese em curso, do momento em que a crise do jornalismo ganha vazão. Por outro lado, antecipa o olhar teórico-metodológico lançado sobre o presente objeto de estudos.

Este exercício é apoiado em investigação empreendida entre 2010 e 2011, que teve como ambiente as redações de dois jornais do Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2012a). Num movimento etnográfico de natureza metodológica similar ao ora em desenvolvimento, observou-se as rotinas de produção da notícia de *Correio do Povo* e de *Zero Hora*.

No que diz respeito ao tema, genericamente, interessava entender como os jornais representam movimentos sociais ortodoxos, de orientação marxista, que se opõem ao ideário dominante¹¹ como objeto semiótico de signos/notícia. A semiose da notícia foi observada com essa perspectiva.

O acontecimento jornalístico iluminado pelas três principais categorias de signo em Peirce está localizado no legi-signo. É preciso, pois, compreender que – e como – legi-signos incidem na produção da notícia que representa os movimentos sociais como objeto. Constituem-se, então, quatro categorias de legi-signos que incidem na semiose da notícia: 1) do neoliberalismo como ambiente semiótico; 2) do jornalismo como sistema de produção de sentido; 3) dos jornais como empresas de comunicação; 4) dos jornalistas como operadores sígnicos (OLIVEIRA, 2012a).

Antes de avançar à defesa da pertinência dessas categorias para a compreensão dos processos de produção da notícia, no entanto, é preciso caracterizar o entendimento do neoliberalismo como ideário dominante, com referência na cultura. Pois Hall et al. (1993, p. 226), advoga que:

[...] o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um “consenso”. Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes; temos acesso aos mesmos “mapas de significados”. Não só somos capazes de manipular esses mapas de significados, para compreender os acontecimentos, mas também temos interesses, valores e preocupações fundamentais, em comum, que estes mapas incorporam ou refletem. [...] Neste ponto de vista, o que nos une, como uma sociedade e cultura – o seu lado consensual – ultrapassa em muito o que nos divide e distingue como grupos ou classes de grupos.

¹¹ Oliveira (2012a) defende o conceito de movimentos sociais que orienta sua reflexão, excluindo grupos de defesa do consumidor, por exemplo, que buscam reestabelecer a ordem do sistema econômico; não superá-la (GOHN, 2003).

O consenso de que fala Hall materializa-se no discurso do neoliberalismo como modelo econômico e em nada tem a ver com o conceito de Peirce, de consenso teleológico. É, pelo contrário, fruto de uma ação disciplinadora dos agentes que o mantêm na esfera pública; sem negociação de sentidos. O próprio Hall, porém, considera que a organização social compreende outros tipos de manifestações. Só que ao dizer que o lado consensual que nos une se sobrepõe ao que nos distingue, dá lastro ao entendimento de que é neste ambiente semiótico, regido por um sistema de significação formado por signos de caráter fortemente ideológico, que se desenrola a semiose da notícia.

2.2.1 A constituição dos legi-signos

Na terceira dimensão do signo, em Peirce, manifestam-se os legi-signos. É a partir deles que o neoliberalismo representará seus valores como objeto de signos tais como a ordem, a livre concorrência de mercado, a propriedade privada e outros que se estabelecem como pilares do sistema. Justamente pelo que tem de convenção, o legi-signo é capaz de representar objetos exclusivamente abstratos, sem materialidade concreta. Uma ideia. Um valor. Depende só de construção social. Não representa o singular; mas sim o geral: “A palavra mulher, por exemplo, é um geral. O objeto que ela designa não é esta mulher, aquela mulher, ou a mulher do meu vizinho, mas toda e qualquer mulher”, ensina Santaella (1983, p. 14), avançando:

[...] o objeto de uma palavra não é alguma coisa existente, mas uma ideia abstrata, lei armazenada na programação linguística de nossos cérebros. É por força da mediação dessa lei que a palavra mulher pode representar qualquer mulher, independentemente da singularidade de cada mulher particular.

Não há como dissociar, portanto, a produção de sentido sobre os movimentos sociais do ambiente semiótico em que o jornalismo está inserido. É nele que se processam as convenções que determinarão, afinal, os legi-signos a partir dos quais se produz a notícia. Neste ambiente, agem, ainda, sistemas de produção de sentido, como o próprio jornalismo, e discursos que se valem de diferentes sistemas – a Igreja, o Estado, a Escola, como exemplos – para perpetuar os valores do ideário dominante. Para Hartley (1991), é preciso considerar o encontro entre diferentes sistemas que compõem um discurso para entendê-lo: circunstâncias históricas, sociais e culturais da sua produção e consumo. E especialmente, a sua função social.

É num ambiente semiótico marcado pelo consenso neoliberal que o jornalismo representa e gera interpretações sobre os movimentos sociais. É razoável supor que os signos/notícia sejam carregados de legi-signos cujas convenções lhes atribuem uma imagem de organizações arcaicas. E mais: a ação dos próprios movimentos se dá em reação a essa representação.

Os signos são condicionados pela forma de organização social em que os participantes se envolvem, mas também pelas condições imediatas da sua produção. Estas [...] implicam a atenção à estrutura social de classes e às relações de poder e de dominação que lhe são inerentes. A vida dos signos nesta lógica é também um campo de confronto social e ideológico (CORREIA, 2011, p. 71).

É preciso, nesse contexto, entender o que há nos jornais, pensados, também, como parte deste ambiente semiótico e como sistema de produção de sentido específico, que acaba servindo ao consenso neoliberal. Se é admitido o confronto sobre o qual advoga Correia, a pergunta é: como se constituem e agem legi-signos nas redações?

2.2.2 Práticas jornalísticas como legi-signos

A produção da notícia configura-se numa rede de mediações, uma semiose complexa, que sofre intervenções de várias ordens, com início na pauta, entregue ao repórter – e que já se constitui como o primeiro signo que gerará um interpretante antes mesmo do contato com o fenômeno que se presta a objeto do signo/notícia. Até que esse signo/notícia acabe na página do jornal, passa por etapas consagradas como padrão: a redação do texto; o refinamento do editor; a eventual revisão do chefe de reportagem; as proposições do diagramador, do diretor de fotografia; a intervenção do diretor de redação. Todos na direção da codificação à linguagem que a redação julga necessária, evocando princípios da linha editorial do jornal, manuais de redação e até elementos de outros campos de conhecimento.

As práticas jornalísticas podem ser entendidas também como legi-signos que orientam a semiose da notícia¹². É uma interpretação razoável a partir do que Golding e Philip Elliott (1979)¹³, em Wolf (1995, p. 175-176), definem como valor-notícia:

¹² Ao investigar as fronteiras entre o jornalismo e a arte na produção de ilustrações de jornais diários, Gilmar Hermes (2005) identificou legi-signos que tendem a constituir a forma como os profissionais pensam o seu trabalho e, conseqüentemente, agem como uma espécie de parâmetro na produção de sentido.

¹³ GOLDING, Peter; ELLIOTT, Philip. **Making the news**. Londres: Longman, 1979.

[...] os valores-notícia estão continuamente presentes nas interações quotidianas dos jornalistas na sua cooperação profissional. Mas, mais ainda, constituem referências, claras e disponíveis, a conhecimentos partilhados sobre a natureza e os objectos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários.

Se no ambiente semiótico no qual atua o jornalismo predominam legi-signos que representam valores conservadores, mantenedores do consenso neoliberal, não haveria como a prática de jornalistas fugir dessa regra. E deste lugar de fala, narra a história do presente na perspectiva dos *vencedores* (DARNTON, 1990). É o que explica Nelson Traquina (2001, p. 87) sobre as escolhas dos profissionais nas redações: citando Manoff (1986)¹⁴, vai dizer que ela “[...] é orientada pela aparência que a realidade assume [...], pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas”. Lendo Hall (1984), depreende-se que os valores-notícia acabam configurando-se como a linha de frente de uma estrutura que compreende noções consensuais sobre a sociedade, demarcando fronteiras entre o que é legítimo ou não; o que é normal para saber o que é o desvio.

Como todo o discurso, mas de modo ainda mais evidente, o jornalístico carrega uma tensão entre o texto e o contexto, ou seja, o sujeito jornalista convive em tensão com suas fontes, com a empresa jornalística e com os leitores, confirmando que as condições incluem a produção, a circulação e o reconhecimento e que, estas, formatam e moldam o modo de dizer as coisas do mundo. Tais condições acham-se, portanto, não do lado de fora do texto, mas, absolutamente inseridas nele (BERGER, 1998, p. 127).

É lógico inferir que os movimentos sociais são naturalmente entendidos como marginais para jornalistas imersos nas rotinas de produção, submetidos às mais diversas condições de cobrança por valores como eficiência, agilidade, e instantaneidade na construção da notícia e aos valores-notícia na forma de legi-signos.

2.2.3 Que legi-signos são esses

Ainda com a contribuição da investigação nas redações de *Correio do Povo* e de *Zero Hora* (OLIVEIRA, 2012a), é oferecida ao debate uma multiplicidade de signos que, ao assumirem a forma de lei, determinam uma espécie de “semiose padrão” que se desencadeia durante a produção da notícia. É a partir dela que os profissionais que compõem a redação produzem sentido. É a principal inferência do cotejamento entre o exercício etnográfico e as

¹⁴ MANOFF, Robert Karl; SCHUDSON, Michael. **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

teorias que iluminam a reflexão é a constituição das quatro categorias de legi-signos já introduzidas, cuja ação pode ser mais ou menos direta na semiose da notícia¹⁵.

Se há um ambiente semiótico do qual faz parte o jornalismo, como campo profissional, social e sistema de produção de sentido, aí estão as duas primeiras categorias, na ordem crescente de incidência, inclusive, da menor para a maior: aqueles com relação ao ambiente semiótico e, depois, ao jornalismo como sistema. Ambas, no entanto, poderiam ser aferidas antes mesmo de uma incursão às redações. No ambiente semiótico em que circula cristalizado o consenso neoliberal, serão nele calcados os legi-signos a partir dos quais se produz sentido, seja qual for o sistema. O jornalismo também tem suas convenções; como legi-signos, determinam o que seja o seu fazer.

Embora antes se pudesse suspeitar que agissem, as duas outras categorias, sim, só são inferidas com o exercício etnográfico mesmo: a uma se atribui os legi-signos que determinam *Correio do Povo* e *Zero Hora* enquanto empresas e, mais do que isso, empresas jornalísticas, com suas políticas estratégico-empresarias; à outra cabem os legi-signos que estão diretamente relacionados à formação do jornalista que opera na condição de interpretante do signo. E a ordem de incidência na semiose também é crescente.

Vejamos as especificidades de cada categoria.

Do neoliberalismo como ambiente semiótico. Sendo os jornais empresas de comunicação no sistema capitalista, até mesmo protagonistas, a ação da categoria do neoliberalismo como ambiente semiótico é inevitável. Silva (2010, p. 100), ao pesquisar relações de gênero na produção da notícia, oferece contribuição elucidativa para a compreensão dessa categoria, caracterizando o machismo como um dos valores inerentes:

Observando-os [os jornalistas] no cotidiano, num primeiro momento, as piadas entre eles, muitas vezes de cunho estereotipado ou de conotação sexual, chamaram atenção. [...] Foi nos meandros destes relacionamentos que com o tempo pude entender que ali estavam em jogo convenções de gênero que foram se mostrando constituintes das relações de poder, das hierarquias [...]. Mais do que isso, acabavam incidindo nos modos de produção e nas notícias [...].

Do jornalismo como sistema de produção de sentido. Na perspectiva que considera o jornalismo sistema de produção de sentido, legi-signos, na condição de leis, como ensina Peirce (2002), orientam seu fazer. É uma interpretação razoável também por outras inspirações teóricas que se dedicam ao estudo do campo, como faz Barbie Zelizer (2000), ao

¹⁵ Na dissertação que resultou da pesquisa em perspectiva (OLIVEIRA, 2012a), são descritas algumas das situações observadas nas redações dos jornais que compuseram o ambiente investigado e que levaram à constituição das quatro categorias de legi-sinos sob as quais se versa a esta altura da tese.

definir o jornalismo como *comunidade interpretativa* a partir da qual os profissionais compartilham uma forma de ver o mundo, que servirá, ainda, para a legitimação dos valores-notícia. Nesta categoria estão todas as normas que determinam o que seja a profissão e o ambiente em que ela é exercida.

Dos jornais como empresas de comunicação. É nesta categoria que residem todas as contingências das empresas e que incidem sobre a representação que os jornalistas fazem do mundo. Desde as mais peculiares, como falta de profissionais ou equipamentos precários, às mais gerais e abstratas – e não menos importantes – como manuais de redação, linha editorial e orientações empresariais.

Dos jornalistas como operadores sígnicos. Nesta categoria sobrepõe-se o papel que executa o sujeito jornalista na semiose da notícia. Na condição de interpretante, será ele, no contato que tem com o objeto, ao apurar as informações sobre determinado acontecimento, o primeiro a gerar um signo que o representará: a matéria redigida. Entretanto, agem no processo outros profissionais que podem intervir no signo/notícia que será publicado – e o editor é o exemplo mais concreto. Quanto ao potencial elevado conferido a esta categoria na semiose da notícia, a explicação é objetiva: o jornalista é quem, imbuído de princípios que resultam da equação das três anteriores, ora mais, ora menos, será responsável por escolher quais signos representarão o objeto semiótico. Os legi-signos que o formam, e não só como profissional, incidem na semiose pela experiência colateral a que são submetidos, produzindo interpretantes energéticos para o rápido enquadramento do acontecimento. Peirce (2002) chama esse repertório de hábitos de interpretação acionado no momento da experiência colateral de *common ground*¹⁶.

2.3 O JORNALISMO EM PERSPECTIVA SISTÊMICA

A incidência dessas quatro categorias de legi-signos na semiose da notícia leva ao entendimento do jornalismo como o que Lotman (1999) denomina *sistema modelizante*, com referência na Semiótica da Cultura. Associá-la ao estudo de fenômenos jornalísticos, ao mesmo tempo em que supera a visada antropocêntrica na relação *natureza, cultura e sociedade*, reintroduz o sujeito humano conectado a outros níveis de complexidade (que é como se pensa a atuação do jornalismo na condição de interpretante do signo).

¹⁶ Numa livre tradução da língua inglesa para o português: *terreno comum*.

Se linguagem ocorre em escalas que estão além do processo de interação social, isto é, que abarcam o *bio*, o cosmos, o *semion*, não há como fechar a cultura no *socius*. Entender a interação entre natureza e cultura é, de fato, o grande problema para a abordagem semiótica da cultura de extração russa (MACHADO, 2003, p. 25, grifos do autor).

A cultura é concebida num jogo sistêmico por meio do qual linguagens interagem e agem na construção social da realidade. Cultura, nessa perspectiva, é aquilo que organiza estruturalmente o mundo que cerca o ser humano e o torna capaz de ter consciência de si (LOTMAN, 2000).

Lotman, Uspenskii e Ivanóv (1981) apontavam que somente a título de abstração científica a linguagem poderia ser delineada como um fenômeno em si mesmo. Mas, no seu funcionamento real, ela se encontra incorporada num sistema mais geral, o da cultura e, juntamente com ele, constitui uma totalidade complexa. Os autores introduziram uma visada sistêmica no entendimento do processo, na medida em que, para eles, o trabalho fundamental da cultura consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. “A cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida, não orgânica, é obvio, mas de relação” (LOTMAN; UNSPENSKII; IVANÓV, 1981, p. 39).

Esse pensamento contém o conceito de semiosfera (LOTMAN, 1996), já apresentado ao longo do texto: espaço em que se processam e se metabolizam toda e qualquer semiose; espaço de constituição da própria cultura. Um espaço não homogêneo, provido de tensões, configurações e conflitos (HENN, 2011a).

A semiose é o elo entre a Semiótica da Cultura e a Teoria Geral dos Signos. Semiose entendida – não é exagero retomá-la conceitualmente – como o processo de significação do mundo; de troca, de interação entre linguagens. É o processo que possibilita a organização do mundo pela linguagem. E o conceito é caro tanto para Lotman quanto para Peirce.

Peirce dedicou-se, acuradamente, a entender como se desenrolam os processos de produção de sentido sobre a realidade, inapreensível ao homem senão pela linguagem, reitera-se. E desse esforço faz-se a explicação triádica de que os fenômenos batem à consciência como qualidade (primeiridade), relação (secundidade) e representação (terceiridade). O signo, compreendido em sentido largo, é o mediador entre a realidade e o homem. Tem-se um objeto da realidade no qual age um interpretante de um signo que o representará e esse signo será objeto novamente, e assim sucessivamente, dando início a outras semioses.

A cultura, em Lotman, é, ao mesmo tempo, fruto e semeadora da semiose. Fruto quando se constitui pelos processos de semiose que produzem *textos culturais* e, assim,

materialidades; semeadora quando é base para que os processos de semiose se estabeleçam, oferecendo mapas de significados, nos termos de Hall et al. (1993), a partir dos quais os fenômenos saem da primeridade, passam pela secundidade e chegam, nos signos já organizados em textos, à terceiridade.

Essa organização pode ser pensada numa natureza sistêmica. Lotman, Uspenskii e Ivanóv (1981) formulam uma ideia que tem implicada essa natureza, que pautaria a concepção de semiosfera: o crescimento da cultura, estruturada em mecanismos que oscilam entre a dinâmica e a estabilidade, posicionou a humanidade de forma vantajosa em relação às outras populações animais circunscritas a um volume estável de informação. Entretanto, há uma processualidade entrópica e dissipativa, no sentido de Prigogine (1996)¹⁷: a cultura engole os recursos com a mesma avidez que o mecanismo produtivo e do mesmo modo destrói o ambiente que a envolve. Para eles, não são, a rigor, as exigências reais dos homens que ditam a velocidade deste comportamento, mas o que entra em jogo é a lógica interna da troca acelerada dos mecanismos internos operantes.

A estruturalidade da semiosfera tem um componente caótico dotado da mesma dinâmica dos chamados sistemas dinâmicos complexos. Para Lotman (1999), o mundo da semiose não está fatalmente fechado em si, mas forma uma estrutura complexa e heterogênea que, continuamente, joga com o espaço que lhe é externo. E ao fazer isso, acentua a caoticidade do externo, dissipando sua organização. Essa relação do sistema com o mundo, que existe para além dele, será a relação do dinâmico com o estático, entre o homogêneo e o heterogêneo (HENN, 2010). A partir dessa perspectiva, o texto transforma-se em espaço semiótico no interior do qual as linguagens interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente.

Trata-se de um espaço com alto teor de complexidade, que se articula em uma relação entre a estática e a dinâmica. Há movimentos, próximos da estática, que são graduais, lentos, de mudanças quase imperceptíveis. Outros, porém, próximos da dinâmica, são imprevisíveis e de caráter explosivo. Todos os processos dinâmicos explosivos realizam-se em complexo diálogo com os mecanismos de estabilização, o que evita a ideia de aniquilamento. Um dos fundamentos da semiosfera é, justamente, sua heterogeneidade.

Os sistemas semióticos dão prova, chocando-se na semiosfera, de tal capacidade de sobrevivência e transformação, e de transformarem-se em outros, como Proteo, permanecendo eles mesmos, que convém falar com

¹⁷ São processos auto-organizacionais ou autorregeneradores disparados por um tempo irreversível, como postula Prigogine (HENN, 2011a).

muita prudência do desaparecimento total de qualquer coisa neste espaço (LOTMAN, 1999, p. 159-160).

O jornalismo, protagonista na produção semiosférica (sujeito às oscilações previstas na dinâmica do sistema), é o que suscita o diálogo entre os dois autores. Primeiro, em Peirce, a produção da notícia, ou de narrativas jornalísticas¹⁸, é entendido como uma semiose: a semiose da notícia. O esquema lógico *objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia* mobiliza um processo mais amplo que envolve o acontecimento (objeto), narrativa jornalística (construída na atividade interpretante do jornalismo) e sua repercussão/reverberação/agendamento (atividade interpretante em tensão com o jornalismo).

Lotman é evocado quando a compreensão sistêmica desses processos ganha em evidência. O jornalismo como sistema de produção de sentido tem duas implicações sistêmicas fundantes: 1) a intervenção na construção social da realidade; 2) decorrente da primeira, a interação com outros sistemas que compõem a semiosfera.

2.3.1 Sistema modelizante

Toda a linguagem, do ponto de vista da Semiótica da Cultura, é um sistema modelizante. Isso quer dizer que, no seu funcionamento real, a linguagem encontra-se incorporada em sistema geral, compreendido como cultura em que a ação é essencialmente modelizante: a organização estrutural do mundo simbólico. Organização essa de caráter hipercomplexo e sujeita a vulnerabilidades diversas. As codificações instituídas pela linguagem jornalística, cujas lógicas encontram-se agora tensionadas na contemporaneidade, são expressões desse processo modelizante (HENN, 2011b).

A ideia de modelização tem ecos da cibernética, na medida em que é um modelo que sugere a abstração como ferramenta capaz de reproduzir objetos artificialmente: da observação, passando pela apreensão do seu funcionamento, ao controle. É aquilo que na cibernética se expressa no conceito de *programa* (MACHADO, 2003) e que Lotman, Unspenskii e Ivanóv (1981) entendem como programa de comportamento que intervém na cultura como *programa invertido*: o programa olha para o futuro do ponto de vista de quem o elabora; a cultura olha para o passado do ponto de vista da realização do comportamento. Na linguagem, esse processo se revela em semioses que se perpetuam e que produzem *códigos culturais*: “fontes de gestação da memória-hereditária, tal como entendeu Lotman, que se encarregam de formatar os sistemas semióticos da cultura” (MACHADO, 2003, p. 30).

¹⁸ Resende (2009) compreende a atividade jornalística de mediação e representação do mundo como narrativa, para além da perspectiva que a encerra na notícia como produto.

Como sistema modelizante, os enquadramentos que o jornalismo aplica sobre os objetos da realidade tendem a se perpetuarem, fenômeno que sugere a configuração de memórias coletivas como processos já previamente enquadrados na estruturação desses programas (HENN, 2008).

Uma ressalva importante. Os sistemas modelizantes só podem ser compreendidos numa relação dialógica com um ou mais sistemas. É por isso que quando se reflete sobre o jornalismo é preciso pensar as suas relações com os demais sistemas na semiosfera. Dessa interação saem os textos culturais sobre os quais o pesquisador pode dedicar atenção. Configuram-se como a materialidade da pesquisa; demandam os mapas de significados, novamente em Hall et al. (1993). E daí emergem as principais categorias de legi-signos apontadas na semiose da notícia: a) do neoliberalismo como ambiente semiótico; b) do jornalismo como sistema de produção de sentido; c) dos jornais como empresas de comunicação; c) dos jornalistas como operadores signícos.

As quatro categorias constituem-se como códigos culturais que determinam o funcionamento do jornalismo como sistema modelizante; hábitos de interpretação. É com base nessa estrutura que os profissionais de redação significam o mundo, pelas semioses que os acontecimentos disparam. O resultado é a classificação do texto cultural produzido pelo jornalismo na *função comunicativa* definida por Lotman (1978), a que menos revela novos sentidos; é redundante, na medida em que enquadra os acontecimentos, em detrimento da *função criadora*, a que possibilita novos sentidos (mais complexos) e da *função mnemônica*, responsável pela memória que possibilita a significação dos acontecimentos pela linguagem.

2.4 SEMIOSE DA NOTÍCIA EM PROCESSO

Na expectativa de fazer funcionar a perspectiva epistemológica proposta para a compreensão de fenômenos do âmbito do jornalismo, é oferecido ao debate exercício de análise de material coletado ao longo da pesquisa à luz do conceito de semiose da notícia; uma tentativa de vê-la em processo, embora, metodologicamente, apoie-se no conteúdo.

Importante salientar, antes que se avance ao material em si, que a principal intenção, a essa altura, é ainda sublinhar a ação do jornalismo num contexto em que era pouco confrontado com as semioses que hoje se processam nas redes sociais digitais e que, não raras vezes, redundam em signos que questionam os sentidos atribuídos aos acontecimentos pela semiose da notícia tradicional.

Trata-se de um bloco do *Jornal Nacional* de 1º de maio de 2012 que representa o Dia do Trabalhador. São cinco signos/notícia; 07min 02seg (JORNAL NACIONAL, 2012). Em São Paulo, festas organizadas pelas duas maiores centrais sindicais do Brasil, Força Sindical e Central Única dos Trabalhadores (CUT); no Rio de Janeiro, festa que ocorria no Sambódromo da cidade; manifestações na Espanha, Grécia, França e Chile; acontecimentos nos Estados Unidos; e, por fim, na Bolívia¹⁹.

O apresentador do telejornal, Heraldo Pereira, começa: “As festas do Dia do Trabalhador reuniram uma multidão hoje em São Paulo [...]”. O repórter César Menezes dá ênfase ao caráter festivo: ouviu trabalhadores de outros estados que conquistaram um lugar no mercado de trabalho em São Paulo e fala da expectativa para prêmios oferecidos pelas centrais, com imagens de shows durante o dia. O texto da passagem é:

PASSAGEM: César Menezes (repórter) - O dia é de festa, mas o primeiro de maio é um feriado político. Por isso essa gente toda que veio acompanhar os shows, torcer pelos sorteios, também participou de manifestações e ouviu discursos [...].

Com o final da matéria, o outro apresentador, Márcio Gomes, aciona a repórter Tatiana Nascimento, do Rio de Janeiro, ao vivo. O texto da cabeça é: “No Rio de Janeiro, o Dia do Trabalho está sendo comemorado com um grande show na Praça da Apoteose [...]”. Apenas a festa é representada. A condução do telejornal, então, volta para Heraldo Pereira, que faz a cabeça da nota coberta que apresentará: “Com a Europa em crise, milhares de pessoas foram às ruas contra o desemprego e o corte em programas sociais”.

NOTA COBERTA: Heraldo Pereira (apresentador) - Uma multidão tomou conta do centro de Madri para dizer não aos planos do governo de levar a diante a reforma trabalhista. O desemprego na Espanha supera os 24%. A mobilização se repetiu na Grécia, que enfrenta o quinto ano seguido de recessão. Os gregos vão às urnas no domingo. A crise econômica e as eleições também dominaram as caminhadas pelo Dia do Trabalho na França. Em Santiago, no Chile, a passeata foi reprimida com jatos de água. A polícia alega que ativistas incendiaram agências bancárias e agrediram os policiais.

Márcio Gomes anuncia, em seguida, matéria que representa acontecimentos estadunidenses: “Americanos não comemoram o Dia do Trabalho hoje. Mesmo assim, a terça-feira foi marcada por manifestações”. Em Nova Iorque, a repórter correspondente Giuliana Morrone faz uma sonora: “O mundo financeiro é como um buraco negro, explica este

¹⁹ Este mesmo material serviu à análise em trabalho anterior, que discutia os limites e possibilidades do jornalismo como forma de conhecimento (OLIVEIRA, 2012b).

manifestante que diz ter mestrado em economia”. Na imagem, o ativista aparece sem camisa, com a frase traduzida pela repórter estampada no peito.

A última matéria: “O presidente da Bolívia, Evo Morales, anunciou hoje a expropriação de uma operadora de energia elétrica que pertencia a uma empresa da Espanha”, diz Heraldo Pereira. A repórter correspondente Delis Ortiz abre a matéria com imagens da operadora e de manifestações que ocorriam no país:

OFF: Delis Ortiz (repórter correspondente) – A medida foi anunciada como um presente pelo Dia dos Trabalhadores. [...] Evo Morales tem enfrentado greves e protestos nos últimos meses. Hoje, a maior central sindical do país reuniu quatro mil pessoas na capital e queimou um boneco representando o presidente. Depois que assumiu o governo, em 2006, Evo anuncia nacionalizações no dia Primeiro de Maio. Começou pelas petroleiras, mineradoras e empresas de cimento. Desde 2010 partiu pra cima das elétricas.

Ela finaliza com uma passagem:

PASSAGEM: Delis Ortiz (repórter correspondente) - A expropriação na Bolívia ocorre duas semanas depois da medida argentina contra a petroleira espanhola Repsol, detentora da YPR. Curioso é que o boliviano Evo Morales havia dito que o exemplo argentino não influenciaria seu governo, que cumpre com os compromissos internacionais que assume.

Se a semiose é contínua, sucessiva, é possível também olhar para todo o bloco como um só signo gerador de interpretantes nas mentes afetadas pelo telejornal. Um signo que, analisado à luz das categorias de legi-signos na semiose da notícia, reforça o consenso neoliberal.

Eis o raciocínio.

O bloco começa por matérias que retratam festas brasileiras, de modo a significar a situação dos trabalhadores como alheia à necessidade de protestos. Quando chega à Europa, que atravessava grave crise do sistema financeiro, refere-se a manifestações de indignação; da mesma forma, no Chile e nos Estados Unidos. No final, a situação boliviana compõe o signo como uma espécie de ameaça: se o Brasil não seguir a cartilha do neoliberalismo, pode virar uma Europa, Estados Unidos, ou, na hipótese mais drástica, até uma Bolívia.

Relacionamos uma ideia abstrata a outra, estruturando, no fim, grandes sistemas de verdade lógica e matemática, sob cujos respectivos termos os fatos sensíveis da experiência arranjam-se [...] de modo que nossas verdades eternas são também verdadeiras quanto às realidades (JAMES, 1974, p. 27-28).

Com esse movimento, pode-se aferir que o *Jornal Nacional* agenda a opinião pública, enquadrando-a (McCOMBS, 2009).

2.4.1 Limitação e redundância

Quando se reflete sobre a semiose da notícia expressa no bloco do *Jornal Nacional* que significa a realidade caótica dos acontecimentos envolvendo o Dia do Trabalhador, percebe-se a pretensão de organizá-los, estruturalmente, na relação com a cultura; torná-los inteligíveis a partir das suas referências. Em decorrência, intervém na construção social da realidade.

E o jornalismo, nessa lógica, constitui-se como instituição mediadora.

Ao debruçar-se sobre o conceito de *mediações* de Martín-Barbero (1997), Ollivier (2008) faz uma analogia com a diplomacia internacional: 1) há um conflito entre dois países; 2) um terceiro intervém como mediador; 3) o conflito é superado pelo acordo.

Avançado à esfera pública de Habermas (2003), o jornalismo tratar-se-ia de uma atividade de mediação em busca do melhor argumento. O filósofo alemão, definindo o conceito, confere a ele centralidade na construção social da realidade: a esfera pública se concretizaria numa rede comunicativa. E é o lugar em que se processa o bem-comum e o esclarecimento dos cidadãos, a partir da interação entre sistemas de produção de sentido. À comunicação caberia não apenas fazer circular os discursos produzidos pelos diferentes sistemas, mas, sim, escrutinar, entre eles, o melhor argumento.

Quando é pensado nessa perspectiva, o jornalismo tem importância fundamental para um projeto emancipatório de sociedade: ao produzir conhecimento, de modo a dotar os indivíduos de um *saber de si* – num tímido flerte com a *hermenêutica do sujeito*, de Foucault (2006) –, dotá-los de racionalidade comunicacional, os tornaria capazes de exercer a ação comunicativa com vistas ao bem comum (HABERMAS, 2003).

Com as atenções voltadas novamente ao estrato da realidade social trazido ao debate, no entanto, é inevitável a retomada da crítica sobre a forma como a realidade caótica dos acontecimentos é representada. No neoliberalismo como ambiente semiótico, aqueles legi-signos “Do jornalismo como sistema de produção de sentido” atuam na contensão da possibilidade de escrutínio; não dão margem à interpretação. Fernando Resende (2009, p. 35-36) observa que:

Envolto no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como elementos que operam sentidos, o discurso jornalístico tradicional – o que encontra legitimidade epistemológica – coloca à disposição do jornalista escassos recursos com os quais narrar os fatos do cotidiano.

Mayra Rodrigues Gomes (2003, p. 85) entende que, ao pretender-se impessoal, o jornalismo pratica a *disciplinarietà*. “Quanto ao Jornal Nacional, da Rede Globo, é marcante a tentativa de impessoalidade na postura dos apresentadores e no tratamento dado às matérias”. Disciplinar, numa expressão de um sistema modelizante, é a tentativa que se revela no enunciado do repórter César Menezes quando diz que “*O dia é de festa*, mas o Primeiro de Maio é um feriado político”, e ainda “[...] essa gente toda que veio acompanhar os shows, torcer pelos sorteios, *também* participou de manifestações e ouviu discursos”. Ou na ironia do texto da repórter Delis Ortiz: “Curioso é que o boliviano Evo Morales havia dito que o exemplo argentino não influenciaria seu governo, que cumpre com os compromissos internacionais que assume”.

Pensar o “jornalismo como atividade própria de um espaço dinâmico em que se articulam estratégias de poder e como parte de um processo no qual representações e mediações são indissociáveis” (RESENDE, 2009, p.36) parece inviável diante de uma semiose da notícia que redunde em signos como os que estão em análise, que o próprio Resende (2002) concebe como *texto cego*: este que, produzido por um sistema modelizante, tem como propósito disciplinar e não produzir conhecimento; não considera o *outro*; submetete-se aos legi-signos que permeiam a atividade para fazer valer a autoridade que ostenta na esfera pública.

É o que faz a repórter Giuliana Morrone, de Nova Iorque, quando identifica um de seus entrevistados com a frase: “[...] explica este manifestante que *diz* ter mestrado em economia”. Claro, não se trata do típico economista, como impõem os legi-signos que representam esse tipo de especialista como referente para a repórter.

A possibilidade do *encontro*, em Resende (2009), quando, com efeito, a narrativa jornalística produziria conhecimento, em diálogo também com a função criadora de Lotman (1978), está na intervenção do sujeito, nas marcas, nos ruídos que deixa no seu texto; no exercício da alteridade, não da autoridade. É por isso que se postula ser a categoria dos legi-signos “Dos jornalistas como operadores sígnicos” a que tem maior potencial de incidência na semiose da notícia. Ainda que as demais sigam em ação, numa negociação de sentido complexa, há espaços para semioses alternativas.

O próprio caso do *Jornal Nacional* e dos acontecimentos de 1º de maio é pródigo em exemplos. Isso no mesmo ambiente semiótico que conserva legi-signos do neoliberalismo; um mesmo sistema de produção de sentido, o próprio jornalismo; e uma mesma empresa de comunicação, a *TV Globo*. Repórteres e apresentadores ora usam Dia do Trabalho ora Dia do Trabalhador. Signos que produzem interpretantes diferentes. O segundo, aliás, um interpretante imediato que remete à luta de classes como um dos referentes possíveis. Análise de natureza parecida faz Christa Berger (1998, p. 131), sobre o discurso de *Zero Hora* acerca de manifestações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil, na década de 1990:

[...] o enunciador ao optar por “invadir” faz a escolha de um signo que preserva o conceito de propriedade privada, em que o sujeito do enunciado encontra-se na ilegalidade e ao destinatário é oferecida uma pista de leitura em que a transgressão tem permissão para ser punida. Caso optasse por “ocupar”, ele estaria sustentado pelo conceito de propriedade social da terra e a ilegalidade se encontraria na ação de repressão²⁰.

Também a 1º de maio de 2012, em São Paulo, protesto reuniu aproximadamente mil pessoas na região central: trabalhadores, estudantes, sem-terra, mulheres feministas e militantes do movimento negro. Em passeata promovida pela Conlutas, central sindical fundada por dissidentes das centrais hegemônicas, eram outras duas mil pessoas (LADEIRA, 2012). Ambos os acontecimentos não mereceram a atenção do telejornal.

Representativo também é o enquadramento conferido aos Estados Unidos. Primeiro, porque o apresentador faz a ressalva de que o país não celebra o Dia do Trabalho (exatamente o signo que utiliza “trabalho”, e não “trabalhador”) em 1º de maio. Então, por que neste bloco? E mais: os protestos a que a repórter se refere tinham, sim, relação com a data, e eram promovidos pelo movimento *Occupy Wall Street*, sequer mencionado. Matéria publicada pela agência *Reuters Brasil* dava o título: “Movimento Occupy Wall Street protesta no 1º de Maio dos EUA”. E o lide era:

Os manifestantes do movimento Occupy Wall Street se reuniram em frente a edifícios bancários, meditararam em parques e se dedicaram a cantar e dançar contra as corporações na terça-feira em vários lugares dos Estados Unidos,

²⁰ Quando fala de propriedade social da terra, a autora refere-se à Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que trata, no Capítulo III, da política agrícola e fundiária e da reforma agrária, estabelecendo no Art. 184 que: “Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei” (BRASIL, 1988).

tentando aproveitar o Dia do Trabalhador para ressuscitar seu movimento de protesto do ano passado (HONAN; BERG, 2012).

A possibilidade de invenção/ressignificação intrínseca à semiose, sobremaneira pelos sentidos que o objeto dinâmico carrega, das sobras de que fala Santaella (2008), põem-na no centro do debate com vistas à compreensão do jornalismo como forma de conhecimento e não apenas como mais um sistema modelizante. Como destaca Colapietro (1989, p. 75), “Exatamente porque a semiose é ilimitada – ou seja, porque a série de interpretantes potencialmente se estende ao infinito – o sistema de signos pode tornar-se autocrítico e autocorretivo”.

2.5 JORNALISMO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

É deliberada a decisão de reservar uma breve discussão sobre o jornalismo como forma de conhecimento ao final deste capítulo. Constitui-se em elo para o curso do texto. Genro Filho (1989) e Meditsch (2002), um dos expoentes dessa corrente no Brasil atualmente, advogam sua singularidade ante as demais disciplinas. Embora a avaliação aqui seja a de que é mesmo uma discussão fundamental para o campo, tanto acadêmico quanto social e profissional, a intenção não é fazê-la na sua dimensão mais ontológica.

A reflexão que interessa agora é sobre a intervenção do jornalismo na construção social da realidade a partir da premissa de que, ao representar os acontecimentos na forma da notícia, dá a ver do mundo e produz, sim, certo tipo de conhecimento, fruto de uma atividade de dinâmica própria.

Srouf (1978, p. 31) fala de quatro premissas que suportam a produção de conhecimento:

- 1) o mundo existe independentemente do seu conhecimento, quer dizer, que se conheça ou não o mundo, isto não o impede de existir; 2) o mundo social e natural sofre determinações reais: a inter-relação de seus fenômenos e a lógica de sua estruturação interna produzem efeitos substanciais; 3) as determinações reais podem ser conhecidas, previstas e, numa certa medida, controladas, ou seja, podem ser apropriadas cognitivamente para uma possível intervenção; 4) o conhecimento resulta de uma produção pois, de um lado, não há apropriação sem modificação do objeto apropriado – que existe de forma independente – e, de outro lado, não se trata de extrair o conhecimento como se estivesse escondido no real, uma vez que se assim fosse não se teria mais uma transformação, mas uma recuperação do que já estaria previamente constituído.

Para Santaella (1996), o modo como Srouf entende os processos de aquisição de conhecimento é muito próximo ao desenvolvido mais contundentemente por Peirce. A autora enfatiza que sua semiótica não é apenas o levantamento classificatório de signos, “mas o perscrutar acurado dos modos como a consciência-pensamento opera transformando qualquer coisa que lhe apresenta de modo que, no ato de apreender, o pensamento necessariamente o converte em signo” (p. 60-61).

Ou seja, representar o mundo é uma produção de conhecimento sobre ele. A produção do conhecimento em si é uma prática que pode transformar semioticamente o mundo. E as práticas, como as jornalísticas, implicam em geração de conhecimentos (signos em ação) que acabam por constituir o próprio mundo.

Como fora defendida nas seções anteriores, a prática jornalística é compreendida como um processo de significação do mundo que atende a essa lógica (no pensamento peirceano, a semiose) e que consiste num exercício de produção de signos que representam acontecimentos como objeto da notícia.

Mas o jornalismo seria um dos protagonistas da construção social desse conhecimento? Quando Berger e Luckmann (1983) concebem a realidade como produto da correlação de forças que se constitui na institucionalização das interações sociais, importa muito mais do que isso. Uma leitura mais acurada de *A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento*, inclusive, revela que só se referem diretamente à mídia uma vez.

A primeira justificativa para cotejar o jornalismo com essa perspectiva é sua própria essência: a construção de significados sobre os acontecimentos. Outra, não menos importante, diz respeito à legitimidade que firma na história como instituição social, subsidiando decisões concretas da sociedade, como defende Franciscato (2005, p. 167): “o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. [...] conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir [...] uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade [...]”.

Evocando novamente Eco (1979, p. 195), a discussão reaproxima-se da semiótica como lugar epistemológico em que se processa:

O sistema dos sistemas de códigos, que poderia parecer um mundo cultural irreal e idealista separado dos eventos concretos, leva os homens a agir sobre o mundo; e esta ação converte-se continuamente em novos signos, gerando novos sistemas semióticos. A noção peirceana de interpretante leva em conta não apenas a estrutura sincrônica de sistemas semióticos, mas também a desestruturação e reestruturação desses sistemas.

Admitir esses pressupostos, pois, conduz à necessidade de compreensão sobre quais são as lógicas que orientam o jornalismo como gênero discursivo específico (BENETTI, 2008); dissecá-lo como sistema de produção de sentido. Isso se em perspectiva esta defendê-lo como campo que produz conhecimento efetivamente por uma atividade eminente de produção de signos.

2.5.1 Perspectivas

No momento em que as competências do jornalismo como campo são questionadas com a emergência das redes sociais digitais, com implicações na formação acadêmica e na habilitação para o exercício da profissão, inclusive, torna-se vital nas duas instâncias o debate acerca de um lugar para a produção de conhecimento que o mantenha no desenho epistemológico das ciências.

A pretensão não é encerrar o debate a um ou outro lugar epistêmico. Pelo contrário, é estimulá-lo com a defesa de um ponto de vista a mais a partir do qual ele pode começar: a semiótica. Pode-se aferir, contudo, que a “produção jornalística possui caráter essencialmente semiótico. Seja pela pretensão representacional intrínseca ao processo, seja pela oferta de sentidos sobre o mundo que ela opera [...]” (HENN, 2008).

E, com essa perspectiva, propõe-se estabelecer conexões entre teoria e prática, como sugere Berger (2010), ao defender a importância do diálogo entre o exercício do jornalismo e o conhecimento do campo, na expectativa de que ele possa contribuir para o esclarecimento do mundo ao informar sobre a realidade.

A urgência do debate é potencializada pelo nível de esgotamento que atinge o modelo do texto cego de que fala Resende (2002, 2009), impedindo o encontro dialógico. Em termos peirceanos, modelo que produziria um signo/notícia *degenerado* (ou incompleto, primitivo, imperfeito) – adjetivos que, por mais apropriados que resultem diante do caso que ilustra sua definição nas páginas anteriores, não têm conotação pejorativa, como alerta Santaella (2008, p. 71) “Essas denominações se justificam porque neles [signos dessa natureza] a semiose não se completa, não atingindo o estágio genuíno, ou seja, de processo ininterrupto, devir, infinitude, difusão e crescimento”, incitando uma reflexão que se aprofundará no capítulo 6.

Com as novas formas de circulação e produção de informação, a legitimidade do jornalismo tem de se dar em outro paradigma que não o da autoridade, facilmente desconstituído por movimentos de ressignificação que pululam nas redes sociais digitais, por

exemplo. E a este debate espera-se que esta tese possa contribuir, aprofundando a compreensão da crise do campo a partir das novas formas de articulação para intervenção na esfera pública empreendidas pelos movimentos em rede.

Independentemente do meio, se novo ou velho, é preciso olhar para dentro; refletir sobre a essência dos jornais enquanto obra cultural (GROTH, 2011). E como tal, que finalidade eles têm. Reflexão que não é nova. Remonta, senão antes, à primeira metade do Século 20: “Esta foi a contribuição pioneira que Groth forneceu [...]: um sistema de leis próprias, uma análise profunda da essência do periódico e com isso os fundamentos epistemológicos para a Ciência dos Jornais” (MEDITSCH; SPONHOLZ, 2011, p. 12).

Há de se fazer ainda um esforço de superação definitiva do momento em que os efeitos político-sociais e econômicos da imprensa, por si só, impunham-se como objeto: “Esses objetivos já são perseguidos por outras ciências [...] e para a ciência jornalística os resultados a serem obtidos só entram em cogitação secundariamente: [...] serão ciências auxiliares da ciência jornalística autônoma e particular” (GROTH, 2006, p. 188). Propõem-se, como parte desse esforço, considerar que a produção de sentido, a significação do mundo e a intervenção na construção social da realidade residem no interior da ciência jornalística e contribuem para a compreensão da finalidade dos jornais na totalidade das criações humanas (GENRO FILHO, 1989).

A questão, hoje, é que o jornalismo se vê confrontado pelas sobras (SANTAELLA, 2008) – com a contribuição de Benetti (2010), o que não alcança o estatuto do acontecimento jornalístico – que restam de semioses da notícia processadas nos parâmetros vistos neste capítulo. As sobras estão também representadas por signos que circulam nas redes sociais digitais, com sentidos sem a ingerência direta do jornalismo, projetando sua crise atual. A semiose da notícia tradicional é posta em xeque e a sobrevivência do jornalismo na semiosfera contemporânea depende de como – e se – vai enfrentá-la em termos de produção de sentido sobre o mundo.

3 MOVIMENTOS EM REDE E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Não seria exagero prever que a semiose da notícia caracterizada até aqui, de lógica pretensamente linear, tem seus dias contados. Pelo menos não no que tange à representação de conflitos sociais como objetos de signos/notícia. E é sobre o jornalismo como campo social e profissional que tem se abatido as principais consequências de novas formas de intervenção que emergem na esfera pública, com o advento das redes sociais digitais como espaço alternativo de articulação e significação dos acontecimentos.

Especialmente quando, ao encontro da compreensão que orienta esta tese, a esfera pública é entendida como semiosfera e os movimentos sociais contemporâneos como sistemas de produção de sentido de dinâmica própria, é que se vislumbra a crise do jornalismo. Em consequência, a possibilidade de uma representação mais complexa dos conflitos. O momento, contudo, é o de definição conceitual e reunião de subsídios empíricos para uma tentativa de desvendamento da forma de organização, mobilização e articulação desses movimentos a partir do que a investigação revela.

O termo “movimentos de ocupação global” denota, por si só, a principal característica de fenômenos sociais que se consolidam na segunda década dos anos 2000: uma existência organicamente vinculada às redes. Da *Primavera Árabe*, em 2010, às *Jornadas de Junho*, no Brasil, em 2013, como exemplos, métodos e concepções de atuação para intervenção no espaço público têm avançando, numa linha cronológica que remonta ainda ao início do milênio, senão antes; são pré-consolidação da internet e, portanto, das redes sociais digitais.

Na incansável empreitada por uma teoria capaz de explicar a conformação dos campos sociais, Bourdieu (2001, p. 63) já alertava para a natureza midiática que o movimento social foi adquirindo ao longo do Século 20: estratégia de promoção das suas demandas. Ao analisá-la, concebe a ideia de “ações exemplares”, o que, para o autor, exige

engajamento pessoal dos militantes responsáveis, que [...] viraram mestres na arte de criar o acontecimento, dramatizar uma condição própria a atrair o olhar midiático e, por tabela, político, graças a um bom conhecimento do funcionamento do mundo midiático.

O que Bourdieu não pudera analisar – logicamente, por força do curso da história – é a natureza essencialmente midiática dos movimentos de ocupação global, constituinte do fenômeno. Isso porque quando se dedica ao tema, as redes sociais digitais não haviam firmado seu lugar central na esfera pública, não só como espaço para a significação e

circulação das demandas dos movimentos sociais de origem mais ortodoxa (sindicatos, camponeses, estudantes), mas, acima de tudo, de germinação dos movimentos mais contemporâneos. Impõem-se, então, dissecá-los para, em seguida, alcançar seus efeitos sobre sua representação pelo jornalismo.

3.1 A EMERGÊNCIA DO FENÔMENO: APORTES CONCEITUAIS

Ninguém esperava. Num mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram (CASTELLS, 2013, p. 09).

Começar uma definição conceitual dos movimentos de ocupação global com a afirmação incisiva de Manuel Castells dá conta de expressar a perplexidade com que campos cuja presença no espaço público é predominante, como o campo político, da comunicação, ou mesmo dos intelectuais, perceberam o fenômeno. Movimentos que começam com a *Primavera Árabe*, nos países do Oriente Médio e no Norte da África, o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, ou ainda o *Indignados*, na Espanha, em mobilizações sociais que remontam aos anos de 2010, 2011 e 2012, sobretudo, e culminam com a erupção dos protestos das *Jornadas de Junho* no Brasil, em 2013.

Trata-se de uma nova forma de mobilização social, que carrega em sua gênese a organização em rede, e que já merecia atenção de cientistas sociais desde quando sequer tinha se concretizado.

Alguém dirá que o conceito de rede aparece na organização dos movimentos sociais antes mesmo da internet. Sim, é verdade. Mas esta é uma questão para adiante.

O esforço inicial é no sentido de, brevemente, delinear a diferença entre o que se considera ser os movimentos de ocupação global em detrimento dos movimentos sociais mais ortodoxos, de orientação marxista, que protagonizaram o enfrentamento ao capitalismo no Século 20.

Gohn (1997, p. 343), de reconhecida contribuição à compreensão dos movimentos sociais, diz que “Nunca haverá uma teoria completamente pronta e acabada sobre eles. Trata-se de uma característica do próprio objeto de estudos. Os movimentos são fluidos, fragmentados, perpassados por outros processos sociais”. Seria impossível, então, estudá-los? A própria autora defende que não. E, desde o final da década de 1990, já atentava para a

transição entre os movimentos ortodoxos e o que denominou Novos Movimentos Sociais (NMS).

O paradigma marxista é problematizado. Ao conceber a teoria dos NMS, Gohn (2000) elenca características que distanciam as duas perspectivas.

A primeira delas, e que interessa sobremaneira neste momento, é a ausência de um sujeito que ocupa, ao mesmo tempo que é forjado nas contradições do sistema, a posição de vanguarda na resistência ao capitalismo; as classes sociais são abrandadas como categoria analítica. O sujeito é coletivo e difuso, constituído a partir de valores de solidariedade/altruísmo, reivindicando progressos da modernidade sem deixar de ser crítico a ela.

O *Occupy Wall Street* é expressão desse movimento: denuncia a concentração de renda produzida pelo sistema financeiro internacional, simbolicamente, na frase “Somos 99% contra 1%”, e propõe uma proporção menos distorcida. É uma pauta que ecoa preceitos da teoria marxista, com lastro no combate às contradições do capitalismo, mas que não avança à superação do sistema por outra forma de organização econômica, política e social concreta.

Na segunda característica, a política é diluída em ações cotidianas dos sujeitos, para além da macroestrutura. É o que confere importância maior à cultura, como se percebe nas manifestações da *Primavera Árabe*, em especial, em que o elemento determinante para a explosão da resistência é a dominação cultural, não econômica. Resende (2013, p. 25), refletindo a partir das inferências que produziu ao visitar o Egito, meses depois da queda do ditador Hosni Mubarak, contribui a esse entendimento ao dizer que:

Os autoritarismos e as censuras, próprios de regimes ditatoriais, somados ainda, no caso específico do mundo árabe, às problemáticas de natureza religiosa, identitária e territorial, todos dilemas que obviamente fazem parte de uma mesma dimensão espacial, se amalgamam a um desejo possivelmente maior: ser livre.

Dessa última característica decorre a terceira: o aparato conceitual dos NMS apoia-se na própria cultura, que tem inspiração no marxismo, ao trabalhar também a cultura como ideologia, mas apostando nela como categoria da ordem do real, não como falsa representação.

Por fim, a característica que é comum aos movimentos que por ora concretizam a reflexão. A análise dos atores que compõem estes movimentos é baseada tanto nas suas ações coletivas – a ocupação do Distrito Financeiro, em Nova Iorque (EUA), da Praça Tahir, no Cairo (Egito), ou do Congresso Nacional, em Madrid (Espanha) – quanto na identidade

coletiva que emerge dos processos: *Occupy Wall Street*, *Primavera Árabe*, *Indignados*, respectivamente.

Scherer-Warren (2006, p. 113), citando Touraine (1997)²¹, Melucci (1996)²² e Castells (1996)²³, é acionada para uma definição que se vislumbra ser ainda mais didática, ao ensinar que “[...] o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia [...]”.

Ainda em contexto anterior às redes digitais, mas já oferecendo aportes elucidativos ao entendimento dos movimentos em rede, Negri (2003, p. 148) vai dizer que “A multidão não é nem o encontro da identidade, nem pura exaltação da diferença, mas é o reconhecimento de que por detrás de identidades e diferenças, pode existir ‘algo comum’”. O conceito de *multidão* – sabe-se – firma base epistemológica numa dimensão de imanência, propondo avançar sobre o que transcendentalmente fora concebido como *povo* por correntes tradicionais que pensaram a modernidade, com base em clássicos como Hobbes, Rousseau e Hegel (nas suas especificidades).

Negri diz mais. No que parece antecipar a discussão sobre a crise de representatividade apontada por cientistas sociais como combustível para os movimentos de ocupação global, defende que “A teoria da multidão exige [...] que os sujeitos falem por si mesmos: trata-se muito mais de singularidades não-representáveis que de indivíduos proprietários” (2004, p. 15).

Em *Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da internet*, citado na abertura desta seção, Castells (2013) debruça-se sobre o que entende como os fenômenos contemporâneos de organização e intervenção social. Não por acaso, *Primavera Árabe*, *Occupy Wall Street* e *Indignados* compõem sua análise, assim como outras manifestações populares que classifica nessa natureza.

Numa leitura ponderada, é possível identificar mais de uma dezena de características comuns definidas por Castells (2013): 1) são movimentos conectados em plataformas múltiplas; 2) iniciam na internet, nas redes sociais, mas se tornam movimento ao ocupar o espaço urbano; 3) o espaço da autonomia é a forma concreta de organização desses movimentos; 4) são simultaneamente locais e globais; 5) são espontâneos, comumente

²¹ TOURAINE, Alain. **¿Podremos vivir juntos? La discusión pendiente**: el destino del hombre en la aldea global. Tradução de Horácio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

²² MELUCCI, Alberto. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

²³ CASTELLS, Manuel. **The information age**: economy, society and culture. London: Blackwell Publishers, 1996. v. 3.

desencadeados por um sentimento de indignação; 6) são virais, seguindo a lógica das redes digitais de comunicação; 7) a transição da indignação para a esperança se dá em decisões tomadas no espaço da autonomia, não em propostas vanguardistas; 8) não têm lideranças, em razão da desconfiança sobre qualquer forma de delegação de poder; 9) tanto na internet quanto na rua estabelece-se uma relação de companheirismo; 10) a horizontalidade das redes proporciona cooperação e solidariedade, atenuando a necessidade de lideranças formais; 11) são autoreflexivos; 12) não violentos; 13) raramente são pragmáticos, com exceção de quando têm uma pauta uníssona – como a redução da tarifa do transporte público no Brasil; 14) visam a mudanças de valores da sociedade; 15) são essencialmente políticos: propõem e praticam a democracia direta.

A distinção em relação aos movimentos sociais ortodoxos é fundamental para a tentativa de compreensão da representação que o jornalismo faz desses fenômenos. Senão por outras razões, porque se postula que os movimentos de ocupação global sejam dotados de um potencial de ação comunicativa (HABERMAS, 2003) mais promissor.

A suspeita é que não haveria ainda, para a rápida contextualização narrativa desses movimentos, “mapas de significados” (HALL et al., 1993) como os que caracterizam organizações ortodoxas: como exemplos, o movimento sindical ou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), no Brasil, sempre representados de forma a torná-las instituições arcaicas, incapazes de conviver com a liquidez da moderna sociedade de consumo (BAUMAN, 2007). Não havendo ainda legi-signos suficientemente cristalizados pelo neoliberalismo como ambiente semiótico, a disputa ideológica fica entreaberta.

Essa suspeita é evidenciada pela característica marcante de articulação em redes globais a partir da qual operam os movimentos contemporâneos, ainda não compreendida pelo jornalismo como sistema de produção de sentido.

Essa dificuldade para abranger o que antes totalizávamos sob a fórmula "cultura urbana", ou com as noções de culto, popular e massivo, levanta um problema: a organização da cultura pode ser explicada por referência a coleções de bens simbólicos? Também a desarticulação do urbano põe em dúvida que os sistemas culturais encontrem sua chave nas relações da população com certo tipo de território e de história que prefigurariam em um sentido peculiar os comportamentos de cada grupo (CANCLINI, 1997, p. 291).

O que os movimentos de ocupação global põem em xeque, produzindo tensão sobre as redações que insistem em acionar a fórmula “cultura urbana” a que se refere Canclini, é justamente a concepção de globalização. Não bastaria, portanto, ao jornalismo, compreender

as relações internacionais que se estabelecem entre grupos locais, potencialmente em expansão com as redes sociais digitais.

Esses movimentos indicam uma tendência à realização do projeto teleológico de Milton Santos (2000), “por uma outra globalização”. Ao contrário da ideia de redes como condutoras do neoliberalismo como pensamento único, a tecnologia serviria ao “acontecer solidário”. Dialogando diretamente com a 14ª característica encontrada em Castells (2013), as redes deixam de prestar-se apenas à circulação de capitais para propagar a transformação de valores com vistas à superação da democracia de mercado pela democracia real.

Iluminando as novas formas de organização em rede pelo conceito de “lugar”, em Santos (1994), as redes sociais digitais seriam – com a permissão para a redundância – o lugar em que “horizontalidades” e “verticalidades” se processam; ou, em outras palavras, concretizam-se em contíguo.

Jornalistas nas redações, entretanto, não teriam alcançado a competência cultural (MARTÍN-BARBERO, 1997) para compreender esses fenômenos. No pensamento peirceano, é aquilo que se denomina experiência colateral; o repertório inicial a partir do qual o indivíduo produz sentido sobre o mundo: a ideia de que importa mais a familiaridade com aquilo que o signo produzido denota, do que com o sistema de signos que possibilita a representação do objeto, requisito básico para que a semiose se processe. A tensão à semiose da notícia tradicional é evidente.

3.1.1 A internet como catalisador

A articulação de movimentos sociais em rede não é de hoje. No Brasil mesmo, o final da década de 1990 e o início dos anos 2000 são pródigos em exemplos dessa ordem: “[...] a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, de Goiânia a Brasília (maio de 2005), foi organizada por articulações de base como a Comissão Pastoral da Terra, [...] MST e por [...] transnacionais, como a Via Campesina” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112). Também é exemplo elucidativo o “Maio de 68”, na década de 1960, quando o feminismo e o movimento de contracultura, ao se consolidarem, ou ainda o movimento ambientalista em emergência (OLIVEIRA, 2008), espalham-se pelo mundo a partir da eclosão na França, numa expressão da organização em rede.

A compreensão desses movimentos sempre foi a de que o acesso ao espaço público, mediado pelo jornalismo como instituição outorgada socialmente para tanto (FRANCISCATO, 2005), depende fundamentalmente do recurso a acontecimentos que

contêm, em si, características que atendem ao estatuto do acontecimento jornalístico (BENETTI, 2010), naquilo que é definido por Berger e Tavares (2010) como *acontecimento previsto* ou *suscitado*, em Charaudeau (2006). Scherer-Warren (2006, p. 112) já chamava a atenção para esse aspecto, ao falar das mobilizações:

[...] são fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo.

O que é de agora são as redes sociais digitais, que possibilitam que esses movimentos articulem-se rapidamente e sejam capazes de mobilizar pessoas em todo o mundo. É de agora o *Facebook* e o *Twitter*. E o seu uso social é o que determina a possibilidade de ampliação da adesão a manifestações que ocupam a praça pública e que, antes, são articuladas em rede. Stéphane Hessel (2011, p. 25), um dos mentores dos movimentos de ocupação global, defende: “É evidente que, para ser eficiente, é necessário atuar em rede, aproveitar todos os meios de comunicação modernos”.

Aproveitar os meios de comunicação modernos é mais do que utilizar as redes na mobilização e organização dos acontecimentos com vistas ao acesso ao espaço público. É aproveitá-las também como espaço de significação desses acontecimentos, conferindo a eles outros sentidos, para além daqueles dados pelo jornalismo a partir de códigos historicamente convencionados.

Os movimentos sociais em rede [...] são amplamente fundamentados na internet, que é um componente necessário, embora não suficiente, da ação coletiva. As redes sociais [...] são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver [...] e expandir-se (CASTELLS, 2013, p. 167).

Fábio Malini e Henrique Antoun (2013, p. 113) corroboram, ao argumentar que:

[...] a facilidade de produção e a velocidade de circulação da informação [...] recompõem o jogo de forças no âmbito contemporâneo midiático. [...] a atenção aos meios, tendencialmente, se fragmenta, [...] e o fato noticioso não fica preso à versão única.

3.1.2 Militância ou ativismo? Mais do que semântica

Malini e Antoun (2013, p. 140) reservam atenção especial para distinguir as definições de militância e ativismo, para além da semântica, num exercício associado ao diálogo entre a perspectiva marxista mais ortodoxa e a teoria dos Novos Movimentos Sociais; são didáticos ao avaliar que antes do que chamam de “ativismo” e da nova mídia, “parecia que toda resistência [...] estava fadada aos gemidos impotentes da recusa à globalização ou à lamentação melancólica do contínuo enfraquecimento dos velhos meios de luta (sindicatos, partidos, estatização dos serviços...)”.

É como se a evolução do conceito de militância ao ativismo oferecesse uma esperança de ocupação do espaço público capaz de rearticular a resistência e fazer circular suas demandas, representadas numa forma mais complexa do que aquela redutora a que foram encerrados os movimentos sociais ortodoxos. Não se pode negar, contudo, seu legado de denúncia das mazelas do capitalismo, como expressam as diretrizes do *Independent Media Center* (IMC):

Nossos críticos dizem que somos contra a globalização, mas isto está errado. Nós queremos globalizar a proteção ambiental, os padrões de trabalho e uma qualidade de vida decente para todos os seres humanos. O Banco Mundial e o FMI foram as crias da mesquinha das corporações por tempo suficiente – está na hora de diminuir estas instituições (MALINI; AUTOUN, 2013, p. 144)²⁴.

Não por coincidência, mas justamente pela característica de rede que, contemporaneamente, a resistência assume, ecoam no texto transcrito preceitos da proposta de “outra globalização” concebida por Santos (1994).

Há, também no cerne desse debate, um aspecto mais filosófico, objeto da reflexão de Mailini e Antoun (2013). Ao citarem o prefácio da *Crítica à razão dialética*, cujo título é *Questão de método*, Sartre (2002) é evocado quando a exaustiva discussão entre o indivíduo e a coletividade ganha luz. No marxismo – é notório – a existência passa a ser considerada quando o indivíduo é “inserido ao sistema de produção, ao ganhar seu primeiro salário”; e, assim, é doutrinado a emancipar-se, mas pela militância pró-revolução, apartando-se de vida própria fora dela e das liberdades individuais. O desejo libertário essencial intrínseco à

²⁴ Trecho retirado de um exemplo de *press release* elaborado pelo IMC como parte de um kit de exemplos de documentos para as comunidades ativistas usarem nas suas relações com a mídia corporativa durante manifestação em 16 de abril de 2000 contra o Banco Mundial.

revolução, quando sucumbido a essa atitude militante, acaba por favorecer, na história, projetos totalitários como o Stalinismo na União Soviética pós-revolução.

Pensando a internet como lugar de articulação do ativismo como categoria de análise de fenômenos sociais contemporâneos, Malini e Antoun (2013, p. 143) constituem seu argumento pela contradição, ao advogar que a militância é recusada para que seja possível “construir uma vida ativa ao mesmo tempo pública e secreta através dos sistemas de hipermídia, inventando modos de viver no novo meio que reúnam realização individual e atividade comunitária como expressões de um mesmo combate político”.

3.2 DO “OCCUPY WALL STREET” AO “OCUPA POA”

Das definições mais conceituais quanto à organização em rede como forma de acesso ao espaço público e o papel das redes sociais digitais, recorre-se a estratos empíricos de pesquisas de campo empreendidas durante a investigação que resulta nesta tese. É uma tentativa de compreender as estratégias desses movimentos, de modo a contribuir para a produção de inferências capazes de desvendar a incidência que têm sobre a forma como, historicamente, o jornalismo representou os conflitos sociais.

A atenção recai, em especial, a essa altura, sobre contatos estabelecidos com ativistas do *Occupy Wall Street* durante estada nos EUA, e, ainda, sobre o movimento de aproximação com o que se entende serem ecos dessa forma de organização social no Brasil, precisamente, em Porto Alegre (RS).

Nos EUA, o primeiro movimento é a procura por referências capazes de constituir um elo entre as definições teóricas do *Occupy Wall Street* e ativistas que tivessem participado da constituição do fenômeno, que alcançou seu auge em setembro de 2011, durante a ocupação do Distrito Financeiro de Nova Iorque. Não foi necessária mais do que uma tentativa junto a pesquisadores da Universidade da Cidade de Nova Iorque. O contato é com a professora Ruth Milkman, que publicara estudo exatamente sobre a manifestação estadunidense – que serviria, mais tarde, de inspiração para os “Ocupai” pelo mundo –, de título “*Changing the subject: a bottom-up account of Occupy Wall Street in New York City*” (MILKMAN; LUCE; LEWIS, 2013).

Para além do acesso a autores com textos sobre as origens do movimento – destaca-se entre eles Gitlin (2012) e Gould-Wartofsky (2015) –, o contato com Ruth Milkman contribuiu para a investigação pelas entrevistas publicadas em seu estudo. É de onde saem os contatos dos ativistas que seriam contatados para o andamento da pesquisa.

Mensagens eletrônicas a alguns deles e um primeiro retorno: Marisa Holmes, à época com 28 anos, graduada em Cinema, Vídeo e Novas Mídias e com mestrado em Mídia. Ela esteve entre os ativistas que poderiam ser considerados fundadores do *Occupy Wall Street*, não fosse a refutação que fazem desse tipo de rubrica; entendem, até mesmo para a definição quanto a que sujeitos envolveram-se no processo de formação do movimento, a horizontalidade como princípio balizador. Uma entrevista realizada pessoalmente e, em seguida, por correio eletrônico²⁵, são as ferramentas metodológicas a que se recorreu para o levantamento de dados.

Um primeiro indício dessa forma de organização se impõe: a compreensão dos ativistas sobre a categoria que define o *Occupy Wall Street* transcender a de movimento social; eles negam essa identidade. “O Occupy Wall Street nunca foi encerrado a uma caixa”, é como Holmes reage à primeira tentativa de definição do fenômeno como movimento social. Interessa mais do que discutir conceitualmente essa manifestação, compreender como age a definição que faz uma *ação* para a ocupação do espaço público entendido em sua dimensão plena, seja virtual, seja urbana.

Dessa definição, decorrem algumas das diretrizes mais importantes que orientam a atuação do movimento. Antes de dissertá-las, porém, facilita a cronologia da leitura um resgate do seu surgimento.

A partir das próprias redes sociais digitais, sem surpresa, a ativista descobre a articulação que se desencadeava em meados de 2011. E por um veículo que preserva a configuração de mídia alternativa, a revista *Adbusters*, cuja proposta é a denúncia das desigualdades produzidas pelo sistema capitalista²⁶. Holmes vê a publicação de *meme* (termo que utiliza) em uma das contas da revista nas redes sociais e decide aderir à “Assembleia Geral da Cidade de Nova Iorque” (do inglês *New York City General Assembly*, NYCGA), o que já denota a ideia de rede, gene para a formação do movimento.

É curiosa a forma como Marisa Holmes relembra o episódio quando incitada a fazê-lo: “Vi um link em um ‘listserv’ que eu seguia e, então, vi a página eletrônica da *Adbusters*. No entanto, não levei a sério no início. Eu não achava que a revista organizaria qualquer coisa e sou geralmente cética em relação a campanhas de mídia social”. A manifestação revela uma preocupação com o controle da gestão das redes digitais, sob o comando de grandes aglomerados como *Google* ou o próprio *Facebook* – que, mais tarde, tomaria proporções importantes quanto ao seu uso na articulação, mobilização e organização do movimento.

²⁵ APÊNDICE A.

²⁶ Ver: <<https://www.adbusters.org/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

O passo seguinte é a adesão à NYCGA. Mas, antes, o dimensionamento quanto à capilaridade do movimento que se espalhava pelo mundo. “Entrei porque houve um levante mundial acontecendo em resposta à chamada crise econômica, e ele estava fazendo uma chamada contra a representatividade e pela democracia real”, justifica, numa expressão dos principais preceitos do movimento. “Eu queria fazer parte deste momento, me envolver em democracia direta, e construir alternativas horizontais, participativas e autônomas para o estado e o capitalismo” (as referências a alternativas ao estado e ao capitalismo, ao mesmo tempo, parecem denotar uma tentativa da ativista de descolar sua posição política de perspectivas mais ortodoxas, como socialismo e liberalismo, respectivamente, pela ordem de fala).

Se a tentativa enfática de afirmação do *Occupy Wall Street* como “ação”, não como movimento social, pode surpreender, é ainda mais impactante a resposta que dá Holmes quando questionada sobre qual seria a principal demanda do movimento: “Occupy Wall Street não tem demandas”.

A impressão inicial é a de contradição. Refletindo sobre a enfática afirmação, no entanto, remete-se à ideia de não institucionalização que ecoa desde as primeiras respostas. Ela explica: “Há confusão em torno disso porque o Adbusters e outros grupos emitiram demandas, mas o Occupy Wall Street [...] nunca teve demandas. Estávamos engajados numa ação direta de libertação do espaço e organização das nossas vidas”. É a manifestação da ideia de que por um signo absolutamente abstrato, o espaço público é ocupado e, então, demandas concretas passam a compor os debates; a dimensão midiática do movimento, nesse contexto, também se destaca.

O acontecimento que se constituiria como gênese é a ocupação do *Zuccotti Park*, nas imediações do Distrito Financeiro de Nova Iorque, a 17 de setembro de 2011, no que, dias depois, se tornaria a primeira acampada do *Occupy Wall Street*. Ainda que, numa defesa performática da independência do movimento, Marisa Holmes afirme que não havia, na decisão da ocupação, definida como “expropriação do espaço público-privado”, nenhuma tentativa de chamar a atenção do jornalismo, sobram índices sobre a compreensão dessa estratégia para a promoção da ação: “Nós estávamos interessados em ir para Wall Street, porque é o símbolo mundial do capitalismo”, referindo-se especificamente à sede da bolsa de valores e justificando a mudança de planos pelos prejuízos à mobilidade urbana que a proposta inicial representaria.

Figura 1 - Assembleia do movimento Occupy Wall Street em Nova York



Fonte: Reprodução/Facebook

O acampamento como acontecimento é a chave para a compreensão da forma como os movimentos de ocupação global orientam sua ação. Desde as decisões operacionais, como a manutenção da estrutura, até decisões de cunho político, como formas de intervenção no espaço público, urbano ou das redes sociais digitais, todas são tomadas por todos os ativistas em assembleias (Figura 1).

E é também da organização do acampamento que saem subsídios para uma tentativa de desvendamento quanto ao uso das redes digitais e da relação do movimento com o jornalismo. “A mídia social foi usada para informar sobre as assembleias e outros aspectos diários do parque, contrariando relatos na imprensa ‘*mainstream*’, e documentando a brutalidade policial, principalmente”, revela Holmes, citando plataformas como *Livestream*, *Twitter*, *Facebook* e *Youtube*, entre as quais circulava o que chama de “contranarrativa” e “narrativa própria”.

Percebe-se, nitidamente, o movimento de ressignificação do acontecimento empreendido pelo movimento, em detrimento da representação que o jornalismo fazia por uma semiose da notícia ainda marcada pelos valores tradicionais.

É também representativa, para a compreensão dessa relação, a percepção de Holmes quanto à interpretação que o jornalismo fazia do acampamento: “Houve um ‘*blackout*’ total na grande imprensa até duas semanas depois da ocupação. Eles só começaram a cobrir o Occupy Wall Street depois da brutalidade policial”. O registro quanto à violência da ação de repressão da polícia é imprescindível, ao passo que se revelará, na sequência da tese, como

característica comum a outros acontecimentos que se desencadearam pelo mundo, no esteio da experiência estadunidense.

Se há, por um lado, a aposta nas redes sociais digitais como espaço de produção e compartilhamento de sentidos alternativos àqueles que o jornalismo põe em circulação – a partir também de outras iniciativas, como página eletrônica reunindo iniciativas dos “Ocupais” pelo mundo²⁷ –, parece haver, na mesma medida, a compreensão quanto ao papel de mediação que ele exerce na esfera pública – ainda que a crítica à forma como exerce esse papel não seja, em nenhum momento, atenuada.

Pelo cotejamento das duas perspectivas, essa inferência se sobressai. “O nosso uso das mídias sociais era tão difundido, de modo viral, que o ‘*mainstream*’ não podia ignorar-nos. Ele fez o Occupy Wall Street mais visível, e as pessoas vieram para o parque”, avalia Holmes, que avança: “Assim, apesar da cobertura horrível, o *hype*²⁸ criado, em última análise, ajudou o [o movimento] a crescer”.

A relação entre o espaço público virtual e urbano é retomada ao final da entrevista, num exercício de apreensão sobre a forma como o movimento a encara. A ativista é direta ao representá-la: “A mídia social é apenas uma ferramenta para ampliar o que já está a acontecer na rua. Ela aumenta a velocidade com que as pessoas recebem informações”.

A utilização do signo “apenas” na transcrição acima não parece indicar o que seria uma pormenorização do espaço virtual, mas, sim, um esforço de valorização do acampamento como acontecimento com potência para a produção de sentidos sobre o *Occupy Wall Street*. Essa concepção também é comum a outras manifestações dessa natureza que aconteceram pelo mundo nos anos seguintes.

Marisa Holmes não encerra sem fazer a defesa política do entendimento que tem o movimento sobre as redes sociais digitais e seu uso tático para fins de ocupação do espaço público: “Estas plataformas não são horizontais. Elas têm hierarquias e são plataformas corporativas apoiadas pelo Estado. Interagir com elas é apenas tática”. Finaliza, enfim, propondo a superação do modelo atual: “No curto prazo, elas são úteis para difundir a palavra, mas a longo prazo não serão necessárias. Precisamos de uma internet livre e aberta, com uma mídia social real”.

²⁷ Ver: <<http://www.occupy.com>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

²⁸ Uma tentativa de tradução literal da expressão “hype” da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa apontaria para “campanha publicitária”. No contexto utilizado pela entrevistada, contudo, compreende-se mais em sentido de “repercussão pública”.

3.2.1 Conexão Espanha-Brasil

Quando Scherer-Warren (2006) contribuía, há pouco, para a compreensão sobre as formas de organização social contemporâneas, destacando a reunião de setores da sociedade em torno de três pilares (identidade comum; definição de adversários; projeto de superação), as redes sociais digitais ainda não alcançavam a capacidade de intervenção atual sobre a esfera pública. A articulação em rede, porém, já tinha lugar central nesse pensamento, cuja base são fenômenos como a ascensão do feminismo desde o “Maio de 68” e seus desdobramentos na história recente.

Sem a pretensão de avançar conceitualmente sobre o movimento feminista como categoria social, a breve referência ao tema é recurso para a introdução de reflexão acerca de mobilizações de natureza típica de rede que se desencadearam na Espanha e no Brasil no final de 2015, e que contribuem para o entendimento das lógicas de atuação dos movimentos de ocupação global.

Trata-se do “#7N”, quando milhares de mulheres espanholas em marcha ocuparam as ruas de Madrid, a 07 de novembro de 2015, e do uso das *hashtags* “#MeuPrimeiroAssédio” e “#MeuAmigoSecreto” por mulheres brasileiras. Em resumo, manifestações de ocupação do espaço público urbano e virtual, respectivamente, que viralizaram a partir das possibilidades que as redes digitais representam.

A experiência na Espanha foi acompanhada presencialmente durante estada no país europeu justamente com o propósito de compreender as dinâmicas desse tipo de organização – em especial na relação com o jornalismo, numa interface que será objeto de inferências nos capítulos seguintes.

A proposta metodológica inicial, formulada a partir de exercícios exploratórios, era contatar ativistas do *Indignados*. Por contingências do cenário político e social, entretanto, o movimento atravessava um período de dispersão e, ao mesmo tempo, atenção às eleições gerais que a Espanha viveria em dezembro de 2015, com o *Podemos* firmando protagonismo no processo²⁹ (o partido é encarado pelo eleitorado uma espécie de herdeiro institucional do auge dos protestos).

²⁹ O resultado das eleições de 20 de dezembro de 2015, antes das articulações para a formação do governo, projetava o *Podemos* aumentando sua representatividade e alcançando o posto de terceira força política da Espanha (GAREA, 2015).

Nesse contexto, a investigação é redirecionada ao “#7N” como acontecimento que concretiza a forma de intervenção em análise. Com um signo intrinsecamente relacionado às redes digitais, ancorado numa *hashtag*, a violência contra a mulher é significada como campo problemático que revela em si o machismo e suas facetas: desde a diferença salarial por discriminação de gênero no trabalho à morte de pelo menos 71 mulheres espanholas somente até outubro de 2015, vítimas da opressão, no que o movimento denomina “feminicídio”.

A descoberta sobre a articulação em torno da marcha se dá justamente pelo compartilhamento de texto no *Facebook* que se referia à mobilização por uma ativista que compunha a rede de contatos constituída ao longo da pesquisa³⁰: feminista, ligada à *Marcha Mundial das Mulheres* e à *IV Internacional*, organizações que propõem a atuação em rede, com seções no mundo todo, e ao movimento espanhol *Anticapitalistas*, que atua também como corrente interna do *Podemos* – é da página eletrônica do movimento que se originara o texto compartilhado (ANTICAPITALISTAS, 2015).

Um contato com a ativista é suficiente para compreender a lógica de organização da marcha.

A convocação é feita desde Madrid, onde ocorreria a manifestação nas ruas, pelo movimento feminista unificado: mais de 400 coletivos autônomos espalhados pela Espanha e setores feministas de partidos como o próprio *Podemos* e até o PSOE, que compunha o governo do PP, de orientação conservadora. O conceito de rede, portanto, é expressado tanto pela articulação que se desenrola nas redes digitais, a partir de página eletrônica³¹ e perfis no *Facebook*³² e no *Twitter*³³, quanto pela concentração em Madrid, com caravanas oriundas de várias regiões do país.

O resultado da mobilização é uma marcha que reúne quase 500 mil pessoas na capital espanhola, com a adesão de ativistas também de outros os gêneros, e a proliferação de pautas adjacentes contra a discriminação, como por racismo, xenofobia e homofobia. O acontecimento potencializa a circulação do machismo como problema social na esfera pública, em processo catalizado, também, pela atenção conferida pelo jornalismo (cuja discussão sobre os efeitos se reserva ao capítulo 5, quando da pesquisa na redação do jornal *El país*).

³⁰ Como as conversas com a ativista foram informais, com o propósito de compreender o contexto do “#7N”, não se caracterizando, assim, uma entrevista com vistas a compor a tese, a opção é por preservar sua identidade.

³¹ Ver: <<http://marcha7nmadrid.org/pt/>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

³² Ver: <https://www.facebook.com/Marcha7N?hc_location=ufi>. Acesso em: 22 dez. 2015.

³³ Ver: <<https://twitter.com/Marcha7Nmadrid>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

No Brasil, à mesma época, desencadeava-se movimento de natureza ainda mais espontânea, na medida em que viralizou sem a intervenção de organizações feministas formais. Atende, assim, a grande parte das características concebidas por Castells (2013), oferecidas ao debate na seção de aportes conceituais, para definir o que chama de “movimentos sociais na era da internet” (subtítulo da obra “Redes de indignação e esperança”, importante também lembrar).

Com base em signos concretizados pelo uso nas redes sociais digitais das *hashtags* “#MeuPrimeiroAssédio” e “#MeuAmigoSecreto”, milhares de mulheres faziam circular denúncias de machismo e opressão que, antes da possibilidade de associação a outras vítimas pelos signos comuns, eram omitidas do debate público (Figura 2).

Figura 2 – Publicações extraídas do Twitter com o uso da *hashtag* “#MeuAmigoSecreto.



Fonte: Twitter

Além de ressaltar a organização em rede e, mais ainda, redes digitais, na medida em que nesse caso não há o recurso ao acontecimento que ocupa o espaço público urbano, o caso é promissor para a discussão acerca de outro fenômeno que esse tipo de movimento tem revelado: a emergência de temas na esfera pública que atravessaram décadas submetidos ao subterrâneo do imaginário coletivo das sociedades (POLLAK, 1989). A eficácia da mineração desses temas passa, em termos de contemporaneidade, pela capacidade dos movimentos de lidar com os recursos que as redes digitais oferecem.

Tal qual ocorrera na experiência espanhola, no Brasil toda a articulação afeta o jornalismo e também dispara semioses da notícia que determinam a potencialização dos sentidos que têm o machismo como problema social na condição de objeto – em reflexão que, nesse caso, é aprofundada no capítulo 6.

3.2.2 Ocupa Poa

Ainda na fase de pesquisa exploratória, antes mesmo das jornadas aos EUA ou à Espanha para uma tentativa de compreensão acerca da organização dos movimentos de ocupação global, havia uma manifestação típica desse tipo de fenômeno: o *Ocupa Poa*, movimento articulado em rede com os “Ocupai” pelo mundo, em Porto Alegre (RS).

Procurando pelo termo que dá nome ao movimento no *Facebook*, por exemplo, encontra-se um grupo de discussão, constantemente atualizado pelos membros. Na seção “Sobre”, a caracterização é a seguinte:

Movimento político-cultural, estritamente apartidário, sem hierarquia e representantes, autogestionado, de desobediência civil, não-violento, anticorporativista/contra o grande capital e pró-cidadania, visando a ocupação das ruas e praças de Porto Alegre, em consonância com todas as ocupações pelo mundo (Egito, Espanha, Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.). Nenhum partido, empresa, ONG, sindicato, chapa, político, pessoa jurídica nos representa (mas todos são livres para simpatizar) (OCUPA POA, 2016).

É inevitável chamar a atenção para signos utilizados que, nitidamente, visam a romper com paradigmas dogmáticos que significam os movimentos sociais na sociedade capitalista. Prova é que no parágrafo ora reproduzido aparecem muito mais signos que negam identidades do que afirmam.

Uma navegação um pouco mais dedicada levaria à página eletrônica mantida pelos ativistas, cujo endereço era www.ocupapoa.org³⁴. Na seção “Sobre”, primeiro havia a ampliação de sua caracterização a partir do resumo publicado no *Facebook* e, em seguida, demandas mais objetivas. Eram 11 tópicos que abordavam temas absolutamente complexos: da luta contra preconceitos como racismo, machismo, xenofobia e homofobia, à denúncia do uso excessivo de transgênicos no agronegócio e à falta de uma política pública de incentivo ao uso da bicicleta como modo de transporte na cidade de Porto Alegre. Por fim, a referência à associação do *Ocupa Poa* a movimentos como o *Ocuppy Wall Street*, além de outros que utilizam a marca “Ocupai” também no Brasil.

Em abril de 2012, o movimento teve de deixar a Praça da Matriz, em Porto Alegre, onde realizava sua terceira acampada, momentos de organização de atividades de interação com a sociedade – as duas primeiras foram no Largo Glênio Peres (de 11 a 13 de novembro de 2011) e na própria Praça da Matriz (de 09 a 12 de dezembro de 2011). Matéria publicada

³⁴ Quando da finalização desta tese, o endereço eletrônico citado não estava mais disponível.

pela versão digital do jornal *Zero Hora* em 12 de abril de 2012 dava o seguinte título: “Depois de quase quatro meses, movimento Ocupa POA deixa a Praça da Matriz” (DEPOIS..., 2012), referindo-se ao fim da acampada mais recente e mais duradoura, que começara a 20 de dezembro do ano anterior, em função de uma decisão judicial que determinou a reintegração de posse do espaço ao Estado.

Convém, antes de mais nada, revelar como se deu o contato inicial com os ativistas para que se pudesse observar um acontecimento produzido pelo *Ocupa Poa*. O interesse pelo movimento é despertado pela notícia que circulou na mídia alternativa sobre manifestações em todo o mundo entre 12 e 15 de maio de 2012. No dia 09 de maio, a versão digital do jornal *Brasil de Fato* publicava a matéria “Movimento ‘12M 15M’ ocupará espaços públicos em todo o mundo” (NETO, 2012), anunciando o Rio Grande do Sul como um dos 12 estados brasileiros com acontecimentos previstos.

Ocorre que um dos alunos do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos tinha, àquela altura, justamente os movimentos de ocupação global como objeto de pesquisa e era também ativista do *Ocupa Poa*, no que se poderia entender como manifestação do conceito de intelectual orgânico, de Gramsci (1975). Pois é a partir dele que a presença do pesquisador é introduzida.

A observação é realizada em 12 de maio de 2012, no Largo Glênio Peres, em Porto Alegre. Entre 9h30min e 13 horas, as atividades envolvem 15 pessoas. Cartazes são confeccionados pelos ativistas durante o ato, com frases com expressões como “Capitalismo do comodismo” e “Chega do povo pagar pela ganância de vocês”; todas são discutidas coletivamente, antes que comecem a ser efetivamente estampadas.

Figura 3 - Ato do Ocupa Poa em Porto Alegre (RS)



Fonte: Acervo do autor.

Ações como a confecção dos cartazes (Figura 3) ou ainda a composição de canções que representem o espírito do movimento, expressam um *modo de agir* do grupo que indica uma consciência sobre a necessidade de estratégias de comunicação para a intervenção no espaço público. Mais do que isso, aproximam-no daqueles acontecimentos preparados previamente por setores da sociedade – a própria mobilização para o ato, desencadeada via *Facebook*, aponta para essa tendência.

A impressão inicial é a de que há uma tentativa evidente de experimentar o exercício de conceitos que se estabelecem como princípios do movimento, como horizontalidade e autogestão, em diálogos observados pelo pesquisador³⁵. “Quando puder, vamos reunir para compor uma música, e tal. Temos que ver também se vamos marchar”, diz um ativista. Imediatamente, o interlocutor pergunta: “Mas como é que tá isso? Já tem uma proposta? Tu sabe que eu sou meio contra essa ideia de uma vanguarda que propõe e a gente discute só a partir da proposta”.

Cabe ainda mais um registro, também impressionístico, mas que é indício para inferências possíveis no sentido da compressão do problema de pesquisa. Em mais de uma oportunidade, pôde-se observar a preocupação do grupo com a quantidade de pessoas envolvidas no ato, aferida pela expectativa manifestada pela chegada de ativistas que haviam confirmado presença nas redes sociais digitais. Preocupação que indica algum nível de percepção sobre a capacidade que o acontecimento tem como propulsor de um processo que pode, mais ou menos, resultar em intervenção nos debates públicos. É como se pelo menos um dos índices de notabilidade sobre os quais o jornalismo baliza a definição do acontecimento jornalístico – ou, dito em outros termos, de valores-notícia – atuasse como *legi-signo* na organização do movimento: a quantidade de pessoas envolvidas nas manifestações.

3.2.3 Movimento midiático: a percepção do ativista

A horizontalidade e a autogestão são referenciais do *Ocupa Poa*, é verdade. Mas as rotinas de organização, naturalmente, acabam destacando ativistas que assumem posições de liderança no que diz respeito às demandas mais pragmáticas. Foi o que se observou nesse breve movimento de aproximação. O que não quer dizer, entretanto, que os princípios do

³⁵ A identidade dos ativistas envolvidos é mantida no anonimato. E a opção por representá-los na forma masculina do substantivo “ativista” é apenas semântica; não tem relação com hierarquia de gênero.

movimento não incidam como legi-signos orientadores das suas ações, teleologicamente, no projeto de sociedade que propõe.

Da observação da manifestação no “12M 15M” resulta o contato com o ativista Sébastien Meyer, identificado como um dos que estariam nessa posição involuntária de liderança. As primeiras conversas são por mensagens eletrônicas, quando uma entrevista como parte da pesquisa exploratória é proposta. O entendimento foi de que antecipar os propósitos era conveniente. Portanto, o ativista foi informado de que o objetivo do exercício era compreender como o movimento percebe sua representação pelo jornalismo. Meyer sugere, então, que a entrevista ocorra na Praça da Matriz, palco da mais recente acampada. Eis que o encontro ocorre no dia 01 de junho de 2012.

Sébastien Meyer tinha, à época, 29 anos; natural da Bélgica. Engenheiro mecânico de formação, ele diz ter atuado profissionalmente com medicina robótica. “Eu estava produzindo tecnologia para salvar a vida de meia dúzia de pessoas enquanto têm milhões morrendo de fome no mundo”, argumenta, justificando seu afastamento da área para a qual estudou. É quando conhece a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em 2010, e passa a atuar em projetos sociais, viajando pelo mundo, o que o aproximaria dos movimentos de ocupação global.

A última estada de Meyer no Brasil foi entre janeiro de 2012, quando chegou para o Fórum Social Temático (FST), no Rio Grande do Sul, e junho do mesmo ano. Daí é que surgem as relações com o *Ocupa Poa* e o seu destino é a Praça da Matriz, ainda em janeiro de 2012, onde fica até o final da acampada, em abril, e vai assumindo responsabilidades junto ao movimento. Nota-se que, em aproximadamente dois anos de ativismo, é marcante a referência ao conceito de *sociedade em rede* (CASTELLS, 2002), na medida em que a identidade que o ativista constitui tem muito mais afinidade com uma demanda transnacional, o combate à fome, do que com comunidades territoriais. E articula-se em rede, inclusive: em junho de 2012, já partia para uma expedição pela América do Sul e Central.

Uma entrevista de pouco mais de uma hora com Seb, como era chamado pelos ativistas do *Ocupa Poa*, é capaz de produzir indícios substanciais. É representativa uma das frases utilizadas por ele para caracterizar os movimentos de ocupação global. “O Ocupa é um movimento midiático. É um movimento que tem essa presença midiática; que tem a capacidade de falar a muitas pessoas”, define, referindo-se à gênese do movimento: as ocupações de espaços públicos como acontecimento que resulta em intervenção na sociedade. A partir da marca “ocupação”, que, como signo, produz interpretantes que podem remeter a espaços físicos ou à própria esfera pública como referentes, são postas em circulação

demandas concretas: o combate à fome, mas também a denúncia do reajuste abusivo da tarifa do transporte coletivo.

Questionado sobre como o *Ocupa Poa* lida com o jornalismo na condição de mediador, o ativista revela o que parece ser uma tensão que permeia o debate. “Há dissidentes dentro do próprio sistema e não conseguimos usar esses meios para chegar ao grande público”, avalia. “Nunca tivemos uma posição clara quanto à imprensa. E para mim é um ponto fraco. Temos que fazer uma comunicação inteligente.” Ainda assim, lembra-se do caso de ativista que se somou ao movimento ao ler matéria na imprensa: “Chegou com uma imagem ruim, mas foi nos conhecendo e logo passou a vir todos os dias para a praça”. Expressão da ideia de que, bem ou mal, o jornalismo produz certo tipo de conhecimento sobre o tempo presente, intervindo nas interações que se estabelecem na esfera pública.

Seb relata ainda a experiência de uma festa em alusão aos três meses de acampada na Praça da Matriz, como exemplo de estratégia de comunicação, apontando claramente para a ideia de que permeia o imaginário dos ativistas a percepção quanto à necessidade de produzir acontecimentos capazes de chamar a atenção do jornalismo. A falta de referências no movimento, porta-vozes que falem pelo grupo, porém, constitui-se como complicador para a ocupação do espaço construído a partir de acontecimentos previstos. O primeiro jornal a chegar à acampada, em 2012, foi o *Correio do Povo*. E o contato inicial do repórter foi com ativista que lia a história de Fidel Castro. “Logo, o repórter entendeu que era um movimento comunista”, conta Meyer, em tom de ironia.

O que importa mais, entretanto, na avaliação do ativista – que diz ser compartilhada pela maior parte do grupo –, é a potencial otimização da ocupação do espaço público a partir da representação que o jornalismo faz do movimento, em acordo com o que defende a ativista do *Occupy Wall Street* ouvida nos EUA.

3.3 DAS REDES PARA AS RUAS

Em 2013, o Brasil vê acontecer as *Jornadas de Junho*, quando milhões de pessoas, articuladas em rede, vão às ruas para reivindicar as mais diversas demandas. A forma de organização e mobilização é o que coloca esse acontecimento como central para a reflexão proposta; ele tem um elemento constituinte: as redes digitais como ambiente em que se desencadeia. “Começou nas redes sociais [...], já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os

canais de comunicação [...]”, diz Castells (2013, p. 10), ao descrever a formação desse tipo de fenômeno.

Basta uma breve busca no *Facebook* com o termo “Movimento Passe Livre”, ou a sigla “MPL”, para que se identifiquem nos acontecimentos registrados no Brasil indícios da forma de organização dos movimentos em rede (ou de ocupação global). E, assim, o movimento que reivindicava a tarifa-zero no transporte público e melhores condições na prestação do serviço levou mais de um milhão de pessoas às ruas de todo o país nas manifestações do dia 20 de junho de 2013³⁶.

O acontecimento compreendido, aqui, como propulsor de semioses diversas no espaço público é a primeira manifestação de grandes proporções organizada pelo MPL em São Paulo (SP), em 11 de junho de 2013: aproximadamente 11 mil pessoas foram à Avenida Paulista protestar contra o reajuste da tarifa do transporte público de ônibus, trem e metrô, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, decretado pelo prefeito Fernando Haddad e pelo governador Geraldo Alckmin dias antes. Houve depredação de estações do metrô e de estabelecimentos comerciais.

Na disputa de sentidos que se estabelece em torno do acontecimento, a *Folha de S. Paulo* publica editorial na edição de 13 de junho, dia em que o MPL organizava nova manifestação, intitulado “Retomar a Paulista” (RETOMAR..., 2013), em que defende uma intervenção mais enérgica do Estado, de modo a evitar ações mais radicais. Resultado: o governo de São Paulo aciona a tropa de choque da Polícia Militar e determina que os manifestantes sejam impedidos de acessar a Avenida Paulista.

A mobilização começa às 17 horas do dia 13. Cerca de 20 mil pessoas saem do Teatro Municipal, no Centro da cidade de São Paulo, em direção à avenida, que tem todos os seus acessos bloqueados pela polícia. Quando os manifestantes avançam, policiais, a cavalo e a pé, disparam balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo indiscriminadamente entre a multidão, do que decorre centenas de pessoas gravemente feridas; entre elas, jornalistas. A repórter Juliana Vallone, da *Folha de S. Paulo*, torna-se símbolo da violência, com registros em veículos concorrentes, como o jornal *O Estado de S. Paulo* (“Repórter é baleada no olho com bala de borracha em SP” (ZANCHETTA, 2013)), ao ser baleada no olho por uma bala de borracha disparada pela polícia (Figura 4).

³⁶ A pesquisa de campo que oferece subsídios à esta tese foi realizada na redação da *Folha de S. Paulo* e ocorreu, coincidentemente, entre 17 e 24 de junho de 2013. A chegada à cidade de São Paulo, contudo, é a 13 de junho, do que decorre o acompanhamento presencial das manifestações que compõem as Jornadas de Junho neste período.

Figura 4 - Juliana Vallone, repórter da Folha de S. Paulo, após ser atingida por bala de borracha



Fonte: Diego Zanchetta/Estadão Conteúdo.

Ainda durante o conflito do dia 13, mas em maior profusão no dia seguinte, semioses difusas desencadeiam-se nas redes sociais, significando os acontecimentos a partir da violência policial como signo marcante. Em solidariedade ao MPL paulista, mobilizações são marcadas, pelo *Facebook*, em inúmeras outras cidades para o dia 17 de junho de 2013, quando 70 mil pessoas vão às ruas de São Paulo e mais de 250 mil em todo o Brasil. No dia 20 de junho, o movimento atinge a marca de mais de 1 milhão de pessoas nas praças e avenidas brasileiras – mais de 110 mil só em São Paulo, segundo levantamento do instituto *DataFolha*³⁷.

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois se formaram redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, p. 9-10).

A caracterização dos movimentos de ocupação global que faz Castells é ainda em sentido mais amplo. Poderia, contudo, estar descrevendo as mobilizações brasileiras. Das 11 mil pessoas do acontecimento fundante, em São Paulo, aos mais de 1 milhão em todo o país, as demandas se complexificaram: da revogação do aumento da tarifa – decretado também em outras cidades no período – aos gastos com a Copa do Mundo de futebol no Brasil em 2014 ou o combate à corrupção.

³⁷ <<http://datafolha.folha.uol.com.br/>>.

E as manifestações articuladas e significadas em rede levam o poder público a ações concretas. No dia 21 de junho, em rede nacional de rádio e televisão, a presidente Dilma Rousseff anuncia uma série de medidas em acordo – ainda que parcialmente – com as reivindicações populares. Antes disso, no dia 19, o prefeito e o governador de São Paulo, Haddad e Alckmin, já haviam anunciado a redução da tarifa do transporte público aos R\$ 3,00 anteriores ao reajuste. No Congresso Nacional brasileiro, durante o período das manifestações, votação de proposições em tempo recorde, como a caracterização da corrupção como crime hediondo e a rejeição da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) de número 37, que restringia o poder de investigação do Ministério Público.

O espaço público, o das praças, das avenidas, tem uma extensão. Um espaço de compartilhamento de sonhos, intenções, como refere Castells (2013, p. 158), que leva as pessoas, superado o medo, às ruas: “[...] a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimuladas por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação”.

Os efeitos que esse fenômeno tem sobre o jornalismo, produzindo a crise do campo – tanto na sua dimensão social quanto profissional –; sobretudo, sobre a forma como conta a história dos acontecimentos, é o que o próximo capítulo se propõe a analisar.

4 CRISE SISTÊMICA NA SEMIOSFERA CONTEMPORÂNEA

Nesse ambiente conflituoso no que tange à correlação de forças sociais, especialmente, ante as novas formas de intervenção na esfera pública, é defendida a existência de uma crise na semiosfera contemporânea que tem, como entorno conceitual, aproximações entre perspectivas sistêmicas, semióticas e sociais.

Quando cotejada ao jornalismo como sistema modelizante, a face mais tensa da crise se evidencia. Isso porque as semioses processadas e compartilhadas pelos movimentos de ocupação global, com acontecimentos propulsores que os põem, no mais das vezes, no seio do objeto semiótico representado pelo jornalismo, expõem as sobras de que fala Santaella (2008) em signos que circulam nas redes sociais digitais.

Parte do propósito deste capítulo, então, é caracterizar esse ambiente de tensão.

A ideia de que existe uma crise no jornalismo prolifera-se a partir de diferentes fontes, e tem gerado reflexões no campo profissional e acadêmico, já referidas neste texto³⁸. É necessário, entretanto, precisar a natureza dessa crise com dados processuais advindos de práticas jornalísticas em distintas e convergentes plataformas, que se convertem em palco de transformações significativas.

Ao mesmo tempo, mobilizações sociais de diferentes naturezas, mas conectadas em redes digitais, desencadeiam novas articulações e constituições na relação acontecimento/notícia, cuja propulsão produz tensões. A partir desses pressupostos, propõe-se a formulação de um desenho conceitual para o entendimento da crise, cotejando-o com inferências produzidas por outros exercícios realizados ao longo da pesquisa, que buscam entender um universo que é complexo nas suas processualidades, configurações e linguagens.

Compreende-se a crise a partir de uma perspectiva sistêmica, oriunda das transformações introduzidas na Teoria Geral dos Sistemas a partir da investigação dos chamados sistemas abertos, dinâmicos e fora do equilíbrio (BUNGE, 1999; MAINZER, 1994; PRIGOGINE, 1996). A ela são associados conceitos da Teoria Geral dos Signos, de C. S. Peirce, e da semiosfera concebida por Yuri Lotman.

Um primeiro movimento, breve, porém indispensável, dá conta de localizar o lugar do jornalismo na semiosfera – de modo semelhante ao que fora proposto na relação entre jornalismo e esfera pública, no primeiro capítulo, e que ainda será aprofundado adiante. Não

³⁸ Essa perspectiva de crise na semiosfera contemporânea, com implicações diretas sobre o jornalismo, já foi trabalhada em artigos em coautoria com o orientador da pesquisa de doutorado em curso, professor Ronaldo Henn (OLIVEIRA E HENN, 2014a; 2014b; HENN E OLIVEIRA, 2015).

sem antes começar pela retomada do próprio conceito. Henn (2008, p. 11) contribui, lendo Lotman, ao explicar que a semiosfera é o:

[...] espaço produzido por todos os processos de semiose e traz, para o plano da cultura, dinâmicas isomorficamente próximas ao que acontece no plano da vida, cujos processos constroem a biosfera. Isso significa que a semiosfera comporta-se como sistema não linear, sujeito a flutuações tanto pequenas como estrondosas e que está em contínuo processo de mudanças que podem culminar em transformações radicais.

E quando avança para a relação direta com o jornalismo, defende que: “Como a semiosfera engloba o conjunto das dinâmicas culturais, é neste espaço conflitante e ruidoso que se dá a produção de sentido [...], operação na qual o jornalismo assume grande protagonismo” (HENN, 2008, p. 11).

4.1 REDE CONCEITUAL

O exercício conceitual a seguir apoia-se em indícios apurados em investigações com base em *ciberacontecimentos* que se processam em rede e têm características muito peculiares (HENN, 2013a) e fenômenos sociais que têm marcas dos movimentos de ocupação global.

Num primeiro momento, apresenta-se a perspectiva sistêmica, seguida pela definição da crise – e da semiose como elemento catalisador – e a contextualização do jornalismo nesse processo para, por fim, apontar as tensões que são geradas nas práticas jornalísticas.

4.1.1 Sistemas abertos como perspectiva lógico-teórica

A perspectiva dos sistemas abertos que orienta a reflexão, já trabalhada por Henn e Oliveira (2015), nasce da percepção de que processos físico-químicos do universo são pautados por parâmetros significativos de indeterminação e incerteza (MAINZER, 1994; MORIN, 1986a).

A concepção de um universo fechado e previsível, desenhado pela mecânica clássica, é confrontada com outras, principalmente, as que incorporaram desdobramentos da segunda lei da termodinâmica, a entropia – potencial destruição do sistema pela falta de coerência lógica (HARRISON, 1975). O desgaste energético implicado na entropia, num universo como sistema fechado, produziria a morte térmica, entropia máxima ou caoticidade total.

As investigações de fenômenos biológicos, entretanto, abriram novos horizontes de constatações: em que pese a tendência à entropia acoplada a um direcionamento do tempo de comportamento irreversível (PRIGOGINE, 1996), existem sistemas capazes de revertê-la, gerando organização localizada. São sistemas auto-organizacionais ou autopoieticos, que Gell-Mann (1996) designa como “sistemas adaptativos complexos”. Entre suas principais características destaca-se o fato de serem desdobramentos de singularidades pautadas pelo acaso (a vida na terra é o grande exemplo), vulneráveis às transformações do meio ambiente (exatamente por serem abertos, dinâmicos e dependerem energeticamente ou informacionalmente do meio externo) e sujeitos a flutuações com potencial de produzirem transformações significativas no sistema (VIERA, 1996). A tendência à permanência, porém, pode ser garantida pela força auto-organizacional do sistema.

A Matemática do Caos (GLEICK, 1988; STEWART, 1989), a Geometria dos Fractais (BARNSELY, 1998; LIEBOVITCH, 1998) e a Teoria das Estruturas Dissipativas (PRIGOGINE; STENGERS, 1984) estão entre os modelos teóricos desenvolvidos ao longo do Século 20 que endossam essa perspectiva.

Esses sistemas, mesmo que naveguem no aberto e na indeterminação, possuem padrões de similaridade e de replicação dinâmicos que elevam seus graus de complexidade. Existe um conjunto de condições iniciais que disparam processos regidos por aquilo que Lorenz, citado por Mackenzie (2005), definiu como “atrator estranho”. O próprio Mackenzie fala em “sensibilidade às condições iniciais”, que podem ser entendidas como consequência do número incalculável de possibilidades que surgem quando um grande número de entidades interage.

Dito de outra forma, a singularidade – que também pode ser associada ao conceito de acontecimento (HENN, 2010) – gera alta complexidade, mas vinculada a estruturalidades que, no campo semiótico, entende-se por códigos.

A transição da perspectiva sistêmica das ciências naturais para as ciências humanas se dá por uma das principais inspirações teórica desta pesquisa. A ideia de que sistemas gerados pela espécie humana, como sociedade, cultura e linguagem, comportam-se como sistemas desse porte e com alto grau de complexidade ganhou força, mais acentuadamente, a partir dos anos 1970 (BUNGE, 1979; CHARDIM, 2001; LANGER, 1981; MORIN, 1975; MORIN, PIATTELI-PALMARINI, 1975; PRIGOGINE, 1976; VIEIRA, 1996). A capacidade autorreprodutora dos códigos culturais e linguísticos – que estão armazenados em uma mente coletiva, abstrata, que Chardim (2001) designou como noosfera e, mais tarde, Yuri Lotman (1996) conceituou como semiosfera – é um indício notável desse comportamento. Como os

demais sistemas, são fortemente vulneráveis a flutuações críticas, que podem, até mesmo, dizimá-lo.

Todos os sistemas possuem parâmetros dos quais dependem para sua plena processualidade. A conectividade está entre eles: o sistema só existe na medida em que elementos se conectam e compartilham. Mario Bunge (1979) define o sistema como um agregado de elementos que partilham entre si alguma coisa em comum. Os objetos concretos estão conectados entre si de diversas maneiras. Somente o universo como um todo não está, a princípio, conectado com outras coisas. Mas o universo é um sistema de sistemas e não um mero agregado; todos os seus componentes interagem com outros, seja direta ou indiretamente (BUNGE, 1999).

O que diferencia um sistema de um mero agregado ou conjunto é uma estrutura, isto é, um conjunto de relações entre componentes do sistema ou de operações sobre o mesmo.

Consideremos um sistema S em um instante T dado. Chamaremos $C(S,T)$ a composição ou coleção de todas as partes de S em T . Chamaremos de $E(S,T)$ o entorno de S em T , ou seja, a coleção de todas as coisas que, sem estar em $C(S,T)$, atuam sobre S ou estão sujeitas a ação de S no tempo. Dado que os componentes do sistema atuam entre si, S tem uma endoestrutura. Esta é a coleção de todas as relações – em particular os enlaces ou conexões – entre vários componentes (BUNGE, 1999, p. 15).

Desse desenho emerge a ideia de que um enlace ou conexão entre duas coisas é uma relação que sempre modifica ambas. É nesse cenário sistêmico que se conceitua a ideia de crise proposta. Existe um parâmetro sistêmico chamado estruturalidade, que corresponde aos nexos que o sistema vai estabelecendo num processo auto-organizacional. Em Prigogine (1996), essa estruturalidade passa necessariamente pela instituição do tempo que, nos processos entrópicos, apresenta-se irreversível (HENN, 2013b). O crescimento da entropia designa, pois, a direção do futuro, quer no nível de um sistema local, quer no nível do universo.

Ao produzirem organização localizada para o controle da entropia, na condição de abertos e dinâmicos, os sistemas geram novos processos. Quanto mais complexo o sistema, mais vulnerável ele será às flutuações e crises, e mais intensa será sua força auto-organizacional, com grande carga informativa (HENN, 2013b). Essa força produz uma geração de estruturalidades (PRIGOGINE, 1996). Trata-se de estruturas dissipativas, porque o sistema só garante sua permanência via auto-organização caso dissipe-se, como se ficasse em um estado contínuo de metaestabilidade (VIERA, 1996). Para Urry (2005), são ilhas de novas

organizações dentro de um mar de desordem, que se mantêm ou mesmo aumentam sua organização à custa da entropia total.

4.1.2 Uma definição de crise

É esse o sentido da crise ora defendido: uma flutuação intensa, provocada por novos modos de conectividade que transformam os processos como um todo. Mas quando ultrapassam os parâmetros críticos, amplificam as flutuações, podendo gerar crises de tal alcance que obrigam o sistema a avançar. Alguns sistemas podem sucumbir. Ao vencerem uma crise, porém, ressurgem reorganizados, reestruturados, e com a identidade potencialmente modificada.

Esse comportamento sistêmico possui grande semelhança nos modos como Yuri Lotman (1996) desenha o conceito de semiosfera: espaço de confluência e metabolização de todas as semioses, ou seja, dos processos que produzem sentidos na sociedade.

Antes de Lotman, Chardin (2001) havia cunhado o termo noosfera: espaço em que as ideias e realizações humanas (inclusive na sua dimensão tecnológica) ganham vida e se proliferam. Morin (1998) segue essa designação e fala em realidade noológica, submetida a uma dialógica ininterrupta de ordem/desordem/organização em que as ideias nascem, transformam-se e sucumbem.

O que a semiosfera de Lotman traz de distinto é uma materialidade semiótica, produzida por textos da cultura. Materialidade que se organiza a partir de uma estruturalidade que a própria cultura produz (LOTMAN; USPENSKII; IVANÓV, 1981). Mesmo sem utilizar essa designação, eles estão propondo um espaço semiótico como um sistema auto-organizacional (HENN, 2013b).

Não é um espaço homogêneo, ao contrário. É regido por códigos e flutuações muitas vezes conflitivas. “A cultura exclui continuamente do seu próprio âmbito determinados textos”, ensinam Lotman e Uspenkii (1981, p. 41), propondo que há um espaço extrassistêmico, que chamam de “fundo de não cultura”, em que extratos culturais são invisibilizados ou silenciados.

Na sua última obra, *Cultura e Explosão*, Lotman (1999) precisa melhor essas relações ao focar-se no que entende como regiões de fronteiras. Aquilo que está inativo nos espaços extrassistêmicos continua pulsando e, por meio das permeabilidades fronteiriças e operações de tradução, pode gerar outros códigos, estruturalidades e transformar o sistema. Tais

processos podem ser lentos, graduais, ou explosivos, convulsivos. Quando entram nessa última categoria, há, segundo Lotman, um elevado aumento de semioticidade social.

Bergé, Pomeau e Dubois-Gance (1995) lembram que as sociedades humanas oferecem inúmeros exemplos de transformações brutais e buscam entendê-las a partir de padronizações sistêmicas. Kauffman (1995) assegura que processos dessa natureza têm sempre forte componente de caoticidade, já que uma sociedade com trocas reduzidas pode manter-se em estado caótico, sem progresso, mas também sem grande catástrofe, ao passo que o aumento das trocas permite que se passe bruscamente a uma dinâmica muito mais rica e complexa.

Na concepção que defende Kauffman, é bem possível que a Revolução Industrial, como exemplo, deva-se mais ao aumento de trocas que a viabilizou do que aos inventos propriamente ditos.

Essa ideia é confluyente aos processos semiosféricos propostos por Lotman. Na medida em que novas conectividades surgem, outros códigos se estabelecem com fluxos de semiose distintos, que geram outras possibilidades de estruturalidade: esse é o desenho de uma crise que não tem, a rigor, uma conotação negativa, destrutiva, mas, ao contrário, pode apontar para transformações alvissareiras.

No projeto sistêmico de Niklas Luhmann (1995), a comunicação é elemento constituinte da sociedade, mas também oferece um lugar na ordem social a tecnologia, técnicas e artefatos. Só que, nessa perspectiva, a tecnologia pode levar a uma redução da complexidade, fora o fato de que o acoplamento desenhado pelo autor para falar de inter-relações entre sistemas não viabiliza a força processual e crítica de um sistema aberto e dinâmico.

No modo como se está entendendo a crise, a tecnologia, sobretudo pelas apropriações sociais, possui um caráter ativo, como uma espécie de mente auto-organizacional muito mais próxima daquilo que Bruno Latour (2008) compreende como pensamento não humano nas ferramentas que viabilizam as conexões em rede.

Não se trata, a rigor, de uma novidade, na medida em que Peirce (2002) já tinha a compreensão de mente como qualquer coisa que processasse informação, independentemente do suporte. Latour oferece, entretanto, aportes substantivos para a compreensão desse fenômeno em termos contemporâneos.

4.1.3 Semioses difusas no âmago da crise

É em Peirce (2002) que o conceito de semiose ganha estatura definitiva. Cabe, portanto, retomá-lo brevemente antes que se avance.

Todo o signo vincula-se a um objeto a partir de uma determinação lógica: o signo só existe em função da sua capacidade de representar um objeto, que por conta disso lhe determina. E objeto não é necessariamente uma coisa; pode ser um sentimento, uma impressão, algo imaginado e não verbal. Mas o signo só se completa na medida em que ele gera um interpretante, outro signo que se vincula ao mesmo objeto. O interpretante gera outros e outros, num processo de potencialidade infinita.

Há, nesse jogo, uma dupla atividade do signo que, ao mesmo tempo que representa, produz interpretação sobre o objeto representado.

Os interpretantes podem ter caminhos diferentes por conta daquilo que já fora caracterizado como experiência colateral: os repertórios que as mentes interpretantes acumulam são acionados nos enquadramentos da produção de sentido. Do mesmo modo, os signos são articulados em codificações diversas (implicadas no fundamento do signo) que podem, tendencialmente, produzir certos direcionamentos de semiose (HENN, 2002). São processos movidos por comportamento sistêmico; caóticos, sujeitos à.

Os códigos em que os signos se articulam, alguns mais rigorosos e outros bastante porosos, funcionam como atratores estranhos num mapa de estados (HENN, 2002). Aproximando o conceito de semiose de Peirce com o de semiosfera de Lotman, pode-se inferir que, por conta dessas características, o espaço semiótico é um lugar de disputas de sentido propulsionado por semioses que não são, a rigor, deterministas. Os fluxos dessas semioses, disparadas por novos processos de conectividade, podem gerar flutuações com grandes níveis de tensão, produzindo situações críticas.

O jornalismo é um sistema social de grande imponência. É um espaço institucional de mediação social que tem, como principal atribuição, a transformação do acontecimento em narrativas inscritas em códigos historicamente constituídos. Essa atividade discursiva (BENETTI, 2010; CHARAUDEAU, 2006) ou semiótica (HENN, 1996) detém a prerrogativa de organizar, selecionar e hierarquizar os acontecimentos do mundo a partir de enquadramentos que se vinculam às conexões delicadas do sistema jornalístico com os diversos sistemas sociais, destacando-se a predominância de vínculos mais comprometidos com o capital e os setores de poder político (OLIVEIRA, 2012a).

Tradicionalmente, a semiose da notícia segue um percurso linear. Nos radiojornais e telejornais, ainda há algum espaço de imediatividade e repercussão instantânea, mas, nos formatos impressos, as semioses produzidas pelas narrativas jornalísticas assumem uma temporalidade mais esgarçada.

Quando os jornais migram para a internet e assumem características como a hipertextualidade, instantaneidade, multimidialidade e interatividade (BARBOSA, TORRES, 2012; MACHADO E PALÁCIOS, 2003; MIELNICZUK, 2003; PALÁCIOS, NOCI, 2009; SCHWINGEL, 2012), os fluxos da semiose também iniciam processos de transformação consideráveis.

Com a consolidação das redes sociais digitais, essas transformações atingem patamares inéditos. Há a possibilidade de sentidos serem rapidamente disseminados e contestados e coberturas jornalísticas postas em xeque. As redes digitais transformam-se em espaço de várias dinâmicas do próprio jornalismo, desde o compartilhamento de links noticiosos até a proliferação de outras versões, ou mesmo notícias *fakes* ou *trollagens* (ZAGO, 2011).

As redes sociais digitais passam a ser lugares constitutivos de acontecimentos jornalísticos na medida em que já existem, em grande profusão, acontecimentos que possuem a textura do meio, designados como ciberacontecimentos (HENN, 2013a).

Os movimentos de ocupação global, como o *Occupy Wall Street* e o *Indignados*, e seus vários desdobramentos, como as *Jornadas de Junho* de 2013 no Brasil, são exemplos nesse sentido. Boa parte dessas mobilizações é articulada pelas redes digitais, as narrativas são produzidas *in loco* pelos próprios participantes e o que é veiculado pela imprensa gera uma grande e instantânea discussão pública, com muitas contestações aos enquadramentos articulados.

A semiose da notícia agora tem outros pontos de propulsão. Chesters e Welsh (2005) assinalam que, dos movimentos de mobilização global emerge um espaço de tendência fractal semelhante às padronizações de autossimilaridade característicos dos sistemas complexos em que os modos simbólicos de contestação, a democracia discursiva e os transbordamentos de conflitos antagônicos nas fronteiras atravessam várias escalas, do local ao global.

Essa replicação autopoietica detectada por Chesters e Welsh, que se espalha hoje em outros padrões de semiose (que são essencialmente auto-organizacionais) agenciados pelas redes digitais, está no epicentro da crise diagnosticada.

4.2 O JORNALISMO EM CONTEXTO DE CRISE

Na perspectiva dos sistemas abertos, a autopóiese possibilita a emergência de outros sentidos sobre o mundo, constantemente. E nos movimentos de ocupação global, essa é uma marca: não há aquela homogeneidade que caracterizou historicamente os movimentos sociais ortodoxos. Por um signo estritamente simbólico, “Ocupai”, demandas concretas das mais variadas ordens e localidades tomam forma na semiosfera, significadas, em rede, e repercutem na esfera pública – entendida também, não é demais reiterar, como semiosfera.

A possibilidade de significar os acontecimentos e compartilhá-los conferida aos movimentos sociais pelo advento das redes digitais impõe ao jornalismo, como sistema de produção de sentido, a necessidade de rever-se, em si, de modo a minimizar os efeitos da entropia iminente, dando a ver mais da complexidade dos acontecimentos – complexidade, a propósito, que está no cerne da ideia de sistemas abertos e é característica essencial dos movimentos de organização em rede, que aumentam gradativamente seu protagonismo nos conflitos sociais.

É uma expressão do que Prigogine entendia – ao considerar fenômenos naturais, vale lembrar – ser a auto-organização de um sistema aberto, incitada pela interação com os demais, considerando, inclusive, a complexidade do sistema jornalístico.

Porque além de serem abertos, quando se considera uma célula ou uma cidade, percebe-se que estes sistemas vivem de sua abertura. A cidade e a célula morrerão se isoladas do seu meio, pois são uma espécie de encarnação dos fluxos que se transformam continuamente (PRIGOGINE, 1996, p. 102).

As redes sociais digitais são o ambiente que concretiza essa heterogeneidade e, diferentemente de quando o jornalismo tinha sua condição pouco ameaçada na esfera pública, constituem-se como um espaço de disputa de sentidos entre os diferentes sistemas que se dedicam a interpretar o mundo conforme seus repertórios e interesses: o sistema social propriamente dito, o sistema capital/mercado, o sistema político etc.

É este o fenômeno que produz sobre o jornalismo a sua crise, de uma radicalidade que poderia levá-lo à entropia total caso não reagisse – mesmo que essa reação seja, a rigor, instintiva, como se verá à frente.

As sobras do objeto dinâmico, aquilo que escapou do objeto imediato que o jornalismo representou no signo atuando, majoritariamente, como interpretante energético, compõem signos produzidos por outros agentes que, atualmente, podem compartilhá-los em larga escala, especialmente com base em ciberacontecimentos (HENN, 2013a) – que agora passam,

finalmente, a ser objeto de definição conceitual: acontecimentos que só são possíveis; materializam-se e, do ponto de vista da linguagem, afetam mentes interpretantes, pelas redes sociais digitais; uma imagem registrada por um dispositivo móvel pelo participante de um protesto de rua e compartilhada em plataformas como *YouTube*, *Facebook* ou *Twitter*.

As semioses que se desencadeiam em rede são difusas, processadas por interpretantes que acionam hábitos distintos daqueles nos quais o jornalismo estabelece sua matriz. É justamente esse o movimento que tem chamado a atenção de profissionais, como nas manifestações reportadas na introdução da presente tese, que se veem diante da exposição de uma das facetas do jornalismo: o difícil exercício da alteridade.

4.2.1 Ecos da crise

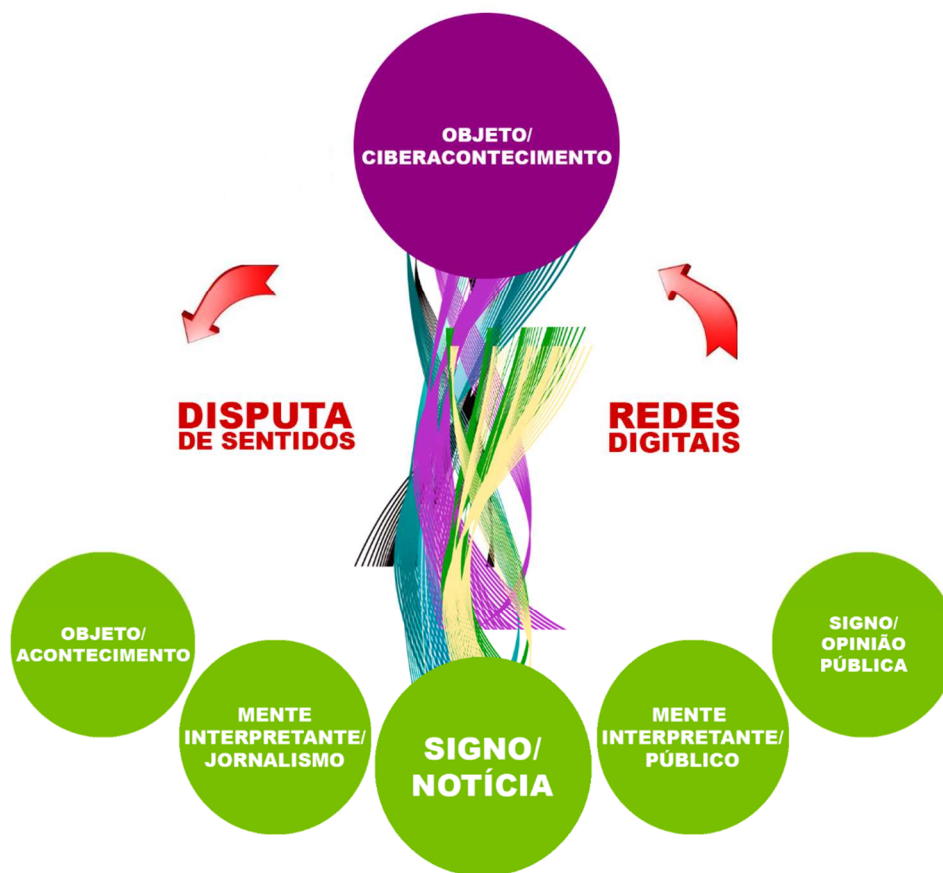
Em meio a esse cenário de crise conceituada até aqui, emergem casos que expressam sua face mais concreta e que provocam reflexões acerca do “modo de fazer” cristalizado pelo jornalismo. A proposta, neste momento, é dissecá-lo de modo a elucidar o desenho conceitual.

Uma reflexão sob o prisma da contemporaneidade leva à suspeita de que, embora o protagonismo do jornalismo mantenha-se forte e a chancela dos formatos convencionais ainda concentre o estabelecimento das pautas públicas, outros sistemas começam a disputar com ele esta condição.

As redes sociais digitais, nesse contexto, consideradas, ao mesmo tempo, ambiente de concretização da crise e possuidora de sistemas de dinâmicas próprias, têm, em níveis diferentes, mas constantemente, gerado tensões às práticas jornalísticas.

Ao passo em que o jornalismo significa os acontecimentos numa semiose orientada pelos legi-signos que o compõem, nas redes sociais outras semioses se desenrolam, configurando uma *disputa de sentidos* (ou *disputa de signos*) sobre a realidade que se desenrola na semiosfera contemporânea. Na Figura 5, o diagrama esboça uma tentativa de expressar graficamente essa ideia.

Figura 5 - Circuito de significação dos acontecimentos em rede



Fonte: Christian Gonzatti/LIC.

Diante da tragicidade do acontecimento, a repercussão midiática do ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, na França, que resultou na morte de 12 profissionais do satírico periódico –; em seguida, outras cinco pessoas – é uma expressão prodigiosa da disputa de sentidos a que o diagrama se refere. Especialmente, pelo que contém de representativo dessa semiosfera contemporânea, oferece subsídios importantes para a compressão dos fenômenos sobre as quais esta tese se debruça, como fora defendido em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2015)³⁹.

Basta ater-se ao acontecimento, em 07 de janeiro de 2015, ao dia seguinte, com base nos signos produzidos pelo *The New York Times*, para que se recolham indícios da disputa de sentidos em torno dos campos problemáticos que ele potencialmente revela.

A primeira representação que a página do jornal estadunidense na internet faz é apenas com fotos de agências de notícias. Um signo cuja predominância da primeiridade é facilmente identificada: seis imagens com legendas que só as descrevem. Porém, há em uma delas uma

³⁹ A repercussão do acontecimento nos EUA foi acompanhada durante estágio na Universidade Estadual da Pensilvânia.

relação, no que se pode considerar predomínio da secundidade, com o fato de que o jornal teria sido atacado “por satirizar o Islã e o profeta Maomé” (DEADLY..., 2015, tradução nossa).

Ao longo do dia 07 de janeiro, os signos produzidos pelo *NY Times* como interpretante energético, baseando-se na informação de que os atiradores responsáveis pelas mortes teriam anunciado sua relação com o Islã, dão a ver de um campo problemático acima de qualquer outro: a liberdade de expressão.

Destacam-se duas entre as matérias publicadas.

A primeira, cujo título é “Mundo expressa choque em ataque ao jornal Charlie Hebdo”⁴⁰, representa a opinião de 16 fontes oficiais. Todas de origem ocidental, com exceção do primeiro ministro do Egito e do presidente da União das Mesquitas Francesas, que reivindica na sua fala a França como o seu país.

Nenhuma das fontes tensiona a atribuição da culpa ao Islã, como religião e cultura. A representação do “mundo”, assim, restringe-se ao Ocidente.

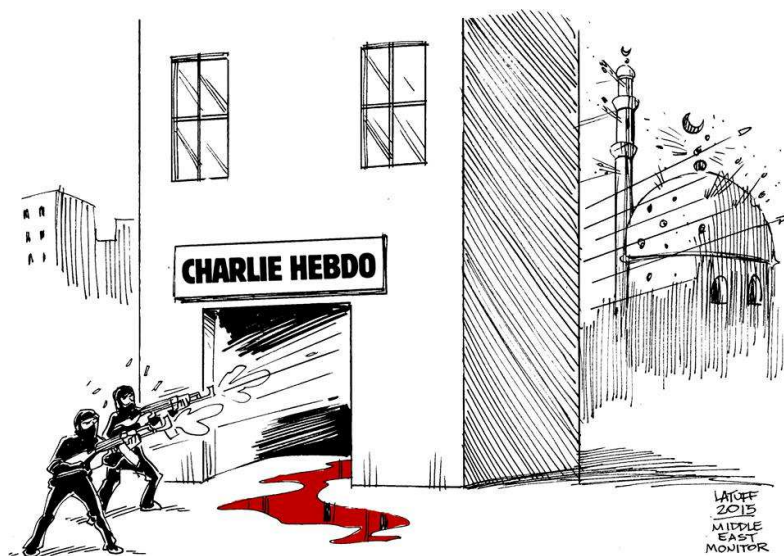
Na segunda matéria, de título “Mensagem 'Je Suis Charlie' viraliza após ataque de Paris”⁴¹, justamente as redes sociais digitais e os signos que nela circulam são o objeto. Entretanto, apenas a mensagem “Eu Sou Charlie”, na livre tradução do Francês para o Português, é representada.

Signos materializados em ciberacontecimentos, como charge compartilhada pelo cartunista brasileiro Carlos Latuff em sua página no *Facebook* (LATUFF, 2015), representando um aspecto do objeto dinâmico que dá a ver também do difícil exercício da alteridade entre a cultura Ocidental e o Islã (com limitações de ambas as partes), são omitidos como campo problemático (Figura 6).

⁴⁰ Livre tradução. Disponível em: <http://www.nytimes.com/aponline/2015/01/07/us/ap-eu-france-newspaper-attack-quotes.html>. Acesso em: 16 fev 2015. Quando da finalização desta tese, este endereço eletrônico citado não estava mais disponível.

⁴¹ Livre tradução. Disponível em: <http://www.nytimes.com/aponline/2015/01/07/us/ap-eu-paris-attack-i-am-charlie.html>. Acesso em: 16 fev 2015. Quando da finalização desta tese, este endereço eletrônico citado não estava mais disponível.

Figura 6 - Charge publicada em 07 de janeiro de 2015 pelo cartunista Carlos Latuff



Fonte: Latuff (2015).

É depois de um movimento de renúncia à autoria do ataque pela comunidade islâmica nas redes sociais, atribuindo-a a grupos radicais específicos, que essa interpretação ganha vazão no *The New York Times*. Artigo produzido por um de seus colunistas e publicado no dia seguinte ao ataque é representativo. Problematiza, já no título: “O Islã é o culpado pelos ataques ao Charlie Hebdo em Paris?”, e é acompanhado de uma nota final, em que o texto diz: “Esta coluna foi atualizada para refletir a evolução das notícias” (KRISTOF, 2015).

Baseando-se nessa compreensão, os sentidos conferidos aos acontecimentos pelo jornalismo competem com aqueles que circulam nas redes sociais digitais, a partir da intervenção de diferentes sujeitos, que operam diferentes semioses. É do que se depreende que haja um movimento de revisão das práticas, que pode impor aos profissionais de redação a tarefa de dar a ver mais dos acontecimentos.

Nesse quadro se impõe, com vistas ao pleno entendimento da proposta de compressão dos fenômenos, o aprofundamento do repetidamente referido conceito de ciberacontecimento, que diz respeito à emergência de acontecimentos jornalísticos que contenham, na sua constituição, a natureza das redes de compartilhamento da internet (HENN; HÖEHR; BERWANGER, 2012).

O acontecimento, ao mesmo tempo em que produz uma descontinuidade, afeta pessoas e sociedade em algum nível (QUERÉ, 2005). Sodré (2009) fala em “acontecimentalidade”, que está vinculada a um complexo relacional entre materialidades, dimensão simbólica e afetividade de sujeitos que vivenciam, de forma cidadina, o acontecimento. Parte dessa

experiência do acontecimento é narrada, inicialmente, nas redes digitais, o que lhe confere um grau de pertinência importante. Também as mídias locativas permitem uma aproximação mais orgânica com os acontecimentos, que podem ser desvendados em tons diferenciados, com outras possibilidades de fontes.

Esse conjunto de conexões forma hoje um ambiente semiosférico constitutivo dessa nova modalidade de acontecimento (e que não é homogênea, já que pode revelar situações sociais de grande densidade, assim como processos absolutamente supérfluos) e tendem a problematizar os fluxos tradicionais da produção das narrativas jornalísticas. A existência pública do acontecimento tem no jornalismo seu lugar preferencial de legitimidade e foco potencial de sua afetação e reverberação.

Trata-se de uma semiose cujo fluxo pautava-se, até então, por certa linearidade na transformação do objeto semiótico (acontecimento) em signo (narrativa jornalística), com produção de interpretantes (repercussão, afetação, agendamento). Essa lógica vem sendo reiteradamente abalada pelos processos de comunicação na internet e ganha texturas instigantes com a consolidação das redes sociais digitais (HENN, 2011b; HENN, HÖEHR, BERWANGER, 2012).

No caso descrito a seguir, ainda mais do que no anterior, há diversas manifestações desse movimento.

Em 25 de setembro de 2012, milhares de pessoas vão às ruas de Madrid, na Espanha, durante o “25S”, protesto organizado pelo *Indignados*. A principal bandeira: democracia real – ou direta. Desta vez, a pauta inclui a reivindicação de uma nova assembleia constituinte; a *Plaza del Sol*, em frente ao Congresso espanhol, é ocupada⁴².

Em síntese, o acontecimento: manifestação do *Indignados* que mobiliza a sociedade por uma nova constituinte, na expectativa de superar o que os manifestantes entendem ser a defasagem da atual constituição do país, um dos motivos para a desigualdade social e a falta de políticas públicas que atendam aos mais necessitados.

Índices de notabilidade que definem o que seja o estatuto do acontecimento jornalisticamente constituído (BENETTI, 2010), com os legi-signos que o determinam (OLIVEIRA, 2012a), são contemplados. Prova é que o principal jornal espanhol, o *El País*,

⁴² A repercussão do acontecimento, com a reunião de materiais oriundos das redes sociais digitais e da cobertura conferida pelo jornal espanhol *El País*, foi acompanhada com vistas à produção do relatório de qualificação, parte do processo de doutoramento.

publica em sua página eletrônica uma seção especial para as manifestações (EL PAÍS, 2012), para a sua representação como objeto de signos/notícia (Figura 7)⁴³.

Figura 7 - Seção criada pelo El País em sua página eletrônica para a cobertura do “25S”



Fonte: Registrado pelo autor a partir de El País (2012).

Um dos signos/notícia publicados no dia 25 de setembro tem como título “Quem rodeia quem” (HERVÁS, 2012), em alusão ao Congresso cercado pelos manifestantes; uma tentativa de explicar o que é o movimento, sua origem, e quem o compõe. Embora o texto aborde o clima de apreensão causado por protestos mais radicais, omite atos de violência da polícia.

Nas primeiras horas do dia seguinte, entre as notícias que o periódico publica está a de título “Protesto do 25S termina com carga, 64 feridos e 35 presos” (PERÉZ-LANZAC; BELAZA; HERVÁS, 2012). O texto trata da ação policial, que visava a evitar que os manifestantes ocupassem o Congresso e, como o próprio título sugere, faz um balanço das consequências.

Até aí, contudo, a significação do acontecimento não dá espaço para denúncias de violência. Ao contrário: o procedimento policial é legitimado pelo que resta do discurso que se produz.

⁴³ A captura da imagem da capa da seção especial é feita somente a 26 de setembro de 2012, quando a violência policial já é representada como parte do acontecimento – aspecto que fora omitido na cobertura do jornal espanhol durante todo o dia 25.

Paralelamente à cobertura conferida pelo *El País*, começam a circular nas redes sociais digitais, principalmente no *Facebook* e no *Twitter*, denúncias publicadas pelos próprios manifestantes ou por cidadãos que não participavam do movimento, mas presenciavam o acontecimento.

As denúncias acabam representadas na postagem, no *Youtube*, de vídeo em que o garçom Alberto Casillas – sua identificação só seria possível mais tarde, depois que o fenômeno chamou a atenção do jornalismo – aparece defendendo os manifestantes que se refugiam no estabelecimento em que trabalha e impedindo a entrada dos policiais (ALBERTO, 2012). Como signo, dispara uma semiose que leva à produção de diversos *memes* replicados nas redes sociais (Figura 8).

Figura 8 - Memes que circularam na rede, em alusão à atuação do garçom

En una imagen dedicada a los expertos en arte, Alberto Casillas protagoniza el cuadro "Los fusilamientos del 2 de mayo" de Goya.



La imagen de Casillas dividiendo una pelea entre el súper sayayin Goku y el malvado Freezer, forma parte de los "memes" que están circulando en Internet.



También es posible ver a Casillas separando la pelea ocurrida entre Zinedine Zidane y Fabio Cannavaro, luego que el francés le pegara un cabezazo al italiano Marco Materazzi en la final del Mundial de Alemania 2006.



Fonte: 24Horas.cl. Disponível em:

<<http://migre.me/t82nU>>. Acesso em: 28 fev 2016.

Perfil criado no *Twitter* que identifica Casillas como usuário (twitter.com/PorterodelPrado) passa a contar rapidamente com um número significativo de seguidores. E basta uma ligeira busca no *Facebook* para que se encontrem páginas criadas em alusão a ele⁴⁴.

⁴⁴ Como exemplos, ver: <<http://www.facebook.com/AnimaAAlbertoCasillasAQueimarSuCarnetDelPp>> e <<http://www.facebook.com/pages/Hommage-%C3%A0-Alberto-Casillas/154936717983883>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

No final do dia 26 de setembro, o *El País* publica entrevista concedida pelo garçom sob o título “Eu sou do PP, mas a polícia foi excessiva” (ANDREU, 2012). Alberto Casillas admite ser filiado ao Partido Popular (PP), de orientação conservadora, que governava o país, o que não o impede de ser crítico à ação violenta da polícia, razão pela qual decidiu intervir em defesa dos manifestantes. E a violência policial é significada como parte do acontecimento “25S”.

Na interação entre sistemas, o jornalismo é afetado pelas redes sociais digitais, no que se aponta uma das zonas de fronteira que se estabelecem na semiosfera contemporânea. Exatamente nas fronteiras, nos espaços de permeabilidades e traduções, que Lotman (1999) percebia a possibilidade de crises, algumas de caráter explosivo e desencadeadoras de mudanças significativas.

É do contato entre os sistemas que emergem novos sentidos sobre o “25S”, para além daqueles dados pelos textos inicialmente produzidos pelo jornalismo, que exercem, preponderantemente, a função comunicativa concebida por Lotman (1978).

O texto que sai dessa interação carrega, potencialmente, a função geradora de que fala Lotman. A interação entre dois textos distintos, o do jornalismo e o das redes, só é possível pela ação, também, da função mnemônica, que os põem em diálogo ao conservar os códigos de linguagem, mas significando os acontecimentos adiante. A memória é pensada não apenas como o que se volta ao passado e, sim, para o futuro, proporcionando novos arranjos na combinação dos códigos.

A truculência com que os protestos foram repreendidos em detrimento do grande acontecimento foi clinicamente percebida como ordinária, comum, nas palavras de Benetti (2010); não ascendeu à condição de acontecimento jornalístico. Isso em razão dos legi-signos que orientam a produção de sentido pelo jornalismo, que preservam a ordem acima das demais implicações do protesto promovido pelo *Indignados*.

Os primeiros signos/notícia que representam o “25S” como objeto dão a ver, no máximo, da quantidade de feridos em decorrência da ação policial. Só depois de um movimento de significação em massa nas redes sociais, denunciando os abusos, com Casillas como personagem, os excessos passam a ser significados como objeto de novos signos/notícia, no que parece ser uma expressão da disputa de signos advogada.

4.3 PISTAS PARA A COMPREENSÃO DA CRISE

Pistas para o enfrentamento da crise vêm sendo investigadas no campo durante toda a pesquisa, compondo trabalhos publicados ao longo dos últimos anos (OLIVEIRA, 2015).

Ao jornalismo caberia, numa tentativa despretensiosa de um devir ante a crise, o papel de reafirmar sua *função mediadora* na semiose (SANTAELLA, 2008) – entre o objeto e o signo, na condição de interpretante que produz o signo/notícia (HENN, 1996; OLIVEIRA, 2012a) –, de modo a escrutinar, entre os sentidos que circulam em rede – e na rede – os significados socialmente mais legítimos.

E a outros sistemas restaria, nas suas especificidades, ao significar os acontecimentos, a ação sígnica de fazê-lo conforme seus interesses, explorando essa semiosfera difusa que possibilita que semioses distintas e antagônicas constituam-se e repercutam significativamente. É do que decorre a suspeita de que, na semiosfera contemporânea, os movimentos sociais poderiam, potencialmente, ao menos, ocupar espaços mais promissores, mesmo com a mediação do jornalismo, ao tensioná-lo pelos sentidos que produz em rede, de pressão pelas suas demandas na esfera pública. A leitura é a de que o momento histórico é favorável.

No centro do debate, um desafio: o jornalismo precisaria avançar sobre o "modelo" calcado em preceitos como objetividade, imparcialidade, instantaneidade etc., para manter a legitimidade social que lhe imputa a prerrogativa de mediar a esfera pública, manter essa outorga; manter-se como sistema que produz certo tipo de conhecimento específico (ou, enfim, fazê-lo), baseado em convenções e teorizações que, historicamente, constituíram-no. Ao encontro dessa perspectiva, defende-se seja um movimento estimulado, especialmente, pelo ato de assumir sua função mediadora e sua intervenção na construção social da realidade.

Trata-se, ao cabo, da superação dialética de um "modo de fazer" que constituiu o jornalismo por uma simbólica informal, conforme Rodrigues (2000), a partir da outorga a ele conferida por outros sistemas sociais, a uma simbólica formal. Tal qual o sistema jurídico ostenta a toga, ou o sistema político a tribuna, o jornalismo firmaria sua simbólica pela capacidade específica de interpretar os acontecimentos e, ao produzir signos/notícia que os representam, contribuir, como instituição, para a construção social da realidade. A função mediadora, metaforicamente, seria a toga.

O jornalismo, historicamente, de forma velada – e conforme motivações do ponto de vista social pouco legítimas, mais econômicas –, procurou sua simbólica formal. Agora, se quiser manter-se como sistema de legitimidade social, terá de enfrentar esse processo às

abertas. No campo acadêmico, trata-se de uma batalha que o dá razão de ser – o campo específico do jornalismo como área do conhecimento.

Percebem-se movimentos nesse sentido também no campo profissional – de fato, mais até no campo profissional, que oferece um estrato empírico efetivamente concreto. São movimentos instintivos, pouco crítico-reflexivos, mas que expressam exemplarmente o momento de crise. É o caso do *Profissão Repórter*, da TV Globo, localizado na institucionalidade e dos mais notórios (KLEIN, 2012).

Há, no referido programa, uma clara reação ao momento em que o jornalismo passa a ser questionado, a partir do "modo de fazer" que o constituiu. Ao revelar, ainda que em parte, os bastidores da reportagem, oferecendo, pretensamente, "outros" sentidos acerca de acontecimentos que ocuparam a agenda do jornalismo *hard news*, é como se o programa dissesse: “sabemos que nós não somos capazes de dizer tudo sobre o mundo, mas nós tentamos dizer tudo o que podemos, conforme as premissas que nos fazem jornalismo”. Ou, em Peirce (*apud* SANTAELLA, 2008, p. 12): “O signo [...] representa seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos [...]”.

E encontram-se, ainda, reações mais reflexivas do campo profissional. Hauser e Berger (2014) debruçam-se sobre elas ao tentar identificar nas páginas de jornais de referência do Brasil e do exterior citações diretas do termo “crise do jornalismo”. O exemplo mais elucidativo é o blog *Periodismo con Futuro*⁴⁵, do *El País*, mantido por pesquisadores e jornalistas para discutir o momento atual.

Chama a atenção também a edição do programa de entrevistas “Milênio”, do canal de televisão brasileiro por assinatura *GloboNews*, da Rede Globo, que foi ao ar em março de 2014, em que o entrevistado é o antropólogo estadunidense David Graeber, um dos mentores dos movimentos de ocupação global, que cunhou a expressão “Somos os 99%”, referindo-se à maioria da população, contra o 1% que acumula as riquezas no mundo⁴⁶. Uma tentativa, evocando o intelectual, de entender essas novas formas de organização com vistas à reivindicação por demandas sociais. Elas se articulam em rede e fazem circular seus próprios signos, representando essas demandas. Eis que o momento de reflexão se materializa como objeto do jornalismo.

⁴⁵ Disponível em: <<http://blogs.elpais.com/periodismo-con-futuro/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

⁴⁶ O programa foi ar várias vezes no canal por assinatura e uma versão completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/milenio/videos/t/programas/v/antropologo-americano-autointitulado-anarquista-fala-sobre-onda-de-protestos-no-mundo/3155123/>>. Acesso em: 10 fev. 2015. Disponível também em: <https://www.youtube.com/watch?v=vZoDDyu_X_0>. Acesso em: 10 fev 2015.

É expressivo que o texto de abertura do entrevistador, Silio Boccanera, admita dificuldade para representar esse tipo de movimento: “A mídia busca líderes, mas não encontra. Porta-vozes? Qualquer um. Listas de reivindicações específicas para negociar, não aparecem. Partidos políticos tradicionais são rechaçados”. Há uma nítida tentativa de entender sua organização: “Os manifestantes operam conforme o que alguns chamam de horizontalidade, se ampliando para os lados, em contraste com a hierarquia vertical de movimentos semelhantes no passado”⁴⁷.

A própria *GloboNews* reivindica, institucionalmente, o lugar de mediação do jornalismo em campanha publicitária lançada a 21 de julho de 2013, um mês depois das chamadas *Jornadas de Junho*, quando informações produzidas pelos milhares de manifestantes pelo Brasil tomaram conta das redes sociais digitais. No dia do lançamento, matéria no portal de notícia na internet *GI*, da Rede Globo, com os vídeos das duas versões do comercial de televisão, justificava a campanha já no lide: “Para ressaltar o quanto a informação de qualidade é essencial e faz diferença na vida das pessoas” (GLOBONEWS..., 2013).

Ambas as versões fazem analogias e terminam com o slogan principal da emissora “GloboNews nunca desliga”. Na primeira, com imagens de água ilustrando, o texto do comercial é: “Se for só uma gotinha não sacia. Se for demais afoga. Se está contaminada não serve. Se não analisar é um perigo. Se não usar evapora. Sem conhecer a fonte não dá para confiar. E se não chegar até você é inútil”. Antes do slogan: “Informação é que nem água: vital”. Na segunda versão, as imagens de água dão lugar à comida e o texto é: “Se não for fresca não serve. Sem conteúdo não sustenta. Muito rebuscada complica. Se não cheirar bem é melhor investigar. Se não acrescenta você deixa de lado. Sem bom senso não é levada a sério. E quando é feita por quem entende você vê logo a diferença”. No encerramento: “Informação é que nem comida: alimenta.”.

Nos três exemplos envolvendo a emissora de televisão por assinatura, a dimensão instintiva da reação do jornalismo é o que salta aos olhos, para o que chama atenção diálogo estabelecido com Resende⁴⁸. O campo olha para si, como sujeito, sistema afetado nessa semiosfera contemporânea em crise; aponta para um movimento auto-organizativo, de controle da entropia. Não avança, porém, ao conhecimento de si de que fala Sartre (2015), que

⁴⁷ Transcrição do conteúdo acessado online.

⁴⁸ Ao comentar trabalho apresentado ao XXIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós (OLIVEIRA, 2015), o professor Fernando Resende alerta para o caráter eminentemente instintivo das reações do jornalismo ante a crise, nas manifestações também aqui reportadas, que visa a não mais do que manter o *status quo* das narrativas jornalísticas marcadas pelo semiose da notícia tradicional.

poderia, potencialmente, modificá-lo de modo a aprimorar-se. O que se manifesta é sempre a percepção da mudança pela intervenção do *Outro*.

[...] quando se trata de si próprio, não afirmo que conseguimos sempre, na prática, nos modificarmos; longe disso, porque o antissemita que se sabe antissemita muitas vezes continua antissemita. Eu digo que mudamos de estatuto, isto é, que passamos da subjetividade à objetividade, e que a relação que temos conosco se modifica. [...] será apenas pela experiência que ficará sabendo que o seu antirracismo não é uma espécie de reação limpa, honesta, violenta, contra tendências racistas que o senhor ainda possui, ou se se trata verdadeiramente de uma ausência completa de racismo (SARTRE, 2015, p. 66).

Ao contrário, então, numa tentativa de avançar à transformação do campo ante a crise, se oferece ao debate a perspectiva do jornalismo como processo (SALLES 2011), retomando a dimensão essencialmente coletiva da produção de conhecimento sobre os acontecimentos, potencializada pelas possibilidades que se constituem com a internet. É uma espécie de visada sobre o aspecto subjetivo da crise, que afetaria o estatuto ontológico do jornalismo, a outro, objetivo, das práticas de representação da realidade.

Salles faz esse movimento, primeiro, citando Colapietro (1989), que explica que o sujeito não é uma esfera privada e sim um agente comunicativo, distinguível, mas cuja identidade é constituída pelas relações com outros: não é apenas membro de uma comunidade, mas, como sujeito, tem a própria forma dela.

Depois, relacionando a discussão à produção jornalística, a autora vai dizer que: “É uma autoria distinguível, porém não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção para seu modo específico de ação” (SALLES, 2011, p. 3). Numa aproximação com a ideia da interação entre sistemas abertos na semiosfera contemporânea: “A autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede que vai se construindo ao longo do processo de criação”.

O entendimento é de que a disputa de sentidos na esfera pública, neste cenário de semiosfera reconformada, pode contribuir para um desvendamento mais profundo dos campos problemáticos que os acontecimentos revelam a partir do movimento de autorreflexão que impõe ao processo de criação jornalística, nos termos de Salles, e a exposição da sua face coletiva e de diálogo com o outro. E é com o propósito de aferir essa potência que o capítulo a seguir descreve as experiências observadas em redações de jornais de referência do Brasil, EUA e Espanha, na expectativa de compreender as transformações da semiose da notícia suscitadas por movimentos em rede.

5 REDAÇÕES EM AMBIENTE DE CRISE: FOLHA DE S. PAULO, *THE NEW YORK TIMES* E *EL PAÍS*

Quando junho de 2013 chegou, a crise já estava instaurada: o jornalismo tensionado como sistema de produção de sentido ante outras formas de representação dos acontecimentos, movimentos sociais articulando-se e constituindo suas identidades em rede desde a *Primavera Árabe*, pelo menos, e uma semiosfera contemporânea em que semioses difusas concretizam-se em ambientes digitais compartilhando interpretações de mundo. Mas junho de 2013 chegaria, de repente, para tensionar ainda mais a semiose da notícia até então estabelecida.

Não é exagero abrir este capítulo reproduzindo, no âmbito do jornalismo, a perplexidade que tomou conta do Brasil – e, antes, do mundo, como revelam intelectuais como Castells (2013). Foi justamente no período das *Jornadas de Junho* que a pesquisa de campo que dá lastro a esta tese se desenrolou. Foram sete dias de observação das práticas da redação do jornal *Folha de S. Paulo*, em São Paulo (SP), durante a semana que levou um milhão de pessoas às ruas, numa grande semiose desencadeada pelo aumento da tarifa do transporte público na maior cidade brasileira como objeto semiótico inicial e a violência policial contra os movimentos sociais como acontecimento propulsor.

Em meio a manifestações nunca antes vistas no país, comparáveis a acontecimentos históricos como o movimento *Diretas, Já!*, nos anos 1980, e o *Fora, Collor!*, na década seguinte, conforme o instituto *DataFolha*, desencadeava-se uma semiose da notícia promissora para a percepção das transformações a que o jornalismo é submetido neste ambiente de crise cujo catalisador são as redes sociais digitais e as possibilidades de produção e circulação de signos distintos daqueles produzidos por jornalistas na condição de interpretantes.

A escolha da redação a ser observada dispensaria justificativas. Para além daquelas mais subjetivas, que põem a *Folha de S. Paulo* como principal jornal de referência do Brasil, contudo, importa destacar a circulação diária: segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), de janeiro a dezembro de 2014, período mais recente com dados divulgados, a média foi de 351.745 exemplares ao dia, a maior do país (ANJ, 2016). Mais do que isso, a cidade de São Paulo, como berço das principais mobilizações sociais na história moderna do país, também a aconselhavam como campo pródigo para uma tentativa de compreensão do problema de pesquisa.

Nada poderia antecipar, porém, uma interface tão íntima entre as duas principais dimensões do objeto de estudos que se constitui aqui: movimentos em rede – e a consequente ocupação do espaço público – e o jornalismo como sistema de produção de sentido, tensionado por essas novas formas de intervenção social. Prova da relevância do momento histórico, interpretado pelo jornalismo como sistema de produção de sentido, é a participação do editor-executivo da *Folha de S. Paulo*, Sergio D'Ávila, em todas as reuniões de fechamento das edições do jornal durante a pesquisa de campo, o que, segundo relatos informais dos profissionais da redação, é pouco comum. Ou, ainda, a realização do documentário *Junho. O mês que abalou o Brasil*, com características de grande reportagem, produzido pela *TV Folha* e lançado um ano depois dos acontecimentos, em junho de 2014. Não por acaso, o primeiro longa-metragem do veículo mantido pelo periódico paulista.

Decorrem dessa importante coincidência, no que tange à pesquisa de campo, duas conclusões iniciais, contraditórias: 1) foi, sim, um momento vasto para a coleta de indícios e a produção de inferências sobre a forma como o jornalismo tem percebido o momento de crise e, mais ainda, como a tem enfrentado; 2) a realização da investigação na redação justamente durante uma expressão tão intensa da crise, no caso das *Jornadas de Junho*, exige um movimento rigoroso de descrição e análise das reações do jornalismo neste contexto.

5.1 UNIVERSALIZANDO INFERÊNCIAS

Aproximadamente dois anos depois da etapa inicial da pesquisa de campo, na *Folha de S. Paulo*, inserções em dois dos principais jornais de referência do mundo, nos EUA e na Europa, prestaram-se ao necessário exercício de ponderação do que fora observado no caso brasileiro: foram conduzidas entrevistas com editores e visitas às redações de *The New York Times*, em abril de 2015, e *El País*, em outubro do mesmo ano, com especial atenção voltada aos usos conferidos às redes sociais digitais.

Não se trata, em nenhum dos casos, de um movimento de comparação; nunca foi a proposta metodológica. Trata-se, sim, de uma tentativa de universalização das inferências produzidas depois da observação na *Folha*. Não há como evitar, por outro lado, que as conclusões oriundas das três investigações empíricas sejam postas em perspectiva ao longo do texto. Neste momento, entretanto, o esforço é de apenas relatá-las para, em seguida, avançar na compreensão do problema de pesquisa. Sem o receio da demasia, é importante ressaltar, também, que, nos dois casos de jornais do exterior, embora a inspiração na etnografia tenha orientado o trabalho, a observação das redações não contempla a possibilidade de se aferir se

determinadas práticas se repetem; o que houve foi a possibilidade de cotejá-las à descrição que faziam os editores entrevistados.

Se não ocorreram no *NY Times* e no *El País* manifestações capazes de constituir uma interface entre jornalismo e movimentos em rede tão profícua quanto na *Folha*, ambas as experiências revelam tendências, em estado avançando de consolidação, da incidência que tem o ambiente digital sobre a produção jornalística.

Tangencialmente, de toda a forma, foi possível também acompanhar a cobertura de acontecimentos com implicações sociais: uma marcha que chamava a atenção para as mudanças climáticas, nos EUA, com mais de 300 mil pessoas nas ruas de Nova Iorque – além de mobilização com o mesmo propósito e na mesma cidade, com características de rede, envolvendo inclusive ativistas do *Occupy Wall Street*; e manifestação de grupos feministas que denunciava a violência de gênero na Espanha.

Tanto no periódico estadunidense quanto no espanhol, percebe-se um movimento consciente de exploração das possibilidades que o ambiente digital oferece. Antes, na pesquisa de campo em São Paulo, essa tendência revelava-se ainda em estágio de reação instintiva aos fenômenos que eclodiam na semiosfera contemporânea; menos reflexiva.

Previamente, a principal inferência que sai da inserção nas três redações diz respeito justamente ao que, de forma mais ou menos explícita, observa-se da compreensão atual que se cristaliza nas redações quanto aos efeitos da crise e à percepção de jornalistas sobre as redes sociais digitais como extensão do ambiente de produção de sentido sobre o mundo; não mais como espaço somente para reverberação da interpretação do mundo que faz o jornalismo, fruto daquela semiose da notícia ainda pretensamente linear. Relatar como se constitui essa inferência é ao que este capítulo é dedicado.

5.2 FOLHA DE S. PAULO

A metodologia adotada para a observação das rotinas de produção na *Folha de S. Paulo* tem inspiração etnográfica, como se antecipou desde a introdução, e o contato inicial foi com um dos secretários de redação, Vinicius Mota⁴⁹, em fevereiro de 2013, para que a proposta fosse apresentada: sete dias de acompanhamento dos trabalhos, com a atenção

⁴⁹ Apenas este profissional é identificado. Preserva-se a identidade dos demais porque a intenção não é saber sobre o trabalho de determinado jornal ou jornalista. A utilização do artigo no masculino para reportar-se aos profissionais é formal, não denota hierarquia de gênero.

especialmente voltada às editorias de Cotidiano e Mundo⁵⁰. O período combinado foi a semana que compreende os dias 17 a 23 de junho de 2013⁵¹.

Não haveria como prever, em fevereiro de 2013, o movimento em rede que se desencadearia espontaneamente, justamente em junho do mesmo ano, em praticamente todo o Brasil – e depois contextualizado na história do país como *Jornadas de Junho*. Por outro lado, fenômenos anteriores como o “25S”, na Espanha, indicavam que manifestações dessa ordem estão sempre a ponto de ebulição numa semiosfera contemporânea conformada por agentes dotados de poder de mobilização e circulação de novos sentidos a partir das redes sociais digitais.

A chegada à cidade de São Paulo para a investigação é na quinta-feira, dia 13 de junho de 2013, quando o jornal publicou editoria que incitava medidas mais enérgicas da polícia frente às manifestações que começaram dois dias antes, de título “Retomar a Paulista” (RETOMAR..., 2013). A manchete dessa edição era “Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo”⁵². Na mesma noite, ainda antes da entrada na redação, pode-se acompanhar – na Avenida Paulista – a manifestação que acabou com centenas de pessoas feridas, atingidas por balas de borracha, ou sob os efeitos de gás lacrimogêneo. O cenário era de guerra civil. Na edição de 14 de junho, a manchete da *Folha de S. Paulo* diz: “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos”⁵³. Uma das fotos de capa mostra uma repórter do próprio jornal ferida por uma bala de borracha.

A violência policial, denunciada instantaneamente durante a manifestação de quinta, dia 13 de junho de 2013, nas redes sociais, segue com primazia nas edições do fim de semana. A de sábado, 15, mancheteia: “Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político”⁵⁴; a de domingo, 16: “Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos”⁵⁵, referindo-se ao primeiro jogo da Seleção Brasileira de futebol na Copa das Confederações e a protestos que ocorreram em Brasília, local da partida, contra os gastos públicos com o evento e já em solidariedade a São Paulo, em razão da violência policial – acompanha a manchete uma chamada para matéria especial: “A semana em que São Paulo ardeu”, sobre os protestos.

⁵⁰ Com base em pesquisa exploratória, Cotidiano e Mundo são as editorias que mais representam acontecimentos que envolvem movimentos sociais como objeto nas edições do jornal *Folha de S. Paulo*.

⁵¹ Neste período, Vinicius Mota estava em férias. Portanto, não compõe as rotinas observadas.

⁵² ANEXO 1.

⁵³ ANEXO 2.

⁵⁴ ANEXO 3.

⁵⁵ ANEXO 4.

5.2.1 Do lado de dentro

Antes da observação propriamente dita, ocorreu uma visita prévia, de modo que a dinâmica fosse definida em conjunto com a Secretaria de Redação. Isso ocorre em 14 de junho de 2013, sexta-feira. A recepção ao pesquisador é muito solícita. O profissional responsável pelo primeiro contato responde pelo setor de treinamento da *Folha*, que, pela familiaridade com termos de pesquisa, denota ter experiência com investigadores que visitam o jornal. É o responsável pela mediação entre visitantes e a redação; jornalista que já passou por diversas funções na empresa, incluindo a reportagem.

O contrato que se estabelece é informal, prevendo acesso a todos os processos de produção, com a ressalva de reuniões cujo conteúdo fosse mais sigiloso. Nesse caso, o acesso seria negociado edição a edição. Nas reuniões de pauta, às 09 horas da manhã, e de edição, às 16 horas, o acesso foi liberado diariamente. A restrição mais representativa diz respeito ao acompanhamento das equipes de reportagem: como já estavam nas ruas os protestos com conflito entre polícia e manifestantes, para estes acontecimentos o pesquisador não poderia acompanhar os profissionais no veículo do jornal, evitando que se caracterizasse vínculo em caso de acidente.

O clima na redação era de instabilidade. Na semana anterior à da pesquisa de campo, 30 profissionais foram demitidos, entre eles o editor de Cotidiano, editoria sobre a qual recai o principal interesse da investigação. A medida administrativa teve implicações diretas sobre as práticas jornalísticas, já que boa parte da redação foi mobilizada para os protestos em São Paulo, o que aumentava o clima de tensão.

As redações de impresso e online são integradas desde 2010, com os mesmos profissionais, a rigor, produzindo conteúdo para os dois suportes. Até a pesquisa de campo, contudo, três anos depois da integração, esse movimento não estava plenamente consolidado. É uma impressão que decorre do fato de que parecia haver, ainda, uma fronteira nítida entre profissionais que se dedicavam a uma e outra plataforma – com algumas exceções, sobretudo envolvendo os repórteres mais jovens – e uma espécie de editor-chefe, que participava das reuniões de pauta e de edição, respondendo pelo conteúdo online e levantando destaques para a capa da página eletrônica – que tinha pelos menos dois *deadlines* de atualização ao longo do dia: 12 e 18 horas. Cada editoria contava com um chefe de pauta e um editor.

A proposta inicial era que a atenção durante a observação fosse igualmente dividida entre as editorias de Cotidiano e Mundo, considerando que ali seriam eventualmente

representados movimentos com características de rede, como o *Occupy Wall Street* e o *Indignados*.

A contingência dos acontecimentos em São Paulo, porém, cuja cobertura era atribuída a Cotidiano, acabou determinando privilégio de uma sobre a outra. E há, ainda, uma justificativa mais estrutural. A editoria de Mundo é composta, essencialmente, por um editor e o que a redação chama, informalmente, de “redapórteres”, já que a atividade principal é a de redação e edição de materiais de agências internacionais, não de reportagem. Soma-se a isso o fato de que os correspondentes internacionais reportam-se à Secretaria de Redação, não ao editor de Mundo. Não seria produtivo, portanto, despender muito tempo com essa editoria.

Dois últimos registros antes do relato da observação ainda se impõem. O primeiro diz respeito à função de editor de mídias sociais mantido pela *Folha de S. Paulo* no organograma da redação, responsável por controlar o conteúdo produzido para os perfis do jornal nas redes sociais e, ao mesmo tempo, por sugerir às editorias eventuais pautas oriundas das redes.

Trata-se de indício revelador da importância conferida ao ambiente digital. O segundo é a participação do editor-executivo, Sérgio D’Ávila⁵⁶, nas reuniões de edição. Esteve em todas. Na visita de planejamento da observação, a informação inicial era de que isso só ocorria eventualmente, sendo o secretário de redação o coordenador mais frequente das reuniões. Avalia-se que a dimensão que os acontecimentos envolvendo as *Jornadas de Junho* alcançaram é a explicação.

5.2.2 A redação em ebulição

Na segunda-feira, dia 17, começa a observação propriamente dita. Uma breve conversa com o chefe de pauta da editoria de Cotidiano já revela indícios sobre como jornalistas percebem as redes sociais digitais. Diz ele: “O Facebook ontem [domingo, dia 16] foi um instrumento de apuração incrível, porque teve protestos [...] no mundo todo”⁵⁷. E o jornalista vai além: “No início, achávamos que era só mais uma manifestação. Começou pelo aumento das passagens e reuniu pessoas com demandas diversas”. A manchete nesse dia: “Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje”⁵⁸, tratando da organização de ato promovido pelo Movimento Passe Livre (MPL), com articulação e divulgação pelo *Facebook*.

⁵⁶ A decisão de revelar a identidade deste profissional é calcada na dimensão pública que o cargo denota, considerando, também, sua relevância no organograma do jornal *Folha de S. Paulo*.

⁵⁷ Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa exploratória.

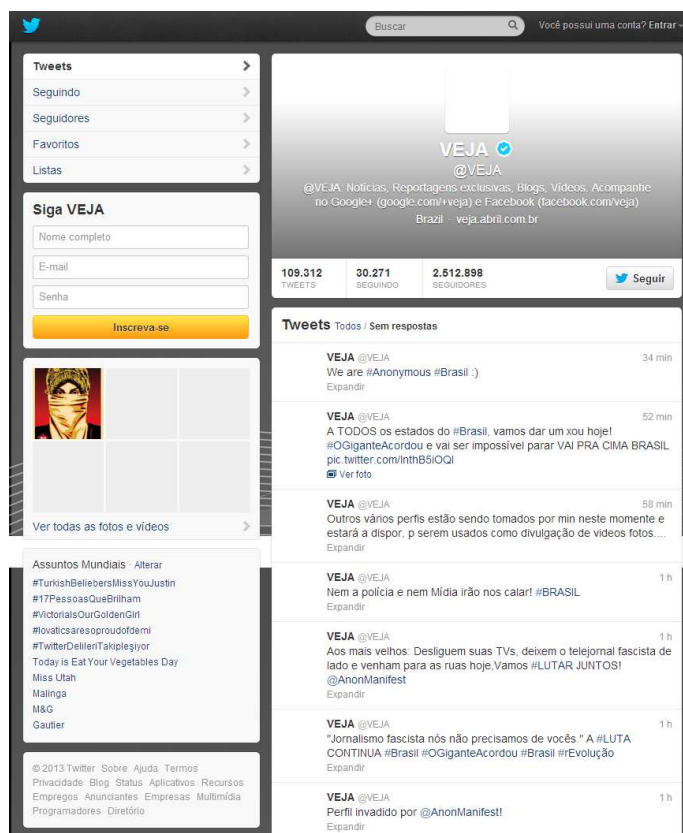
⁵⁸ ANEXO 5.

Os protestos marcados para às 17 horas de segunda-feira, dia 17, mobilizam praticamente toda a editoria. Às 14h30min, em reunião de orientação da cobertura, um dos profissionais responsáveis pela edição fala, explicitamente, sobre como repórteres devem proceder em relação aos seus perfis nas redes sociais: “O jornal vai voltar a circular aquela orientação [...]. Vocês são representantes do jornal inclusive nas páginas de vocês. Cuidar pra não comprometer a legitimidade da cobertura”⁵⁹, orienta, denotando a preocupação da *Folha* com as redes como espaço de produção de sentido.

E há, também na segunda-feira, 17, indício ainda mais revelador da incidência das redes sociais digitais e da própria forma de mobilização em rede nas práticas jornalísticas. Um típico ciberacontecimento chama a atenção do chefe de pauta de Cotidiano, alertado pelo profissional da editoria responsável por produzir conteúdo para a versão online, constituindo-se como objeto de um signo/notícia na página eletrônica da *Folha*. Tudo começa quando *hackers* invadem o perfil da revista *Veja* no *Twitter*, fazendo circular mensagens de mobilização para os protestos que iam às ruas de todo o país (Figura 9).

⁵⁹ Todos os diálogos citados foram observados pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

Figura 9 - Perfil da revista Veja no Twitter, invadido por hackers no dia 17 de junho de 2013



Fonte: Twitter Revista Veja. Disponível em: <https://twitter.com/VEJA>. Acesso em: 17 jun. 2013.

A primeira mensagem postada pelos hackers diz “Perfil invadido por @AnonManifest!”. Em seguida, pelo menos outras seis postagens: “Jornalismo fascista nós não precisamos de vocês. #LUTA CONTINUA #Brasil #OGiganteAcordou #Brasil #Evolução”; “Aos mais velhos: Desliguem suas TVs, deixem o telejornal fascista de lado e venham para as ruas hoje. Vamos #LUTAR JUNTOS! @AnonManifest”; “Nem a polícia e nem a Mídia irão nos calar! #BRASIL”; “Outros vários perfis estão sendo tomados por mim neste momento e estará a dispor p serem usados na divulgação de vídeos fotos...”; “A todos os estados do #Brasil, vamos dar um xou hoje! #OGiganteAcordou e vai ser impossível parar VAI PRA CIMA BRASIL”; “We are #Anonymous #Brasil”.

Às 13h47min, a redação publica, na editoria de Poder da página eletrônica, notícia de título “Contas da “Veja” no Twitter são hackeadas” (CONTAS..., 2013), tratando também do perfil do editor da revista, Lauro Jardim, invadido, mas sem que houvesse postagens, e do perfil da *Veja* no *Instagram*, cuja mensagem dos invasores era: “Login: vejainstagram Senha: urubu2011 E-mail de reset de senha: veja.conversa@gmail.com Senha: urubu2011”.

Houve, ainda, notícia publicada na mesma editoria sobre a invasão do perfil da presidente Dilma Rousseff no Twitter: “Grupo hacker invade perfil dedicado a Dilma em rede social” (GRUPO..., 2013); o conteúdo da postagem era: “SENHORA PRESIDENTA DA REPÚBLICA OU A SENHORA FAZ ALGUMA OU O BRASIL VAI PARAR. NÓS NÃO VAMOS TOLERAR MAIS. O GIGANTE ACORDOU. #AnonymousBrasil #VemPraRua #OGiganteAcordou #Brasil”, como legenda de uma foto do personagem “V de Vingança”, que se transformou em símbolo do movimento *Anonymous*, com suas máscaras em todo o mundo. Nesse caso, não foi possível apurar o processo de produção porque a notícia foi atribuição também da editoria de Poder, que fica longe da ilha de trabalho em que estão os profissionais de Cotidiano.

Por fim, na segunda, 17, cita-se a reunião de editores, às 16 horas. Um dos profissionais que ocupa cargo de direção da redação avalia a crítica que faz a todas as edições o *ombudsman* – função ocupada à época por Suzana Singer⁶⁰. Ao ler a crítica, o profissional comenta: “Ela diz que a Folha deveria cuidar para não pesar a mão a favor das manifestações; ficamos sem o cidadão contrário”. Ele refere-se à cobertura dos acontecimentos desde sexta-feira, dia 14. O editor de Cotidiano, ao “vender” suas pautas, diz que o foco da cobertura dos protestos será na dimensão ampliada que eles tomariam em todo o Brasil, numa aposta a partir do que pode apurar pelas redes sociais digitais, e nas demandas variadas.

A manchete que estampa a capa de terça-feira, dia 18 de junho de 2013, é: “Milhares vão às ruas ‘contra tudo’; grupos atingem palácios”⁶¹, em referência às mais de 250 mil pessoas em todo o Brasil – 65 mil em São Paulo –, no que o instituto *DataFolha* diz ser a maior manifestação desde o *Fora, Collor!*, em 1992. Confirma-se, na edição, o foco anunciado no dia anterior, sobre a dimensão dos protestos e as pautas variadas, que agora transcendem a questão do transporte coletivo, e também a orientação do *ombudsman* para que a posição pró-manifestantes não predomine: os palácios que a manchete cita são prédios públicos com alguma depredação promovida pelos manifestantes.

Já na reunião de pauta da terça-feira, dia 18, às 09 horas, os protestos voltam a tomar conta da discussão. Em meio aos mais variados “ganchos” propostos, destaque para um: “Quem são os manifestantes?”, pergunta o responsável pela pauta em Cotidiano, em tom de sugestão, tratando do perfil dos participantes dos protestos e citando material que está sendo produzido pela editoria de Mundo, com base em pesquisa acadêmica que revelaria que as

⁶⁰ A identificação aqui é devida à natural publicização da atividade, inerente à função.

⁶¹ ANEXO 6.

manifestações que aconteciam no mesmo período na Turquia tinham características parecidas: jovens de classe média, com acesso à internet e que se organizam pelas redes sociais digitais.

Na reunião de edição da terça, 18, às 16 horas, a crítica do *ombudsman* é avaliada como positiva, na medida em que elogia a manchete de capa, entendida, desta vez, como menos entusiasta em relação às manifestações, mesmo diante de sua dimensão ampliada, em detrimento dos atos de vandalismo que as compuseram.

Na quarta-feira, dia 19 de junho de 2013, a manchete, que se refere ao sexto protesto contra a alta da tarifa em São Paulo, ocorrido no dia anterior, com mais de 50 mil pessoas nas ruas, diz: “Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir”⁶². A referência é ao que a reportagem retrata como ação desproporcional da polícia para coibir manifestantes radicais que queimam um carro da *TV Record* em frente à prefeitura, sem sofrer repressão. Pôde-se acompanhar o acontecimento na noite anterior e, de fato, a polícia demorou a intervir.

Nas primeiras horas da quarta-feira, dia 19, observa-se na redação um ambiente que indica que o poder público de São Paulo – prefeitura e governo do Estado – cederiam às pressões. Isso porque o profissional responsável pela pauta de Cotidiano comenta com repórteres a repercussão que o tema tem nas redes sociais digitais e os protestos que estão sendo convocados, em eventos criados no *Facebook*, para o dia seguinte – além, é claro, de informações de bastidores que apurou. É representativa, nesse sentido, fala de um dos profissionais da direção da redação: “Tá na cara que a força e a rapidez de mobilização tá calcada nisso [redes sociais]. A maioria fica sabendo por ali [dos protestos], não tá nem aí para o que gente diz. O efeito disso temos que discutir”.

A edição do dia seguinte é toda preparada com foco nas mobilizações que ocorreriam pelo país, quando chega a informação de que o prefeito Fernando Haddad e o governador Geraldo Alckmin concederiam entrevista coletiva às 18 horas. Antes, às 16 horas, a Seleção Brasileira de futebol jogava pela Copa das Confederações. Nos minutos finais do jogo, a redação para e assiste ao último gol da vitória por 2 a 0. Em seguida, para de novo. Desta vez, para ver Haddad e Alckmin, juntos, na televisão, anunciarem a redução da tarifa do transporte público de ônibus, metrô e trens a R\$ 3,00 – valor anterior ao aumento de R\$ 0,20 que desencadearia todo o movimento.

A manchete da *Folha de S. Paulo* na quinta-feira, dia 20 de junho de 2013, é histórica: “PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS”⁶³. Assim mesmo, toda em caixa-alta, e

⁶² ANEXO 7.

⁶³ ANEXO 8.

em duas linhas, com tamanho de fonte 100. Ao comentá-la, um dos profissionais da direção da redação, na reunião de editores, prevê: “De todas as capas dos protestos [desde sexta, dia 14], essa é a que vai para os livros de história”. Cita outras capas importantes, como as do anúncio do Papa Francisco e da reeleição de Barack Obama nos EUA, que ganharam fonte tamanho 110, mas em apenas uma linha.

Na quinta-feira, dia 20, fruto de mobilizações pelas redes sociais digitais, mais de um milhão de pessoas vão às ruas de todo o Brasil, motivadas, também, pela conquista histórica de São Paulo, com pautas que transcendem o transporte público: retomam questões como os gastos com a Copa do Mundo de futebol que seria realizada no país em 2014, a corrupção, livre orientação de gênero, aborto. Das mais conservadoras, às mais progressistas. Chama a atenção discussão entre o chefe de pauta e o profissional que cuida da versão online na editoria de Cotidiano, acerca de estudantes que se refugiam nos prédios do Direito e da Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), depois do protesto carioca. A polícia ameaçava invadir os prédios, onde estavam cerca de 700 estudantes que narravam a experiência em seus perfis no *Facebook*, o que possibilitou que a informação chegasse à redação da *Folha de S. Paulo* antes que qualquer veículo noticiasse o acontecimento, que acabou não gerando matéria específica; foi parte do relato sobre as manifestações em todo o Brasil no impresso do dia seguinte.

A *Folha*, na sexta-feira, dia 21 de junho de 2013, em edição cujo foco se discutia no dia anterior, nas reuniões de planejamento, que teria que ser sobre a possibilidade de radicalização das manifestações, mancheteia: “Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião”⁶⁴; uma das chamadas de apoio diz: “Segundo assessores, governo federal está ‘perplexo’”. Ainda na sexta-feira, dia 21, em rede nacional de rádio e televisão, a presidente Dilma Rousseff anuncia um pacote de medidas que visa a atender a alguns dos anseios populares. Projetos como a Reforma Política, que seria submetida ao Congresso, e o investimento em educação de 100% dos recursos oriundos da exploração de petróleo no pré-sal do Oceano Atlântico em território brasileiro.

No sábado, dia 22 de junho de 2013, a manchete da *Folha de S. Paulo* dizia: “Dilma promete ouvir ‘voz das ruas’ e coibir ‘arruaça’”⁶⁵, seguida de uma linha de apoio cujo conteúdo era: “Na TV, presidente diz que receberá ativistas e propõe pacto político para melhorar serviços públicos”. A edição de domingo, dia 23 de junho de 2013, é uma espécie de

⁶⁴ ANEXO 9.

⁶⁵ ANEXO 10.

resumo, com aprofundamento das análises sobre os acontecimentos dos dias anteriores, atendendo, claramente, à característica de edições dominicais.

5.2.3 Anotações

A imponente dos acontecimentos que se desencadearam durante as *Jornadas de Junho* determina, naturalmente, que a descrição das rotinas observadas na *Folha de S. Paulo* recaia sobre os processos que redundaram na sua representação. Há, contudo, como se pode supor, uma série de outros indícios nas práticas de jornalistas na redação que oferecem aportes à compreensão sobre a forma como a crise do campo tem sido percebida e enfrentada.

Destaca-se, a título de percepção do pesquisador, o que se pode definir como uma espécie de “ronda digital”: a prática consagrada, normalmente executada por pauteiros em início de turno, de verificação das fontes habituais – polícia, hospitais, órgãos das administrações públicas das três esferas etc. –, ganham uma extensão nas redes sociais digitais; o telefone, em contatos interpessoais, não é mais o meio de comunicação preponderante. E as redes constituem-se não só como instrumento de verificação de pautas, mas também de apuração, em momentos como os de contatos com fontes via serviços de mensagens que elas oferecem, por exemplo.

Diariamente, antes mesmo de um primeiro contato com o chefe de pauta para saber qual seriam suas agendas, profissionais da editoria de Cotidiano consultavam seus perfis no *Facebook* e no *Twitter*, em especial. Não se trata de um indício dos mais surpreendentes, na medida em que seria plenamente possível presumi-lo por um movimento abduativo, de abstração, mas percebê-lo na redação é relevante, sobretudo em meio a uma série de manifestações pelo Brasil e pelo mundo que tiveram as redes digitais como espaço de articulação e mobilização.

Em contrapartida, a junho de 2013, ferramentas como a aferição da audiência da versão digital da *Folha*, ou ainda dos assuntos mais comentados no *Twitter* e no *Facebook*, não pareciam ser bem articuladas entre a à época recém-criada editoria de Mídias Sociais e as demais. Supõe-se que o profissional que respondia por essa editoria foi indicado ao posto pela habilitação para tanto, do que se depreende que poderia contribuir com informações para as mais variadas áreas. Sua função, no entanto, era mais a de promover a produção do jornal nas redes sociais digitais do que utilizá-la, efetivamente, como espaço de verificação de pautas e apuração – contraditoriamente, hábito que compunha a rotina dos próprios repórteres de Cotidiano, por exemplo.

É de se concluir, dois anos após a realização da pesquisa de campo, que àquela altura a compreensão média dos profissionais na redação ainda não era plena sobre as possibilidades que as redes sociais digitais ofereciam para além daquilo que saltava aos olhos dos jornalistas envolvidos na cobertura de manifestações sociais.

Sem o receio da precipitação, essa é uma inferência que denota, inclusive, que as *Jornadas de Junho*, a forma como as manifestações se valeram dessas possibilidades para alcançar a dimensão que tomaram, constituem-se como marco para o jornalismo brasileiro em relação ao tema. Não só no que se refere à consolidação dessas ferramentas no conjunto de práticas das redações, mas também como espaço de produção e compartilhamento de sentidos sobre o mundo, com afetações diretas sobre jornalistas que atuam na condição de interpretantes de acontecimentos como objetos semióticos.

5.3 THE NEW YORK TIMES

A pesquisa de campo no jornal *The New York Times*, nos EUA, foi viabilizada pela participação no Programa de Estágio Doutoral no Exterior (PDSE), mantido pelo governo brasileiro via Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O estágio ocorreu de agosto de 2014 a maio de 2015, na Universidade Estadual da Pensilvânia, cuja sede fica na cidade universitária de State College, há cerca de 400 quilômetros da cidade de Nova Iorque – cinco horas de ônibus.

Na redação do principal jornal de referência do mundo, a inserção teve dois principais momentos presenciais e um a distância: uma conversa informal com o editor de Mídias Sociais, Michel Roston⁶⁶, e uma visita à redação para a compreensão dos processos da editoria, quando fora observada a rotina de trabalho dos profissionais que a compõem – e a relação com as demais; e uma entrevista informal por correio eletrônico com o editor, de modo a esclarecer eventuais dúvidas de tradução.

Desta experiência saem as principais inferências que contribuem ao curso da tese.

Ao longo de todo o período de estágio, no entanto, foram acompanhadas também as coberturas de acontecimentos com repercussões sociais.

⁶⁶ Quando da realização da visita à redação do *The New York Times*, Michel Roston fazia a transição para outro setor, mantendo-se na redação, mas como editor-geral de digitais na editoria de Ciência: web, plataformas móveis e mídias sociais. Fruto desta mudança, na medida em que atualmente não é mais quem responde pela editoria de Mídias Sociais, é a opção por identificá-lo – aliada, ainda, ao fato de que a descrição dos processos observados não tem implicações diretas na rotina do profissional senão por ser ele o responsável pela editoria. Todos os demais não são identificados.

A entrada na redação, como se poderia presumir, não foi fácil. Contatos com professores pesquisadores da Universidade Columbia, em Nova Iorque, referência nos estudos em jornalismo; da Universidade da Cidade de Nova Iorque; Universidade da Pensilvânia – além da própria universidade estadual do mesmo estado, onde ocorria o estágio; um encontro com o editor-chefe da revista do *The New York Times* depois de evento que ocorria na Columbia; mensagens eletrônicas endereçadas aos contatos institucionais do jornal, ao editor-executivo: nenhum retorno que redundasse na viabilização da pesquisa.

Naturalmente, um plano alternativo já era elaborado quando, enfim, o editor de Mídias Sociais responde a uma mensagem eletrônica dispondo-se a conversar sobre a possibilidade de investigação na redação. Curiosamente, seu contato fora encontrado a partir das próprias redes digitais, pelo compartilhamento de artigo no *Facebook* em que falava sobre o tema, de título “*Don’t try too hard to please Twitter — and other lessons from The New York Times’ social media desk*” (ROSTON, 2015). Isso no final de março de 2015. Depois da troca de breves mensagens, a combinação foi a de que a visita à redação ocorreria na primeira semana de abril do mesmo ano.

5.3.1 *People’s Climate March* e #FloodWallStreet: dois lados da mesma moeda

Antes de avançar à incursão à redação do *The New York Times* propriamente dita, avalia-se que contribui à compressão dos processos de produção do jornal estadunidense a descrição do acompanhamento que se fez, presencialmente, das coberturas de manifestações nos dias 21 e 22 de setembro de 2014, em Nova Iorque. Ambos os acontecimentos com características de rede e de implicações sociais, organizados por diferentes setores sociais, mas com os problemas ambientais como mesmo objeto.

E as datas não são por acaso.

Em 23 de setembro, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizaria cúpula para o clima, também em Nova Iorque, com vistas à preparação de acordo internacional que viria a ser firmado um ano depois.

A primeira manifestação, dia 21, é promovida por Organizações Não Governamentais (ONG’s) e outras entidades civis reunidas pelo signo “*People’s Climate March*”⁶⁷; a segunda, dia 22, é eco do movimento *Occupy Wall Street*, preservando sua forma de organização e, portanto, sem a constituição de lideranças, reunindo manifestantes sob o signo

⁶⁷ Para saber mais, ver: <<http://peoplesclimate.org>>.

*#FloodWallStreet*⁶⁸ (na livre tradução, “inundar Wall Street”), em alusão ao movimento precursor. A lógica de intervenção é parecida: mobilizações nas redes sociais digitais nos dias que antecederam as manifestações e, quando elas de fato acontecem, caminhadas pelas principais avenidas de Nova Iorque.

Nada mais nada menos do que 311 mil pessoas, conforme levantamento da Universidade Carnegie Mellon, foram às ruas no dia 21 de setembro de 2014, no que os organizadores consideram ser a maior marcha pelo clima já realizada na história. Quem circulava pela ilha de Manhattan, centro da metrópole, deparava-se com as mais variadas demandas específicas, mas todas ao encontro das mudanças climáticas como grande signo; havia manifestantes de diferentes origens. Essas são características típicas de movimentos que se desenrolam em rede atualmente, aliados, ainda, à realização de marchas com o mesmo propósito, de menor dimensão, desde a França até a Papua Nova Guiné.

Toda essa conformação, denotando valores-notícia dos mais tradicionais associados a outros que vão constituindo-se no ambiente de rede, leva o *The New York Times* a publicar matéria retratando a manifestação na capa da edição de 22 de setembro de 2014. A matéria foi destaque central, com imagens, e teve mais meia-página na editoria de “*New York*”, cujo título é “*Taking a Call for Climate Change to the Streets*”⁶⁹, reproduzida também na íntegra na versão digital (FODERARO, 2014). Soma-se, como elemento que contribui à aferição sobre como o jornal confere importância ao acontecimento, a participação de autoridades e personalidades como o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, e o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon – ou, ainda, o ator Leonardo DiCaprio, nomeado dias antes mensageiro da paz da ONU para assuntos climáticos, que pôde ser observado em meio à marcha, mas que sequer é citado na matéria do *NY Times*.

Em 22 de setembro de 2014, o *#FloodWallStreet* leva aproximadamente mil pessoas⁷⁰ a ocupar o distrito financeiro. Se o objeto que a manifestação representava era o mesmo, a forma de organização é absolutamente distinta. Enquanto no dia anterior o itinerário da marcha era pré-definido (e negociado com a polícia local), dessa vez cada trecho era decidido em assembleias que envolviam todos os manifestantes, numa clara referência aos métodos dos movimentos de ocupação global. É do que decorre tensão entre manifestantes e policiais, determinando sua representação na matéria publicada pelo *The New York Times* na edição de 23 de setembro de 2014, também na editoria de “*New York*”, meia-página, mas sem chamada

⁶⁸ Para saber mais, ver: <<http://floodwallstreet.net>>.

⁶⁹ ANEXO 11.

⁷⁰ Estimativa feita pela percepção do pesquisador durante o acompanhamento da manifestação.

de capa sequer, por esse aspecto: “*Climate Change Protesters Tangle With Police at Wall St.*”⁷¹ (MOYNIHAN, 2014).

Ainda que a análise do conteúdo do material publicado pelo *The New York Times* não seja o principal propósito neste momento, é importante destacar o foco de cada uma das matérias. Enquanto a primeira dá vazão às demandas dos manifestantes, citando inclusive frases de cartazes que empunhavam, e a dados técnicos sobre as mudanças climáticas, na segunda o que se lê, a rigor, é sobre a tensão entre polícia e manifestantes.

5.3.2 Uma extensão da redação

Extensão da redação. É como o editor de Mídias Sociais do *The New York Times*, Michel Roston, define as redes sociais digitais. Compreensão que transcende a dimensão de promoção na internet – preponderante na primeira década dos anos 2000 em jornais mundo afora. E não se trata apenas de uma opinião particular, de um único profissional. Em 2014, o jornal estadunidense passou a concentrar a gestão da editoria de Mídias Sociais na redação. Até então, essa tarefa era compartilhada com o setor de Marketing. Uma decisão que ressalta o aspecto institucional do entendimento acerca do papel das redes no processo de produção da notícia.

Uma conversa com Roston com vistas à compreensão do espaço que ocupa a editoria de Mídias Sociais na redação e um primeiro esclarecimento sobre a mudança antecipada acerca da gestão da editoria: do compartilhamento com o setor de Marketing à concentração na redação. Além dessa medida, houve outra, não menos importante: ela deixa de ter relação direta com o setor de tecnologia para associar-se ao setor de análise de audiência. A justificativa: aferir qual é o perfil do leitor que chega ao *NY Times* pelas redes sociais digitais ou pela página eletrônica do jornal; que tipo de história é mais interessante a este leitor; quando este leitor acessa mais perfis nas redes e a própria página eletrônica. Isso tudo para traçar a melhor estratégia para a produção de conteúdo.

Em seguida, a dinâmica de funcionamento da editoria. Seis profissionais revezavam-se em turnos, de modo a contemplar as 24 horas do dia, em duas principais funções: monitorar acontecimentos que têm repercussão nas redes sociais digitais e publicar conteúdo produzido pelo jornal – tanto pela própria equipe de Mídias Sociais quanto pelas demais editorias –

⁷¹ ANEXO 12.

ainda que, mais tarde, durante a observação, descubra-se que todas mantêm e operam suas próprias contas nas redes.

Já na primeira dessas duas tarefas, percebe-se eco daquela concepção das redes digitais como extensão da redação; espaço de produção e compartilhamento de sentidos sobre o mundo. É no que Michel Roston define como uma atividade de apoio executada pela editoria, contudo, que essa constatação se reforça. Não raro, profissionais de outras editorias recorrem à equipe de Mídias Sociais para compor a narrativa que fazem dos acontecimentos por ferramentas que as redes digitais oferecem. Mais: para saber informações complementares em relação ao que puderam apurar sobre determinado acontecimento. O editor fala em um “conjunto de melhores práticas” para o uso das redes nas narrativas em curso na redação.

Depreende-se daí que, no caso da cobertura dos atentados ao jornal *Charlie Hebdo*, em Paris, a 07 de janeiro de 2015, objeto de análise no capítulo anterior⁷², teria havido diálogo entre as editorias envolvidas e as Mídias Sociais. Esse processo redundou na inflexão do jornal em relação à forma como o acontecimento era representado ante a reação da comunidade islâmica, inicialmente acusada de ser a responsável pelos ataques – o que, antes, era conclusão de um processo abduativo, agora, tem também uma dimensão dedutiva⁷³.

E não é uma conclusão que se reforça apenas a partir da fala do editor. Da observação do trabalho da redação saem indícios reveladores. Profissionais de outras editorias vão até a ilha de trabalho de Mídias Sociais, sobre onde recaía as atenções do pesquisador, para saber qual era a repercussão nas redes de matéria publicada na edição de 30 de março de 2015, de título “*So Far, So Good: Alex Rodriguez Has Been on His Best Behavior*”⁷⁴, reproduzida também na íntegra na versão digital (WITZ, 2015). O procedimento não é por acaso. O objeto da notícia é polêmico: o retorno do jogador de baseball que pertence ao Yankees, time mais popular de Nova Iorque na modalidade, depois de um período afastado pelo uso de substâncias proibidas e a sua relação com os fãs.

Há, também, caso ainda mais representativo, já que o anterior carrega o elemento da repercussão do acontecimento entre os fãs do jogador como provável justificativa para a preocupação do profissional de Esportes que recorre à editoria de Mídias Sociais. Trata-se do processo de apuração realizado por dois jornalistas da editoria de Ciência que procuram

⁷² Ver página 88.

⁷³ Quando trata dos métodos de obtenção do conhecimento, Peirce fala em indução, *dedução* e *abdução*. Importa mais aqui os dois últimos. Na dedução, parte-se de uma premissa maior, pela observação de regras de um fenômeno da ordem da realidade, a uma menor, específica; na abdução, uma hipótese (probabilidade, portanto) é oferecida à compreensão do fenômeno por inferências que a observação possibilita, mas ainda sem a natureza de regra – é, nesse sentido, o método pelo qual, a rigor, são aferidos novos sentidos a partir dos fenômenos (HENN, 1996).

⁷⁴ ANEXO 13.

Roston para pedir-lhe o rastreamento de “conversas públicas”⁷⁵ (termo que utilizam) nas redes sociais. Não é possível, seja pela observação do diálogo ou pela verificação da edição do jornal do dia seguinte, determinar qual era o objeto da reportagem; talvez sequer fosse para matéria publicada imediatamente. O que se sobressai, entretanto, é o procedimento.

Perguntado sobre o ocorrido, o editor de Mídias Sociais contribui à tese, ao usá-lo como exemplo, revelando porque entende que os colegas atribuem esse tipo de tarefa à sua editoria: “Minha assistência foi baseada no meu conjunto de habilidades especializadas e comparável à forma como nosso departamento de pesquisa pode ajudar a repórteres a rastrear registros públicos em bancos de dados, mas usando um conjunto diferente de ferramentas”⁷⁶. Em seguida, lembra-se de outro acontecimento como exemplo: o furacão Sandy, que se abateu sobre os EUA, quando repórteres da editoria de Metropolitana pediram o auxílio da equipe de Mídias Sociais para o monitoramento de publicações nas redes digitais dando conta das consequências do fenômeno.

É possível perceber a tensão gerada em decorrência do fluxo de informações que se constitui entre redes digitais e redação, no *The New York Times*, no que parece ser, inclusive, uma contradição entre a pretensa definição das redes como “extensão da redação” justamente em detrimento das convenções jornalísticas cristalizadas. Quando o assunto é o processamento dessas informações, Michel Roston evoca premissas como a apuração sobre a veracidade dos conteúdos como uma espécie de mantra; salienta, ainda, a dificuldade em licenciar materiais como fotos e vídeos para compor a narrativa que o jornal faz dos acontecimentos; e finaliza admitindo o uso de materiais cujo autor é desconhecido, com a ressalva de que o leitor é sempre avisado sobre a origem do material nas redes digitais e com a sua contextualização pela aplicação da dinâmica de produção de sentido sobre os acontecimentos: própria do jornalismo.

Essa tensão é de fato sensível ao jornal estadunidense. Constatação suscitada ainda pelo caso da consulta de Esportes à editoria de Mídias Sociais sobre a repercussão da matéria que tinha como personagem o jogador de baseball que retornava de período afastado pelo uso de substâncias proibidas. Um dos profissionais da equipe comandada por Roston relata ao repórter de Esportes que alguns dos fãs questionam o enquadramento conferido à representação do acontecimento pelo *NY Times*.

⁷⁵ Recuero (2012) dedica-se a compreender o que entende por “conversação em rede” – em analogia, aqui, ao termo utilizado pelos profissionais do *The New York Times*: interações mediadas por computador que se tornam públicas ao serem processadas em redes sociais digitais.

⁷⁶ As declarações reproduzidas aqui são informais, concedidas ao pesquisador pelo editor de Mídias Sociais do *The New York Times*, Michel Roston, durante visita ao jornal, em abril de 2015.

É o gancho para que a conversa com o editor evolua para a compreensão da redação sobre esse tipo de *feedback*. A fala dele é elucidativa: “Temos de tomar esse feedback para o coração e melhorar a forma como contamos histórias semelhantes ou a mesma história, no futuro”. Clara manifestação do movimento dialético que se estabelece na conversação em rede.

Roston avança. Admite que não é possível que a redação considere, pontualmente, cada contribuição que chega pelas redes digitais. Destaca, por outro lado, o que chama de necessidade de reconhecer a crítica para o aperfeiçoamento do jornalismo e para o uso das diferentes plataformas de modo a otimizar a narrativa dos acontecimentos.

As reuniões de planejamento da edição ocorrem às 10 horas e às 16 horas. Michel Roston participa, a rigor. Mas a função de monitorar e avisar às demais editorias quais são os assuntos mais comentados nas redes sociais digitais não é exclusivamente sua – do que decorre o fato de que não está presente em todas as reuniões, como foi o caso quando da visita à redação.

Cada editoria também tem seus perfis nas redes e faz o trabalho de monitoramento. Roston explica: “Se um tiroteio em Baltimore começa a repercutir em mídias sociais, a nossa editoria de Nacional deve estar ciente”. O editor usa mais um exemplo: “Se uma celebridade anuncia no Twitter que ela está estrelando um novo filme, nossos editores e repórteres de Cultura devem estar cientes”. E conclui: “Os sinais de mídias sociais são parte de uma apuração de um repórter ou editor. Eles podem ser tão importantes quanto um comunicado de imprensa enviado por mensagem eletrônica ou um vazamento de uma fonte”.

A conversa segue e dela saem mais indícios para uma tentativa de compreensão sobre a percepção do jornalismo no que tange às implicações das redes sociais digitais sobre a redação. Se é verdade que a abundância de informações que circula compõe o ambiente de produção da notícia, Michel Roston fala, por outro lado, sobre o que entende ser a habilidade mais importante que um profissional precisa ter para atuar na sua editoria: forte senso editorial.

Baseado na sua própria experiência, lembrando que antes de chefiar as Mídias Sociais fora editor da *homepage* do *NY Times* por dois anos, defende que a avaliação sobre “o que é notícia” é fundamental para a identificação de pautas e produção de conteúdo também para as redes digitais, a exemplo da página eletrônica ou da edição impressa: “Postagens de mídia social podem agregar valor à nossa reportagem, mas não são um substituto para ela”. Vai além, argumentando que as redes não devem se prestar ao que chama de “hipérbole”,

condenando a prática de uso de uma linguagem sensacionalista com o propósito de obter mais acessos à página eletrônica do jornal.

Retórica salvacionista ante a crise: pode ser concluído da fala do editor. Dados que associa à opinião, porém, apontam para a direção contrária. O desempenho de audiência de postagens elaboradas pelos próprios jornalistas que produziram as matérias compartilhadas nas redes digitais – potencialmente, portanto, carregando mais do contexto do acontecimento representado – costumam ser melhores do que quando uma manchete específica é produzida considerando o meio em que é publicada.

Como exemplo, notícia da página eletrônica do *NY Times* de 02 de novembro de 2014, cujo título é “*One Day in an Elevator With Obama, Then Out of a Job*” (SCHMIDT, 2014). No mesmo dia, o jornalista que a produziu faz postagem homônima no *Twitter*. Roston, no dia seguinte, a publica novamente, na mesma rede social, mas empreendendo o que chama de “linguagem mais amigável” para o meio: “*A C.D.C. security guard was fired after operating an elevator carrying President Obama*”. Com base em dados do *SocialFlow*⁷⁷, instituto estadunidense de aferição de audiência em redes digitais, o editor de Mídias Sociais revela que a primeira postagem foi surpreendentemente superior à sua⁷⁸, chamando a atenção para a habilidade que destacara como requisito para postagens bem-sucedidas em redes digitais no que se refere à produção jornalística: senso editorial.

No esteio dessas percepções sobre a crise instaurada pela tensão que as redes sociais digitais produzem sobre o campo, Michel Roston finaliza definindo o que entende ser o papel do jornalismo em meio a um complexo fluxo de informações que se estabelece no espaço público. Ao ser questionado sobre o tema a partir do exemplo do membro de uma manifestação que publica imagem representando parte do acontecimento a que o jornalismo não teve acesso, responde: “Os jornalistas são mais capazes de contar a história como ela é, e não como eles querem que ela seja. Um manifestante pode estar dizendo parte da verdade, mesmo em seu favor. Mas suspeito que não está dizendo tudo”.

Ainda que se perceba o caráter político-performativo e cooperativo da fala, também é possível que nela revelem-se pistas importantes para a compreensão do problema de pesquisa.

⁷⁷ <<http://www.socialflow.com>>.

⁷⁸ O mesmo exemplo é utilizado por Michel Roston no artigo encontrado pelo pesquisador no *Facebook* que se constituiu como elo para o contato com o jornalista do jornal estadunidense.

5.4 EL PAÍS

No *El País*, em Madrid, a pesquisa de campo ocorre em viagem à Espanha feita exclusivamente com este propósito: uma visita à redação – quando ocorre também uma conversa informal com o editor-chefe da versão digital, Bernardo Marín⁷⁹; observação dos processos de produção da notícia com foco para a versão digital e a equipe que opera redes sociais digitais; e, por fim, o acompanhamento da cobertura conferida pelo jornal espanhol a acontecimentos com repercussões sociais. Isso em empreendimento realizado entre os dias 19 de outubro e 12 de novembro de 2015.

Diferentemente do que ocorrera no *The New York Times*, dessa vez a entrada na redação é viabilizada por um contato institucional com o Departamento de Comunicação do Grupo Prisa, a quem pertence o *El País*. O retorno à mensagem eletrônica enviada a endereço encontrado na própria página do jornal, surpreendentemente, é relativamente ágil, solícito, por profissional destacado à função de atender pesquisadores. E uma curiosidade: quando da chegada para a visita, ele revela que somente pesquisadores em nível de doutorado são aceitos, de modo a não sobrecarregar os profissionais da redação com este tipo de investigação.

O trabalho começa por uma conversa com Bernardo Marín, especialmente para a compreensão da relação entre impresso, digital e redes sociais, e resulta em uma série de indícios que vão ao encontro daqueles que se pudera levantar nas duas outras incursões a redações de jornais de referência.

Opinião revelada pelo editor-chefe da versão digital logo que o objeto de estudos é apresentado, com ênfase para a crise do campo nos termos que esta tese argumenta: o enfrentamento dela pode resultar na superação do pretense monopólio do jornalismo para a definição quanto aos temas de interesse público. Há de se considerar, obviamente, o caráter performático da fala. É possível, contudo, ao longo da observação na redação, perceber essa concepção agindo sobre os processos de produção da notícia. A conclusão inicial, inclusive, é a de que o periódico espanhol está em estágio avançado no que diz respeito ao tema quando comparado com *Folha de S. Paulo* e *NY Times*.

⁷⁹ À exemplo do que ocorrera em relação à *Folha de S. Paulo* e ao *The New York Times*, a opção é por não identificar os profissionais envolvidos nos processos observados. Apenas Bernardo Marín tem sua identidade revelada em razão da centralidade do cargo que ocupa, além do fato de que sua única implicação em relação às rotinas a que se teve acesso é a própria função de coordenação que exerce. Tanto as declarações de Marín quanto as demais, de profissionais não identificados, foram informalmente concedidas ao pesquisador durante a visita à redação.

Nos postos mais altos no organograma, estão o diretor de redação e os editores-chefes do impresso e digital. Em seguida, aparece o redator-chefe, que substitui Marín nas suas eventuais ausências em momentos como reuniões de planejamento da edição.

Toda a edição é concentrada em ilha de trabalho localizada bem no centro da redação. Impresso e digital respeitam o mesmo processo. A exemplificar: quando um repórter trabalha na cobertura de determinado acontecimento, é ele o responsável pela produção da notícia para as duas versões; o redator-chefe, que responde pelas revisões do conteúdo nas duas, é quem determina a destinação do material produzido pelo repórter, se para um, para outro, ou para ambos. Segundo Marín, esse procedimento começou a ser implantado em 2010 e foi consolidado em 2014.

Ainda da conversa com o editor-chefe saem dados elucidativos no que diz respeito à versão digital. Como se contradizendo o senso-comum jornalístico que se cristalizou nos primeiros anos de produção editorial para a internet, revela que a matéria mais acessada na página eletrônica do *El País* na semana anterior à pesquisa de campo fora “¿*Qué ocurre después de la muerte?*” (COSTANDI, 2015), reportagem que envolveu cinco profissionais (autor, editor, verificador de informação, corretor e tradutor), com mais de quatro mil caracteres e cujo objeto, como o próprio título sugere, é pouco factual: o que ocorre depois da morte, reproduzindo opiniões de especialistas.

Ao comentar a reportagem, Marín avança, defendendo as habilidades necessárias para um jornalista atuar em meios digitais: “É preciso entender as possibilidades da internet. Mas um bom jornalista de impresso pode ser bom para o digital; o contrário é impossível”. Opinião que vai ao encontro do que advoga também Michel Roston, do *The New York Times*, sobre o uso das redes pelo jornalismo. E mais: o espanhol entende que a crise do campo pode tirar do que chama de “lugar de conforto” jornalistas de gerações anteriores às redes digitais; tornar suas histórias mais complexas.

O *El País* mantém junto à ilha de edição – no centro da redação, portanto – equipe formada por oito profissionais, responsável pelo monitoramento e pela operação dos perfis do jornal nas redes sociais digitais; nas redações do México e do Brasil, em São Paulo, são equipes distintas. A diferença em relação ao *NY Times* reside na não institucionalização de uma editoria para tanto. Mas as funções que os profissionais do setor exercem são em maior quantidade em relação ao jornal estadunidense: acrescenta-se o trabalho de gestão dos conteúdos oriundos de todas as editorias e uma intensa atividade de relacionamento com os leitores.

Ao encontro do entendimento que circula no *NY Times*, das redes digitais como uma extensão da redação, Bernardo Marín defende que é preciso compreender bem o fluxo de informações dessas plataformas para a representação do mundo pelo jornalismo: “As pessoas estão nas redes sociais. Nós temos que estar. Temos que extrair informações, mas, ao mesmo, ampliar as regras do nosso jornalismo. Temos que entender o que é importante para as pessoas”.

Na avaliação do editor, as redes oferecem ferramentas de apuração que otimizam e agilizam a narrativa dos acontecimentos; cita como exemplo uma tragédia natural num país remoto, cuja informação chega ao *El País* via relatos em perfis das vítimas, imediatamente, o que há 20 anos levaria horas.

Ao explicar-se, o editor-chefe ressalva que o senso editorial segue como marco para a resposta à pergunta-guia do jornalismo, “o que é notícia”. Entretanto, agora num ambiente de rede que possibilita uma aferição mais precisa quanto aos temas de interesse público. Também se percebe um tom corporativo na fala do jornalista; salvacionista. Ao longo da observação, no entanto, especialmente durante a reunião de planejamento da edição a que se teve acesso, indícios coletados apontam para essa concepção como tendência nas práticas da redação.

E não é só pelo acompanhamento dos assuntos mais comentados nas redes sociais que se dá o movimento dialético de revisão de valores-notícia que parece estar em curso no jornal espanhol. A redação mantém um painel digital, também junto à ilha de edição, com dados de aferição de audiência, online. Para o cotejamento entre o conteúdo publicado ao longo do dia na página eletrônica e a edição do jornal impresso, esse é um dos dados determinantes.

Quando da observação, por exemplo, a matéria mais acessada tratava de descoberta sobre a elevação do risco de câncer pelo consumo de carne processada: “*La OMS declara cancerígena la carne procesada*” (DOMÍNGUEZ, 2015). A média de acessos alcançava mais de 74 mil leitores por hora⁸⁰. Para se ter ideia da importância desse número, a segunda notícia mais acessada pouco passava dos 12 mil leitores/hora.

Na edição do dia seguinte, 27 de outubro de 2015, o objeto mereceu chamada de capa, “*Embutidos y hamburguesas elevan el riesgo de cáncer, según la OMS*”⁸¹, além de matéria de praticamente página-inteira na editoria de Ciência e Tecnologia, de título “*La OMS afirma*

⁸⁰ ANEXO 14.

⁸¹ ANEXO 15.

que hamburguesas, salchichas y embutidos causan cáncer”⁸². No impresso, o tema é aprofundado em relação ao que era veiculado na página eletrônica⁸³.

Uma breve conversa informal com o profissional que lidera a equipe de redes sociais durante a observação na redação contribui sobremaneira para uma tentativa de compreensão do problema de pesquisa. Também foi produtiva a observação do seu trabalho, na medida em que o posto do pesquisador era justamente a ilha que concentra a edição, onde também atua a sua equipe.

Antes de relatar os indícios desta etapa, contudo, destaca-se informação complementar ao caso da cobertura do “#25S”, em Madrid, a 25 de setembro de 2012, analisado no capítulo anterior⁸⁴, quando um ciberacontecimento (HENN, 2014a) – a lembrar, vídeo de garçom de bar nas imediações do Congresso espanhol que defende manifestantes da repressão policial excessiva – torna mais complexa a representação que o *El País* fazia da manifestação. Coincidentemente, o mesmo profissional atuava na cobertura e revela que, como se concluiu abduktivamente, a repercussão do vídeo publicado no *Youtube* e amplamente compartilhado em redes sociais como *Facebook* e *Twitter* foi o que chamou a atenção da redação para este aspecto do acontecimento, negligenciado na narrativa inicial. “Esses movimentos são feitos na rede. Não estávamos lá para contar; perderíamos se não tivesse viralizado”, avalia o jornalista, denotando uma compreensão apurada do fenômeno.

Engana-se, contudo, quem conclui que o procedimento que redundou na descoberta do ciberacontecimento envolvendo o “#25S” foi aleatório. O monitoramento de perfis relacionados a eventos que têm cobertura do jornal é uma prática sistematizada: o que circula no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*; relatos de personagens envolvidos; perfis de instituições. E a política de uso de material com origem nas redes parece mais flexível em relação ao *The New York Times*. O responsável pelas redes digitais lembra de atentado ocorrido na Tunísia, em março de 2015⁸⁵, quando imagem de um usuário do *Instagram*, na ausência de fotos jornalísticas, fora utilizada para representar o acontecimento.

Um membro da equipe de redes sociais participa diariamente das reuniões de planejamento da edição. Sugere o aproveitamento de materiais para os perfis do jornal, pautas às demais editorias e relata o *feedback* dos leitores. São reuniões às 9 horas e às 13 horas. A

⁸² ANEXO 16.

⁸³ Diferentemente do que se pudera observar na redação do *The New York Times*, no *El País* as versões de notícias que tratam de um mesmo objeto na página eletrônica e na edição impressa são distintas, com primazia de informações, a rigor, sempre para o jornal que circula no dia seguinte – ainda que, reitera-se, seja o mesmo profissional a produzir o material para ambas as versões.

⁸⁴ Ver página 91.

⁸⁵ “17 extranjeros y dos tunecinos mueren en un atentado en Túnez” (BLANCO, 2015).

segunda reunião do dia compõe os processos observados na visita ao jornal. E as discussões começam justamente pela manifestação de descontentamento do diretor de redação adjunto, que era quem conduzia os trabalhos, quanto à comentários nas redes sociais por conta de errata em relação à grafia do nome de uma autoridade que teve de ser publicada, denotando a preocupação com este tipo de interlocução.

Chama a atenção à efetiva divisão equânime das atenções conferida às pautas para a versão digital e para a versão impressa. Dito de outra forma, o que há é, paradoxalmente, uma não divisão das atenções. Cada editor canta suas pautas e relata seus desdobramentos ao longo do dia. O que se discute, em seguida, com base também em dados de audiência da página eletrônica e de repercussão nas redes sociais, é como será o tratamento da pauta para a versão impressa em detrimento daquilo que já está sendo veiculado no digital.

Quem representa o editor-chefe do digital, Bernardo Marín, na reunião observada é o redator-chefe, que fala do propósito de cada momento: “Na reunião da manhã fazemos as apostas, o que e como abordar. Na reunião da tarde avaliamos como vai a apuração, como está repercutindo no digital e qual vai ser o foco no impresso”. É exatamente o que se pôde perceber durante as discussões.

A matéria de maior repercussão no dia nas redes sociais digitais (compartilhamentos, curtidas, comentários), conforme relata o responsável aos demais profissionais, retrata o descontrole do piloto de motovelocidade Valentino Rossi depois de uma prova: “*Rossi da una patada al Mundial*” (TRONCHONI, 2015). Essa informação, aliada à aferição da audiência da notícia na página eletrônica – é a segunda mais acessada –, redundam em matéria de página-inteira, abrindo a editoria de Esportes, na edição impressa de 27 de outubro de 2015⁸⁶.

Respondendo sobre quais as principais funções dos profissionais que lidera, o responsável pelas redes sociais é emblemático: “O jornalista precisa interpretar e explicar a realidade. Usuários divulgam informações e opiniões que precisam de contextualização”. Em seguida, destaca algumas das habilidades necessárias para a execução dessa tarefa: técnicas jornalísticas para a distribuição de conteúdo; avaliação sobre conteúdos específicos para as diferentes plataformas; compreensão de dinâmicas técnicas do funcionamento das redes digitais.

O fluxo da informação na redação do *El País* é sistemático. A equipe de redes sociais opera na lógica do *breaking news*: publicações de consumo rápido, fruto da apuração dos repórteres; *flashes* do acontecimento. E, conforme o redator-chefe, há ainda a produção de

⁸⁶ ANEXO 17.

conteúdos especiais para os meios digitais (gráfico que retratava as regras das eleições na Catalunha é utilizado como exemplo), além de um exercício contínuo de exploração das possibilidades que diferentes dispositivos, como *smartphones*, *tablets*, e buscadores na internet, oferecem. Quando a informação é publicada na página eletrônica, já tem o formato de notícia consolidada, não raro com redação muito parecida com a que será impressa. Para o impresso, contudo, parece haver, ainda que apenas pela observação de um dia de rotina não se possa aferir essa tendência com precisão, aquele movimento já relatado de aprofundamento dos temas.

Esse esforço de contextualização dos acontecimentos é uma preocupação que ronda o imaginário dos profissionais na redação do *El País*, nitidamente, com a crise do campo como catalisador. Bernardo Marín recorre, inclusive, à fórmula proposta desde os primeiros efeitos da internet sobre o jornalismo para evitar o fim do impresso: reportagens mais interpretativas, com uma dinâmica que se aproxima das edições dominicais. A opinião é compartilhada pelo redator-chefe, que, com uma pergunta retórica, simboliza o momento de tensão: quem faz o jornal são os jornalistas ou os leitores?

Por ora, o *El País* responde mantendo uma divisão explícita para a publicação de conteúdos em sua página eletrônica. Trata-se de uma medida que poderia ser aferida antes mesmo de uma visita à redação, mas que se sobressai a quaisquer outras quando o tema jornalismo versus audiência está em suspeição. A interface da página tem uma coluna à esquerda que privilegia pautas avaliadas de interesse público a partir de critérios de noticiabilidade que compõem o jornalismo como campo profissional e social; à coluna da direita restam os assuntos cuja importância é conferida pelos índices de audiência que alcançam ao longo do dia.

A inquietação quanto ao suposto dilema entre o jornalismo como mediador do espaço público e a capacidade de agendamento conferida à audiência com o advento das redes digitais é uma das razões que leva o Grupo Prisa a firmar parceria com a Universidade Aberta de Madrid para um programa pós-graduação com aulas no prédio do jornal: um andar inteiro dedicado a esse tipo de reflexão.

5.4.1 Das redes, nas redes, em rede: #7N

Editorial da edição impressa do *El País* de 07 de novembro de 2015 defende: “*Que la violencia machista vuelva a la agenda política*”⁸⁷, em texto publicado também na íntegra na versão digital (PÉREZ OLIVA, 2015). A referência é à marcha articulada em rede pelo movimento feminista espanhol, em Madrid, no mesmo dia, denunciando a violência contra a mulher⁸⁸. É uma manifestação que, com características típicas dos movimentos de ocupação global⁸⁹, se consolida pelo signo “#7N”⁹⁰.

Na semana seguinte à visita à redação para a compreensão das dinâmicas de produção da notícia e, em especial, das implicações das redes sociais digitais no processo, ainda na Espanha, é possível acompanhar toda a articulação do movimento e a cobertura conferida pelo jornal ao acontecimento, entendido como o que Charaudeau (2006) concebe ser o acontecimento suscitado – Berger e Tavares (2010) avançam ao acontecimento previsto – e com contornos de rede. Um exercício de cotejamento entre o que fora observado na redação e a forma como o acontecimento é representado tanto na versão digital quanto na impressa.

A começar pela publicação do referido editorial, é substancial à tentativa de entendimento do problema de pesquisa o dimensionamento das mobilizações pela repercussão que se estabelece nas redes digitais.

A manifestação é articulada em rede e reúne, em marcha, mulheres de pelo menos 400 coletivos feministas com origem em toda a Espanha, mais representantes de praticamente todos os principais partidos políticos – incluindo o *Podemos* –, em Madrid. O acontecimento constitui-se como objeto de interesse do jornal, chegando a ocupar o espaço nobre da opinião, justamente pelo que tem de compartilhamentos, adesões e comentários em redes como *Facebook*⁹¹ e *Twitter*⁹², cujos perfis vinculados ao “#7N” têm aproximadamente 11 mil curtidas e cinco mil seguidores, respetivamente.

Ainda na noite anterior à marcha, a 06 de novembro de 2015, o *El País* publica notícia em sua página eletrônica destacando a expectativa para a manifestação, de título “*Todos los partidos se suman a la marcha contra la violencia machista*” (TODOS..., 2015); a previsão era de que pelo menos 20 mil pessoas (número que, durante a marcha, segundo os organizadores, chegaria a 500 mil) marchassem no dia seguinte, a partir de levantamento feito

⁸⁷ ANEXO 18.

⁸⁸ Ver página 67.

⁸⁹ Ver página 57.

⁹⁰ Para saber mais, ver: <<http://marcha7nmadrid.org/pt>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

⁹¹ Ver: <https://www.facebook.com/Marcha7N?hc_location=ufi>. Acesso em: 15 jan. 2016.

⁹² Ver: <<https://twitter.com/Marcha7Nmadrid>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

pela reportagem com base nas adesões indicadas na página do movimento – que é referida por hipertexto na matéria logo no lide, expressão dos usos que o jornal faz das potencialidades que o ambiente digital proporciona.

Já durante o dia 07 de novembro, à tarde, notícia publicada na página eletrônica do jornal começa a representá-lo (seria a mesma que, consolidada, ao final da marcha, serviria de base para a edição impressa): “*Una multitud participa en la marcha contra la violencia machista*” (BENGOA, 2015). O texto, atualizado ao longo da manifestação para, ao final, representá-lo por completo, explica o acontecimento, contextualiza o leitor por dados sobre a violência contra a mulher na Espanha e ouve fontes oficiais ligadas aos partidos que aderiram.

É de outros signos/notícia que o *El País* se utiliza para representar o acontecimento e sua dimensão de rede, no entanto, que saem indícios para a produção de inferências sobre o fenômeno.

Logo no início da manhã, o blog *Verne*, que debate temas de repercussão nas redes sociais, destaca: “*#PorQuéTantoOdio: El acoso machista a las mujeres que muestran su feminismo en redes*” (LLORCA, 2015), discutindo justamente as ameaças que sofrem mulheres que usam a rede como ferramenta para denunciar casos de violência e abuso, incitando o movimento feminista. O artigo teve chamada na capa da página eletrônica do jornal durante a maior parte do dia⁹³.

E há outro signo, ainda mais representativo no que tange ao objeto da presente tese. No mesmo blog *Verne*, artigo dá conta de apuração feita nas redes sociais para aferir a quantidade de menções ao termo “#7NFeminista” – mais de 13 mil até o momento da publicação. “*#7N: La manifestación feminista no es sólo de mujeres*” (SÁNCHEZ, 2015), era o título, com chamada na capa da página eletrônica, que também ocupou a maior parte do dia 07 de novembro⁹⁴; o texto destaca o movimento de reverberação da marcha, acompanhado de imagens de manifestantes, com especial atenção àquelas que representavam manifestantes de outros gêneros engajados no movimento (Figura 10).

⁹³ ANEXO 19.

⁹⁴ ANEXO 19.

Figura 10 - Imagem de perfil do Twitter reproduzida pelo blog Verne, do El País



Fonte: Twitter blog Verne. Disponível em: <<https://twitter.com/verne>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

Trata-se de uma expressão empírica da concepção das redes como extensão da redação: apuração feita no ambiente digital que alcança aspectos do acontecimento aos quais equipes de reportagem não foram capazes; imagens oriundas das redes digitais e que compõem a grande narrativa que o jornal faz para representá-lo. O que torna o indício ainda mais relevante é o fato de que o jornal mantinha, paralelamente ao levantamento feito nas redes, galeria de imagens com fotos produzidas pelos seus próprios fotógrafos ou ainda por fotógrafos contratados de agências (MANIFESTACIÓN..., 2015), o que indica que não se trata de uma forma simplesmente substituindo a outra; pelo contrário, é um movimento de complementação de uma sobre a outra.

Toda a mobilização, própria do ambiente de redes digitais, articulada nas redes e que se desencadeia, no espaço público urbano, também em rede, na medida que reúne em Madrid ativistas de várias regiões do país, redonda em destaque para a representação do

acontecimento na capa da edição do *El País* de 08 de novembro de 2015, o único com foto: “*Unidos contra la violencia machista*” (Figura 11)⁹⁵.

Figura 11 - Capa do *El País* de 08 de novembro de 2015

EL PAÍS
EL PERIÓDICO GLOBAL

www.elpais.com DOMINGO 8 DE NOVIEMBRE DE 2015 ANEXO Número 14.000 EDICIÓN MADRID Precios 2,50 euros

Rajoy espera aplazar las medidas más duras en Cataluña a después del 20-D
El Gobierno solo inhabilitará a cargos públicos cuando desobedezcan la anulación judicial de la declaración independentista que se vota mañana

China y Taiwán consuman su acercamiento en una cumbre histórica
X. FORTUQUERÍA / P. WANG
El presidente de China, Xi Jinping, y el de Taiwán, Ma Ying-jeou, protagonizaron ayer la primera cumbre entre ambos países desde la guerra civil que acabó en 1949. En un encuentro en Suvaí, consumaron un acercamiento que se ha fraguado en los siete años de Gobierno de Ma en Taiwán. Este último pidió Pékin ayuda para lograr mayor peso en los organismos internacionales. China les ofreció el ingreso en el Banco Asiático de Inversiones e Infraestructuras. **PÁGINAS 4 Y 5**

Interior alerta de los yihadistas que planean atacar en solitario
PATRICIA ORTEGA DOLZ / Madrid
Los llamados lobos solitarios, islamistas que planean ataques por su cuenta, sin apoyo de células, y los yihadistas reconvertidos de Irak o Siria son un grave peligro que obliga a mantener en España la alerta terrorista en un nivel 4, de "riesgo alto". Un informe interno del Ministerio del Interior, al que ha tenido acceso EL PAÍS, identifica las diez principales amenazas a las que se enfrenta el país. **PÁGINA 30**

La ofensiva talibán frustra los planes de salida de Afganistán
SILVIA ARJONA / Kabul
Los avances de los talibanes y el suceso del ISB en Afganistán han llevado al EU a replantearse su calendario de salida. **PÁGINAS 2 Y 3**

Unidos contra la violencia machista. Decenas de miles de personas se manifestaron ayer en Madrid contra la violencia de género convocadas por 400 colectivos feministas. A la marcha se unieron representantes de todos los partidos políticos. / A. SERRA / AGF. **PÁGINA 28**

La última oportunidad del planeta
De las minas al futuro del agua. Los retos ante la crucial cumbre del clima de París, analizados por seis diarios europeos

Forcadell y los esclavos Cristian Segura
La curia contra el Papa Rubén Amón
El turismo y el Estado Islámico Lluís Basses

negocios
El crimen lastra la economía mundial

"Mejor vino del mundo"
97/100 puntos
Decanter
Faustino I
GRAN RESERVA
1974

Fonte: reprodução/El País.

A matéria, na editoria de Espanha, é uma espécie de síntese daquela publicada ainda no dia da manifestação na página eletrônica. O título é “*Una multitud exige acabar con la violencia machista*”⁹⁶.

Ao contrário daquilo que fora percebido ao longo da observação feita na visita à redação, nesse caso a versão digital é composta por mais elementos em relação àqueles que formam a versão do impresso.

Cabe ainda registrar que há na promoção do debate sobre a violência machista indícios da mediação que o jornalismo faz dos debates públicos. É evidente, por outro lado, a

⁹⁵ ANEXO 20.

⁹⁶ ANEXO 21.

incidência de um agendamento imposto pelo movimento feminista nos fenômenos em destaque, ao fazer uso das redes sociais para conferir uma dimensão que o fizesse representado na semiosfera. A manutenção no ar de uma seção especial reunindo notícias e artigos relacionados ao tema pelo *El País*⁹⁷, contudo, denota a avaliação de importância que o jornal faz sobre ele. Como resultado dessa avaliação, dá vazão a sua discussão.

⁹⁷ Disponível em: <http://elpais.com/tag/violencia_genero/a/61>. Acesso em: 16 jan. 2015.

6 PARA ALÉM DA CRISE

“Semiótica é em origem a disciplina que estuda tudo o que pode ser usado para mentir”. A retórica definição – de tanto performática – que faz Umberto Eco (1976, p. 06) é o recurso utilizado para salientar o momento que vive o jornalismo ante a crise provocada por novas formas de intervenção no espaço público a partir das possibilidades de significação dos acontecimentos e o compartilhamento de sentidos nas redes sociais digitais. Outrossim, reiterar a semiótica como lugar epistêmico promissor a partir do qual podem emergir pistas para o seu enfrentamento. É a que se dedica este capítulo.

O próprio Peirce (apud SANTAELLA, 2008, p. 62) em uma das suas definições matriciais mais clássicas para o signo, já firmava as bases para a definição de Eco, ao explicar que:

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, *mesmo que o signo represente o objeto falsamente*. Mas dizer que ele representa seu objeto, implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determina naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediata é o objeto pode ser chamada *interpretante* (grifos nossos).

“Jovem diz ter sido agredida em bar na Cidade Baixa, em Porto Alegre” é o título de notícia publicada na página eletrônica do jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul, no dia 17 de março de 2014 (JOVEM..., 2014a). O texto representa denúncia feita por uma jovem que diz, em seu perfil no *Facebook*, ter sido agredida por um dos seguranças do referido bar, na capital gaúcha, dias antes da publicação.

Aproximadamente 14 horas depois da postagem, quase seis mil usuários da rede social já haviam compartilhado a denúncia em seus perfis, como registra a Figura 12 – que revela ainda mais de seis mil usuários que utilizaram a ferramenta “curtir” e outros quase mil que a comentaram.

Figura 12 - Publicação do Facebook de suposta vítima de agressão por segurança de bar em Porto Alegre (RS)



Fonte: reprodução/Facebook.

Os números denotam o capital social (RECUERO, 2005) que a jovem denunciante ostenta nas redes digitais, indicialmente potencializado pela suposta agressão que ela compartilha no *Facebook*. Deste capital, decorre a representação do acontecimento, compreendido como objeto semiótico, porém já com camadas evidentes de mediação – a começar pela própria postagem que o narra na rede social –, em signo/notícia que tem o jornal gaúcho na condição de interpretante.

Ao final do texto, lê-se: “Zero Hora tentou contatar Vanessa na tarde desta segunda-feira pelo Facebook e pelo local onde ela trabalhava, em Caxias do Sul, mas não obteve retorno”. Indício inexorável de uma apuração que resta feita exclusivamente pelas redes sociais digitais. Expressão concreta da concepção que entende o ambiente digital como “extensão da redação” oriunda das imersões às redações dos jornais *Folha de S. Paulo*, *The New York Times* e *El País*.

O que é ainda mais representativo, num acontecimento que não tem implicações sociais para além da denúncia de abuso por parte da segurança do bar e os eventuais campos problemáticos que ele revela naquilo que Quéré (2005) concebe como poder hermenêutico que carrega (o abuso de poder ou o assédio, manifestação de machismo, como exemplos), é a capacidade de agendamento que as redes digitais conferem ao público, antes, no fluxo comunicacional, submetido ao agendamento da mídia hegemônica – como propusera a hipótese do *agenda-setting* (McCOMBS, 2009).

Ao estudar a pauta no esteio da semiótica, Henn (1996, p. 80-81) defende que “Os valores-notícia não são estáticos; mudam no tempo”. E com base em Wolf (1987) cita, entre

os critérios para o dimensionamento de pautas, “questões de quantidade de pessoas que o acontecimento envolve”.

Percebe-se que, no caso em suspeição, a aferição quanto ao critério de que fala Henn não passa mais por uma inferência (abdutiva ou dedutiva) que o jornalista produz: é diretamente relacionada à quantidade de compartilhamentos, curtidas e comentários que a publicação, como signo do acontecimento “suposta agressão”, desencadeia no *Facebook* – num movimento que chama a atenção também para a compreensão do jornalismo como processo coletivo de produção de sentido (SALLES, 2011).

No suíte jornalístico que se desencadeia desde o acontecimento inicial – entendido, reitera-se, como semiose –, o jornal *Diário Gaúcho*, também mantido pelo Grupo RBS, do qual *Zero Hora* faz parte, publica em sua página eletrônica notícia de título “Jovem que relatou agressão em bar da Cidade Baixa registrou ocorrência na Polícia Civil” (JOVEM..., 2014b). Nesse caso, a apuração recorre a ferramentas consagradas nas práticas do campo: a consulta do registro policial feito pela denunciante, informando ao leitor sobre a delegacia e o delegado designados à investigação.

Nas redes sociais digitais, paralelamente à representação que o jornalismo faz do acontecimento, é travada uma disputa de sentidos com a jovem e a empresa que administra o bar como antagonistas. Em seu perfil no *Facebook*, a empresa refuta a acusação e recorre às imagens de segurança do bar como signos icônicos que comprovariam a não agressão (OPINIÃO PRODUTORA, 2014). Curiosamente, a jovem denunciante exclui a publicação do seu perfil logo após a repercussão que teve – tanto nas próprias redes quanto na imprensa local. Uma navegação acurada quando da finalização desta tese no perfil da jovem resulta em nenhum registro do acontecimento⁹⁸.

Não está em discussão, evidentemente, a veracidade da denúncia; não seria possível investigá-la à esta altura; também não é a proposta. Tampouco a índole da denunciante é questionada. O esforço é no sentido de destacar a trama de signos que intervêm na semiose da notícia, produzidos também por agentes extra-jornalismo. Tem-se, neste momento, um signo/notícia cujo objeto/acontecimento sequer existe mais, na medida em que a publicação que originara a primeira matéria em *Zero Hora* foi excluída do ambiente digital.

Dá a relação com as palavras de Eco (1976), e mais ainda Peirce (1977): um signo que representa, numa complexa rede de mediações, acontecimento cuja ocorrência é objeto de disputa entre os personagens envolvidos; por consequência, ontologicamente discutível na

⁹⁸ Ver: <<https://www.facebook.com/pandaventura?fref=ts>>.

relação de alteridade que se estabelece entre o real e o significado (IBRI, 1992), mas que dispara semioses no espaço público, potencializadas pela atenção do jornalismo. É também a razão pela qual a expressão “mesmo que o signo represente o objeto falsamente” é grifada na transcrição inicial de Peirce, seguida por grifo no termo “interpretante”. Afetado na condição de interpretante, o jornalismo se ocupa de conferir sentidos ao objeto e o põe em semiose, levando setores da sociedade a reações concretas.

Retomando uma relação mais orgânica com o objeto de pesquisa, a inferência que se sobrepõe é a possibilidade que se vislumbra aos movimentos sociais de fazerem suas demandas representadas recorrendo a estratégias de significação – seja na sua dimensão virtual ou urbana –, tendo como catalisador as redes sociais digitais. A proposta é compreender essa possibilidade, de uma parte, no intento de contribuir à organização dos movimentos sociais no que tange à sua capacidade de intervenção pública e, de outra, oferecer ao jornalismo, como campo social, prioritariamente, mas também profissional, pistas para o enfrentamento da crise.

Em meio a uma semiosfera contemporânea amplamente difusa, em que se concretizam processos de semiose distintos em relação àqueles que o jornalismo, historicamente, empreendeu sobre os acontecimentos como objetos propulsores, postula-se a emergência do *interpretante em rede* do mapa conceitual oferecido pela Teoria Geral dos Signos de Peirce; e do conceito proposto, elo na relação entre movimentos em rede e jornalismo para a produção de sentido sobre o mundo, com vistas a uma representação mais complexa dos conflitos sociais como objeto/acontecimento.

Defende-se ainda a função de mediação qualificada que o jornalismo pretensamente exerceria nessa semiosfera, avançando da tentativa de representação objetiva do real a uma representação resultante de processo rigoroso de aferição de sentidos nos acontecimentos, tendo o consenso, em Peirce, como motor teleológico. Se é admitido o protagonismo alcançado por agentes que até a consolidação das redes sociais digitais eram marginalizados dos debates públicos – até pelo não-agendamento midiático – que papel tem o jornalismo frente a esse fenômeno? Espera-se que o esforço das próximas páginas contribua para uma resposta.

6.1 APONTAMENTOS SOBRE O INTERPRETANTE

Um primeiro movimento no sentido de esmiuçar a proposta de enfrentamento da crise que atravessa o jornalismo na semiosfera contemporânea remonta às definições para o

interpretante no processo de semiose. A avaliação é a de que se trata de exercício indispensável à sua compreensão. E recorre-se, para tanto, à Santaella (2008), com o primoroso resgate que faz do percurso do conceito na obra de Peirce.

É em 1866 que a palavra “interpretante”, com a conotação que assumiu, aparece pela primeira vez, no mais tarde consagrado estudo “Sobre uma nova lista de categorias” (p. 68). Na semiose, sabe-se, o interpretante – que não se confunde com intérprete, não custa lembrar – é efeito do signo ao mesmo tempo em que o processa como representação do objeto, pondo-a num curso infinito e incontrolável.

Nesse lugar lógico e transitório do interpretante na semiose é que o jornalismo é pensado em perspectiva semiótica; na semiose da notícia – representada pelo esquema reiteradamente acionado ao longo do texto: *objeto/acontecimento – mente interpretante/jornalismo – signo/notícia*⁹⁹.

Já a divisão do interpretante em imediato, dinâmico e final – que redundaria, enfim, na subdivisão que dá lastro à tese defendida (emocional, energético e lógico) – é tardia, avalia Santaella (2008, p. 68-69): data de 1904, depois de Peirce resenhar o livro “*What is meaning*”, de Victoria Lady Welby, e, propondo diálogo com a autora, escrever carta em que admite a possibilidade de influência da leitura sobre o seu conceito – embora sustente sua concepção em termos de coincidência.

As duas classificações do interpretante – no que o parágrafo anterior denomina “divisão” e “subdivisão” – são alvo de controvérsia entre investigadores e intérpretes de Peirce. Há quem advogue que a primeira e mais ampla (imediato, dinâmico, final) é perpassada pela segunda (emocional, energético e lógico), como subdivisão, nas três categorias iniciais. De outra parte, que a segunda classificação estaria localizada, em relação à primeira, apenas no interpretante dinâmico, que, com efeito, é o que se concretiza na semiose; pode ser aferido por análise do processo. Santaella cita Johansen (1985) e Savan (1976) como defensores de uma e de outra corrente, respetivamente.

Mais do que a filiação a uma das classificações, é elucidativo um movimento no sentido de compreendê-las – ambas com referência às três categorias fenomenológicas peirceanas fundamentais: primeiridade, secundidade e terceiridade, na mesma ordem de relação com as categorias do interpretante.

⁹⁹ O uso da expressão “mente interpretante” no esquema lógico que representa a semiose da notícia visa a evitar o renitente equívoco, cometido especialmente por leitores não assíduos da obra de Peirce, de confundir “interpretante” e “intérprete”.

Ao definir a primeira tricotomia, Peirce oferece um desenho lógico para o percurso do interpretante na semiose, que vai do imediato e passa pelo dinâmico com vistas ao final. A interrupção do percurso em algum dos estágios é fruto de uma semiose processada sobre um signo degenerado – ou quase-signo. Nas palavras de Santaella (2008, p. 70): “são assim chamados porque neles a tricotomia não é genuína, de modo que a trajetória do interpretante não se completa rumo à continuidade”. São signos que têm estatura para representar seus objetos, produzem, conseqüentemente, interpretantes, porém não permitem que a semiose seja plena – mesmo admitindo-se que ela nunca alcança a plenitude, se considerada infinita.

Grosso modo, ao interpretante imediato é atribuída a condição de possibilidade, apenas; sentido ainda não realizado e interno ao signo: isento de mediação. Pode-se visualizá-lo como a gama de sentidos entre os quais o interpretante dinâmico se processará. Ao interpretante dinâmico importa, então, o que Santaella (2008, p. 72), evocando Peirce, diz ser o “efeito realmente produzido na mente pelo signo”, argumentando ser o “membro menos problemático da triáde” (p. 73), porque *in concreto*. Em sentido diametralmente oposto ao dinâmico, o interpretante final é *in abstracto*: “aquele que mais equívocos produz em leitores não familiarizados com o lugar que este interpretante ocupa no conjunto global das ideias de Peirce [...]” (SANTAELLA, 2008, p. 74).

Ganha em importância, diante do alerta, uma atenção especial ao interpretante final. Trata-se, numa interpretação primeira, do fim teleológico da semiose – aproximando-se, assim, do consenso de que fala Peirce¹⁰⁰. Não é, entretanto, um destino concreto, de visada empírica, para o qual convergiriam todas as semioses, e, sim, “um limite ideal, aproximável, mas inatingível, para o qual os interpretantes dinâmicos tendem”, define Santaella (2008, p. 74).

O exercício de compreensão do interpretante na semiose, nesse contexto, leva ao entendimento de que o interpretante dinâmico, aquele que se concretiza na mente afetada pelo signo que representa o objeto como efeito da ordem do real, é, impreterivelmente, se genuíno, resultado de uma negociação dialética entre o imediato (sentidos possíveis contidos no signo) e o final (sentidos teleológicos que orientam a semiose).

A proposta que põe o jornalismo na condição de interpretante, frente ao exposto, deve considerá-lo, no sentido da compreensão da semiose da notícia e em suspeição durante o processo, como interpretante dinâmico. A principal implicação dessa medida teórico-metodológica é a conveniente adoção da leitura que faz Savan (1976) para o posicionamento

¹⁰⁰ Sobre o consenso em Peirce, ver página 25.

da segunda tricotomia em relação à primeira: emocional, energético, lógico, seriam subdivisão do interpretante dinâmico.

A lógica de processamento do interpretante na segunda tricotomia de Peirce tem a mesma linha de raciocínio da primeira: do emocional, passando pelo energético, ao lógico. E a possibilidade de interrupção do percurso, redundando em signos degenerados, também se repete. O formato dessas três categorias é que parece mais pragmático (em termos peirceanos mesmo) do que na classificação anterior – sem surpresa, sobretudo se compreendidas como subdivisão do interpretante dinâmico.

O primeiro efeito semiótico do signo na semiose, de natureza qualitativa, em resumo, Peirce chamou de interpretante emocional. Daí a relação natural com a primeiridade. Uma rápida leitura inclina o entendimento a um significado emotivo. Santaella (2008, p. 79) esclarece: “o interpretante emocional, de sentido mais vago e indefinido [em detrimento da emoção puramente], diz respeito a uma qualidade de sentimento inalisável e intraduzível”. Em outras palavras, não se confunde com o sentido comum conferido à emoção (que em Peirce, a propósito, já é terceiridade).

No interior desta tricotomia, é no energético que o lugar do interpretante é prioritariamente ocupado pelo jornalismo na semiose da notícia. É o efeito do signo que depende de ação reativa da mente que é submetida ao fenômeno. Nesse sentido, tem característica de relação, na secundidade, e no que o conceito de experiência colateral é realçado. A repetição padronizada de reações na semiose leva ao que Peirce denominou hábitos – ou regras, numa definição menos corrente – que determinam o interpretante energético e constituem as condições para a sua reprodução.

Ao interpretante lógico, finalmente, Santaella (2008, p. 79) confere a seguinte definição: “é o pensamento ou entendimento geral produzido pelo signo”. À primeira vista, de fácil compreensão: corresponderia à terceiridade, quando o sentido do signo se completa. O próprio interpretante lógico, entretanto, tem suas subdivisões – que, neste momento, perdem em relevância para o conceito geral. Alia-se à explicação inicial mais uma: a função de regra geral que carrega; de orientador do curso da semiose. Aproxima-se, nesse aspecto, do interpretante final.

Admitida a segunda tricotomia, especificamente, no interior do interpretante dinâmico, por outro lado, o lógico concretiza-se na semiose tanto quanto o emocional e o energético, diferentemente da primeira classificação em que esse fenômeno se dá apenas no dinâmico, naturalmente. É do que decorre a possibilidade, quando o efeito do signo chega ao nível do

interpretante lógico, de que hábitos se transformem ao longo do tempo, tendo nele mesmo contida a mudança como uma espécie de gene.

6.1.1 Hábitos de rede

É razoável a analogia que toma aqueles valores-notícia de que fala Wolf (1995), mais as diretrizes narrativas do próprio jornalismo, ambos associados às trocas de experiências reativas diante dos acontecimentos entre profissionais que formam a comunidade interpretativa a que se refere Zelizer (2000), como hábitos peirceanos.

E todo o processo de rápida contextualização do acontecimento que bem descreve Henn (2014b) encerra o jornalismo, na semiose da notícia, à condição de interpretante energético. Não avançando ao interpretante lógico, explica-se a produção de signos/notícia que se poderia chamar degenerados, quase-signos; não dão a ver da complexidade dos acontecimentos que representam como objeto semiótico e, ao conter a infinitude da semiose, também não permitem ao leitor que o faça.

Ainda sem avançar ao cotejamento do material empírico reunido ao longo da investigação com o escopo teórico mobilizado, convém um esforço no sentido de aprofundar o conceito de hábitos em Peirce. Isso porque, além de oferecer um padrão de ação que determina o interpretante enérgico, de relação fundamental com o jornalismo na proposição em curso, tem ainda uma dimensão que o aproxima do interpretante lógico.

Recorrendo novamente a Savan (1976), Santaella (2008) ensina que quando interpretantes energéticos, considerados conjuntos de ações repetidas, tornam-se exemplares a hábitos de interpretação que também se repetem indefinidamente, são alçados à condição de réplicas de interpretantes lógicos; assumem, por conseguinte, uma conotação de orientadores da semiose. Depreende-se, na complexidade desse processo, pista para a compreensão de referências impostas à representação de movimentos sociais tradicionais, ortodoxos, historicamente objeto de signos/notícia degenerados produzidos pelo jornalismo e processados por interpretantes energéticos amplamente repetidos.

O que a pesquisa de campo nas redações dos jornais *Folha de S. Paulo*, *The New York Times* e *El País* revela, por outro lado, é a constituição de novos hábitos que vão constituindo-se no ambiente de rede – pensado o conceito em sentido mais amplo, de correlações sociais, não apenas restrito a redes digitais. E é por força deles que se defende também a emergência do interpretante em rede, caracterizado na seção seguinte. Antes, porém, é preciso caracterizar o que está se propondo chamar *hábitos de rede*.

O primeiro substrato empírico a que se recorre ainda é parte do próprio caso que ilustra a abertura deste capítulo. Se não por outras justificativas, pelo que tem de exemplar na relação com a proposta epistemológica em construção. Quando os índices de engajamento do público nas redes digitais (compartilhamentos, comentários e curtidas), neste específico, o *Facebook*, assumem contornos nítidos de valor-notícia, expressam a constituição de um hábito que é próprio desse ambiente de que tem se falado.

A relação dessa percepção com o que foi observado nas redações é mais do que epidérmica. O movimento, embora de manifestação mais sútil, é o mesmo que se desenrolou ao longo dos processos de produção da notícia a que se teve acesso nas redações pesquisadas.

Vejamos.

Na *Folha*, em meio às *Jornadas de Junho* e às tensões que os movimentos articulados em rede provocavam, foi perceptível a atenção que os jornalistas, em especial os envolvidos com o planejamento da edição, conferiam às redes digitais para aferição do interesse do público. É representativa, ao encontro dessa impressão, fala do chefe de pauta da editoria de Cotidiano (justamente o profissional que responde, em primeira instância, “o que é notícia?”) quando o assunto é a importância do *Facebook* para as mobilizações: “No início, achávamos que era só mais uma manifestação. Começou pelo aumento das passagens e reuniu pessoas com demandas diversas”¹⁰¹.

Contribui de maneira ainda mais substancial à caracterização do hábito as implicações que têm os índices de audiência sobre a semiose da notícia que se desencadeia no *El País*. Quando da observação, como exemplo de ação, destaca-se o procedimento que redundou em chamada de capa para a notícia que tratava de alerta da organização mundial da saúde para a possibilidade de câncer causado por carne processada, na edição de 27 de outubro de 2015: no dia anterior, fora a mais acessada na versão digital do jornal espanhol, com média superior a 74 mil acessos por hora – a segunda, vale lembrar, tinha pouco mais de 12 mil acessos/hora¹⁰².

As novas formas de processamento da apuração jornalística, preceito básico na constituição do campo profissional, são também constituintes do que se advoga serem os novos hábitos de interpretação em desenvolvimento. Sem o receio da repetição demasiada, cabe citar o acontecimento “suposta agressão em bar de Porto Alegre”, que remonta mais uma vez à abertura do capítulo, como indício: o próprio texto do primeiro signo que o representa

¹⁰¹ Ver página 106.

¹⁰² Ver página 123.

admite um processo de produção da notícia que tem as redes sociais digitais como único espaço de apuração que se concretiza.

É exemplar dessa inferência a revelação que faz o chefe de pauta de Cotidiano da *Folha*. Comentando a cobertura das mobilizações que ocorreram pelo mundo a 16 de junho de 2013, em solidariedade aos ativistas agredidos pela polícia no Brasil dias antes, conta: “O Facebook ontem foi um instrumento de apuração incrível, porque teve protestos [...] no mundo todo”¹⁰³.

Quem também oferece aporte ao entendimento desse hábito é Michel Roston, editor de Mídias Sociais do *NY Times*, ao explicar como as informações que circulam nas redes são processadas na redação: “Os sinais de mídias sociais são parte de uma apuração de um repórter ou editor. Eles podem ser tão importantes quanto um comunicado de imprensa enviado por mensagem eletrônica ou um vazamento de uma fonte”¹⁰⁴. A mesma lógica se aplica à referência que faz Roston ao trabalho de levantamento de informações sobre as consequências da passagem do furacão Sandy nos EUA: sua equipe extraía das redes digitais imagens e relatos de vítimas, compondo a grande semiose da notícia sobre o acontecimento¹⁰⁵.

Em que pese a relevância das declarações dos profissionais como signos das práticas jornalísticas ante as redes, é da própria observação desses processos, com a semiose da notícia em curso, que saem os indícios mais consistentes. É o caso da cobertura do “#7N”, quando mulheres feministas marcham pelas ruas de Madrid, na Espanha, em 07 de novembro de 2015, em manifestação que tem as redes como espaço de articulação e mobilização¹⁰⁶. A transcrição de entretítulo de um dos artigos publicados na versão digital do jornal fala por si: “*El hashtag #7NFeminista registra más de 13.000 menciones con lo mejor de la manifestación*” (SÁNCHEZ, 2015).

Na mesma seara, a experiência da *Folha* é, novamente, representativa. O desdobramento das *Jornadas de Junho* em fenômenos com características que Henn (2014a) atribui a ciberacontecimentos (cuja ocorrência depende, lembremos, essencialmente, do ambiente digital; são intrínsecos a ele) dispara semioses da notícia que redundam em publicações na versão digital do jornal: a invasão dos perfis da revista *Veja* no *Twitter* e no *Instagram* e também do perfil da presidente brasileira, Dilma Rousseff, no *Twitter* – nos três

¹⁰³ Ver página 106.

¹⁰⁴ Ver página 119.

¹⁰⁵ Ver página 118.

¹⁰⁶ Ver página 128.

casos, por *hackers* que fazem circular mensagens alusivas às manifestações que tomavam conta do país¹⁰⁷.

No que se pode observar nas três redações, no monitoramento do ambiente digital é identificado outro indício ao encontro do conceito de hábitos de rede. Prática constante na *Folha de S. Paulo* durante a cobertura das *Jornadas de Junho*, sobretudo no que diz respeito à descoberta de informações sobre novas manifestações que ocorriam dia a dia no Brasil e no mundo: data, horário, local, quantidade de participantes de acordo com confirmações em eventos criados no *Facebook*.

Nas duas outras observações, os indícios dessa ordem são ainda mais concretos – embora em menor número. No *The New York Times*, o pedido que faz repórter de Esportes à editoria de Mídias Sociais para o acompanhamento da repercussão de notícia publicada na edição de 30 de março de 2015, sobre jogador de baseball que voltava a jogar depois de período afastado por uso de substâncias proibidas¹⁰⁸; a descoberta, nas redes sociais, do ciberacontecimento envolvendo a intervenção do garçom Alberto Casillas em detrimento da violência policial durante o acontecimento “#25S”, em Madrid, a 25 de setembro de 2012, admitida pelo responsável, em conversa informal com o pesquisador¹⁰⁹.

Cristalizado, o monitoramento das redes com vistas à apuração, mas, mais especificamente à descoberta de pautas, é base para o que, desde o capítulo anterior, é proposto denominar “ronda digital” (alusão à ronda: prática de verificação de pautas junto à órgãos públicos, instituições, fontes oficiais etc.), de modo a caracterizá-lo como um dos hábitos de rede percebidos nas redações.

“Temos de tomar esse feedback para o coração e melhorar a forma como contamos histórias semelhantes ou a mesma história, no futuro”, é a fala de Roston, do *NY Times*, ao comentar a interação (entendida também como conversação) que se estabelece com o leitor a partir das possibilidades de intervenção na semiosfera contemporânea a eles conferida com o advento das redes digitais¹¹⁰.

Feedback, pois, é o último hábito de rede (dentre tantos outros que não mereceram referência aqui por força do protocolo do texto) caracterizado antes que se avance ao interpretante em rede, justamente por eles determinado. E não é sem razão justificada. Trata-se justamente de interface com o conceito que será caracterizado a seguir. É, ao mesmo tempo, hábito, na medida em que é ação reativa repetida na semiose da notícia submetida ao

¹⁰⁷ Ver página 107.

¹⁰⁸ Ver página 117.

¹⁰⁹ Ver página 123.

¹¹⁰ Ver página 118.

ambiente digital, e é a manifestação do próprio interpretante proposto, ao compor a narrativa dos acontecimentos em sentido amplo, como se pode inferir da fala do editor de Mídias Sociais do jornal estadunidense.

6.2 O INTERPRETANTE EM REDE

O próprio conceito de semiose é concebido como cooperação que se processa em rede: uma complexa rede de mediações, ao longo do percurso do interpretante, por signos entre o real e uma mente fenomenologicamente afetada. Interpretante que, conforme discutido há pouco, também é, essencialmente, um processo interligado de efeitos do signo.

Resguardado o esclarecimento, cumpre propor ao debate, enfim, o conceito de interpretante em rede.

Antes, permite-se uma última ressalva: a própria constituição do conceito assume natureza de hipótese. Hipótese a que está tese chega como encaminhamento, fruto, naturalmente, das análises que o trabalho de quatro anos de investigação empreendeu – dos indícios empíricos que reuniu, cotejados às teorias mobilizadas ao longo do processo (em especial, como a denominação já indica, a Teoria Geral dos Signos). Sua consolidação, contudo, depende agora de aplicação à processos sociais que envolvam, a jusante, mobilizações em rede e jornalismo, amalgamados na semiosfera contemporânea.

Atendendo ao chamado ao pragmatismo que faz Peirce em sua brilhante empreitada para a compreensão do conhecimento humano sobre o mundo, a proposta que ilumina a relação entre jornalismo e movimentos de articulação em rede é de natureza lógica. Isso implica um exercício de análise do interpretante na dimensão do dinâmico, onde estaria localizado o jornalismo ao ocupá-lo transitoriamente na semiose da notícia.

As ações de reação aos fenômenos que afetam o campo ante a crise, que têm as redes digitais como ambiente, estabelecem hábitos de rede. Em consequência, determinam o que é ora postulado ser o interpretante em rede: um desdobramento do interpretante energético, num complexo emaranhado; complementar. Uma espécie de ponte entre o interpretante energético e o lógico; facilitador do seu percurso na semiose, com vistas, teleologicamente, ao interpretante final. Dito em outras palavras, é o catalisador da produção de signos genuínos, potencializando a infinitude da semiose.

E, quando incluído o conceito na tricotomia do interpretante, graficamente, a proposta é representada pelo esquema abaixo:

1. Interpretante imediato
2. Interpretante dinâmico
 - 2.1 Interpretante emocional
 - 2.2 Interpretante energético
 - 2.2.1 *Interpretante em rede*
 - 2.3 Interpretante lógico
3. Interpretante final

Na semiose da notícia, é como se o interpretante em rede impelisse o jornalismo à condição de interpretante lógico. Os hábitos que, historicamente, permearam a representação que o jornalismo faz dos acontecimentos, agora, são submetidos a transformações, fruto de ações que também são de reação aos fenômenos, mas constituídas em rede.

Justifica-se, na elaboração do parágrafo acima, a localização do conceito como desdobramento do interpretante energético, com vistas ao lógico: ainda não é a efetivação do pensamento intelectual pleno, na medida em que estaria mais associado à secundidade, com influência da experiência colateral provocada pelo signo nas mentes interpretantes (combinadas em rede na semiose), porém já é, potencialmente, revelador de sentidos sobre o objeto mais complexos, favorecendo a constituição do interpretante lógico.

O conceito é forjado, em síntese, na possibilidade conferida a outros sistemas de produção de sentido de compartilhar significados, por semioses distintas e, não raro, antagônicas, à semiose da notícia, evidenciando a incompletude do signo que o jornalismo produz e, novamente, dando vazão à perspectiva do jornalismo como processo, defendida por Salles (2011).

Esse raciocínio quer destacar a falência do projeto original do jornalismo moderno, que, pretensamente, propunha uma narrativa do tempo presente (MAROCCO; ZAMIN; BOFF, 2012) capaz de reproduzir o objeto ao leitor, como se sem mediação. Admitida a incapacidade do signo de ocupar o lugar do objeto, as sobras do objeto dinâmico para as quais chama a atenção Santaella (2008), com as redes digitais, resultam representadas em signos que são amplamente compartilhados e que, por sua vez, produzem o interpretante em rede, lugar lógico que é ocupado pelo jornalismo, no mais das vezes compulsoriamente, durante a semiose da notícia atual.

O resultado desse arranjo é uma pretensa capacidade de representação dos conflitos sociais na condição de objeto semiótico mais complexa em relação àquela feita por signos degenerados que o jornalismo se acostumou a fazer circular na semiosfera. A partir do que se

pode inferir da investigação ao longo dos últimos anos, contudo, o momento ainda é de tensão, perplexidade, frente a esse interpretante em rede – tanto do jornalismo (afetado por ele ao mesmo tempo em que o compõe) quanto dos movimentos de articulação em rede (responsáveis pela sua constituição).

As reações do jornalismo são ainda muito mais instintivas do que reflexivas – não só no que diz respeito a uma reflexão sobre as práticas de caráter estritamente profissional (mais ou menos como as que compõem os capítulos anteriores), e, sim, sobremaneira, quando o quadro de referência é a proposição epistemológica consolidada aqui. Ainda assim, o resultado da ação do interpretante em rede na semiose da notícia com vistas a uma narrativa dos acontecimentos menos influenciada por hábitos que impõem contensão de sentidos é alvissareiro. Pelo menos é o que se pode provisoriamente inferir dos materiais analisados ao longo da tese.

Quando do acompanhamento da cobertura das *Jornadas de Junho* na *Folha de S. Paulo*, essa inferência sobressaltou-se. Há, ao longo da grande semiose da notícia disparada pelos acontecimentos que a compuseram, indícios substanciais. O que se estabelece, nesse específico, é um embate acirrado, de natureza hipercomplexa, na ação do jornalismo como interpretante enérgico com o interpretante em rede produzido pela ação de outros sistemas de produção de sentido, concretizada nas redes sociais digitais.

Ao encontro da concisão do texto, a interface entre duas das passagens observadas na redação do jornal paulista basta para ilustrar o processo.

Primeiro, em reunião de planejamento da edição do impresso, um dos profissionais que ocupa cargo de direção orienta a semiose da notícia com base na crítica que o *ombudsman* faz à cobertura que se desenrolava: “Ela [Suzana Singer, que era quem exercia a função à época] diz que a Folha deveria cuidar para não pesar a mão a favor das manifestações; ficamos sem o cidadão contrário”¹¹¹, no que se identifica manifestação do interpretante energético.

Depois, também durante reunião de planejamento da edição, outro profissional avalia: “Tá na cara que a força e a rapidez de mobilização tá calcada nisso [redes sociais]. A maioria fica sabendo por ali [dos protestos], não tá nem aí para o que gente diz. O efeito disso temos que discutir”¹¹². Metaforicamente, o efeito de que fala o jornalista é, justamente, o efeito do signo sobre as mentes interpretantes, com as manifestações sociais como objeto, produzindo, em corolário, o interpretante em rede.

¹¹¹ Ver página 109.

¹¹² Ver página 110.

Do *The New York Times* saem inferências à consolidação do conceito a partir da cobertura conferida ao atentado ao jornal satírico *Charlie Hebdo*, em Paris, em 07 de janeiro de 2015, quando 12 jornalistas e outras cinco pessoas foram mortas em ação reivindicada pelo Estado Islâmico. É pela incidência do interpretante em rede que o jornal estadunidense se submete a uma inflexão na representação inicial que fazia, que dava margem à interpretação de que a culpa recaía sobre a comunidade islâmica, fruto das suas crenças. Só depois de um movimento de renúncia por parte de membros da comunidade nas redes sociais digitais, esclarecendo ser responsabilidade de um grupo radical específico, é que a autoria é problematizada em signos/notícia que dão a ver mais da complexidade do acontecimento representado na condição de objeto¹¹³.

No *El País* são dois os casos que atendem à dinâmica do interpretante em rede.

A semiose da notícia desencadeada pelo acontecimento “#25S”, a 25 de setembro de 2012, quando quase um milhão de pessoas protestava em frente ao congresso da Espanha, em Madrid, por uma nova constituinte, em manifestação de características típicas dos movimentos de ocupação global, de articulação em rede e com o *Indignados* como protagonista, inclusive, redundava em signos/notícia que omitiam a violência policial como parte do objeto¹¹⁴.

O caso é exemplar. Por ação de um interpretante energético, parte constituinte do objeto dinâmico restava como sobra, não representada. É pela interação com um interpretante em rede, oriundo de cirberacontecimento (o vídeo com o garçom Alberto Casillas defendendo manifestantes da polícia), que dispara semioses difusas nas redes digitais, que o jornal espanhol produz signos/notícia que deem conta de representar também esse aspecto do fenômeno.

O segundo caso é a marcha que combatia a violência contra a mulher, em Madrid, em 07 de novembro de 2015. Desde o editorial que o *El País* publica no próprio dia do acontecimento, incitado pela mobilização que tomara grandes proporções nas redes digitais nos dias que o antecederam, passando pela cobertura da marcha na versão digital, enquanto movimentos feministas ocupavam as ruas, até a repercussão no impresso do dia seguinte, é possível aferir a incidência do interpretante em rede.

As reações ao novo interpretante proposto empreendidas pelo jornalismo ainda são, nitidamente, de origem instintiva, é verdade. É também verdade que as redações têm feito esforços no sentido de tentar compreender o fenômeno.

¹¹³ Ver página 88.

¹¹⁴ Ver página 91.

A própria ideia das redes digitais entendidas como “extensão da redação”, como as define Michel Roston, do *The New York Times*, é manifestação desse movimento. Ou ainda a declaração dada pelo editor chefe da versão digital do *El País*, Bernardo Marín: “As pessoas estão nas redes sociais. Nós temos que estar. Temos que extrair informações, mas, ao mesmo, ampliar as regras do nosso jornalismo. Temos que entender o que é importante para as pessoas”¹¹⁵. E, ainda, a reflexão de profissional da *Folha de S. Paulo*, recentemente citada no texto, ao tratar da atenção que o público dedicava às redes em detrimento da interpretação dos acontecimentos que fazia o jornalismo durante as *Jornadas de Junho* no Brasil: “O efeito disso temos que discutir”.

Ao encontro das opiniões dos jornalistas, nas três redações em que atuam é possível perceber medidas concretas no sentido de atender às dinâmicas do interpretante em rede, num diálogo entre as dimensões instintiva e reflexiva das reações.

No jornal brasileiro, contraditoriamente, se considerada a não otimização do recurso à época da investigação, a existência de uma editoria de Mídias Sociais é exemplo¹¹⁶. No *NY Times* destaca-se a reorganização da editoria de mesmo nome em 2014, quando passa a ser associada diretamente à redação¹¹⁷. E no *El País*, a centralidade que tem na semiose da notícia a equipe que opera as redes sociais, cujo local de trabalho é junto à ilha de edição das versões digital e impressa¹¹⁸.

6.2.1 A Primavera das Mulheres

As campanhas de denúncia contra a violência contra a mulher que se desencadearam nas redes sociais digitais no Brasil no final de 2015, sob signos representados pelas *hashtags* “#MeuAmigoSecreto” e “#MeuPrimeiroAssédio”¹¹⁹, caracterizam-se como manifestação concreta da interação provocada pelo interpretante em rede entre jornalismo e mobilizações sociais de dinâmica semelhante aos movimentos de ocupação global na semiosfera contemporânea. O caso é evocado, portanto, como elo entre as duas dimensões do objeto de pesquisa sobre o qual esta tese é dedicada.

Ambas as campanhas recorrem às *hashtags* como signos que representam questões de gênero como objetos: abuso sexual, direitos cerceados, diferença salarial, comportamentos

¹¹⁵ Ver página 122.

¹¹⁶ Ver página 112.

¹¹⁷ Ver página 116.

¹¹⁸ Ver página 122.

¹¹⁹ Ver página 69.

estereotipados; o machismo em todas as suas formas de expressão. Contribuem ao desvendamento da constituição do interpretante em rede, acima de tudo, pela natureza coletiva que portam em suas gêneses e, em decorrência dela, sua concretização no ambiente digital – sem o recurso, inclusive, a estratégias que demandassem acontecimentos de ocupação do espaço urbano para que o campo problemático que revelam fosse debatido na esfera pública.

Compreendidas como ciberacontecimento (HENN, 2014a), as campanhas ganham status de acontecimento jornalístico (BENNETI, 2010) ao serem representadas em signos/notícia como: “#MeuAmigoSecreto, nova investida feminina contra o machismo velado”, publicado na versão brasileira do jornal *El País* (MORAES, 2015); “Mulheres usam redes sociais para denunciar comportamentos machistas”, na página do jornal *Zero Hora* (MULHERES..., 2015a); ou “#MeuAmigoSecreto: nova campanha na internet denuncia o machismo do dia a dia”, da revista *Época*, publicado em sua página eletrônica (VISCONTI, 2015).

A opção, no entanto, é por aprofundar a reflexão sobre a interação entre jornalismo e movimentos de rede que está sendo proposta a partir de matéria veiculada na edição de 30 de novembro de 2015 pelo telejornal *Bom Dia Brasil*, da *TV Globo* (MULHERES..., 2015b); o conteúdo justifica-se por si só.

“Campanhas nas redes sociais estão incentivando as mulheres a denunciar casos de abuso sexual e de machismo”, é a manchete que faz um dos apresentadores, Chico Pinheiro. Ao propor diálogo com o colega Rodrigo Bocardi, que está em São Paulo (o telejornal é apresentado ao vivo desde o Rio de Janeiro), parte do texto do apresentador é: “As hashtags encorajam mulheres [...] a falar sobre situações que antes elas mantinham escondidas por medo, por vergonha ou por mais assédio acima do assédio”.

Antes de acionar a reportagem, Bocardi contribui para a introdução do tema com o texto: “As mulheres estão descobrindo que as redes sociais podem se tornar grandes aliadas no combate a violência contra elas. E as hashtags [...], com aqueles títulos de efeito, além de ajudarem a denunciar os casos de assédio também mudam conceitos”.

A matéria é composta por personagens envolvidas em situações pontuais de machismo superadas depois que as campanhas viralizam nas redes digitais. Também revela números sobre denúncias no Brasil. Entre janeiro e outubro de 2015, mais de 63 mil mulheres acionaram a Central de Atendimento à Mulher, ligada à Secretaria de Políticas para as Mulheres mantida pelo governo brasileiro, pelo telefone 180 (BRASIL, 2016). O número é 40% maior do que os índices registrados no ano anterior.

Quem encerra o assunto no telejornal é a apresentadora Ana Paula Araújo, com o texto: “Essas campanhas têm ajudado tanto as mulheres, mas têm ajudado tanto as mulheres pelo Brasil a perceberem que não são culpadas, que não tem que se sentir envergonhadas e que não estão sozinhas. Tem que denunciar mesmo”.

Sobressalta-se a percepção do jornalismo, representada pelo telejornal, quanto à função simbólica que as *hashtags* cumprem na grande semiose desencadeada pelo machismo na condição de objeto. E mais: a possibilidade que elas conferem ao movimento de intervir concretamente na sociedade de modo a mudar conceitos.

O destaque para o qual se chama a atenção, porém, é quanto à capacidade de agendamento e, sobretudo, de significação e compartilhamento de sentidos, que o movimento alcança a partir de uma semiose que afeta o jornalismo com as *hashtags* como signos que produzem sobre ele o interpretante em rede.

Se há, ainda, no signo/notícia analisado, rastros de hábitos cristalizados na semiose da notícia tradicional, como a necessidade de identificação de personagens para compor a representação dos acontecimentos, parece haver também uma narrativa mais fluída, que revela mais do machismo como campo problemático, no que se pode aferir, sem juízo se mais ou menos, indício de manifestação do interpretante lógico.

O debate em torno do machismo como conflito social ganha em evidência, tendo o jornalismo como catalisador - também em referência ao que Zago (2011) chama de *recirculação jornalística*, com a sua reverberação a partir do compartilhamento do próprio signo/notícia em perfis de usuários das redes sociais digitais.

A mobilização culmina com a reportagem principal da revista *Época*, na edição de 07 de novembro de 2015 (coincidentemente, data em que acontecia o “#7N” na Espanha, a marcha feminista contra a opressão), publicada também na versão digital (GRILLO et al., 2015). “A Primavera das Mulheres” é a manchete, seguida pela linha de apoio: “As mulheres tomam as ruas e as redes sociais e criam um movimento que agita o país” (Figura 13). Uma tentativa de interpretar o fenômeno que se desenrolava nas redes digitais e nas ruas, com manifestações que tinha como alvo o presidente da Câmara Federal brasileira, deputado Eduardo Cunha, acusado de corrupção, de posições conservadoras, de cunho religioso, redundando no combate a pautas feministas como a regulamentação do aborto.

Figura 13 - Capa de Época, 07 de novembro de 2015



Fonte: reprodução/Época

Percebe-se, nesse processo, uma espécie de exemplo de expressão da capacidade de agendamento que a ação do interpretante em rede possibilita. Inferência que é reforçada por uma leitura contemporânea do conceito de opinião pública em Lippmann (2008), considerando a função interpretativa que as revistas cumprem, ao identificar, a partir de um modo de fazer que Tavares (2011) chama de *jornalismo revistativo*, os temas relevantes na esfera pública, promovendo-os interpretativamente.

A potencialização do debate como inferência é reforçada quando toda essa semiose da notícia é comparada àquela que ilustrou o primeiro capítulo, com o “Dia do Trabalhador” como objeto representado em signos/notícia produzidos pelo *Jornal Nacional*, da *TV Globo*: movimentos sociais de origem e estratégias de mobilização e intervenção pública mais ortodoxas, com o recurso a grandes acontecimentos, cujos sentidos são encerrados à imagem de instituições incapazes de conviver na moderna sociedade pela ação do jornalismo como interpretante enérgico, processado a partir de uma experiência colateral marcada por esse tipo de representação¹²⁰.

¹²⁰ Ver página 44.

Resulta desse breve exercício a possibilidade que se apresenta aos movimentos sociais de estabelecerem estratégias de intervenção pública que revelem mais da sua complexidade quando representados pelo jornalismo. E, ao encontro dela, a necessidade de compreensão quanto à dinâmica de processamento do interpretante em rede e sua incidência sobre o jornalismo na semiose da notícia.

É um esforço parecido com o que fizera o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil. Ao traçar a estratégia, na década de 1990, de ocupação de latifúndios que atendiam aos índices de produtividade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), o MST revelava a compreensão do estatuto do acontecimento jornalístico, de modo a fazer debater a redistribuição de terra como campo problemático na esfera pública – ainda que houvesse, ao mesmo tempo, o entendimento de que, ao ser submetida àquela semiose da notícia tradicional, teria os seus sentidos contidos no signo/notícia (OLIVEIRA, 2008).

6.3 POR UMA MEDIAÇÃO QUALIFICADA

Compreendida a constituição do interpretante em rede, a discussão recai sobre o papel do jornalismo na semiosfera contemporânea, da qual emerge o conceito.

O primeiro movimento, diante de todas as manifestações sobre as quais se pode refletir ao longo da investigação, é o de reiterar o insistente alerta ao jornalismo sobre o risco que corre de perder a legitimidade que alcançou na história como instituição mediadora na esfera pública, a quem cabe propor o debate sobre os temas relevantes no presente (FRANCISCATO, 2005). Isso na hipótese de não enfrentar, reflexivamente, a crise provocada por novas formas de intervenção pública.

A emergência do interpretante em rede expõe as limitações da semiose da notícia, antes objeto de críticas circunscritas à academia ou a determinados setores do meio político. Os casos acionados ao longo do texto constituem argumento praticamente irrefutável dessa inferência. Aqueles signos/notícia degenerados, a partir da ação do jornalismo como interpretante energético, agora são confrontados com outros que circulam nas redes digitais e que, por serem processados por interpretantes em rede, representam, do ponto de vista lógico, se considerados soma de interpretantes múltiplos, mais da complexidade dos objetos.

Impõe-se um dilema à defesa do jornalismo com base em ecos da Teoria do Espelho e no paradigma da objetividade que pariram sobre o campo. Se o fim ontológico da atividade jornalística é a transmissão objetiva do real – num raciocínio que demanda considerá-lo

possível, ao contrário da perspectiva semiótica –, signos que são produzidos pelos próprios agentes envolvidos nos acontecimentos e postos em circulação na semiosfera via redes sociais digitais atenderiam mais a este propósito; cotejados ao senso de fidelidade, conteriam em si menos mediação.

E o que restaria ao jornalismo?

Não há intenção de diminuir a importância do campo como mediador. O sentido é o oposto. Chamando à reflexão novamente a esfera pública habermasiana, o jornalismo seguiria compondo o núcleo da construção social da realidade (MENDONÇA, 2007). Esfera pública como o espaço de metabolização de discursos, ao mesmo tempo em que os possibilita – em analogia à semiosfera de Lotman. Discursos que interagem, disputam. Por aí reforça-se a imagem das redes digitais como ambiente em que as disputas se materializam. Caberia ao jornalismo, sim, mediar o conflito entre os signos que circulam; não impor a sua representação ao constituir-se em mais um agente que disputa.

Crítica e defesa dos preceitos que legitimam o campo convergem pelo viés do que se pode considerar um dos caminhos possíveis: um movimento teleológico de produção, com base na formação que outorga ao jornalista essa prerrogativa, de signos/notícia capazes de representar os aspectos mais essenciais do objeto/acontecimento, aquilo que é possível da sua singularidade – também no sentido que confere Genro Filho (1989) ao termo – assumindo como fim da atividade sua função mediadora (SANTAELLA, 2008)¹²¹. Seria a ação do “motor que faz essas semioses andarem no sentido do desvendamento pleno desse objeto” (HENN, 2014b).

Não é demasiado ingênuo imaginar esse projeto tomando forma em meio às transformações impostas às práticas de representação dos acontecimentos. Não quando são retomadas as opiniões em relação ao tema de jornalistas que ocupam cargos de destaque na hierarquia das redações pesquisadas. Sempre tendo em consideração o caráter performático das falas, restam indícios a esse propósito.

Michel Roston, editor de Mídias Sociais do *The New York Times* à época da observação das rotinas da redação do jornal estadunidense, diz: “Os jornalistas são mais capazes de contar a história como ela é [...]. Um manifestante pode estar dizendo parte da verdade, mesmo em seu favor. Mas suspeito que não está dizendo tudo”¹²². Opinião corroborada pelo profissional que ocupa cargo semelhante no *El País*, coordenando o trabalho

¹²¹ Ver página 32.

¹²² Ver página 120.

da equipe de redes sociais: “O jornalista precisa interpretar e explicar a realidade. Usuários divulgam informações e opiniões que precisam de contextualização”¹²³.

É um esforço que vai além, no entanto, da disposição dos profissionais – sem a qual, paradoxalmente, torna-se inviável. Demanda um reposicionamento dos preceitos constituintes do estatuto do jornalismo, num movimento que já fora defendido em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2015).

Imparcialidade e objetividade saem da dimensão da ontologia do campo e passam a ser tratadas, a partir de uma construção eminentemente epistemológica, como parte da sua metodologia. Quem inspira o reposicionamento é Ward (2010, p. 138-139), quando, numa visada filosófica, ao tratar do jornalismo, separa a objetividade em três diferentes sentidos: “ontológico, epistemológico e processual”.

O fenômeno em si é da ordem da objetividade ontológica, inapreensível ao ser humano senão pela linguagem – nunca é demais reiterar quando sob o ponto de vista da semiótica. Uma tentativa de apreendê-lo passa, então, pela construção epistemológica de métodos de investigação e verificação do consenso, no sentido peirceano, ao encontro do bem-comum de Habermas¹²⁴; métodos que dão forma à objetividade processual, na dimensão metodológica do estatuto do jornalismo.

Em meio à profusão de sentidos que conformam a semiosfera, oriundos de sistemas de produção de sentido que significam o mundo de acordo com os hábitos próprios que acionam, o jornalismo seria o sistema capaz de oferecer um signo não que seja o próprio objeto, como sugere a perspectiva que coloca a objetividade como estrutura ontológica, mas, sim, um signo mais próximo do objeto dinâmico, com a objetividade como método pelo qual opera a semiose da notícia.

É preciso, pois, atender à provocação feita por Resende (2009) e pensar o jornalismo como uma atividade em que mediações e representações são indissociáveis, num espaço em que se articulam estratégias de poder – em discussão que foi antecipada no primeiro capítulo, quando a semiótica é defendida como lugar epistêmico promissor para o seu processamento¹²⁵. Na conversa com Resende, a tentativa é a de evitar a associação da proposta em curso aos discursos salvacionistas que circulam no campo e, sim, apostar num projeto que, ante a crise, resulte em formas mais complexas de representação da realidade.

¹²³ Ver página 125.

¹²⁴ A esta altura contribui à plena compreensão da proposta esclarecer, inequivocamente, que o consenso, em Peirce, não é, sequer por analogia, associado à ideia de senso comum com a qual o jornalismo costuma lidar. Não por desmerecê-lo em sua dimensão de conhecimento compartilhado, mas porque o consenso de que se trata aqui tem conotação técnica na Teoria Geral dos Signos.

¹²⁵ Ver página 48.

Nessa perspectiva, o outro (também como conceito antropológico) é considerado no seu lugar dialógico na produção do conhecimento justamente pelo reconhecimento do interpretante em rede que se constitui no processo. Interpretante em rede que, por analogia, aproxima-se do conceito de encontro (RESENDE, 2009): a narrativa, assim, não conteria os sentidos no signo/notícia, deixando transparecer os ruídos que necessariamente a compõem; não os apagando como se não fossem parte da realidade que é representada.

O jornalismo deixaria de disciplinar para esclarecer. Como se dissesse: estamos mediando a realidade caótica dos acontecimentos; no objeto representado há outros aspectos que não demos conta; o outro que representamos tem voz; e você, que nos lê, processa semioses que originam signos diferentes dos nossos e que também o representam. É, em outras palavras, a manifestação do interpretante lógico por signos/notícia que mantenham a infinitude da semiose; portanto, genuínos, não degenerados ou quase-signos.

Nessa perspectiva, estariam em construção também as condições para a viabilidade do projeto que propõe o jornalismo como forma de conhecimento específico sobre o presente (MEDITISCH, 1998). Por ação do interpretante em rede, se compreendido, avançaria do texto cego (RESENDE, 2002) a um desvendamento singular dos objetos, através da mediação qualificada. Um movimento calcado em textos produzidos pela função criadora, em Lotman (1978), revelando novos sentidos sobre os acontecimentos, para além da função comunicativa, majoritariamente processada pela semiose da notícia tradicional.

6.3.1 Enfrentamentos

Há de se considerar, à guisa de conclusão, a dificuldade de se pensar alternativas ao momento atual no que tange às práticas jornalísticas ante a crise sistêmica instaurada na semiosfera contemporânea. É impossível enfrentá-la, contudo, na concepção desta tese, senão por um movimento de plena compreensão por parte do jornalismo, como sistema de produção de sentido, da dinâmica de processamento do interpretante em rede na semiose da notícia.

Junho. O mês que abalou o Brasil, primeiro longa-metragem da *TV Folha*, mantida pela *Folha de S. Paulo*, é expressão desse movimento. Não só pelo que se argumenta ser a complexidade da narrativa em detrimento da cobertura convencional que o jornal paulista conferiu às manifestações, mas também porque parece ser uma tentativa de dar a ver mais da complexidade dos acontecimentos, admitida a incapacidade de fazê-lo por uma semiose da notícia mais convencional.

Lançado em junho de 2014, um ano depois dos acontecimentos que tomaram conta do país, é possível compreendê-lo como esforço do jornal paulista – sem avaliar se mais ou menos deliberado – de ocupar, na esfera pública, esse lugar de mediação qualificada em perspectiva.

Mais do que sua classificação enquanto gênero jornalístico, se documentário ou grande reportagem, o que interessa é refletir sobre a dinâmica que se constitui ao longo da representação das *Jornadas de Junho* como objeto do filme na condição de signo – em especial sob a luz do conceito de interpretante.

Ao longo de aproximadamente uma hora, especialistas em mobilizações com essas características, das ciências sociais e intelectuais são evocados para contribuir à interpretação dos fenômenos. Suas falas são intercaladas por entrevistas com ativistas que compuseram as manifestações. E imagens capturadas pela *TV Folha* durante os protestos em diferentes estados do país também são utilizadas na narrativa, com o vazamento do áudio ambiente em assembleias realizadas pelos ativistas para decidir os rumos do movimento, por exemplo.

Também ganham vazão as críticas feitas à cobertura da imprensa hegemônica. É o caso da flutuação da opinião do comentarista Arnaldo Jabor, da *TV Globo*, que, inicialmente, nos espaços que ocupava no *Jornal da Globo*, criticava veementemente as manifestações, antes da violência policial em São Paulo e da ampliação a todo o país, e, em seguida, demonstrava-se simpático ao movimento – em passagem que foi rechaçada até mesmo por parte da imprensa argentina em programas de crítica da mídia (TV ARGENTINA..., 2013).

Diferentemente do que se pode observar quando da pesquisa de campo na redação da *Folha*, aquele afã por identificar lideranças¹²⁶ é atenuado por uma narrativa de tessitura mais complexa, que sequer identifica os ativistas entrevistados como líderes do movimento: o gerador de caracteres os apresenta apenas pelo nome e, eventualmente, o setor social ou organização ao qual são ligados.

Não se constitui um narrador de voz ativa. A representação dos acontecimentos é guiada pela amarração entre imagens, entrevistas com ativistas, especialistas e intelectuais. A intervenção do jornalismo, nesse contexto, é no sentido de reunir os signos de modo a tornar a representação inteligível ao espectador.

É preciso considerar, evidentemente, que de uma peça desse porte ao jornalismo *hard news* há uma série de diferenças que precisam ser consideradas se a proposta é toma-la como

¹²⁶ Ver página 109.

exemplo para a discussão acerca de enfrentamentos possíveis para a crise do campo. O objetivo neste momento não avança a tanto.

O filme é, aqui, manifestação da afetação do jornalismo pelo interpretante em rede. Diante da incompatibilidade entre semioses processadas por interpretantes energéticos e interpretantes em rede enquanto a *Folha de S. Paulo* cobria os acontecimentos, o jornal recorre à medida pela *TV Folha*, de lógicas de produção mais esgarçadas, possibilitando, assim, uma mediação mais reflexiva. E, na sua execução, oferece à esfera pública um signo que tem mais de genuíno no que diz respeito à semiose que se segue em relação às *Jornadas de Junho* como objeto semiótico.

O desafio que se impõe ao jornalismo – tanto como campo profissional quanto acadêmico - é a constituição de um modelo capaz de suportar o interpretante em rede na semiose da notícia, independentemente do formato em que esteja em processo, redundando, enfim, em signos/notícia que deem a ver mais da complexidade dos acontecimentos representados.

7 LIMITES E POSSIBILIDADES

Como o jornalismo, compreendido como processo semiótico, é tensionado a gerar representações mais complexas dos movimentos sociais em rede, dada a sua configuração historicamente cerceadora do poder hermenêutico do acontecimento? É a pergunta que tentava resumir, na introdução, o problema de pesquisa a que esta tese se propôs a contribuir para a solução. O objetivo não era, evidentemente, que ao final de todo o esforço o resultado fosse uma resposta determinista. Pelo contrário, que a pergunta pudesse ensejar uma reflexão profunda sobre o tema.

O que fica, portanto, são ainda perguntas.

É preciso vislumbrar limites e possibilidades. E há considerações, quando o conceito de *interpretante em rede* é a perspectiva, do ponto de vista do próprio jornalismo – tanto como campo profissional quanto, sobretudo, social – e também do ponto de vista dos movimentos sociais e sua constituição em rede na semiosfera contemporânea.

Começemos, pois, pelos limites – que parecem ainda em maior número.

Se é verdade que o interpretante em rede tem tensionado o jornalismo a rever a forma como conta a história dos acontecimentos, num movimento compulsoriamente dialético entre a semiose da notícia calcada nos preceitos tradicionais do campo e as semioses difusas que circulam em redes digitais, o momento atual é mesmo de perplexidade; reação meramente instintiva frente ao fenômeno.

É uma inferência que salta aos olhos quando as análises de materiais empíricos que compuseram a pesquisa são retomadas. Não é preciso, no entanto, mais do que um exemplo: a cobertura que confere o *The New York Times* às manifestações em torno das mudanças climáticas, em Nova Iorque, a setembro de 2014: “*People’s Climate March*” e “*#FloodWallStreet*”¹²⁷.

A primeira é composta por índices de notabilidade cristalizados pelo jornalismo para o dimensionamento dos temas (quantidade de pessoas envolvidas, porta-vozes, autoridades em marcha etc.). No signo/notícia que a representa, por ação de um interpretante energético que a enquadra numa rápida contextualização, as mudanças climáticas são destacadas como campo problemático por meio de dados técnicos que as põem em debate – embora pela perspectiva hegemônica, a partir da qual propunha a Organização das Nações Unidas (ONU), que

¹²⁷ Ver página 114.

realizaria conferência com o mesmo tema e na mesma época. Chamada de capa e uma página inteira para a matéria.

No “#FloodWallStreet”, cuja lógica de articulação e mobilização tem lastro notoriamente nos movimentos de ocupação global, com ecos do *Occupy Wall Street*, inclusive sem a constituição de líderes e porta-vozes, a representação do acontecimento se restringe ao confronto com a polícia. Sequer o campo problemático é contextualizado, numa manifestação nítida da falta de compreensão sobre a forma de organização e intervenção pública dos movimentos em rede, redundando em expressão típica de um signo degenerado, em Peirce (2002). Meia página, sem chamada de capa.

Não bastasse a experiência do jornal estadunidense, casos observados na *Folha de S. Paulo* ou mesmo no *El País*, da Espanha, apontam para o mesmo sentido.

Na cobertura das manifestações que tomaram as ruas do Brasil durante as *Jornadas de Junho*, em 2013, mais do que qualquer tentativa de compreensão sobre a lógica dos movimentos, sua natureza de rede e essencialmente midiática, o que se impunha na redação da *Folha*, fruto da interpretação que faziam os jornalistas envolvidos na cobertura, era a busca renitente por líderes, porta-vozes¹²⁸.

No periódico espanhol, o mesmo caso que se postula exemplar da ação do interpretante em rede é, por outro lado, expressão dessa incapacidade do jornalismo de compreender a contemporaneidade dos movimentos em rede.

O famoso caso do garçom Alberto Casillas¹²⁹, que defende manifestantes do excesso da polícia durante o “#25”, acontecimento produzido pelo *Indignados* ainda em 2012, em Madrid, é, pela necessidade de construção do personagem para o desenrolar da representação da violência policial como parte do acontecimento no *El País*, revelador de resquícios inexoráveis da semiose da notícia tradicional, aquela cuja caracterização ocupou parte do primeiro capítulo.

Nesse contexto, o que os resultados alcançados sugerem aos movimentos sociais é, pelo menos, dois exercícios primordiais: 1) nos termos da tese que se encaminha ao final, a plena compreensão da dinâmica de ação do interpretante em rede e sua incidência sobre a semiose da notícia; 2) decorrente da primeira, o desenvolvimento de estratégias capazes de capitalizar os sentidos que circulam em torno dos acontecimentos representados na semiosfera – aqueles do jornalismo e mesmo os que são postos em circulação por ação dos próprios manifestantes envolvidos.

¹²⁸ Ver página 109.

¹²⁹ Ver página 91.

Graeber (2013, p. 208), um dos mentores intelectuais do *Occupy Wall Street*, oferece subsídios a essa proposta ao avaliar a eficácia dos movimentos pós-experiência estadunidense. Respondendo à pergunta-guia que ele mesmo elabora, “Como a mudança acontece”, diz:

Movimentos funcionam melhor quando melhor se adaptam às suas situações específicas. O melhor processo democrático depende da natureza da comunidade envolvida, suas tradições culturais e políticas, o número de pessoas que participam, o nível de experiência dos participantes, e, claro, o que eles estão tentando realizar - entre um grande número de outras preocupações práticas imediatas. As táticas têm que permanecer flexíveis: se os movimentos não se reinventam constantemente, logo murcham e morrem¹³⁰.

É justamente essa a limitação que se avalia ter restado das *Jornadas de Junho*. Como exemplo: a dificuldade, na heterogeneidade das pautas que emergiam dos protestos, de concentrar esforços por bandeiras progressistas, específicas, que representassem efetivas mudanças de valores. Tanto quanto é volátil a opinião pública, agora concretizada em redes digitais, precisa ser “flexível” a tática dos movimentos; mas não dispersa.

Não é, entretanto, uma limitação que se encerre à experiência brasileira. É da natureza dos movimentos de ocupação global: ações midiáticas de ocupação do espaço público por signos abstratos para, então, dar vazão a demandas mais específicas, porém amplamente variadas.

Não se trata, definitivamente, de um movimento simples. A mesma característica que confere aos movimentos de constituição em rede potencial mais promissor de ocupação do espaço público, por não carregarem as marcas advindas dos mapas de significados (HALL et al., 1993) que enquadram movimentos ortodoxos na condição de instituições arcaicas, é que culmina na dificuldade de capitalização dos sentidos ante o espaço público (virtual ou urbano) já ocupado.

Mas, afinal, qual seria o futuro do jornalismo?

Eco (2015) arrisca palpite em entrevista ao *El País*, traduzida para a versão digital em português, em que comentava sua obra mais recente, *Número Zero* (Record, 2015) – romance que se desenvolve em torno justamente do jornalismo: “A internet pode ter tomado o lugar do mau jornalismo”. Lê-se por “mau jornalismo”, ao encontro do que fora defendido aqui, práticas no esteio da semiose da notícia tradicional, que não considera o interpretante em rede,

¹³⁰ Livre tradução para a Língua Portuguesa, do original, em inglês: “Movements work best when they best adapt themselves to their particular situations. The best democratic process depends on the nature of the community involved, its cultural and political traditions, the number of people taking part, the experience level of the participants, and, of course, what they are trying to accomplish - among any number of other immediate practical concerns. Tactics have to remain flexible: if movements do not constantly reinvent themselves, they soon shrivel and die.”

amplamente presente nas semioses que se processam em redes digitais; ou, ainda, uma configuração da notícia que pretende representar o objeto na sua plenitude, sem espaço para o diálogo.

Falecido às vésperas da conclusão deste texto, em fevereiro de 2016, Eco não viveria para saber se estava certo. Seu legado indica, contudo, em oposição ao que seria o “mau jornalismo”, a existência do “bom”, que caracteriza na mesma entrevista: “Teria que se fazer um jornal que não se torne apenas a crítica da realidade cotidiana, mas também a crítica da realidade virtual. Esse é um futuro possível para um bom jornalismo” (ECO, 2015).

Mais do que uma definição quanto aos parâmetros que definiriam o “bom” e o “mau”, é imperativo um debate quanto à construção de narrativas que permitam revelar mais da tessitura dos acontecimentos. Stephens (2014) oferece sua contribuição ao propor um olhar “para além da notícia”, sugerindo um modelo que chama de “jornalismo de sabedoria”, no qual reforça pilares do campo, como capacidade de interpretação, exclusividade e investigação, frente ao momento de crise que, na sua ênfase, as possibilidades da tecnologia é que incitam.

Já Henn (2014b) aposta em experiências que ganham espaço no campo como “jornalismo em base de dados, construções de novas narrativas, [...] transnarrativas, incorporação de conflitos e outras dinâmicas [...] que podem revitalizar o jornalismo, fazendo com que supere esses modelos preestabelecidos”. Ao que se acrescenta a compreensão, por uma profunda imersão na sua lógica de funcionamento, não apenas a reprodução automática (BERTOCCHI, 2014) das tecnologias que possibilitam a utilização de recursos como infográficos nas narrativas jornalísticas (TEIXEIRA, 2009).

“Algo parece ser consenso: não se trata do mero transporte do que sempre foi feito no jornalismo impresso, mas do momento de exploração das propriedades específicas que o meio oferece” (SALLES, 2011, p. 4).

A autorreflexão que se propõe ao jornalismo passa, necessariamente, pelo âmbito da pesquisa e do conhecimento e por um investimento profícuo na formação. Iniciativas como as que Meditisch (2007, p. 42) vem empreendendo no que tange à reflexão sobre os avanços tecnológicos que, no caso da comunicação, possibilitam este ambiente de velocidade e abundância de informação, e a defesa do ofício do jornalista e da

centralidade do trabalho intelectual [...]. Se a era industrial precisava de mão-de-obra para tocar as máquinas mecânicas e elétricas, a era do conhecimento vai requerer cérebros operantes, para extrair da informação eletrônica o que ela pode dar de melhor.

Em curso, é impossível prever o resultado da crise do jornalismo. Tampouco fora a proposta desta tese determinar um devir ante ao momento de tensão. O que resta indiscutível é a imponência do debate acerca de enfrentamentos possíveis. E a contribuição que se vislumbra promissora nesse sentido, com origem na linguagem como espaço epistemológico, é a identificação de hábitos de rede que passam a compor a semiose da notícia e a ação do interpretante em rede como categoria de análise dos fenômenos que se desenrolam na semiosfera contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALBERTO Casillas, el hostelero que da refugio a manifestantes del 25S. [S.l.], 2012. [44s]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=pZkmSREGETs#>. Acesso em: 4 jan. 2013.

ANDERSON, P., Complexity Theory and Organization Science. **Organization Science**, v. 10, n. 3, p. 216-232, maio/jun. 1999.

ANDREU, J. “Yo soy del PP, pero lo de la policía fue um exceso”. El País, Madri, 26 set. 2012. Disponível em: <http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/09/26/madrid/1348680731_595925.html>. Acesso em: 4 jan. 2013.

ANTICAPITALISTAS. **Comunicado de Anticapitalistas ante el 7N**. 30 set. 2015. Disponível em: <<http://www.anticapitalistas.org/comunicados/comunicado-de-anticapitalistas-ante-el-7n/#more-3079>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Maiores jornais do Brasil**. [2016?]. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

BARBOSA, S.; TORRES, V. Extensões do paradigma JDBD no jornalismo contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2012. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BARNESLEY, M. **Fractals Everywhere**. Cambridge: Academic Press, 1998.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

_____. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BENGOA, A. Uma multitud participa em la marcha contra la violencia machista. **El País**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://politica.elpais.com/politica/2015/11/07/actualidad/1446888439_982462.html>. Acesso em: 16 jan. 2016.

BERGÉ, P.; POMEAU, Y.; DUBOIS-GANCE, M. **Dos ritmos aos caos**. São Paulo: Unesp, 1995.

BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-25, 2010.

BERGER, C.; TAVARES, F. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular. 2010. p. 121-142.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERTOCCHI, D. Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2014. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BLANCO, P. 17 extranjeros y dos tunecinos mueren en un atentado en Túnez. **El País**, Madri, 19 mar. 2015. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2015/03/18/actualidad/1426680354_220858.htm>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BOURDIEU, P. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BUNGE, M. **Treatise on basic philosophy**. Dordrecht: D. Reidel, 1979. v. 4: A world of systems.

_____. **Sistemas sociales y Filosofia**. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

_____. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Central de atendimento á Mulher**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/ligue-180#>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Zahar, 2013.

CHARDIN, T. **O fenômeno humano**. Tradução de Armando Pereira da Silva. São Paulo: Cultrix, 2001.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHESTERS, G.; WELSH, I., Complexity and Social Movement(s) -- Process and Emergence in Planetary Action Systems. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 187-211, 2005.

CORREIA, J. **O admirável Mundo das Notícias**: Teorias e Métodos. Covilhã: UBI/LabCom, 2011.

COLAPIETRO, V. **Peirce's approach to the self**: A Semiotic perspective on human subjectivity. Albany: State University of New York Press, 1989.

_____. **Glossary of Semiotics**. New York: Paragon House, 1993.

_____. The Routes of Significance: Reflections on Peirce's Theory of Interpretants. **Cognitio**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2004.

_____. **Peirce e a abordagem do self**: Uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana. São Paulo: Intermeios, 2014.

CONTAS da “Veja” no Twitter são hackeadas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296409-conta-da-veja-no-twitter-e-hackeada.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2013.

COSTANDI, M. ¿Qué ocurre después de la muerte? **El País**, Madri, 3 nov. 2015. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2015/10/20/ciencia/1445337182_852965.html>. Acesso em: 13 jan. 2016.

DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica. In:_____. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 70-97.

DEADLY Attack in Paris. **The New York Times**, New York, 7 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/slideshow/2015/01/07/nytnow/20140108-PARIS-NYTNOW/s/20140108-PARIS-slide-95N0.html#1>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

DELEUZE, G. **A Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DEPOIS de quase quatro meses, movimento Ocupa POA deixa a Praça da Matriz. Zero Hora, Porto Alegre, 12 abr. 2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/04/depois-de-quase-quatro-meses-movimento-ocupa-poa-deixa-a-praca-da-matriz-3724660.html>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

DOMÍNGUEZ, NUÑO. La OMS declara cancerígena la carne procesada. **El País**, Madri, 28 out. 2015. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2015/10/26/ciencia/1445860172_826634.html>. Acesso em: 13 jan. 2016.

ECO, H. **A Theory of Semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1976.

_____. **The Role of the Reader**: Expositions in the Semiotics of Texts. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

_____. Umberto Eco: “A Internet pode tomar o lugar do mau jornalismo”. Entrevistador: Juan Cruz. **El País Brasil**, São Paulo, 29 mar. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html>. Acesso em: 10 fev. 2016. Não paginado.

EL PAÍS. **25-S Rodea el Congreso**. Madri, 2012. Disponível em: <http://politica.elpais.com/tag/manifestacion_25_septiembre_2012/a/>. Acesso em: 4 jan. 2013.

FARRÉ, M. **El noticiero como mundo posible**: estrategias ficcionales em la información audiovisual. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

FERRANDO, M. G.; SANMARTÍN, R. La observación científica y la obtención de datos sociológicos. In: FERRANDO, M. G.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. (Comp.). **El análisis de la realidad social**: métodos e técnicas de investigación social. Madrid: Alianza, 1986. p. 95-122.

FODERARO, L. W. Taking a Call for Climate Change to the Streets. **The New York Times**, New York, 21 set. 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/09/22/nyregion/new-york-city-climate-change-march.html?_r=0>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fortes, 2006.

FRANCISCATO, C. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GAREA, F. Rajoy ganha, mas terá dificuldade em formar Governo. **El País**, Madri, 20 dez. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/20/internacional/1450595514_074863.html>. Acesso em: 22 dez. 2015.

GELL-MANN, M. **O quark e o jaguar**: aventuras no simples e no complexo. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GENRO FILHO, A. **O segredo da Pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1989.

GITLIN, T. **Occupy Nation**: The roots, the spirits, and the promise of Occupy Wall Street. New York: Haper Collins Plubishers, 2012.

GLEICK, J. **Chaos**. London: Sphere, 1988.

GLOBONEWS reforça a importância da informação em campanha. **GloboNews**, Rio de Janeiro, 21 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globonews/noticia/2013/07/globonews-reforca-importancia-da-informacao-em-campanha.html>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. Cidadania, Meios de Comunicação de Massas, Associativismo e Movimentos Sociais. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, F. F. **Comunicação para a Cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

GOMES, M. R. **Poder no Jornalismo**: Discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker, 2003.

GOULD-WARTOFSKY, M. A. **The occupiers**: The making of the 99 percent movement. New York: Oxford University Press, 2015.

GRABER, D. **The Democracy Project**: a history, a crisis, a movement. New York: Spiegel & Grau, 2013.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Turim: Einaudi, 1975.

GRILLO, C. et al. A Primavera das Mulheres. **Época**, São Paulo, 7 nov. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

GROTH, O. Tarefas da **pesquisa** da ciência da cultura. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. **A era glacial do jornalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p 182-306.

_____. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRUPO hacker invade conta dedicada à Dilma em rede social. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1296822-grupo-hacker-invade-conta-de-dilma-em-rede-social.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2013.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, S. The narrative construction of reality: an interview with Stuart Hall. **Southern Review**, v. 17, n. 1, p. 3-17, 1984.

HALL, S. et. al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-247.

HARTLEY, J. **Understanding News**. Londres: Routledge, 1991.

HARRISON, M. J. Entropy concepts in physics. In: KUBAT, L.; ZEMAN, J. (Ed.) **Entropy and Information in Science and Philosophy**. Amsterdam: Elsevier, 1975. p. 41-59.

HAUSER, V.; BERGER, C. A cobertura sobre a crise do jornalismo em jornais de referência: uma análise do jornal El País. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 12., 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos...** Brasília: SBPJor, 2014. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJor/paper/downloadSuppFile/3740/944>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

HENN, R. C. **Pauta e notícia**. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. **Os Fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. Jornalismo como semiótica da realidade social. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_375.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.

_____. Memória e arte na semiosfera midiaticizada. In: **Conexão, comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v. 10, n. 18, p. 103-115, 2011a.

_____. Acontecimento em rede: crises e processos. In: LEAL, B.; ANTUNES, E.; VAZ, P. (Org.). **Jornalismo e Acontecimento: Percursos Metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011b. p. 79-96.

_____. O ciberacontecimento. In: VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013a. p 21-34.

_____. A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo. In: SILVA, A. R.; NAKAGAWA, R. M. (Org.). **Semiótica da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2013b. cap. 5, p. 102-119.

_____. **El ciberacontecimiento**: producción y semiosis. Barcelona: UOC, 2014a. v. 1.

_____. O acontecimento jornalístico a partir da semiótica de Peirce. Entrevistadores: Andriolli Costa e Ricardo Machado. **Revista IHU On-Line**, São Leopoldo, ano 15, n. 457, 27 out. 2014b. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5750&secao=457>. Acesso em: 16 jan. 2015. Não paginado.

HENN, R.; HÖEHR, K.; BERWANGER, G. I. Transformations of the journalism event in social networks: the mobilizations against homophobia to the crisis of country music duo. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 1, p. 96-113, 2012.

HENN, R; OLIVEIRA, F. M. de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 3, p. 77-95, 2015.

HERMES, G. **As ilustrações de jornais diários impressos**: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte. 2005. 698f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2005.

HERVÁS, M. “¿Quién rodea a quién?”. **El País**, Madri, 25 set. 2012. Disponível em: <http://politica.elpais.com/politica/2012/09/25/actualidad/1348599210_154793.html>. Acesso em: 4 jan. 2013.

HESSEL, S. **Indignai-vos**. São Paulo: Leya, 2011.

HONAN, E.; BERG, E. Movimento Occupy Wall Street protesta no 1o de Maio dos EUA. **Reuters Brasil**, 1 maio 2012. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE84005M20120501>>. Acesso em: 19 jul. 2012. Não paginado.

IBRI, I. A. **Kosmos noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva, 1992.

JAMES, W. **Pragmatismo** - Textos selecionados. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores, 40).

JOHANSEN, J. D. Prolegomena to a semiotic theory of text interpretation. **Semiotica**, v. 57, n. 3-4, p. 255-288, 1985.

JORNAL NACIONAL. **Edição de 1º de maio de 2012**. [S.L., 2012]. (7m 01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AWHJE7XdPQQ>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

JOVEM diz ter sido agredida em bar na Cidade Baixa, em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 mar. 2014a. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/03/jovem-diz-ter-sido-agredida-em-bar-na-cidade-baixa-em-porto-alegre-4449022.html?utm_source=Redes%2520Sociais&utm_medium=Hootsuite&utm_campaign=Hootsuite>. Acesso em: 25 jan. 2016.

JOVEM que relatou agressão em bar da Cidade Baixa registrou ocorrência na Polícia Civil. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 18 mar. 2014b. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2014/03/jovem-que-relatou-agressao-em-bar-da-cidade-baixa-registrou-ocorrencia-na-policia-civil-4449731.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

KAUFFMAN, S. **At home in the universe**: the search for laws of selforganization and complexity. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995.

KLEIN, E. J. C. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo**: o caso do Profissão Repórter. 2012. 440f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2012.

KRISTOF, N. Is Islam to Blame for the Shooting at Charlie Hebdo in Paris? **The New York Times**, New York, 7 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/01/08/opinion/nicholas-kristof-lessons-from-the-charlie-hebdo-shooting-in-paris.html>>. Acesso: 16 fev. 2015.

LADEIRA, F. F. O 1º de maio e a imprensa brasileira. **Observatório da imprensa**, n. 693, 8 maio 2012. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed693_o_1_de_maio_e_a_imprensa_brasileira/>. Acesso em: 25 jul. 2015.

LAFUENTE, G. A melhor maneira de fazer jornalismo é pela internet: entrevista com Gumersindo Lafuente Parte 1. In: MAROCCO, B. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 211-218.

LATOURE, B. **Reensamblar lo social**: Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manatíal, 2008.

LATUFF, C. H. **A outra vítima do ataque ao semanário satírico Charlie Hebdo Oficial**. [S.l.], 7 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=459931164145506&set=a.167836366688322.37004.100003858796537&type=1&theater>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

LIEBOVITCH, L.S. **Fractals and Chaos Simplified for The Life Sciences**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LLORCA, A. #PorQuéTantoOidio: El acoso machista a las mujeres que muestran su feminismo en redes. **Verne**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://verne.elpais.com/verne/2015/11/06/articulo/1446804809_224514.html>. Acesso em: 16 jan. 2016.

LOTMAN, Y. **A Estrutura do Texto Artístico**. Tradução de Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. **La semiosfera**. Madri: Catedra, 1996.

_____. **Cultura y explosión**: Lo previsible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. **La semiosfera III**: Semiótica de la Cultura e del Texto. Tradução e seleção de Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 2000.

LOTMAN, Y.; USPENSKII; B.; IVANÓV, V. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.

LUHMANN, N. **Social Systems**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

MAASEN, S.; WEINGART, P., **Metaphors and the Dynamics of Knowledge**. London: Routledge, 2000.

MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

MACHADO, I. **Escola de Semiótica: A experiência de Tártu-Moscú para o Estudo da Cultura**. São Paulo: Ateliê, 2003.

MACKENZIE, A. The Problem of the Attractor: A Singular Generality between Sciences and Social Theory. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 45-65, 2005.

MAINZER, K. **Thinking in Complexity**. New York: Springer-Verlag, 1994.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MANIFESTACIÓN em Madri contra la Violencia Machista. **El País**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2015/11/07/album/1446892481_435027.html#1446892481_435027_1446914518>. Acesso em: 16 jan. 2016.

MAROCCO, B.; ZAMIN, A.; BOFF, F. Os “grandes acontecimentos” e o reconhecimento do presente. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 26, n. 62, p. 92-102, maio/ago. 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

McCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENDONÇA, R. F. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. **Lua Nova**, São Paulo, n. 72, p. 115-142, 2007.

MERRELL, F. Lotman's semiosphere, Peirces' categories, and cultural forms of life. **Sign Systems Studies**, v. 29, n. 2, p. 385-415, 2001.

MEDITSCH, E. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, 1998.

_____. Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de Jornalismo na sociedade da informação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 41-62, 2007.

MEDITSCH, E.; SPONHOLZ, L. Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. In: GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-25.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. 246f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

MILKMAN, R.; LUCE, S.; LEWIS, P. **Changing the subject**: a bottom-up account of Occupy Wall Street in New York City. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/90d188_f7367c3e04de4e94a6f86f9e6b1023ed.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.

MOYNIHAN, C. Climate Change Protesters Tangle With Police at Wall St. **The New York Times**, New York, 22 set. 2014. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2014/09/23/nyregion/climate-change-protesters-wall-street.html>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

MORAES, A. Dialética da alteridade. **Ágora Filosófica**, n. 1, 2005, p. 56-66.

MORAES, C. #MeuAmigoSecreto, nova investida feminina contra o machismo velado. **El País Brasil**, São Paulo, 26 nov. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/25/politica/1448451683_866934.html>. Acesso em: 30 jan. 2016.

MORIN, E. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **O Método I**: A natureza da natureza. Mira-Sintra: Europa-América, 1986a.

_____. **O Método II**: A vida da vida. Mira-Sintra: Europa-América, 1986b.

_____. **O Método III**: A consciência da consciência. Mira-Sintra: Europa-América, 1986c.

_____. **O Método IV**: As ideias. Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, E.; PIATTELLI-PALMARINI, M. (Ed). **A unidade do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1975. 3v.

MULHERES usam redes sociais para denunciar comportamentos machistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 nov. 2015a. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/11/mulheres-usam-redes-sociais-para-denunciar-comportamentos-machistas-4915515.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

MULHERES usam redes sociais para denunciar situações de machismo. **Bom Dia Brasil**, [S.l.], 30 nov. 2015b. Disponível em: < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/11/mulheres-usam-redes-sociais-para-denunciar-situacoes-de-machismo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

_____. Para uma definição ontológica da Multidão. **Lugar Comum**, n. 19-20, p. 15-26, 2004.

NETO, J. Movimento “12M 15M” ocupará espaços públicos em todo o mundo. **Brasil de fato**, 9 maio 2012. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/9530>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

NOWOTMY, H. The Increase of Complexity and its Reduction. Emergent Interfaces between the Natural Sciences, Humanities and Social Sciences. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 15–31, 2005.

OCUPA POA. **[Descrição do grupo]**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/ocupapoa/?fref=ts>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

OEHLER, K. An Outline of Peirce’s Semiotics. In: KRAMPEN, M.; OEHLER, K.; POSNER, R.; SEBEOK, T.; UEXKÜLL, T. (Ed.). **Classics of Semiotics: Topics in Contemporary Semiotics**. New York: Plenum Press, 1987. Cap. 1, p. 01-22.

OLIVEIRA, F. M. de. **A comunicação do MST**: estratégias de sobrevivência na sociedade midiaticizada. 2008. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação

Social - Habilitação em Jornalismo) -- Curso de Comunicação Social, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2008.

_____. **Produção da notícia e movimentos sociais:** processos de produção no Jornalismo. 2012. 286f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) -- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2012a.

_____. O Dia do Trabalhador do Jornal Nacional: Reflexões sobre jornalismo e construção social da realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM JORNALISMO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Brasília: SBPJor, 2012b. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1785/120>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. Do acontecimento à mediação: reflexões sobre a crise do jornalismo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24., 2015, Brasília. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2015. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

OLIVEIRA, F. M. de; HENN, R. Journalism, social networking and global occupation movement: a systemic crisis in contemporary semiosphere. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 1, p. 40-57, 2014a.

_____. Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. **Contemporânea**, v. 12, n. 1, p. 39-54, 2014b.

OLIVEIRA, H. M. G. de. **A notícia exclusiva na lógica de distribuição em conglomerados da mídia brasileira:** estudo das rotinas nas agências *Estado*, *Folhapress* e *O Globo*. 2010. 678 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2010.

OLIVEIRA, W. J. F. “Maio de 68”, mobilizações ambientalistas e Sociologia Ambiental. **Mediações**, Londrina, v. 13, n. 1-2, p. 87-108, jan./jun. e jul./dez. 2008.

OLLIVIER, B. Medios y mediaciones. **Anthropos**, n. 219, p. 121-131, 2008.

OPINIÃO PRODUTORA. **Nota de esclarecimento.** Porto Alegre, 17 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/opinioao.produtora/posts/696927597026406>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

PALÁCIOS, M.; NOCI, J. D. (Ed.). **Ciberperiodismo: métodos de investigación: Una aproximación multidisciplinar em perspectiva comparada.**

Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Basco, 2009. Disponível em: <https://web-argitalpena.adm.ehu.es/pasa_pdf.asp?File=UWLGCI7246>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Collected Papers (1-0).** CD-Room Data Base - Intelix Corporation. RANSDELL, J. (1977). Some Leading Ideas of Peirce's Semiotic. *Semiotica*. New York: Mouton Publishers, 1998. n° 19 (3-4) pp. 157-178.

_____. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce.** Past Masters, CD-ROM. EUA, InteLex Corporation, 2002.

PERÉZ-LANZAC, C.; BELAZA, M. C.; HERVÁS, M. La protesta del 25-S en el Congreso acaba con cargas, 64 heridos y 35 detenidos. **El País**, Madri, 26 set. 2012. Disponível em: <http://politica.elpais.com/politica/2012/09/25/actualidad/1348574519_035448.html>. Acesso em: 4 jan. 2013.

PÉREZ OLIVA, M. Que la violencia machista vuelva a la agenda política. **El País**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2015/11/06/opinion/1446839427_117349.html>. Acesso em: 15 jan. 2016.

PILHOFER, A. "O impresso está se tornando ultrapassado e isso é fascinante". [dez. 2013]. Entrevistadora: Rachel Costa. **(des)Invisibles**, 4 fev. 2014. Disponível em: <<http://desinvisibles.wordpress.com/2014/02/04/o-impresso-esta-se-tornando-ultrapassado-e-isso-e-fascinante/>>. Acesso em: 15 jan. 2016. Não paginado.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 2, p.3- 15, 1989.

PRIGOGINE, I. Order trough Fluctuation: Self-Organization na Social System. In: JANTSCH, E.; WADDINGTON, C. H. **Evolution an Consciousness: Human Systems in Transition.** Massachusetts. Addison-Wesly Publ. Company, 1976. p. 93-126.

_____. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza.** São Paulo: Unesp, 1996.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **Order out of Chaos**. London: Heinemann, 1984.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, p. 59-76, 2005.

RAMONET, I. **A explosão do jornalismo**. Das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RECUERO, R. O Capital Social e as Redes Sociais na Internet. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 14., 2005, Niterói. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

_____. **A Conversação em Rede: A Comunicação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. v. 1.

RESENDE, F. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. 2002. 239f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.

_____. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, 2009.

_____. (Est)ética da praça: rua, mídia e partilha. **In Texto**, Porto Alegre, n. 28, p. 6-37, 2013.

RETOMAR a Paulista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

RICOUER, P. Tempo e narrativa. Campinas: Papirus, 1994. Tomo 1.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: teorias, questões e estórias**. Lisboa: Veja: 1993. p. 27-33.

_____. Experiência, modernidade e campo dos média. In: SANTANA, R. N. M. (Org). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: UFPI, 2000. p. 169-214.

ROEDEL, H.; VIEIRA, F. A. C. Desafios dos Movimentos sociais em tempos de Globalização. **Revista Outubro**, São Paulo, n. 7, p. 23-36, 2002.

ROSTON, M. Don't try too hard to please Twitter – and other lessons from The New York Times' social media desk. **NiemanLab**, 22 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.niemanlab.org/2015/01/dont-try-too-hard-to-please-twitter-and-other-lessons-from-the-new-york-times-social-media-desk/>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

SALLES, C. A. Jornalismo em processo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Compós, 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

SÁNCHEZ, M. S. “#7N: La manifestación feminista no es sólo de mujeres. **Verne**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://verne.elpais.com/verne/2015/11/07/articulo/1446901359_232977.html>. Acesso em: 16 jan. 2016.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

_____. **Produção de Linguagem e Ideologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001a.

_____. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**. Sonora, Visual, Verbal. Aplicações na Hipermídia.. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001b.

_____. **A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo : Hucitec, 1994.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SARTRE, J. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **O que é subjetividade?** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAVAN, D. **An introduction to C.S. Peirce's full system of semiotic**. Toronto: Victoria University, 1976.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SCHMIDT, M. S. One Day in an Elevator With Obama, Then Out of a Job. **The New York Times**, New York, 2 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2014/11/03/us/one-day-in-an-elevator-with-obama-then-out-of-a-job.html?smid=tw-nytime>>. Acesso em: 8 jan. 2016.

SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, M. V. de. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) -- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010.

SIZA, R.; GOMES, K. Há uma crise no *The New York Times*? **Público**, Lisboa, 18 maio 2014. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/ha-uma-crise-no-the-new-york-times-1636402>>. Acesso em: 15 jan. 2016. Não paginado.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas sobre uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOMMERFELD, P.; HOLLENSTEIN, L. Searching for Appropriate Waysto Face the Challenges of Complexity and Dynamics. **British Journal of Social Work**, n. 41, p. 668–688, 2011.

SROUR, R. H. **Modos de Produção**: elementos da problemática. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

STEPHENS, M. **Beyond News: The Future of Journalism**. New York: Columbia University Press, 2014.

STEWART, I. **Does God Play Dice? The Mathematics of Chaos**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

SUROWIECKI, J. **The Wisdom of Crowds**. London: Little Brown, 2004.

TAVARES, F. M. B. **Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples**. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2011.

TEIXEIRA, T. O futuro do presente: os desafios da Infografia jornalística. **Ícone**, Recife, v. 11, n. 2, p. 1-17, 2009.

TODOS los partidos se suman a la marcha contra la violencia machista. **El País**, Madri, 7 nov. 2015. Disponível em: <http://politica.elpais.com/politica/2015/11/06/actualidad/1446832225_319685.html>. Acesso em: 15 jan. 2016.

TRAQUINA, N. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo: Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004. v. 1.

TRONCHONI, N. Rossi da uma patada al Mundial. **El País**, Madri, 25 out. 2015. Disponível em: <http://deportes.elpais.com/deportes/2015/10/25/actualidad/1445744670_279950.html>. Acesso em: 14 jan. 2016.

TV ARGENTINA mostra hipocrisia da Globo e do Arnaldo Jabor. [S.l.], 2013. (2m 21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lTHtk3CGOrc>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

URRY, J. The Complexity Turn. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 5, p. 1–14, 2005.

VIEIRA, J. Caos e Semiótica. **Face**, v. 5, n. 1, p. 62-68, jan./jul. 1996.

VISCONTI, H. “#MeuAmigoSecreto: nova campanha na internet denuncia o machismo do dia a dia. **Época**, São Paulo, 25 nov. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

WARD, S. Inventing Objectivity: New Philosophical Foundations. In: MEYERS, C. (Org). **Journalism Ethics: A Philosophical Approach**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 137-152.

WINKIN, Y. **A nova teoria da comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

WITZ, B. So Far, So Good: Alex Rodriguez Has Been on His Best Behaviour. **The New York Times**, New York, 29 mar. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/03/30/sports/baseball/so-far-so-good-alex-rodriguez-has-been-on-his-best-behavior.html?_r=0>. Acesso em: 7 jan. 2016.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Proença, 1987.

_____. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, [1987]1995.

ZAGO, G., **Recirculação jornalística no twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação**. 2011. 204f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

ZANCHETTA, D. Repórter é baleada no olho com bala de bocharra em SP. **Estadão**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,reporter-e-baleada-no-olho-com-bala-de-borracha-em-sp,1042144>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

ZELIZER, B. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 27, p. 33-61, fev. 2000.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MARISA HOLMES

Entrevista realizada no dia 15 de maio de 2015, por correio eletrônico, com a ativista Marisa Holmes, que participou das mobilizações do *Occupy Wall Street*, em Nova York (EUA), em 2011.

How old are you?

28 years old.

Where are you from? If you're not from NYC, how long are you living here?

I'm from the Midwest. I grew up in Columbus, Ohio. I've lived in NYC for about 6 years.

What do you do?

I occupy! For work? Well, I organize and make films. I get paid to make films.

What was your education: where and which field did you study - or you are studying?

I studied film, video, and new media. I have a masters in media.

When did you become a member of Occupy Wall Street?

We never had formal membership. It wasn't even an organization at first but an action. I joined the NYC General Assembly, which was the organization planning to #OccupyWallStreet, in early August 2011.

How did you hear about Occupy Wall Street for the first time?

I saw a link on a listserv I was on, and then I saw the Adbusters website. However, I didn't take it seriously at first. I didn't think the magazine would organize anything, and I'm generally skeptical of social media campaigns.

Why did you decide to become a member of them?

Again, there were no members of Occupy Wall Street. It was not an organization. Adbusters put out a meme that was a call to action, and then the NYC General Assembly (NYCGA) formed to plan the action. I joined the NYCGA because there was a global uprising happening in response to the so-called economic crisis, and it was taking up a call against representation and for real democracy. I wanted to be part of this moment, engage in direct democracy, and build horizontal, participatory, and autonomous alternatives to the state and capitalism.

According to your opinion, what is the most important demand from Occupy Wall Street? This demand is the same yet?

Occupy Wall Street did not have demands. First, OWS was an action not an organization. The organization, the NYCGA was the decisionmaking body for the occupation. That's where all the working groups discussed how to self-manage the daily operations of the park like food and housing.

There is often confusion around this, because Adbusters and other groups issued demands, but Occupy Wall Street, by way of the NYCGA, never had demands. We were engaged in a direct action of liberating space and organizing our lives. This was the politics of everyday life not the of the state or capital. We did not ask permission and we did not make demands. We had a vision without demands.

In relation to last question. From this demand, do you think others were incorporated?

Again, we consented multiple times in the general assembly to not have demands. We had grievances and principles. We had a vision for a new world. We called on the people of the world to rise up and engage in direct democracy. We did not have demands.

How did you decide to occupy the Financial District? And why? Were you thinking that event could make the movement bigger?

Adbusters had already put out a call to go to the financial district on September 17th. We responded to this call and then decided on the specific tactics of what parks and how to get there etc. We were interested in going to Wall Street because it is the global symbol of capitalism. We could not get to the actual street in front of the stock exchange, so we set up an encampment as close as possible. In a way this was better, because we made community building our priority over confrontation.

How did you organize your protest on the social media? I mean, how did you do your meetings there? Are you still using social media to debate your demands?

It was not a protest. Occupy Wall Street was an expropriation of public-private space. We intended to stay and live in the space however we chose and build community. It was an invitation to all those interested in imagining a new world.

Social media was used to report on the assemblies and other daily aspects of the park, countering narratives in the mainstream press, and documenting police brutality, primarily. But it was also used to coordinate resources needed to keep the park going. If we needed food or tents, for instance, we would put up requests for in kind donations on livestream and twitter.

How do you think that social media was important to call people for your protest? Did anybody say to you that discovered the movement there?

Occupy Wall Street began as a meme and transformed into an action. Social media was essential to the development and growth. People would see us on livestream, for example, and then come in person to the park. It was all day all week, a permanent occupation, and we had a permanent stream of media coverage to make this visible.

During the protest, what social media did you use to talk about that? And how did you use?

We had the Occupy Wall Street Media Working Group, which was actually a cluster of different distribution. It included livestream, twitter, facebook, and youtube distribution teams. We operated by consensus and shared all content under creative commons. We would do counter-narratives, our own narratives, police brutality coverage etc etc. These media campaigns would go viral immediately with hundreds of thousands of views at times even crashing the corporate platforms.

When you decided to occupy the Financial District, were you thinking to call journalism's attention to your demands?

Again, we did not have demands. There was no intention to win over journalists. We didn't even allow journalists at meetings. There wasn't a PR group until later in the occupation. The intention was to reach people with our own message however possible.

How do you think it was the representation that journalism did from Occupy Wall Street during the protest?

There was a total media blackout in the mainstream press until two weeks into the occupation. They only started covering OWS after police brutality. The coverage was terrible. They did not understand or care what we were about other than confrontations with police.

During the protest, did you use social media to contest any information that journalism was talking about you?

Yes.

Do you think journalism changed its way that it was representing Occupy Wall Street since the movement started?

No. Most journalists still have no idea what OWS was about.

How do you think that the relationship between journalism and social media is doing?

I think our use of social media was so widespread, so viral, that the mainstream could not ignore us. This was positive. It made OWS more visible, and people came to the park who were not already radicalized. Thus, despite the horrible coverage, the hype created around OWS ultimately helped it to grow.

How do you think social media can make the social organization easier? I mean, do you think more people can know about social problems and then go to the street to protest for solutions?

Social media is only a tool to amplify what is already happening on the ground. It increases the speed at which people receive information. However, these platforms are not horizontal. They have hierarchies and are corporate platforms supported by the state. Interacting with them is only tactical. In the short term they're helpful for getting the word out, but in the long term they will not be necessary at all. We need a free and open internet with real social media.

ANEXO 1 – FOLHA DE S. PAULO 13/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.752

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 0H52 • R\$ 3,00

RECEBA HOJE

GUIA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES

Confira as sedes e a tabela do torneio que começa sábado

+ Perfil das oito seleções

Montagem com ilustrações de Bruno Nogueira

NÚMEROS DO PROTESTO

- 87 ônibus depredados
- 8 policiais militares feridos
- 30 manifestantes feridos
- 19 detidos, dos quais 6 já foram soltos

Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo

Policia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos

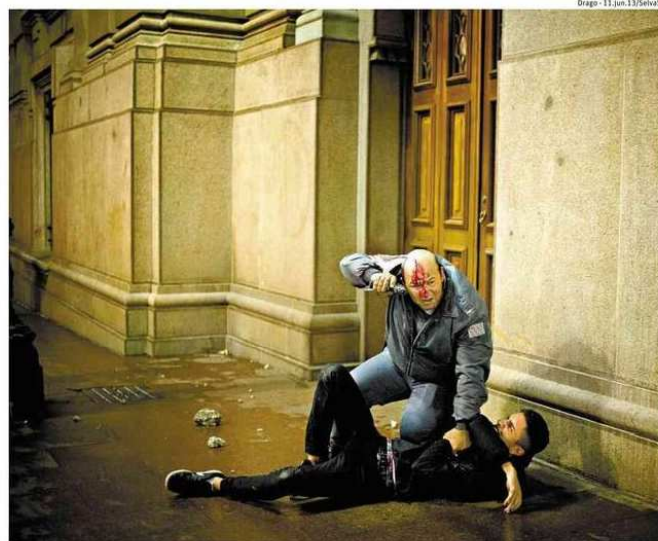
Mantega recua e zera imposto para segurar a alta do dólar

Dois dias depois de afirmar à Folha que não pretendia retirar o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de operações com dólar no mercado futuro, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou que a alíquota de 1% deixará de existir.

O objetivo é atrair mais dólares ao país e segurar a escalada da moeda americana, que ontem subiu para R\$ 2,149, a maior cotação em quatro anos. Mercado B1

Dilma Rousseff vê pessimismo em críticos do governo

Em um momento de queda de popularidade, a presidente Dilma acusou os críticos de serem como o "velho do Restelo", personagem do poeta português Luis de Camões e símbolo do pessimismo. Segundo ela, o "velho do Restelo não terá a última palavra no Brasil". Poder A4



» ENCURRALADO Ferido, policial militar Wanderlei Vignoli agarra militante e aponta arma a manifestantes para evitar que fosse linchado no protesto de anteontem em SP; um dia depois, ele disse que teve medo de morrer ao ser cercado Cotidiano 1 C2

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) chamou de "baderneiros" e "vândalos" os manifestantes que incendiaram ônibus em protesto anteontem, no centro de São Paulo, contra o aumento das tarifas de transporte.

"A polícia vai responsabilizar e exigir o ressarcimento de patrimônio destruído, seja público ou privado. Isso é absoluta violência, vandalismo, baderneira e é inaceitável", afirmou Alckmin. Ele está em Paris com o prefeito Fernando Haddad (PT), que também condenou a violência durante a manifestação.

O ato deixou um rastro de destruição na cidade. Ao menos 87 ônibus foram danificados, vidros de lojas e bancos, quebrados, e estações de metrô, depredadas.

Novo protesto está marcado para hoje, às 17h, em frente ao Theatro Municipal. A Polícia Militar diz que será mais dura na repressão a atos de vandalismo e que não relevará nem casos isolados. A Tropa de Choque seguirá a manifestação.

Após reunião com líderes dos protestos, o Ministério Público diz que levará a Haddad e Alckmin proposta de suspensão por 45 dias da tarifa de R\$ 3,20. Cotidiano 1 C1

guerra dos PINGUINS

Manifestantes contra o governo turco têm usado imagens de pinguins nos protestos. No primeiro dia, em vez de exibir imagens da repressão policial, a CNN turca veiculou filme sobre as aves, enfurecendo ativistas. Em protesto, TV opositora cortou a transmissão do discurso do premiê para exibir imagens dos animais. Mundo A20

poder A14

Câmara rejeita nova divisão de recursos para os Estados

CIÊNCIA

Em 2014, sonda espacial pousará em cometa pela primeira vez. Pág. 7

Delator de esquema de espionagem diz querer ser julgado em Hong Kong

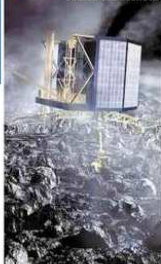
Mundo A18

RODÍZIO Cotidiano 2 pág. 2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

Agência Especial Especial

Representação gráfica de parte da sonda em cometa



TURISMO

Dunas e lagoas rendem cenário exclusivo a Lençóis Maranhenses F1

EDITORIAIS

Opinião A2

Leia "Retomar a Paulista", a respeito de protestos abusivos, e "Tribunal em causa própria", acerca de emenda constitucional que cria quatro TRFs.



CONTARDO CALLIGARIS

Estranho não é transar na escada, mas sim transar sempre na cama E14

310.883 exemplares impressos + digitais

ATMOSFERA

Cotidiano 2 pág. 2

Sol entre nuvens na capital paulista.

Mínima 16°C. Máxima 22°C.

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, se editorias e o ombudsman fale.folha.com.br

ANÁLISE/RICARDO BONALUME

Antes de tudo, policial tem que ter disciplina

Cotidiano 1 C2

Presos em protesto são da periferia e de regiões nobres

Das 13 pessoas ainda presas ontem devido ao protesto, só duas são estudantes. Há jornalistas, professores, metalúrgico, publicitário e artista. Eles vêm de áreas nobres, como Alphaville e Perdigões, e da periferia, como Poá e Pirituba. Cotidiano 1 C5

Respeite os limites de velocidade

COMPRA CERTA 2013 CAR-DRIVER

FAÇA A COMPRA CERTA.

i30

VENCEDOR DO PRÊMIO COMPRA CERTA DA REVISTA CAR AND DRIVER.

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

ANEXO 2 – FOLHA DE S. PAULO 14/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.753

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 1H22 • R\$ 3,00

Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

★ NO 4º ATO CONTRA TARIFA, PM CERCA MANIFESTANTES E USA BALAS DE BORRACHA E BOMBAS DE GÁS ★ DEZENAS DE PESSOAS FICAM FERIDAS E 192 SÃO DETIDAS ★ HADDAD CRITICA CORPORAÇÃO



Policial agride casal que tomava cerveja em bar na avenida Paulista, próximo ao Masp, ontem à noite, e recebeu ordem para que deixasse o local

A Polícia Militar reagiu com forte violência à quarta manifestação contra o aumento das tarifas de transporte, o que levou caos e tensão ao centro de São Paulo.

O estopim ocorreu quando a PM fez bloqueios na região da rua da Consolação para tentar conter os manifestantes, estimados em cerca de 5.000, e evitar que chegassem à av. Paulista.

Policiais usaram bombas de gás e balas de borracha. Manifestantes responderam com pedras. A violência apavorou pedestres e motoristas, que chegaram a abandonar os carros nas ruas.

Dezenas de pessoas ficaram feridas — muitas delas não faziam parte do protesto. A PM não informou quantos policiais se feriram.

Houve ao menos 192 detenções, em meio a incidentes isolados de depredação. O prefeito Haddad (PT) disse que "a imagem que ficou foi a da violência policial".

O governador Alckmin (PSDB) afirmou, em rede social, que o governo "não vai tolerar vandalismo". Rio e Porto Alegre também tiveram atos contra o reajuste. Novo protesto foi marcado para segunda-feira em São Paulo. Cotidiano 1 C1

Petrobras está impedida de fazer comércio internacional

Devido a uma dívida de R\$ 7,3 bilhões, a Petrobras está impedida de importar, exportar e de participar de rodadas de leilão do pré-sal, segundo a própria estatal.

O motivo é o cancelamento da certidão de débitos da empresa por uma decisão da Justiça em processo que discute a dívida com a Receita. A Petrobras tentou, em vão, reverter a medida. Mercado B1

EUA afirmam que Síria usou armas químicas contra rebeldes

Os EUA disseram ter informações de que tropas do presidente sírio, Bashar al-Assad, lançaram mão de armas químicas contra os rebeldes.

O governo diz que as forças sírias usaram gás sarin em pequena escala diversas vezes e que de 100 a 150 pessoas morreram nos ataques. A gestão Obama está dividida quanto a uma intervenção militar no país. Mundo A12



A repórter Giuliana Vallone, ferida no olho por tiro da PM

Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

ELIO GASPARI
COLUNISTA DA FOLHA

Quem acompanhou a manifestação pode assegurar: os distúrbios começaram por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, que, a olho nu, chegaram com esse propósito.

Nenhum megafone mandou a passeata parar. Começaram a atirar bombas de gás. Manifestantes buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma batalha campal. Foi cena de conflito de canibais com antropófagos. Cotidiano 1 C3

Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos

Sete jornalistas da Folha foram atingidos pela PM, incluindo Giuliana Vallone e Fabio Braga, feridos no rosto por balas de borracha. "Um PM atirou covardemente nela", disse testemunha. A Secretaria da Segurança laamentou os casos. Cotidiano 1 C2

HÉLIO SCHWARTSMAN
Democracia precisa aprender a conviver com manifestações

Mesmo rejeitando o vandalismo, deve-se reconhecer que protestos por vezes tonificam a democracia. É preciso garantir que movimentos reivindicatórios ocorram sem julgar o que os motiva. Opinião A2

saúde pág. 7

Suprema Corte dos EUA proíbe a patente de genes humanos

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e o ombudsman fale.folha.com.br

RODÍZIO Cotidiano 2 pág. 2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 9 ou 0

ATMOSFERA Cotidiano 2 pág. 2

Temperaturas amenas na Grande SP
Mínima 16°C Máxima 26°C

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "A nova face do Irã", a respeito de eleições naquele país, e "Aviso aos navegantes", acerca de declaração de Dilma contra críticos de seu governo.

317.575 exemplares
Impressos + digitais

ISSN 1644-0722
9 771414 372063



ELANTRA 2.0
FIEX 1700 CV

MAIS POTENTE E
MAIS ESPAÇOSO QUE
CRUZE E CIVIC.

HYUNDAI NEW THINKING.
NEW POSSIBILITIES.

Respeite os limites de velocidade.

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

ANEXO 3 – FOLHA DE S. PAULO 15/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.754

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0H16 • R\$ 3,00

Justiça libera Petrobras para fazer comércio internacional

O Superior Tribunal de Justiça reverteu decisão que impedia a Petrobras de importar e exportar petróleo, por causa da dívida de R\$ 7,3 bilhões com a Receita. O tribunal tornou nula decisão de antontem, que mantinha o cancelamento da certidão de débitos da empresa.

Segundo o Ministério Público Federal no Rio, a Petrobras poderia "quebrar" e gerar "caos" na Bolsa se passasse o débito. Mercado B1

Moderado lidera eleição no Irã com ampla vantagem

O Ministério do Interior do Irã anunciou que o centrista Hasan Rowhani lidera a contagem de votos da eleição à Presidência, informa Samy Adghirni, de Teerã. Dos 1,8 milhão de votos apurados, ele tem 45%. O conservador Mohamad Qalibaf é o segundo, com 17%. O resultado definitivo é esperado para hoje. Mundo A14

Para FMI, fim de estímulo dos EUA é risco a emergentes

Mercado B13

Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político

Haddad reafirma que não reduzirá tarifa de ônibus e marca reunião com líderes das manifestações



Preso durante os protestos, Bruno Lourenço, 19, comemora ao deixar delegacia em SP

Um dia após a Polícia Militar reagir com forte violência ao protesto contra o aumento da tarifa de transporte em São Paulo, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) defendeu a corporação e disse que o Estado tem "a melhor polícia do Brasil".

"Ela tem o dever de preservar a população. [...] Não é possível permitir atos de vandalismo." Segundo ele, os protestos têm cunho político. O governador disse que vai mandar investigar eventuais excessos da PM.

ANÁLISE VERA MAGALHÃES

Não há vencedores políticos depois de batalha campal

Não há vencedores políticos da batalha campal que São Paulo viveu quinta. Alckmin mostrou descolamento da realidade, e cartazes com a foto de Haddad e o apelido "Matadão" pipocaram. Nem Dilma passa ao largo da insatisfação. Cotidiano 1 C2

A defesa do governador levou a um embate entre tucanos e petistas. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, cotado para disputar o governo paulista em 2014, disse que houve "extrema violência policial".

O diretório paulistano do PT criticou a "ação truculenta e sem diálogo" da PM.

O prefeito Fernando Haddad (PT) reiterou que não irá reduzir a tarifa dos atuais R\$ 3,20 e marcou reunião com líderes do Movimento Passe Livre para terça. Cotidiano 1 C1

Polícia Militar só reagiu a ataque, afirma comandante

O comandante-geral da Polícia Militar, Benedito Roberto Meira, disse que, antontem à noite, os manifestantes quebraram acordo de não protestar na av. Paulista e que a polícia só reagiu ao ataque. Segundo ele, a PM tentará negociar uma rota para evitar novo confronto na segunda. Cotidiano 1 C3

MARCELO COELHO

Biografia retrata petista José Dirceu como um político duro Poder 1 A10

PAINEL DAS LETRAS

Obra de Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, será reeditada Ilustrada E6

FOLHINHA

Aproveite as feiras de livros para ficar perto do autor favorito Pág. 1

EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Agentes do caos", sobre violência da Polícia Militar paulista, e "Copa das preocupações", a respeito de torneio de futebol que começa hoje.

FOLHA NA COPA

AGORA É PRA VALER

País e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial D1

HOJE x **Japão**
16h Arena Garrincha, Brasília
Band, Globo e SportV

AMANHÃ x **Itália**
16h Maracanã, Rio
Band e SportV

Espanha x **Uruguai**
19h Arena Pernambuco, Recife
Band, Globo e SportV

Felipão move barreira em treino no estádio Mané Garrincha (DF)



312.902 exemplares impressos + digitais

ATMOSFERA Cotidiano C2
Dia de sol na Grande São Paulo
Mínima 16°C Máxima 23°C

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as edições e o ombudsman fale.folha.com.br

ELANTRA
FLEX Lançamento 178 CV

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

VEJA MAIS NAS PÁGINAS 5, 6 E 7.

Respeite os limites de velocidade.

ANEXO 4 – FOLHA DE S. PAULO 16/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.755

EDIÇÃO SÃO PAULO • CONCLUÍDA ÀS 23H20 • R\$ 5,00

Marlene Bergamo - 13.jun.2013/Folhapress

TV FOLHA + são paulo + COTIDIANO

A SEMANA em que São Paulo ARDEU



TV CULTURA
19h30, reprise às 23h

INTERNET
Acompanhe pelo site
da Folha e pelo UOL

Em protesto,
manifestante veste
máscara do filme
'V de Vingança'

Alunos da USP tentam, em vão, ir a protesto sem pagar tarifa; Polvilho, o líder, dá mexericas contra tensão **Cotidiano C4**

Polícia Militar afirma que militantes do PSOL arregimentam punks para praticar vandalismo; partido nega **C6**

Confira imagens e frases dos dois últimos atos contra o aumento das tarifas **sãopaulo pág. 18**

ALAN GRIPP E
FÁBIO ZANINI

Polícia insuflou as manifestações em SP e Istambul **c2**

Ricardo Nogueira/Folhapress



Neymar comemora seu gol, o primeiro da vitória em Brasília

DENTRO DE CAMPO, FOI FÁCIL

Com um belo gol de Neymar, Brasil vence Japão por 3 a 0 na abertura da Copa das Confederações **Folha na Copa D1**

TOSTÃO

Já temos um time, não o suficiente para atuar no nível das melhores seleções **D9**

Itália e México jogam às 16h, no Rio, e Espanha encara Uruguai às 19h, em Recife **D9**

Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos

Presidente é hostilizada três vezes; em protesto antes do jogo, 30 pessoas são detidas

A presidente Dilma Rousseff foi vaiada três vezes durante a abertura da Copa das Confederações, em Brasília. Constrangido, o presidente da Fifa, Joseph Blatter, indagou: "Onde está o fair play?", o que o levou a ser hostilizado pelos torcedores.

Na última semana, Dilma teve de lidar com a notícia da queda de sua popularidade, apontada pelo Datafolha, e com a subida do dólar, que forçou o governo a adotar medidas para conter a alta. Pressionada, ela atacou os críticos em três ocasiões.

Antes da partida, em frente ao estádio, aconteceu um protesto contra os gastos federais na Copa e em apoio ao Movimento Passe Livre. A polícia usou bombas de efeito moral, balas de borracha e gás de pimenta para reprimir a manifestação.

Até menos 29 pessoas se feriram, segundo policiais ouvidos pela **Folha**. Já o governo do DF diz que foram só três. Trinta acabaram detidas. Para o comando da PM, a ação foi correta. **Folha na Copa** ANÁLISE Vaia reforçam os sinais de insatisfação, escreve Valdo Cruz. **D3**

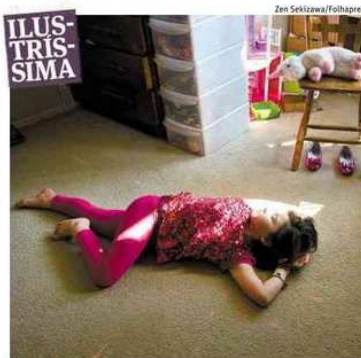
LOBO MAU

"Ou ele fazia ou ia ser torturado", diz Maria Helena Gomes de Souza, viúva de Amílcar Lobo. Na ditadura militar, ele atestava se presos podiam continuar a ser torturados. Quando criança, a filha do médico, que relata sofrer até hoje, ouviu que o pai era o lobo mau. **Poder A8**

Morre a escritora Tatiana Belinky aos 94 anos em SP **Poder A13**

ATMOSFERA **Cotidiano C2**
Frente fria chega pelo litoral
Mínima 17°C Máxima 23°C

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a ombudsman **fale.folha.com.br**



SOU MENINA A americana Danann Tyler, 10, que nasceu menino, mas desde os dois anos se expressa como garota; sua história revela aspecto movediço das questões de gênero **Pág. 4**

Centrista vence eleição no Irã e celebra 'triunfo da moderação'

O clérigo centrista Hasan Rowhani, único candidato moderado a disputar as eleições iranianas, será o novo presidente do país, informa **Samy Adghimi**, de Teerã. Rowhani superou no primeiro turno cinco candidatos, todos conservadores. Em declaração à TV, ele disse que sua vitória foi "o triunfo da moderação e do desenvolvimento". **Mundo A14**

EDITORIAIS **Opinião A2**
Leia "Poderes separados", a respeito de debate no STF sobre projeto em tramitação, e "O DNA é de todos", sobre decisão da Suprema Corte dos EUA.



340.865 exemplares
impressos + digitais

ANEXO 5 – FOLHA DE S. PAULO 17/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.756

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0H • R\$ 3,00



Domingos Peixoto/Agência O Globo

► **CAMPO DE BATALHA** Manifestantes e Tropa de Choque voltaram a entrar em confronto ontem, desta vez em frente ao Maracanã, antes da partida entre Itália e México na Copa D2

Dilma cortou discurso após receber vaias de torcedores

Por causa das vaias que ouviu do público em Brasília, antontem, na abertura da Copa das Confederações, a presidente Dilma Rousseff reduziu a sua fala a apenas uma frase. Ela tinha um discurso curto preparado, mas o abandonou e anunciou apenas o início do torneio.

Antes disso, já prevendo protestos, o cerimonial da Presidência decidiu que o discurso não seria mais feito do campo, mas da tribuna de honra. **Folha na Copa D7**

FOLHA TRANSPARÊNCIA

Papéis revelam os gastos da presidente em suas viagens

Documentos do Itamaraty mostram que a lista de exigências para as viagens de Dilma Rousseff ao exterior inclui média de 55 quartos em hotéis, 17 carros, caminhão-bus para bagagem, telefone e internet para a comitiva e material de escritório, relata **Fernanda Odilla**.

As despesas com viagens presidenciais passarão a ser sigilosas até o final do mandato de Dilma. **Mundo A10**

cotidiano c5

Menino de dois anos é morto durante assalto em Minas

RODÍZIO Cotidiano C2

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 1.011

310.262 exemplares

Impressos • digitais



ISSN 1677-0071 30756
9 771414 572025



Christopher Simon/MP

► **CAMPO DE FUTEBOL** O italiano Balotelli carregou De Rossi após seu gol contra o México. **Folha na Copa D2**

FOLHA NA COPA

Espanha e Itália estreiam com vitória na Copa das Confederações D1

RESULTADOS DE ONTEM

Itália 2 x 1 México
Espanha 2 x 1 Uruguai

HOJE

Taiti x Nigéria
16h (Band e SporTV)

Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje

Tropa de Choque não será acionada caso protesto às 17h seja pacífico, diz secretário da Segurança Fernando Grella

Na véspera de mais um protesto contra o aumento das passagens do transporte público em São Paulo, o secretário da Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, convidou os líderes do Movimento Passe Livre para uma reunião hoje, às 10h. Segundo o governo, o objetivo é definir o trajeto da manifestação, que começa às 17h, no largo da Batata.

O Movimento Passe Livre declarou que vai conversar com o governo, mas que não aceitará interferências quanto à definição do percurso.

Grella afirmou que a Tropa de Choque não deverá ser acionada porque acredita que o protesto será pacífico. Ainda assim, a estação Faria Lima do metrô, que fica na região do ato de hoje, foi cercada por tapumes metálicos.

Além de São Paulo, hoje devem acontecer manifestações em outros 12 municípios de oito Estados do país. Ontem, atos no exterior reuniram brasileiros em cidades como Dublin (Irlanda), Berlim (Alemanha), Montréal (Canadá), Nova York e Boston (EUA). **Cotidiano C1**

Protestos e violência em São Paulo turbinam audiência de programas de Da-tena e Marcelo Rezende. **Ilustrada E1**

ANTONIO PRATA

São Paulo deve se preparar hoje para um evento de grandes proporções

Cotidiano C4

ANÁLISE SAMY DANA

Paulistano trabalha 14 minutos para pagar tarifa, 4 vezes mais que em Pequim

Cotidiano C3

RICARDO BALTHAZAR

Preocupação dos manifestantes é manter distância de partidos políticos

Opinião A2

Ministro fez uso eleitoral de atos em SP, diz líder tucano

O líder do PSDB no Senado, Aloysio Nunes Ferreira (SP), criticou o ministro petista José Eduardo Cardozo (Justiça) por ter ido à TV oferecer ajuda para conter as manifestações contra o aumento das tarifas sem antes procurar o governo de SP.

Para o senador, Cardozo, cotado para concorrer ao governo paulista na eleição de 2014, explora os protestos com "sofreguidão eleitoral". Aloysio disse que houve excessos da PM. **Poder A5**



Joel Silva/Folhapress

Tapumes protegem entrada de estação do metrô em SP

FOLHAINVEST

Títulos do Tesouro Direto voltam a render acima de dois dígitos B1

TEC

Falta de lei para internet expõe usuário brasileiro à vigilância dos EUA F1

ILUSTRADA

Guinada do líder Malcolm X aos direitos humanos é tema de livro E12

ANÁLISE MARISA LAJOLO

Humor e fantasia guiaram a obra de Tatiana Belinky

O humor e a musicalidade, fortes tradições no gênero infantil, ecoam na obra de Tatiana Belinky, figura ímpar na literatura brasileira que morreu antontem, aos 94. Seu trabalho cumpre a função maior do livro: a fantasia, o reforço da identidade e a solidariedade com o diferente. **Cotidiano C6**

Pais de crianças com autismo seguem diferentes métodos

Atividades em grupo, como teatro, capoeira e judô, têm sido cada vez mais procuradas por pais de crianças com autismo e incorporadas aos tratamentos clássicos. O objetivo dessas iniciativas é estimular as relações sociais entre as crianças. Entre os tratamentos utilizados, estão as terapias comportamentais e a psicanálise. **Saúde C7**

ENTREVISTA DA 2ª ALEXANDRE RANDS

Desigualdade no país se deve aos atrasos em educação

O economista Alexandre Rands, da Universidade Federal de Pernambuco, diz que atrasos educacionais explicam 100% das desigualdades de renda no Brasil.

Se correto, o diagnóstico do pesquisador significa que o país tem investido em políticas erradas há décadas. "Os gastos com educação nas regiões mais pobres são muito inferiores aos do Sudeste. Ainda estamos reproduzindo as desigualdades regionais." **Entrevista da 2ª A12**

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, se editoria e a ombudsman fale.folha.com.br

ATMOSFERA Cotidiano C2

Dia chuvoso na capital paulista
Mínima 16°C Máxima 21°C

ANEXO 6 – FOLHA DE S. PAULO 18/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • TERÇA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.757

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 0H58 • R\$ 3,00



Em Brasília, aos gritos de 'o Congresso é nosso', manifestantes quebram cordão de isolamento da PM e invadem a laje da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada

Milhares vão às ruas 'contra tudo'; grupos atingem palácios

★ MANIFESTAÇÃO É A MAIOR NO PAÍS DESDE O 'FORA, COLLOR' (1992) ★ EM SP, MAIS DE 65 MIL PROTESTAM, DIZ DATAFOLHA ★ ASSEMBLEIA DO RIO É ATACADA E SEDE DO GOVERNO PAULISTA SOFRE TENTATIVA DE INVASÃO



Cartazes dos protestos pelo país



Largo da Batata, local da concentração inicial dos manifestantes na capital paulista

ATMOSFERA Cotidiano C11

Sol entre nuvens em São Paulo
Mínima 15°C Máxima 25°C

RODÍZIO Cotidiano C11

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 34

310.003 exemplares
impressos • digitais

ISSN 1677-1166
9 771674 572012

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Protestos e vaia", acerca de mudança no clima político brasileiro, e "O Irã se move", sobre eleição de clérigo Rowhani para a Presidência do país.

Centenas de milhares de pessoas foram às ruas em 12 capitais do país para protestar contra aumento das tarifas de transporte, corrupção, gastos da Copa do Mundo e para reivindicar a melhoria de serviços públicos, como saúde, educação e segurança, entre outras demandas. Políticos também foram alvos, como a presidente Dilma (PT), os governadores Alckmin (PSDB-SP) e Cabral (PMDB-RJ) e o prefeito Haddad (PT-SP).

Foi a maior onda de protestos políticos no país desde os caras-pintadas, em 1992, pelo impeachment do então presidente Collor. A maioria das manifestações foi pacífica, mas houve vandalismo contra sedes do poder. Em São Paulo, um portão do Palácio dos Bandeirantes foi derrubado — a polícia impediu a invasão. No Rio, onde o protesto juntou 100 mil pessoas, um grupo atacou a Assembleia Legislativa. Em Brasília, militantes tomaram o teto do Congresso Nacional.

Na capital paulista, o ato reuniu ao menos 65 mil pessoas, segundo o Datafolha. Dos participantes, 84% disseram não ter preferência partidária. Um novo protesto está marcado para hoje, às 17h, na Sé. **Cotidiano C1**

FERNANDO RODRIGUES

Desfecho do movimento é imprevisível
Cotidiano C3

Se tarifa do transporte fosse zero, valor do IPTU dobraria em SP
Cotidiano C8

ANEXO 7 – FOLHA DE S. PAULO 19/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

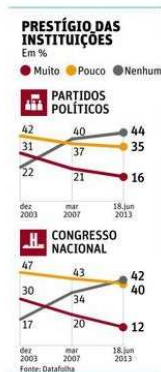
DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.758

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 1H22 • R\$ 3,00

Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir

Manifestação começa pacífica, com mais de 50 mil pessoas na praça da Sé, mas grupos levam caos à região central



Descrença de paulistano na política cresce, diz Datafolha

A descrença na política entre os moradores da cidade de São Paulo é a maior desde 2003, segundo pesquisa Datafolha realizada ontem. Há dez anos, 51% achavam que a Presidência tinha muito prestígio. Hoje, são 19%. A taxa dos que acham que o Congresso não tem prestígio algum subiu de 17% para 42%. A parcela dos que apoiam os protestos pela cidade contra o reajuste da tarifa de ônibus pulou de 55% para 77% em cinco dias. **Cotidiano C8**

folha na copa D1

Protesto está previsto para jogo entre Brasil e México

mundo A10

Telexan aceita iniciar diálogo com EUA e governo afgão

poder A8

Comissão liderada por Feliciano aprova projeto da 'cura gay'

painel A6

Potencial candidato, ministro Padilha transfere título para SP

RODÍZIO

Não devem circular carros com placas cujo final seja: **5 ou 6**



Manifestantes entram em confronto com guardas municipais durante tentativa de invasão à Prefeitura de São Paulo



Van da Record é incendiada em frente à sede do governo paulistano; encapuzado carrega TV saqueada no centro da cidade



EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Incôgnita nas ruas", sobre a onda de protestos que toma diversas cidades do país e as incertezas relativas aos desdobramentos do movimento.

ATMOSFERA Cotidiano C11

Chuvvas isoladas na capital paulista
Mínima 13°C. Máxima 24°C

FALE COM A FOLHA

Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, os editores e o ombudsman fale.folha.com.br

ISSN 1610-4731

30758
9 771414 30758

310.266 exemplares impressos + digitais



Antes de tumulto, ao menos 50 mil pessoas se reuniram na praça da Sé em ato pacífico

No sexto protesto em São Paulo contra a alia da tarifa de transporte, um grupo de manifestantes atacou no fim da tarde a sede da prefeitura, no centro — guardas municipais evitaram a invasão do prédio. Integrantes do Movimento Passe Livre também tentaram conter agressores.

O vandalismo se ampliou: um carro da TV Record foi queimado, bancos, destruídos, e lojas, saqueadas. A PM demorou a agir, e a Tropa de Choque foi para a rua por volta das 22h. Fez prisões no centro e lançou bombas na rua Augusta. Segundo o governo paulista, a demora na ação foi para evitar que ativistas sem ligação com as depredações fossem feridos.

O ato contra a tarifa começou sem violência e reuniu mais de 50 mil pessoas na praça da Sé, segundo o Datafolha. A maior parte dos manifestantes seguiu para a av. Paulista, onde o protesto foi pacífico até o fim da noite, quando houve depredações.

Mais cedo, o prefeito Haddad (PT) admitiu estudar revoar a alta do ônibus, com custo ao cofre público. Para a presidente Dilma, os atos "ultrapassam mecanismos tradicionais das instituições, dos partidos, das entidades de classe e da mídia". **Cotidiano C1**

'Estão entrando', diz assessora de Haddad no ataque

"Estão entrando, estão entrando", repetia assessora de Haddad enquanto manifestantes tentavam invadir a prefeitura, relata **Mônica Bergamo**. Gritos e estrondos aumentavam a tensão. Secretários se reuniam numa sala de crise, com telões. Roberto Porto (Segurança) cogitou retirar a vice-prefeita com helicóptero. **Cotidiano C3**

JOÃO WAINER

Pessoas em fúria levavam televisões, notebooks e roupas
Cotidiano C2

ANTONIO PRATA

Sejamos francos: ninguém está entendendo nada
Cotidiano C11



PORTA-MALAS DE 644 LITROS

Respeite os limites de velocidade.

VEJA TUA PÁGINA 5.

Tucson Flex

A MELHOR COMPRA E O MAIOR ESPAÇO INTERNO DA CATEGORIA.

HYUNDAI | NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

ANEXO 8 – FOLHA DE S. PAULO 20/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 ★ QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2013 ★ Nº 30.759

EDIÇÃO SP/DF ★ CONCLUÍDA ÀS 02H22 ★ R\$ 3,00



À noite, cerca de 500 manifestantes, segundo estimativa da Polícia Militar, ocupam a av. Paulista em ato pacífico para comemorar a revogação do aumento do valor das passagens

PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS

★ APÓS 13 DIAS, MANIFESTAÇÕES FORÇAM GOVERNOS DE SP E RIO A CANCELAR O REAJUSTE DOS TRANSPORTES
 ★ ALCKMIN (PSDB), HADDAD (PT) E PAES (PMDB) AFIRMAM QUE REDUÇÃO COMPROMETERÁ INVESTIMENTOS

GUSTAVO PATU

'Populismo' tarifário se perpetua e cria demandas sociais

Cotidiano A4

ELIANE CANTANHÊDE

PT, PSDB e PMDB perdem 1ª batalha, mas guerra continua

Opinião A2

ROGÉRIO GENTILE

Com recuo, risco é ato de vandalismo virar método de negociação

Opinião A2

mercado aberto 82

Para ministro turco, atos trarão prejuízo econômico ao Brasil

folha na copa 01

Neymar brilha, e seleção vence México por 2 a 0 em Fortaleza

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Vitória das ruas", sobre redução das tarifas de transportes públicos, e "Projeto incurável", acerca de proposta que legaliza a chamada "curra gay".

313.217 exemplares
Impressos + digitais

RODÍZIO Cotidiano C14

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 7 ou 8

ATMOSFERA Cotidiano C14

Chuva e frio na capital paulista
Mínima 13°C. Máxima 20°C



► FIM DE JOGO Público que assistia a Brasil x México em telão no vale do Anhangabau vai o governador Alckmin e o prefeito Haddad durante anúncio da redução do preço das tarifas

Após 13 dias de protestos em que centenas de milhares de pessoas foram às ruas, os governantes de São Paulo e Rio de Janeiro recuaram e cancelaram o aumento das tarifas dos transportes. Pressionados pelos atos —pacíficos em sua maioria, mas com episódios de violência de manifestantes e policiais—, o governador Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e os prefeitos Fernando Haddad (PT-SP) e Eduardo Paes (PMDB-RJ) disseram que a medida forçará cortes de investimentos públicos.

Em São Paulo, o valor da passagem de ônibus, metrô e trem cairá de R\$ 3,20 para R\$ 3 a partir de segunda. A medida foi celebrada na av. Paulista. No Rio, o ônibus irá de R\$ 2,95 para R\$ 2,75 —o governo Sérgio Cabral (PMDB) também cortou tarifas de metrô, trem e barca.

Antes dos anúncios, manifestantes protestaram em Fortaleza, no Castelão, onde a seleção jogou. Houve confronto com a polícia, e 18 pessoas ficaram feridas. Em São Paulo, atos bloquearam cinco rodovias ao longo do dia. No Rio, protesto fechou a ponte Rio-Niterói. Há manifestações previstas para hoje em 90 cidades — em São Paulo, começará às 17h na av. Paulista. Cotidiano

Pierre, 20, aluno de arquitetura, atacou prefeitura

Pierre de Oliveira, 20, um dos incitadores do ataque à prefeitura, se entregou à polícia. Aluno de arquitetura da FMU e adepto do jiu-jitsu, ele se desculpou. "Quem nunca errou que atire a primeira pedra." Cotidiano C12

Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito

O Movimento Passe Livre, que liderou as manifestações, agora lutará pela tarifa zero e por pautas como "as reformas agrária e urbana e contra o latifúndio urbano", disse Mayara Vivian, integrante do grupo. Cotidiano C5

ANEXO 9 – FOLHA DE S. PAULO 21/6/2013

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.760

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 1H22 • R\$ 3,00



Manifestantes em frente ao Congresso, em Brasília, correm após polícia lançar bombas de gás para dispersar multidão; 55 ficaram feridos e 3 foram detidos em protesto na capital

Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião

★ MAIS DE 1 MILHÃO DE PESSOAS VÃO ÀS RUAS ★ EM BRASÍLIA, TRÊS MINISTÉRIOS E BANCO CENTRAL SÃO DEPREDADOS ★ SEGUNDO ASSESSORES, GOVERNO FEDERAL ESTÁ 'PERPLEXO'

Mesmo depois da redução das tarifas de transporte público pelo país, mais de 1 milhão de pessoas voltaram a ocupar as ruas em cerca de cem cidades. No 14º dia de manifestações, cenas de violência e vandalismo foram registradas em 13 das 25 capitais que tiveram protestos. Houve novos confrontos entre manifestantes e a polícia, ataques a prédios públicos e depredações.

Em Brasília, um grupo quebrou vidros do Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, e houve princípio de incêndio. Dois ministérios foram picados, e o BC teve vitraça danificada. Ao menos 55 pessoas foram feridas. Outras oito capitais registraram ataques a prédios públicos. No Rio, ato que reuniu 300 mil pessoas, segundo a PM, terminou com 62 feridos.

A presidente Dilma cancelou viagem ao Japão e chamou para hoje reunião emergencial para avaliar os protestos. Segundo assessores, o governo está "perplexo".

Para dirigentes da Fifa, que promove a Copa das Confederações, a situação no Brasil é mais grave do que o pior cenário imaginado. Cotidiano C1 e Folha na Copa D2

Exército reforçará efetivo no Planalto e em residências de Dilma e Temer C2

ELIANE CANTANHÊDE

As ruas do Brasil estão em chamas; a coisa desandou

Opinião A2

Multidão grita 'fora, partidos' e petistas deixam av. Paulista

Militantes de partidos como PT, PSOL e PSTU e do Movimento Passe Livre foram hostilizados na avenida Paulista no protesto de ontem. A multidão gritava "fora, partidos, vocês querem o povo dividido". Os petistas, o maior grupo, deixaram o ato.

Às 20h, mais de 110 mil se reuniam na avenida, segundo o Datafolha. Cotidiano C5

poder A4

STF libera votação de projeto que inibe criação de partidos



De capacete, manifestante agride militantes do PT na Paulista

Desvalorização do real é a maior entre as principais moedas do mundo

Mercado B1

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, os editoriais e o ombudsman fale.folha.com.br

319.989 exemplares impressos + digitais



Vítima de atropelamento é atendida em Ribeirão Preto (SP)

ATMOSFERA Cotidiano C14
Tempo instável na capital paulista
Mínima 16°C. Máxima 22°C



EDITORIAIS Opinião A2
Leia "Ressaca monetária", a respeito de valorização do dólar, e "Além da linha vermelha", acerca de uso de armas químicas pelo regime sírio.

FERNANDO RODRIGUES

Silêncio do Planalto sintetiza falta de liderança de políticos

Cotidiano C3

Manifestante morre durante ato em Ribeirão Preto

O estudante Marcos Delefrate, 18, morreu atropelado em protesto em Ribeirão Preto (SP) após um carro tentar furar um bloqueio montado pelos manifestantes. Outras três pessoas ficaram feridas, uma delas em estado grave. O motorista está foragido.

Foi a primeira morte desde o início das manifestações pelo país. Cotidiano C6

RODÍZIO

Cotidiano C14

Não devem circular carros com placas cujo final seja: 9 ou 0

PORTA-MALAS DE 644 LITROS

Respeite os limites de velocidade.

VEJA NA PÁGINA 5.

Tucson Flex

A MELHOR COMPRA E O MAIOR ESPAÇO INTERNO DA CATEGORIA.

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.761

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 0HS1 • R\$ 3,00

DATAFOLHA
Em quem os manifestantes da Paulista votariam? Resposta estimulada e única, em %*

Joaquim Barbosa	30
Marina Silva (Rede)	22
Dilma Rousseff (PT)	10
Áécio Neves (PSDB)	5
Eduardo Campos (PSB)	1

*Margem de erro de 4 pontos percentuais para mais ou para menos em pesquisa com 553 pessoas anônimas.

Manifestantes da av. Paulista apoiam Barbosa e democracia

Com 30%, o presidente do STF, Joaquim Barbosa, é o favorito à Presidência entre os manifestantes que estavam na av. Paulista anteontem, segundo pesquisa Datafolha com 551 pessoas. A maioria absoluta dos entrevistados, 87%, declarou ser favorável à democracia. Dentre os participantes, 63% eram jovens entre 21 e 35 anos e 72% afirmaram não ter partido. **Cotidiano C6**

Principais acessos a aeroportos em SP são bloqueados

Os principais acessos aos aeroportos de Guarulhos e Congonhas foram bloqueados por causa de manifestações, e 13 rodovias de São Paulo sofreram interdições. Em Cubicba, passageiros caminharam até 9 km para tentar pegar seus voos. Na Barra da Tijuca (Rio), moradores de favelas saquearam lojas. **Cotidiano C5 e C9**

FOLHINHA
Juntos, pais e filhos vão aos atos e tentam entendê-los **Pág. 1**

ILUSTRADA
inimigos de HITLER

Livro resgata a história do jornal 'Münchener Post', o maior opositor do líder nazista **11**

Dilma promete ouvir 'voz das ruas' e coibir 'arruaça'

Na TV, presidente diz que receberá ativistas e propõe pacto político para melhorar serviços públicos



Passageiros vão a pé ao aeroporto de Cubicba, após protestos fecharem rodovias de acesso

Em reação à onda de protestos no país, a presidente Dilma (PT) disse em discurso na TV que vai receber os líderes das manifestações pacíficas e ouvir a "voz das ruas". Ela criticou "uma minoria violenta e autoritária" e prometeu coibir "arruaça".

Dilma propôs discutir com presidentes de outros Poderes, governadores e prefeitos um pacto para a melhoria de serviços públicos, que incluiria a reforma do transporte coletivo, o repasse da receita de royalties do petróleo para educação e o aumento do número de médicos estrangeiros no SUS.

Dilma defendeu ainda "a construção de uma ampla e profunda reforma política". Ela confirmou a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e disse que os gastos com arenas serão pagos por Estados e empresas responsáveis pelos projetos.

A presidente decidiu ir à TV após reunião emergencial com a cúpula do governo. Pesquisa Datafolha realizada antes do discurso mostra que 55% dos paulistanos avaliaram como ruim ou péssima a atuação de Dilma nos protestos. **Cotidiano C1**

Políticos facasaram se tentarem capitalizar movimento, diz FHC. **Poder A4**

IGOR GIELOW

Promessas são música velha para novos ouvintes **Cotidiano C3**

ANDRÉ SINGER

É preciso revitalizar as instituições, não destruí-las **Opinião A2**

MARCELO COELHO

Sem rota política, teremos paralisia ou selvageria **Cotidiano C12**

ALEXANDRE VIDAL PORTO

Jovens acreditaram que país tinha virado potência **Mundo 2, pág. 4**



Mascarados queimam entulho em Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), na Barra da Tijuca, no Rio, lojas foram saqueadas

Após anunciar fim de atos, Passe Livre volta atrás

O Movimento Passe Livre, líder dos protestos em São Paulo, anunciou na manhã de ontem a suspensão de manifestações. À noite, porém, o grupo recuou e prometeu novos atos. A nota foi divulgada quando ocorria reunião entre movimentos sociais e partidos de esquerda hostilizados em protesto na av. Paulista. **Cotidiano C4**

O problema é do Brasil, não da Fifa, diz Jérôme Valcke

A Fifa, que promove a Copa das Confederações, diz não ter planos de mudar o cronograma do torneio, mas cobrou segurança do governo. "O Brasil tem que resolver o problema. Desculpe, mas não é um problema da Fifa", disse Jérôme Valcke, secretário-geral da entidade. Brasil e Itália jogam às 16h, em Salvador. **Folha na Copa D2**

Portugal Telecom e Oi negociam acordo para unir as companhias

Mercado B1

ATMOSFERA Cotidiano C14
Chuva fraca e frio em São Paulo
Mínima 13°C. Máxima 21°C

FALE COM A FOLHA
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, as editorias e a embaixadora folha.com.br

314.438 exemplares impressos + digitais



EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Destruir São Paulo", a respeito de investimentos necessários para melhorar o sistema de transporte público e aliviar o trânsito da cidade.

COLOCADO.
A MELHOR COMPRA DA CATEGORIA.

Respeite os limites de velocidade.

VEJA NAS PÁGINAS 5, 6 E 7.

TUCSON

HYUNDAI NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

"All the News That's Fit to Print"

The New York Times

VOL. CLXIV... No. 56,632... NEW YORK, MONDAY, SEPTEMBER 22, 2014... \$2.50

REPORT FOUND DISTORTED DATA ON JAIL FIGHTS

RIKERS FINDINGS RECAST

Key Portions Were Not Revealed to Federal Investigators

This article is by Michael Weisrip, Michael Schwartz and Benjamin Weiser.

After years of teenage inmates being slashed, stabbed and maimed, it appeared that the jail for adolescents at Rikers Island had finally been brought under control. In April 2011, a new warden and deputy warden were named, and almost immediately, official tallies of inmate fights fell by two-thirds.

The correction commissioner at the time hailed the accomplishment at a City Council hearing and gave the men an award for their "exceptional efforts." Within a month, both officials were promoted.

Then came the tip to Correction Department investigators. Violence wasn't down. The data was wrong. A dozen investigators eventually produced a confidential report, obtained by The New York Times, which concluded that hundreds of inmate fights had been omitted from departmental statistics.

The series of events that followed, which extended into Mayor Bill de Blasio's administration and was pieced together by The Times through interviews and a review of internal agency documents, underscores the pervasive dysfunction of the city's Correction Department.

The commissioner at the time, Dara B. Schirio, did not denigrate the men. Instead, she ordered the removal from the report of any implication that the jail was...

Continued on Page A20



Thousands paraded through Manhattan in the People's Climate March on Sunday. Rallies were also held around the globe.

Taking a Call for Climate Change to the Streets

By LISA W. FODERARO

Legions of demonstrators flooded by international inaction on global warming descended on New York City on Sunday, marching through the heart of Manhattan with a message of alarm for world leaders set to gather this week at the United Nations for a summit meeting on climate change.

GREENHOUSE GASES Global emissions of greenhouse gases hit record levels in 2013, PAGES A3

FOSSIL FUEL A campaign to damp fossil-fuel stocks is gaining momentum with investors, PAGE A3

that every major social movement in this country has come when people get together," said Carol Sutton of Norwalk, Conn., the president of a teachers' union. "It begins in the streets."

After Rancor, Afghans Agree To Share Power

By ROD NORDLAND

KABUL, Afghanistan — Their campaign workers traded blows over ballot boxes during an election widely seen as fraudulent. Some of the warlords backing them have muttered about starting a parallel government, a potential recipe for civil war in Afghanistan. And they have just come out of a vote so discredited that some officials do not want the final tallies announced.

U.S. RAMPING UP MAJOR RENEWAL IN NUCLEAR ARMS

OBSTACLE TO OBAMA VOW

Billed as Path to Disarm, Buildup Could Have Opposite Effect

By WILLIAM J. BROAD and DAVID E. SANGER

KANSAS CITY, Mo. — A sprawling new plant here in a former soybean field makes the mechanical guts of America's atomic warheads. Bigger than the Pentagon, full of futuristic gear and thousands of workers, the plant, dedicated last month, modernizes the aging weapons that the United States can fire from missiles, bombers and submarines.

It is part of a nationwide wave of atomic revitalization that includes plans for a new generation of nuclear reactors. A recent federal study put the collective price tag, over the next three decades, at up to a trillion dollars.

This expansion comes under a president who campaigned for "a nuclear-free world" and made disarmament a main goal of American defense policy. The original idea was that modern rebuilding of the nation's crumbling nuclear complex would speed arms refurbishment, raising confidence in the arsenal's reliability and paving the way for new treaties that would significantly cut the number of warheads.

Instead, because of political goals and geopolitical crises, the Obama administration is engaging in extensive atomic rebuilding, while getting only modest arms reductions in return. Supporters of arms control, as well as some of President Obama's closest advisers, say their hopes for the president's vision have turned to baffled disappointment as the modernization of nuclear capabilities has become an end in itself.

"It let it be hard to explain," said Sam Pitts, the former senator whose writings on nuclear disarmament deeply influenced Mr. Obama. "The president's vision was a significant change in direction. But the process has preserved the status quo."

With Russia on the warpath, China pressing its own territorial claims and Pakistan expanding its arsenal, the overall chances for Mr. Obama's legacy of disarmament look increasingly dim, analysts say. Congress has expressed less interest in atomic reductions than looking tough in Washington's escalating confrontations.

Continued on Page A12



A state trooper checking a vehicle near Canadensis, Pa. A trooper's death has set off a manhunt.

In Tense Woods, Police Shift From Prey to Hunters

CANADENSIS, Pa. — The Pennsylvania State Police recommend that you remain in your homes. That you not go into the surrounding woods. That you lock all doors and vehicles, keep the exterior of your home well lit, and if you see a shed open that you remember having closed, report it immediately.

For more than a week now, an acutely personal manhunt has placed this stretch of the pastoral Poconos under psychological lockdown. A marksman believed to have assassinated one Pennsylvania state trooper and wounded another more than a week ago is still out there somewhere, in a fabled, forested terrain stretching across dozens of square miles.

On Sunday, the state police announced some progress in their pursuit of the suspect, Eric M. Freni, 31, whose otherwise unremarkable face appears on billboards and posters throughout the area. Lt. Col. George Alvord said that trackers had discovered a few items that the suspect had abandoned or stowed away in the wooded shadows, including a military-style rifle and some ammunition.

"We are pushing him hard," the state police official said, adding, "We believe we are closing in." Continued on Page A14

Bodies Bear Witness to Russia's Role in Ukraine

By DAVID M. HERSHENHORN and ALEXANDRA ODYNOVA

SELIZOVO, Russia — In a far corner of a small cemetery outside this tiny village by the Oka River, a black flag proclaiming the military might of Russia's tank forces ripples in the wind above the recently dug grave of Sgt. Vladislav A. Barakov. A photograph of the baby-faced soldier in full dress uniform sits propped against a wooden cross with a small plaque that says he died on Aug. 14, He was 21.



Sgt. Vladislav Barakov's grave outside Selizovo, Russia.

What the plaque does not say — and what no one wants to talk about — is how and where the young sergeant died: blown up in a tank while sent to fight in eastern Ukraine, where Russia's leaders have denied any role other than as facilitators of peace.

Their bodies have been returned in recent weeks to loved ones who in many cases had no idea where they were sent to fight, have received little information about how they died and, in any event, are being pressured not to talk about it. Some families have even been distressed with losing any compensation if they do.

INTERNATIONAL A4-10

Yemeni Rebels Assault Capital Shiite rebels stormed Yemen's capital, and the prime minister resigned. The rebels' goals are seen as sure to exacerbate regional tensions. PAGE A10

Ending Flow of Terror Recruits President Obama seeks a U.N. resolution requiring nations to outlaw going abroad to join terrorists. PAGE A11

OBITUARIES A23

Leader of a Prolonged Strike Dies Robert E. Foli, the head of the air traffic controllers' union during its tumultuous 1981 work stoppage, was 78. PAGE A23

NATIONAL A11-15

White House Security Review The deaths of Joan Rivers and other celebrities signal that famous people may receive special medical treatment, not necessarily to their benefit. PAGE A11

BUSINESS DAY B1-6

Google Frozen Out of China Chinese authorities have tightened up censorship over Internet traffic, limiting Google's services. PAGE B1

Fall TV's Quieter Return The fall television season of new shows may be an anachronism, but there are still viewer expectations. PAGE B1

NEW YORK A16-22

When the Patient Is Famous The deaths of Joan Rivers and other celebrities signal that famous people may receive special medical treatment, not necessarily to their benefit. PAGE A11

SPORTSMONDAY D1-7

Halting the Texans, and a Skid The Giants, after two losses in which they looked as hapless as they did during an 0-6 start to 2013, cruised past the Texans with a fluid offense and a devastating defense. PAGE D5

EDITORIAL, OP-ED A24-25 Paul Krugman PAGE A25

ARTS C1-7

Act of Political Art on Campus A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Late Edition

Today, sunny to partly cloudy, breezy and less humid, high 70. Tonight, mainly clear to clear, low 53. Tomorrow, mostly sunny, high 71. Weather map appears on Page C4.

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

EDITORIAL, OP-ED A24-25

Paul Krugman PAGE A25

Act of Political Art on Campus

A senior at Columbia has vowed to carry a mattress on campus until the graduates or until a fellow student she accuses of rape leaves the university. Her piece of performance art joins a national focus on campus sexual assault. Chronicle by Roberta Smith. PAGE C1

A18

THE NEW YORK TIMES NEW YORK MONDAY, SEPTEMBER 22, 2014



DOUG MERRING/AGENCE FRANCE PRESSE



JAMES LEEFER/AGENCE FRANCE PRESSE



DANON WINTER/AGENCE FRANCE PRESSE

Taking a Call for Climate Change to the Streets



Onlookers waved on Sunday as participants in the People's Climate March went by on Avenue of the Americas in Manhattan. Top, from left: Mark Keoppen, 61, and Corinna Gramh, 22, got into costume before the event; Nipponzan Myohoji, a Buddhist monk, chanted along the 2.2-mile route; a man carried a United Nations flag on Central Park South.

From Page A1

Marched the route. The signs that marchers held were as varied as the movement: "There Is No Planet B," "Forests Not for Sale" and "Jobs, Justice, Clean Energy."

The diversity of the demonstrators made for some odd juxtapositions. On West 98th Street, the minaret of an inflatable mosque bobbed next to a wooden replica of Noah's Ark, the size of a school bus. Nearby, Capuchin Franciscan monks in flowing brown robes, who were in town

Reporting was contributed by Anne Corral, Coral Dauenerport, Colin Myonhlan, Sarah Maslin Nir, Kenneth Rosen and Vivian Vae.

from Rome for the march, mingled with teens, while a group flying a pagan flag beat a drum.

The climax of the march came in the early afternoon. All along the route, crowds had been quieted for a moment of silence. On Avenue of the Americas at 57th Street, there was an eerie silence as marchers raised their arms and looked down.

Then at exactly 1 p.m., a whistle pierced the silence, setting off a minute-long cacophony intended as a collective alarm on climate change. There were the beats of the drums and the blaring of horns, but mostly it was whoops and cries of the marchers.

One of the key organizers of the event, the international advocacy group Avaaz, presented a

petition with more than 2.1 million signatures demanding action on climate change. "It's a testament to how powerful this movement is," Ricken Patel, executive director of Avaaz, said. "People are coming in amazing numbers."

Like the march, the summit speeches intended to build support for addressing climate change. But the gathering of world leaders is not meant to be a formal negotiating session for a potential 2015 agreement.

Behind the scenes, though, the real work toward forging a global deal was underway. A few blocks from the march, in a hotel conference room on Lexington Avenue, Secretary of State John Kerry convened a meeting of foreign

ministers of the 17-member Major Economies Forum, focused on climate change, and Todd Stern, the chief United States climate change negotiator, held back-to-back meetings throughout the day.

Mr. Kerry said he intended to keep a focus on climate change throughout the week, despite the pressures of other crises, including insurgent terrorists in Iraq and the Ebola outbreak in Africa.

"The grave threat that climate change poses warrants a prominent position on that list," he told reporters. "Those are immediate. But this has even greater, longer-term consequences that can cost hundreds of billions, trillions of dollars, and lives, and the security of the world."

Last week, meteorologists at

the National Oceanic and Atmospheric Administration announced that this summer — the months of June, July and August — was the hottest on record for the globe, and that 2014 was on track to break the record for the hottest year, set in 2010.

It was concern about the consequences of that warming that drew people to the march, organized by a dozen environmental, labor and social justice groups, and that inspired some of the event's most sober and most outrageous expressions, some of them not even on the route.

In front of the Flatiron Building, on Fifth Avenue, a 3,000-pound ice sculpture spelled out "The Future." Dripping onto the sidewalk, it had been carved over two days in Queens by a group of

Japanese ice sculptors. "I would say we are melting down the future," said Nora Licorano, one of the artists who conceived the work. "It's a comment on what we are doing to the planet."

At Columbus Circle, there were bare-breasted women and people with dreadlocks and homespun clothing. There were Muslim women wearing hijabs and groups of older women with signs proclaiming they were "Grandmas Against Global Warming," and that "Gray Is Green."

Two high school seniors from Long Island, Kirsten Cunha and Alexandra Dos Santos, both 17, marched with dust masks over their mouths. "Wearing masks like this could quite possibly be our children's future," Ms. Dos Santos said.

Police Officer Dies and 8 Are Hurt in Van Crash in Bronx

By J. DAVID GOODMAN and JOHN SURICO

For the young Bronx police officers on their way to help patrol a major demonstration in Midtown Manhattan, the early morning assignment on Sunday was a reprieve from the daily danger of a violent precinct.

But as the police van in which they were riding rounded a notoriously sharp turn on the Bruckner Expressway just after 6 a.m., the driver lost control and the van slammed into a barrier, ejecting a 25-year-old rookie officer onto the rain-slicked roadway.

The officer, Michael Williams, was pronounced dead less than an hour later at Lincoln Hospital. Eight other officers who were in the marked police van, a 2009 Ford Econoline, were hurt, though their injuries were not life-threatening, the police said.

Mayer Bill de Blasio called the crash a tragedy and said he was "heartbroken" at the death of Officer Williams. "The notion that this was a guy just starting out, who loved what he was doing as a police officer and had a whole bright future ahead, and he lost it in this tragic accident," the mayor said, speaking to reporters at the climate change protest that some of the officers in the van had been assigned to patrol.

At Lincoln Hospital, top police officials appeared shaken. Philip



Police officers saluting as the body of Officer Michael Williams, who died when the van he was riding in crashed, is moved from Lincoln Hospital to a Police Department ambulance.

ment, said Officer Williams had joined the department to follow in the footsteps of his father, a 32-year-veteran of the Carmel, N.Y., police force. "It's all he ever wanted to do," Chief Banks said.

Investigators were looking into the circumstances of the crash, which did not involve any other vehicles. Among the issues being examined: how fast the van was

left turn near Bryant Avenue and whether the officers on board were wearing seatbelts, as required. Investigators were also performing mechanical tests on the van.

All officers must wear seatbelts when on duty, a policy that dates back to William J. Bratton's initial tenure as police commissioner in the mid-1980s amid a rash of on-duty driving deaths and injuries. The last fatal on-duty accident occurred in 2011, killing Detective Ferrin Archet. (A traffic enforcement agent on

last year) That Officer Williams was thrown from the rear of the van, where he was seated, suggested he was not wearing a belt, officials said, though that remained under investigation.

The officers injured on Sunday were taken to Lincoln Hospital, Jacobi Medical Center and St. Barnabas Hospital. All had been traveling from the 47th Precinct, a sprawling section of the north Bronx where gun violence and murder has spiked this year, to the climate march or other security assignments connected with the session of the United Nations General Assembly that begins this week, the police said.

"I didn't really expect this to happen today," said a rookie officer who, like Officer Williams, was usually assigned to Operation Impact in the 47th Precinct. "It could have been any one of us in there." The rookie, who declined to be identified because he did not have permission to speak to the press, said a group of young officers from the precinct had visited their colleagues in the hospital on Sunday morning. He described Officer Williams as a "good kid" who kept to himself.

Of the nine officers in the van, Officer Williams was one of six who joined the department this year. The other three, including the 32-year-old driver who was not identified by the police, joined

Girl, 14, Is Killed by Gunfire On a New Jersey City Street

By EMMA G. FITZSIMMONS

A 14-year-old girl was killed and another teenager was injured in a shooting on Saturday night in Paterson, N.J., less than three months after a 12-year-old was killed in another shooting, officials said.

The girl, Nazarah Coleman, a freshman at International High School who played on a local basketball team, died from her injuries, the police said. A 15-year-old girl was injured and taken to St. Joseph's Hospital, where she was being treated on Sunday.

The girls were shot around 11:30 p.m. on Saturday at Clinton Street and North Main Street, the police said. On Sunday, dozens of people gathered there and signed a memorial, a white sheet surrounded by candles.

The authorities have released few details about the shooting, but the Passaic County Prosecutor's Office said that it was investigating.

Nazarah appeared to be an in-fence bystander caught in a gunfight that erupted on the street, said Anthony Davis, a city councilman in Paterson, which has 145,000 residents. Members of the community were shocked by the violence and concerned about the safety of their children, Mr. Davis said.

normal thing. I'm tired of looking at these white sheets," Mr. Davis said, referring to the memorial.

Earlier this summer, a 12-year-old girl was killed in Paterson, prompting a rally at City Hall against violence. The girl, Genesis Rincon, was shot in the head on July 5 while riding a scooter with friends.

On Sunday, Nazarah's friends posted memories of her online under the hashtag #RIPNazarah. Because International does not have a girls' basketball team, school officials said, Nazarah played for the Lady Knights of John F. Kennedy High School. The memorial on the street included her team and jersey number. International High School posted a photo of Nazarah wearing a basketball jersey on its Facebook page, saying, "It is with deep sadness that we announce the passing of one of our own. Class of 2018 has lost an angel."

Grief counselors will be available for students in both schools. Nazarah played guard on the team and was "a great all-around player," said a friend, Alphonso Gies, 17, who last saw her at a practice on Friday. Students are frustrated that young people in the city keep dying, Mr. Gies said. "All she wanted to do was play basketball," he said. "She was a

ANEXO 12 – THE NEW YORK TIMES 23/9/14

New York
The New York Times

TUESDAY, SEPTEMBER 23, 2014

Fraternities
At Wesleyan
Are Told They
Must Be Coed

By ARIEL KAMINER

After a series of high-profile episodes and calls from its student government for change, Wesleyan University has announced that its residential fraternities must all admit women as members and residents.

"The trustees and administration recognize that residential fraternities have contributed greatly to Wesleyan over a long period of time, but we also believe they must change to continue to benefit their members and the larger campus community," Joshua Boger, the chairman of Wesleyan's board of trustees, and Michael S. Roth, the university's president, wrote in a statement released on Monday. "Women as well as men must be full members and well represented in the body and leadership of the organization."

Fraternities will have three years to comply with the new rules. The statement explains the change only in terms of "equity and inclusion," but it comes as colleges across the country are wrestling with the connections between heavy drinking, dangerous behavior and sexual assault at fraternities and sororities.

Wesleyan, which has 2,900 undergraduates and a reputation as one of America's most liberal institutions of higher learning, currently has only two all-male residential fraternities, which about 50 students live in. But the university, in Middletown, Conn., has seen a number of conflicts recently over fraternities and administrative oversight.

In 2013, administrators banned students from socializing in "houses or property owned, leased or operated by private societies that are not affiliated with the university" — specifically, the Beta Theta Pi fraternity, which at the time refused to submit to university safety regulations.

The next semester a student was raped at the Beta Theta Pi house. Her ordeal was described in an article in *The Atlantic Monthly*. In 2013, a student

All-male residential Greek
houses are given three
years to admit women.

said that she was raped in a common room of a fraternity that did participate in university oversight. Her assailant was expelled, and she withdrew.

After a Wesleyan student fell out of a third-floor window during a party at the Beta Theta Pi house this month, Dr. Roth issued a statement that essentially shut that fraternity chapter down, for at least the rest of the year.

Beta Theta Pi's national organization has suspended the Wesleyan chapter. The larger body "is working to better understand the specifics of Wesleyan University's decision," Martin Cobb, a spokesman for the national fraternity, said, adding that it "seeks to strongly underscore its belief that there is a purposeful place on college campuses for young men to come together and forge the bonds of fraternal brotherhood as they develop academically and prepare for a lifetime of civic duty."

The national organization for Delta Kappa Epsilon, one of the two remaining residential fraternities, said in a statement that it "strongly disagrees" with the school's decision, which "insults the intelligence of Wesleyan students, alumni, and other constituencies, who deserve more than vague references to 'equity' and 'inclusion' when explaining why the university feels it must break a 150-year-old tradition, one that, as the statement says, has 'contributed greatly to Wesleyan.'"

A representative for the other fraternity, Phi Upsilon, could not immediately be reached for comment.

The announcement on Monday by the university's trustees came five months after the Wesleyan Student Assembly passed a resolution calling for residential fraternities to admit male and female students on equal terms.

Melody Oliphant, a recent Wesleyan graduate, helped found the school's only sorority, which as a nonresident group is not subject to the new rules. But she said the rules failed to recognize fraternities' "potential to be progressive institutions and progressive spaces."

As for problems like sexual assault and hazing, Ms. Oliphant added, they "exist throughout the community, and to ascribe them to Greek organizations does a disservice to everyone."

Phoebé Bodkin, a Wesleyan sophomore, said she thought it would be beneficial if men and women were forced to interact socially as housemates, "not only in a drunken, prowling setting."

Danny Gordon, a sophomore who is a member of Delta Kappa Epsilon, disagreed. "How is making the frat's coed going to solve anything?" he asked. "We're doing all the right things, yet we're not trusted. And bringing girls in here to live, that's going to fix it?"

Elizabeth Mober contributed reporting.



Demonstrators trying to remove barriers on Wall Street on Monday. About 100 were arrested during the protest of investors' role in environmental practices.

Climate Change Protesters Tangle With Police at Wall St.

By COLIN MOYNIHAN

About 100 climate change protesters were arrested on Monday as hundreds marched through the streets of Lower Manhattan, at one point clashing with the police as they tried to push through barricades sealing off Wall Street.

Those protesters, some linking arms, had marched two blocks north on Broadway from Bowling Green just after 3:30 p.m. At Wall Street the group turned right, and some marchers began dismantling metal barricades that separated the street and the sidewalk.

Police officers rushed to replace the barricades, and the marchers surged forward.

For the next 15 minutes a furious shouting match took place as protesters tried to push the barricades over and the police pushed the barricades back

forward. J. David Goodman contributed reporting.

into the marchers.

A few officers punched the hands of marchers gripping the barricades. Then, a burst of pepper spray sent many of the demonstrators reeling backward.

The police said three protesters had been arrested by 7 p.m. The bulk of the arrests took place over the next couple of hours, as several dozen protesters ignored orders to disperse and sat in the middle of Broadway. Officers surrounded them as others on the sidewalk chanted, "We believe that we will win." Then officers began arresting those in the street and leading them away. There were no reports of injuries, the police said.

The participants had begun marching late Monday morning from Battery Park to Wall Street to protest the role they say investments in companies with practices that damage the environment play in encouraging climate change.

Streaming out of the park, protesters

made a sharp turn onto Broadway, and marched north between idling buses and trucks, chanting, "The people are rising, no more compromising." They stopped just north of Bowling Green, blocking Broadway up to Morris Street.

There, they sat down, unfurled a huge banner denouncing capitalism and held a series of meetings as marching bands played.

Among those blocking Broadway was Gabriele Romeri from Ossining, N.Y., who said she thought that moneyed interests were creating energy policies at the expense of the public good.

"I think that it is important for the sake of democracy that the people stand up," she said. "Business is basically running the government."

Many of the demonstrators dressed in blue to symbolize a wave of water — water that could engulf the low-lying streets near the New York Stock Exchange, as the storm surge from the East River and New York Harbor did

during Hurricane Sandy.

The event, called Flood Wall Street, was planned over months as a sharper and more rebellious corollary to the large-scale climate change march that organizers said drew more than 300,000 people to Midtown on Sunday.

The activities on Monday were organized without official permission from the city, and many people taking part said they were willing to be arrested to show their conviction that the economic system encourages investment that is damaging to the environment.

Among them was Yates McKee, an art critic from Inwood in Upper Manhattan. "We're highlighting capitalism as the target," Mr. McKee said. "Capitalism equals climate chaos."

As the protesters took to the roadways on Monday, blocking vehicles while chanting, dancing and holding meetings, the police appeared to take a restrained role, containing the roving group instead of confronting it directly.



PHOTOGRAPHS BY TODD REISLER/THE NEW YORK TIMES



Bangladeshi women fishing on Saturday for spearing along the East River in Astoria, Queens. Small fish like these happens to be staples of the Bangladeshi diet, and schools of spearing are plentiful in New York City's waters this time of year.

In East River,
They Find
Their Catch
Of the Day

By COREY KILGANNON

It may seem like an unusual spot to catch dinner, across the East River from Manhattan's imposing skyline. And the tiny fish that a group of fisherwomen trap in these waters may not seem like dinner at all.

But the women, Bangladeshi immigrants who live nearby, show up nearly every day, along a stretch of Vernon Boulevard in Queens that overlooks a sheltered section of the East River known as Haller's Cove.

They wear long, colorful dresses and head scarves, and tote numerous metal traps that they toss into the river to lure small, silvery fish typically used by many anglers as bait and commonly called spearing or shiners.

Small fish like these happen to be staples of the Bangladeshi diet, often stirred with rice and vegetables. So these women appear this time of year when schools of the fish are plentiful in New York City's warm waterways, even in this urban stretch of river where the coastline is dominated by power plants and sewage treatment centers.

Pushing shopping carts loaded with wire traps, the women arrive during mid- or high-tide, which varies day by day.

They bait the traps with raw chicken and stale bread and toss them in the water, tying them to a railing.

"This is the time of year that the fish are here, the end of the summer," said one of the women who on Saturday was fishing with two other women.

There were perhaps a dozen traps in all and the women pulled them out of the water every few minutes to pick out a handful of the fish, each two or three inches long, and toss them in a plastic bucket.

The woman — a 55-year-old Bangladeshi immigrant who was the only one of the group who would speak to a reporter — declined to give her name, explaining that she did not want to attract any attention because she feared the

Continued on Page A27

ANEXO 13 – THE NEW YORK TIMES 30/3/15

3 BASEBALL
A journeyman rekindles his father's dream with the Mets.

7 PRO BASKETBALL
The Nets top the Lakers to continue their playoff push.



7 HOCKEY
The Rangers, who fell to the Capitals on Sunday, are in a rare losing streak.

SCORES | ANALYSIS | COMMENTARY

SportsMonday
The New York Times

MONDAY, MARCH 30, 2015 D1

ROUND OF 8 The Road to Indianapolis

THE FINAL FOUR MICHIGAN STATE VS. DUKE, 8:09 p.m. TBS
Saturday's Games: WISCONSIN VS. KENTUCKY, 8:49 p.m. TBS

For Two Stalwarts, the Joy Never Gets Old



Michigan State players after defeating Louisville. Marvin Clark Jr., second from left, contributed two key plays in the game. The Spartans, a No. 7 seed, reached their seventh Final Four since 1999.

Duke's Star Freshmen Help Senior Leader Earn Shot at Redemption

By BEN SHIFFGEL

HOUSTON — Every day for the last two years, Quinn Cook has thought about one game, and it is not a game that he enjoys reliving. He remembers the confetti falling and Louisville celebrating and his Duke teammates consoling one another. Their faces, the sadness, he will never forget.

DUKE 65 When he went to the bench in the final seconds of the Blue Devils' 88-52 victory over Gonzaga on Sunday, he was greeted with a warm embrace by Coach Mike Krzyzewski, who shared a few words that Cook did not recall.

"I don't know," Cook said. "I was crying."

He fell sobbing into the arms of the assistant Nate James before joining the celebration. Cook was the first player to hold aloft the South Regional trophy, and he conducted interviews at his locker afterward with one of the sets around his neck. When Duke arrives in Indianapolis this week in advance of its national semifinal against Michigan State, Cook may still be wearing it.

Until Sunday, when the top-seeded Blue Devils (3-1) advanced to their first Final Four since 2010 and their 17th over all under Krzyzewski, Cook was the rare Duke senior whose memories of playing in the N.C.A.A. tournament unspooled like D's on a report card, unsatisfactory.

Continued on Page D3



The freshman Justise Winslow scored 16 points to help top-seeded Duke advance to the Final Four. "He's the last guy I'd want to guard," a Blue Devils assistant said.

An Overtime Push Lifts Michigan State Into the Final Four

By ZACH SCHONBRUN

SYRACUSE — The moment was worth savoring, so Michigan State stayed on the court long after the final buzzer sounded, the nets came down and Travis Trice's luck began tightening up enough to almost double him over. Matt Costello stopped around, and Louwrens Narm Jr. went. They stayed until there was no one left to hug. Then they went into the locker room and hugged some more.

It seemed completely improbable and yet entirely reasonable at the same time. Michigan State, a No. 7 seed, had no business being in the East Regional final and yet handled business as usual. The Spartans trashed Louisville at halftime and in the final minute of regulation. Still, here they were, dancing, after outlasting the No. 4 seed Cardinals, 76-70, in overtime at the Carrier Dome.

"I can't even put it into words," Trice said.

It had been months since the Spartans even mentioned Indianapolis, the site of this year's Final Four, even though, early in the season, they were joking "tridy" to break every hurdle. In January, after they started the season 12-7, Coach Tom Izzo put an end to that. "We're not worthy of it," he told his team, and that was it. The Spartans chanted the name of their next opponent.

Continued on Page D3

Rodriguez? So Far, So Good

After a year away, a Yankees slugger has been on his best behavior (except maybe on home run trots).

By BILLY WITZ

KISSIMMEE, Fla. — When Baltimore Orioles Manager Buck Showalter was asked his assessment of Alex Rodriguez, who had homered against his team Saturday, he paused to think. He asked some questions of his own. He offered a quip.

Showalter moved on to other topics but then circled back a few minutes later to Rodriguez, whom he managed for a season in Texas, 2003, when Rodriguez won the first of his three American League Most Valuable Player awards.

"You know what's slowed down?" Showalter asked. "The way he runs around the bases."

With opening day a week away, it was an example of how Rodriguez, as he returns from a one-year suspension for using performance-enhancing drugs, figures to maintain his ability to get under the skin of others, this time with a home run trot that

Showalter thought had carried even more meaning than usual.

Few reactions to Rodriguez has been mixed this spring, with a good helping of booing greeting his at-bats — even at Steinbrenner Field, where he has mostly been well received. Up close, the reception has been even more welcoming, as it was Sunday when Rodriguez paused to sign autographs for about five minutes during a break in batting practice before the Yankees' 7-0 victory against the Boston Astros.

Chants of "A-Rod! A-Rod!" erupted.

Continued on Page D2



Alex Rodriguez playing first base in the Yankees' game Sunday. He is hitting .324 this spring.

CAROL ORLANDO/GETTY IMAGES

BASEBALL

Bronx Son of Yankees Fans Rekindles Father's Dream With the Mets

By PETER KERASOFTS

PORT ST. LUCIE, Fla. — It's been a long road from the Bronx to Queens, measured not in miles, but in lifetimes.

Johnny Monell Jr. thought about that, about the journey his father began 34 years ago, when he left the Bronx to become a catching prospect in the Mets organization — a baseball lifer who spent 17 years chasing a dream. Johnny Monell Sr. never made it to Queens, his career peaking instead in Virginia with the Class AAA Tidewater Tides. But now his son, with a week left in spring training, is clinging to the hope that he will be one of the 25 players who head north with the Mets.

It gives me chills thinking about it," Monell Jr. said.

A 29-year-old journeyman minor leaguer, known more for his left-handed power bat than for his glove, Monell has impressed the Mets this spring after signing with the club as an off-season free agent and arriving as a non-roster invitee. In Grapefruit League play, Monell had converted 42 at-bats into a .357 batting average and four home runs through Sunday. Only Michael Cuddyer, with five homers, has more hits spring with the Mets.

"We've been very, very happy with what we've seen," Mets Manager Terry Collins said of Monell. "Johnny has handled himself very well, and he's going to get some more playing time this week."

Monell is competing with Anthony Recker for the backup spot behind starting catcher Travis d'Arnaud. Recker, a .317 hitter in 375 major league at-bats, was batting .250 without a homer in 40 spring at-bats through Sunday. He is, however, a better defender and considered something of an incumbent, having played 108 games with the Mets in the last two seasons.

If Monell is anything, though, he is persistent. It is part of his DNA, after all. His father's 17-year quest to make the major leagues did not just take him to Tidewater; it took him to Puerto Rico, Mexico, Italy and Taiwan. Often, young Johnny would tag along. His parents divorced when he was 7, and his mother, Vivian Rossado, often sent him to wherever his father was playing to spend his summer and winter vacations. For the boy, it was heaven.

"I grew up in clubhouse," he

said.

Like his father, Monell grew up in Bronx streets playing baseball. Pelham Park was across from the apartment complex where he lived, and one particular game he and his friends played there shaped his hitting style.

Stationed between two buildings, the boys would bat with a pitcher approximately 40 feet away, firing a tennis ball. If they hit the ball between the second and fourth floors of the apartments across the street, it was a single; between the fourth and sixth floors, a double; the sixth and eighth floors, a triple; above the eighth floor, a home run; and on the roof, a grand slam.

The real trick, though, given how narrow the opening was between the buildings, was to keep from pulling the ball.

"You had to hit it up the middle," said Monell, who graduated from Christopher Columbus High. "If you hit the buildings, it was an out. To this day, I'm an up-the-middle, gap hitter. I really think it comes from playing that game at Pelham Park."

Baseball was a constant not only with his father, but with his mother's family, too. All were Yankee fans. "I used to ride my bicycle to Yankee Stadium just to see Bucky Dent walk in," Vivian Rossado said. "He was so handsome, I had a crush on him."

Monell said his grandmother and great-grandmother were Yankees fans. "When I was little," he said, "my Uncle Jose Rossado took me to my first game at Yankee Stadium and told me about one of the greatest left-handed hitting first basemen — Don Mattingly."

Monell Sr. grew up a fan of the 1976 Yankees of Therman Munson, Ron Gandy, Craig Nettles and Reggie Jackson, while his son latched on to Derek Jeter, Jorge Posada, Mariano Rivera and Andy Pettitte.

At the Pelham Park Little League, where a picture of him now hangs, Monell Jr. played shortstop, first base and the outfield. But that changed one day when he was 12 and with his father during winter ball in Puerto Rico. Hector Villanueva, a Chicago Cubs catcher at the time, gave the boy his gear when he saw him slugging balls near the bullpen.

"All of a sudden," Monell Sr. said, "I'm hearing that my son is catching in the bullpen. I went and peeked in. Johnny couldn't



The Mets' Johnny Monell Jr., above and left, a journeyman minor leaguer like his father, is batting .357 this spring.



Monell Sr. said, "I had some tears. It was emotional."

and needed help. "I go in, and the lights are off, and I hear 'Dad, Dad,'" Monell Sr. said. "They had put Johnny in a laundry bag and hung it on a book. It was their way of telling him not to take everybody's gear and stash it in his locker. I let him stay there for a while, and then I sent a clubhouse to rescue him. It was all in fun."

Those days, Monell Sr. runs the 220 Second to Now baseball academy in Margate, N.J. He and his son talk every day. But it was the phone call that came on Sept. 4, 2013, that was most special. His boy, a former 30th-round pick in 2007, had gotten the call up from Class AAA Fresno to the San Francisco Giants. Monell Sr. could not get to the first game in San Diego fast enough, but he was there for the next night in San Francisco, where he met his son when Johnny emerged from the Giants' dugout preparation.

They hugged. "I can't describe the feeling,"

Monell Sr. said. "I had some tears. It was emotional."

Monell later had pinch-hit at-bats at Citi Field and Yankee Stadium, the latter fulfilling a wish from his great-grandmother Francisca Sanchez, who had always said she did not want to die until she had seen Johnny play in Yankee Stadium. After that game, Monell Jr., his mother and grandmother, visited his great-grandmother at her nursing home.

"It was very emotional," said Rossado, noting that the great-grandmother died a short time later.

It could get emotional again. "It's hard to imagine playing in Citi Field, and playing for the Mets, knowing my dad spent his entire career trying to get to the same place," Monell said. "Coming up, it wasn't that far away, just across the Whitesboro bridge. Just a few miles and a couple of lifetimes away."

see me — his back was to me — but I could see he was holding his own. He was pretty good."

A short while later, the boy, still wearing Villanueva's "outside gear," the shin guards reaching halfway up his thighs, found his father in the clubhouse, and he was excited.

"Dad, I want to catch," he said.

From that day forward, he did. Even as a boy, Monell always furnished his own locker, filling it with equipment he would find lying around.

One day in Puerto Rico during winter ball, when Johnny was 7 or 8, Bernard Gilbey, the former Mets player, told Monell Sr. that Johnny was inside the clubhouse

So Far, So Good: The Yankees' Rodriguez Has Been on His Best Behavior

From First Sports Page

nated from the dozens of fans who crusted up against a railing near the dugout, craning over one another with baseballs, photos and pens. The chaotic scene contrasted with Rodriguez's demeanor as he calmly purchased items out of the maw and signed them as he spit sunflower seeds.

A little earlier, as he sat in the dugout, Rodriguez deflected broader questions of acceptance, as he has all spring.

"I'm here to play baseball," he said after a long pause. "I am extremely grateful to play baseball again."

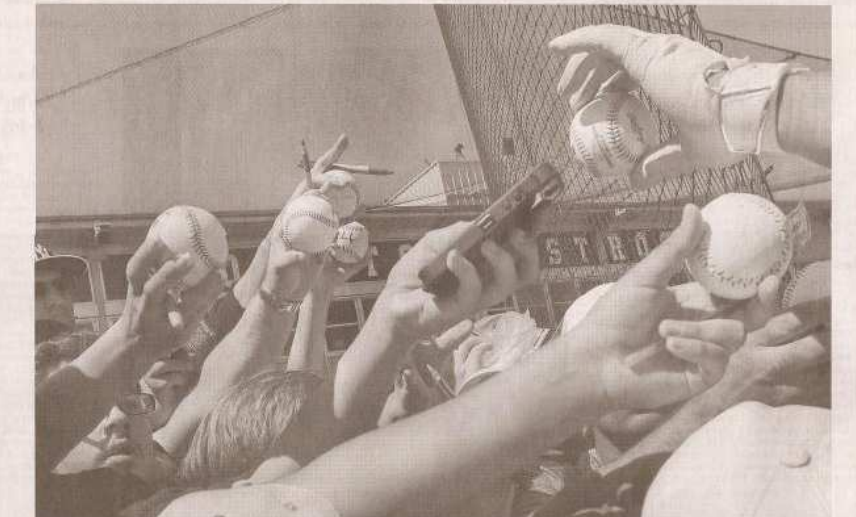
With few exceptions, Rodriguez has been on his best behavior for this spring. The rancor and distrust between him and Yankees management, which was so public when he last played in 2013, has been absent. Though the Yankees would have benefited had Rodriguez taken an injury retirement, meaning that they would not be on the hook for a series of \$6 million bonuses tied to home runs and that insurance would cover the remaining \$81 million he is owed, they have been publicly welcoming.

General Manager Brian Cashman said early in training camp that Rodriguez's spot on the roster was assured, defusing one early story line. He also added that he had no expectations for Rodriguez, removing a standard by which he would be judged throughout spring training.

"Obviously, for me, this is a different spring," Rodriguez said. "Under a normal spring, the last thing you worry about is the game. You measure your day by what happens pregame and postgame. If you're doing your job, you should be fully exhausted by the first pitch of the game."

Rodriguez added that this spring "is different because I'm doing things for the first time. I haven't been on the field for a year and a half," he said. "There's many, many questions."

Rodriguez, whom the Yankees would like to use as their primary designated hitter and as a backup third baseman and third-choice first baseman, has batted .324 this spring with three home runs, a team-leading seven walks and seven strikeouts. Scouts have generally given him mostly positive reviews to the way Rodriguez is swinging the bat, given his age,



Fans looking for Alex Rodriguez's autograph before the Yankees' game against the Astros in Kissimmee. Fan reaction to him this spring has been mixed.

39, and his long absence. But they also note that he is far from where he once was.

"I know he can hit a left-handed 89-mile-per-hour fastball pretty good," Showalter said of the pitch Rodriguez hit for a home run against Orioles pitcher Brian Matusz.

He added: "Spring is a great foeder, both good and bad. How's a guy going to do? Well, that only comes with time. He was a betting man, I'd bet on him. He's always performed well on the type of stage he's going to be on."

On Sunday, Rodriguez found himself on a new stage — playing first base. He has not played the position before, and if the Yankees had their druthers, he would

not have to this season, with Mark Teixeira healthy and Garrett Jones an experienced backup. But the Yankees had so many injuries last season that nine players were used at first base.

When Rodriguez did not use his new first baseman's glove and carried a degree of reticence when he worked out there at the beginning of training camp, it raised questions of how willing he was to play the new position. But he has begun to do extra work at first base, as he did for about 30 minutes Saturday with the infield coach Joe Espada, getting more familiar with it and his first baseman's glove, which is smaller than most.

"There was probably more injury around him from all of us

and probably from himself," Manager Joe Girardi said. "I'm sure he had confidence in what he could do, but when you sit out a year and you don't play a lot for two years, you're probably curious about what it's going to feel like."

Rodriguez looked mostly at ease Sunday, even while fielding a difficult slow bouncer to his right, which he charged, bobbled on the short hop but recovered and made an across-the-body, on-target throw to pitcher Nathan Eovaldi covering first.

"That one was challenging," said Rodriguez, who had no other hiccups on his three chances. "I felt like a quarterback hitting my right end on the run."

Monell Sr. said, "I had some tears. It was emotional."

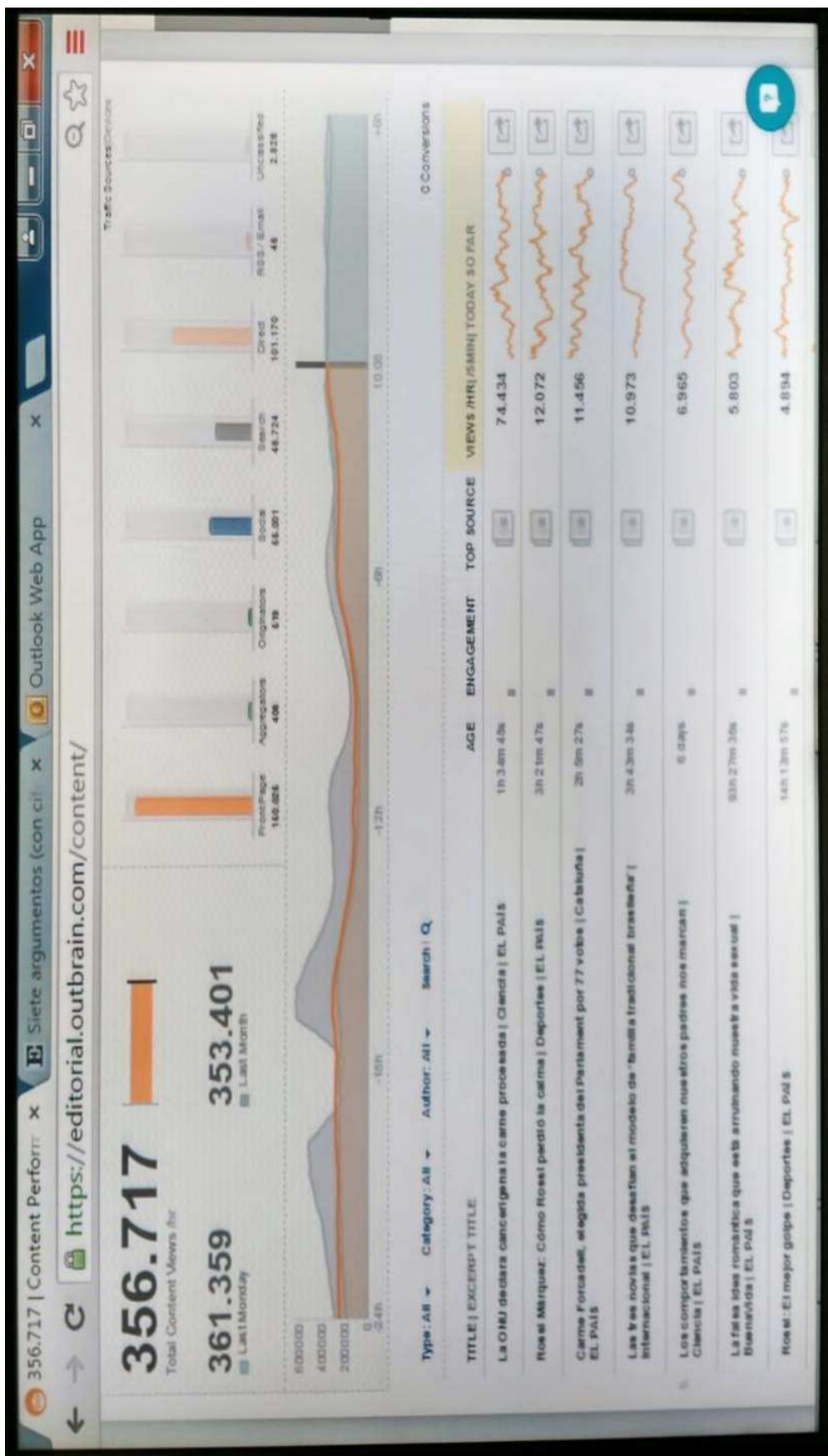
Monell later had pinch-hit at-bats at Citi Field and Yankee Stadium, the latter fulfilling a wish from his great-grandmother Francisca Sanchez, who had always said she did not want to die until she had seen Johnny play in Yankee Stadium. After that game, Monell Jr., his mother and grandmother, visited his great-grandmother at her nursing home.

It could get emotional again. "It's hard to imagine playing in Citi Field, and playing for the Mets, knowing my dad spent his entire career trying to get to the same place," Monell said. "Coming up, it wasn't that far away, just across the Whitesboro bridge. Just a few miles and a couple of lifetimes away."

INSIDE PITCH

The Yankees reduced their roster to 35. Pitcher **BRYAN MITCHELL** and outfielder **RAMON FLORES** were optioned to Class-AAA Scranton/Wilkes-Barre. Pitchers **KYLE DAVIES**, **JACOB LINDGREN** and **NICK RUMBLELOW**; catchers **FRANCISCO ARCIA** and **AYLEIGH HUGHSONIA**; infielders **COLE FIGUEROA** and **JONATHAN GALVEZ**; and outfielder **SLADE HEACHTOFT** have been assigned to minor league camp. Pitcher **SCOTT BAKER** was released.

ANEXO 14 – MÉDIA DE ACESSOS EL PAÍS 26/10/15



ANEXO 15 – EL PAÍS 27/10/2015

27/02/2016

Kiosko y Más - El País - 27 oct. 2015 - Page #1

EL PAÍS

www.elpais.com

EL PERIÓDICO GLOBAL

MARTES 27 DE OCTUBRE DE 2015 | Año XL | Número 13.994 | EDICIÓN MADRID | Precio: 1,40 euros

Rajoy disuelve las Cortes sin revelar su plan para Cataluña

El presidente asegura que hay medios para responder a un desafío independentista

Sánchez destaca que se ha puesto fin a una legislatura marcada por la corrupción

Ciudadanos y Podemos critican que faltan reformas y hay más desigualdad

JAVIER CASQUEIRO, Madrid
El presidente del Gobierno, Mariano Rajoy, disolvió ayer las Cortes y convocó elecciones generales para el 20 de diciembre. No detalló en su balance de la legislatura ninguna nueva propuesta o plan de acción para Cataluña, aunque afir-

mó que el hecho de que las Cámaras estén en funciones hasta el 13 de enero no le impedirá actuar si los independentistas toman alguna medida unilateral y rupturista con el Estado. Puentes gubernamentales aseguran a EL PAÍS que el presidente considera que la

Diputación Permanente es competente para llegar incluso a suspender la autonomía catalana en este periodo de interinidad.
El líder del PSOE, Pedro Sánchez, aseguró, por su parte, que la legislatura que se cierra es la "del paro, la precariedad, la desi-

gualdad y la corrupción". "¿De qué presume?", le preguntó a Rajoy. Los candidatos de los partidos emergentes, Ciudadanos y Podemos, recriminaron al presidente la falta de reformas estructurales y la permisividad con la corrupción. **PÁGINAS 15 Y 16**



"VIVA LA REPÚBLICA CATALANA!". Con todos los votos soberanistas y cinco de la coalición apoyada por Podemos, la expresidenta de la ANC Carme Forcadell (en el centro de la imagen) se convirtió ayer en presidenta del Parlament, entre los aplausos de sus compañeros de candidatura. Prometió tomar las medidas necesarias para romper con España y acabó al grito de: "¡viva la república catalana!". (FOTOGRAFÍA: GARCÍA LEFFÉ) **PÁGINA 18**

Un equipo de investigadores se prepara para excavar una nueva zona en Granada

En busca de los restos de Lorca por tercera vez

JESÚS RUIZ MANTILLA, Granada
En una zona yerma de 160 metros cuadrados del polígono 9 de Alfacar (Granada) puede hallarse la fosa de Lorca y otros tres fusilados por el franquismo el 17 de agosto de 1936. Así lo cree un equipo de investigadores de España.

cabezado por Miguel Caballero y Javier Navarro, que se basa, entre otros puntos, en un libro del filangista Eduardo Molina Fajardo. Solo les quedan unos permisos de trámite de la Junta andaluza para retomar una búsqueda que se abandonó ya dos veces, en 2000 y 2014.



Embutidos y hamburguesas elevan el riesgo de cáncer, según la OMS

La agencia compara la carne procesada con el tabaco y el alcohol

NUÑO DOMÍNGUEZ, Madrid
La Organización Mundial de la Salud incluyó ayer la carne procesada, como embutidos y hamburguesas, en la lista de sustancias cancerígenas como el tabaco o el alcohol. Según un análisis de 800 estudios realizados en los cinco continentes, comer 50 gramos de este tipo de carne al día aumenta un 18% el riesgo de cáncer de colon. La OMS cree que la carne roja (vacuno, cerdo o cordero) también comporta riesgo. **PÁGINA 26**

La victoria de la ultraderecha en Polonia alarma a Europa

JERÓNIMO ANDREU, Varsovia
El triunfo en las elecciones polacas del domingo del partido ultra Ley y Justicia, que dirige en la sombra Jaroslaw Kaczynski, alarma a los líderes europeos por las duras posiciones de la formación en asuntos como la inmigración o la integración europea. **PÁGINA 8**

EDITORIAL EN LA PÁGINA 12

OPINIÓN

¡Agnieszka, Pawel, Polonia os necesita!

Timothy Garton Ash **PÁGINA 13**

ADEMÁS



Golpe al kirchnerismo en Argentina

El buen resultado del opositor Mauricio Macri en las elecciones llevará a Argentina a una segunda vuelta. **P3 Y 4 / EDITORIAL P12**

El 3% se dividía entre las dos fundaciones de CDC **P19**

La UE pide que se devuelvan todas las 'cláusulas suelo' **P37**

Un conservador puede ser el nuevo secretario de Góndul **P38**

<http://lector.kioskoymas.com/epaper/viewer.aspx?noRedirect=true>

1/2

ANEXO 16 – EL PAÍS 27/10/2015 P. 26

27/02/2016

Kiosko y Más - El País - 27 oct. 2015 - Page #26

26 EL PAÍS

Martes 27 de octubre de 2015

CIENCIA Y TECNOLOGÍA

La OMS afirma que hamburguesas, salchichas y embutidos causan cáncer

La principal entidad de salud ve también "probable" que la carne roja cause la enfermedad

NUÑO DOMÍNGUEZ, Madrid
Comer carne procesada, como salchichas, hamburguesas o embutidos, aumenta el riesgo de sufrir cáncer de colon, según ha concluido un panel de expertos de la Organización Mundial de la Salud (OMS). El dictamen señala que este tipo de alimentos son "carcinógenos para los humanos", es decir, que provocan cáncer, y lo incluye en el grupo de sustancias más peligrosas para la salud junto con el humo del tabaco, el alcohol, el plutonio o el aire contaminado, entre otros más de 100 compuestos analizados anteriormente. El organismo también advierte que la carne roja (como vacuno, cerdo, caballo, cordero, cabra) es "probablemente carcinógena".

Un panel de 22 científicos de 10 países de la Agencia Internacional para la Investigación del Cáncer (IARC, en inglés), parte de la agencia sanitaria de la ONU, ha revisado los estudios científicos publicados sobre el tema. Los expertos dicen que hay "suficientes evidencias científicas" para considerar las hamburguesas y el resto de las carnes procesadas como un producto que genera cáncer. La mayor parte de las pruebas que citan en el resumen de sus conclusiones, publicado ayer en la revista científica *The Lancet Oncology*, se basa en más de 800 estudios epidemiológicos realizados en países de todos los continentes, entre ellos varios europeos, y en los que se compara la incidencia del cáncer entre personas que comen mucha carne procesada y roja y otras que apenas la toman.

Relación directa

El estudio (cuya versión completa publicará la IARC en unos meses) encuentra una asociación directa entre estos alimentos y el "cáncer colorrectal en 12 de los 18 estudios de cohorte [estudios epidemiológicos con población general] con información relevante hecha en Europa, Japón y EE.UU".

ANÁLISIS

La política, el placer y la carne

MIQUEL PORTA
A pesar o precisamente porque la evaluación de la IARC tiene un alto rigor científico, nos deja cavilando sobre sus significados e implicaciones prácticas. Pero antes que nada: no pienso quitarme del placer de comer buena carne de vez en cuando. No porque vaya a hacer oídos sordos a lo que dicen los científicos de la OMS, sino porque sé que podemos compaginar la atención al conocimiento científico con los placeres de la vida.

Las evaluaciones de la IARC merecen el máximo respeto. Pero quizá la complejidad del trabajo y una cierta tradición de explicarnos a medias hace que esta agencia no aborde todas las cuestiones que su informe nos deja en la cabeza. Los expertos resaltan que sus conclusiones tienen más impacto a nivel



El consumo durante años de carne procesada, como la hamburguesa, provoca cáncer, según la OMS. / S. S.

¿Qué alimentos generan tumores?

El estudio de la OMS considera carne procesada "cualquier tipo de carne que ha sido transformada con sal, curación, fermentación, ahumado, para mejorar el sabor y preservar el alimento". Esto incluye salchichas y hamburguesas de carne picada y también embutidos. Aunque la mayoría de ellos son de carne de vaca o cerdo, este grupo también incluye embutidos hechos con sangre, carne picada

de ave o vísceras. La OMS considera carne roja la que proviene del músculo de un mamífero, lo que incluye vacuno, cordero, cerdo, caballo y cabra. "Estos resultados apoyan aún más las recomendaciones actuales de salud pública de reducir el consumo de carne", ha dicho Christopher Wild, director de la IARC. "Al mismo tiempo, la carne roja tiene un valor nutricional", añade. El trabajo

Además, "hay una asociación positiva" entre su consumo y el cáncer de estómago. Estas conclusiones se refieren a una ingesta elevada y continuada de este tipo de alimentos, no puntual. En concreto, la IARC calcula que por cada 50 gramos de

carne procesada que se come al día durante muchos años, el riesgo de cáncer colorrectal aumenta en un 18%. "El riesgo es pequeño, pero aumenta con la cantidad consumida", explica Kurt Straif, uno de los responsables del trabajo. Pero, dado el alto consumo de estos ali-

mentos en muchos países, hay un "impacto en la incidencia global del cáncer importante para la salud pública", añade. En el caso de la carne roja, los indicios son "limitados". La incluyen en el grupo 2A, un escalón por debajo de los compuestos más dañinos.

monográfico del panel de expertos es "importante" para que las agencias reguladoras internacionales hagan un análisis de "riesgos y beneficios" y hagan una recomendación al respecto, ha dicho Wild. El trabajo ha analizado más de 800 estudios científicos sobre la asociación entre el consumo de estos alimentos y 12 tipos de cáncer en varios países. La información más "influyente" ha venido de los estudios de cohorte realizados en los últimos 20 años, dice la IARC. La decisión va en la línea de lo que opinan otras organizaciones dedicadas a la lucha contra el cáncer.

tidades, medios de comunicación, organizaciones ciudadanas y expertos. Propongo tres tipos de preguntas. Primera, ¿puedo comer menos carne y de más calidad? Segunda, ¿gestamos resignados a que solo el precio sea un cierto indicador de calidad de la carne? Y tercera, ¿debe tanta parte del peso del problema recaer en los ciudadanos individuales o podemos lograr políticas públicas y privadas que lo controlen? Empecemos preguntando qué hacen las autoridades de salud pública, industria y agricultura, habitualmente tan sensibles a los grupos de presión. Continuemos con las autoridades económicas, siempre ciegas ante las consecuencias que sus políticas tienen para la salud y el medio ambiente. Y no olvidemos las políticas de las colosales industrias de producción animal y de distribución de alimentos. Al principio de una nueva campaña electoral, ¿no es este un momento excelente para que nos expliquen en detalle las políticas que aplicarían caso de que les votásemos?

Miquel Porta es catedrático de Salud Pública en la Universidad Autónoma de Barcelona.

De rey de la sabana a animal de granja

El león africano será viable solo en reservas custodiadas

JAVIER SALAS, Madrid
El tsunami de indignación por la caza del león Cecil ya pasó, pero los problemas para el rey de la sabana no han desaparecido, van a peor. Las poblaciones de leones africanos mueren año a año y hacen temer que su viabilidad en la mayor parte del continente tenga los días contados. Debilitado y en retirada, este superpredador ya no es la piedra angular de su ecosistema. En apenas un par de décadas, los leones habrán reducido a la mitad su presencia en toda África salvo en las reservas valladas del sur. "Nos tememos que el futuro de los leones esté confinado en estos lugares parecidos a granjas", lamenta Kristin Nowell, una de las mayores expertas en grandes felinos.

Nowell firma, junto a los principales especialistas en leones, el informe más pesimista hasta la fecha sobre el futuro de este icónico depredador. Tras repasar la evolución menguante de las principales poblaciones de león africano, los investigadores proyectan una importante probabilidad de que en 20 años se reduzca a la mitad en el centro y el oeste de África, algo que también es probable, aunque menos, para el este. Únicamente se mantienen —y crecen— en el sur, donde esencialmente viven en estas reservas cerradas e intensivamente controladas.

Extinción a largo plazo

En el estudio, publicado en la revista científica *PNAS*, no hablan de la extinción del león en el corto plazo, ya que hay numerosos ejemplares en zoológicos y fincas. Pero sí ponen en entredicho su viabilidad en el 95% de su área de distribución original, el león como símbolo de África, mostrando su adaptabilidad en una gama muy amplia de hábitats. De seguir por esta pendiente, el león solo tendría futuro encerrado.

"Las reservas de leones hacen un gran aporte, pero las necesitamos como aportaciones adicionales, no como los únicos espacios en los que finalmente perdure", denuncia Han Bauer, autor principal del estudio. "Estamos perdiendo muchos de los grandes ecosistemas donde los leones son superpredadores y donde el hombre apenas interviene. Esos lugares salvajes son muy valiosos y las reservas de manejo intensivo son un pobre sustituto", resume Bauer, investigador de la Universidad de Oxford. Hace un siglo, había unos 200.000 ejemplares y hoy solo quedan entre 25.000 y 35.000 en libertad.

ANEXO 17 – EL PAÍS 27/10/2015 P. 33

27/02/2016

Kiosko y Más - El País - 27 oct. 2015 - Page #33

Martes 27 de octubre de 2015

EL PAÍS 33

DEPORTES



Rossi (a la derecha) charla el pasado domingo con Pedrosa en el podio de Sepang mientras Lorenzo los contempla. / MOH-DARSHAN (AFP)

Cómo Rossi perdió la calma

Superado por la presión de ganar el Mundial, el piloto italiano se ha encarado con Pedrosa, ha logrado acallar a Iannone y ha pateado a Márquez

NADIA TRONCHONI. **Sepang** Ha habido tres episodios esta temporada, protagonizados por el líder del Mundial, Valentino Rossi, entre bambalinas, sin cámaras, ni micrófonos, que denotan, por fin, que el ídolo de masas es de carne y hueso. Hasta ahora solo se le conocía un gran error en su carrera, el que cometió en la última prueba de la temporada 2006, cuando se jugaba el campeonato con Nicky Hayden en Valencia y se cayó al suelo sin necesidad de que nadie le sacara de sus casillas, como ocurrió el pasado domingo.

No se le conocían debilidades ni puntos flacos. Hasta que apareció Marc Márquez, ese chico que no quiere ser Rossi pero sonríe picaro cuando le comparan con él, ese que no para de batir los récords del italiano, ese que con solo 22 años ya ha alcanzado la cifra de 50 victorias. No sufre Rossi por el empu-

je del joven catalán, o al menos no sufre tanto por los éxitos de aquel como por que este se meta donde no le llaman —o eso cree el de Tavullia— e interfiera en sus planes de sellar su carrera, la del mejor piloto de todos los tiempos, con una décima corona este 2015.

Sufre el italiano porque se le escapa el tiempo, porque se acerca demasiado su rival, Jorge Lorenzo, y porque no encuentra las décimas que le faltan en la pista, así que recurre a sus armas de siempre, que no están todas sobre el asfalto. Y para ello necesita que se aparten de su camino los demás pilotos. Y como no lo hacen, ve fantasmas donde no los hay. Por eso se encaró con Pedrosa, ha logrado acallar a Iannone y ha pateado a Márquez.

En Aragón, tras perder un gran duelo con Pedrosa, que no quiso dar su brazo a torcer y lo intentó hasta el infinito durante una y otra vuelta, tuvo que conformarse con la tercera plaza. En público apenas reconoció que peleó como un jabato porque para competir con Lorenzo, que ganó, no era lo mismo acabar la carrera segundo que tercero.

Lo que ocurrió en privado es que se fue a buscar a Pedrosa a su box tras la carrera para pedirle explicaciones de por qué había mostrado tanto empeño en adelantarse aquel día. Como si fuera el único piloto con derecho a ganar un duelo. Algo parecido a lo que hizo con Márquez

tras la carrera en Phillip Island. Rossi acudió a la fiesta que habitualmente celebra Honda en la isla y pidió explicaciones al campeón del mundo por adelantarse, frenarle, alejarle de Lorenzo (se supone que intencionadamente, según su teoría) y, además, le preguntó que por qué quería que ganara el mallorquín el Mundial. La misma teoría que luego explicaría, ya en Sepang, en una rueda de prensa que dio la vuelta al mundo.

Todo le irrita

A Rossi le irrita todo últimamente, incluso los aficionados. Aunque siempre dio la imagen de ser uno de los deportistas que mejor ha sabido lidiar con los seguidores, siente que le descen- tratan en los grandes premios. Por eso, tras una reunión de la comisión de seguridad, como las que hay cada viernes de gran

Cuentas de Lorenzo para ser campeón

Si gana Lorenzo (305 puntos) en Valencia el próximo domingo sumaría otros 25 puntos.

Para ganar el Mundial necesita que Rossi, que actualmente tiene 312 puntos, fuese tercero (16 puntos) o quedase en peor situación.

Si es segundo (20), Rossi ha de ser como mucho cuarto (13). Ambos sumarían 325 pero Lorenzo tiene más victorias.

Si es tercero (16), Rossi debe ser séptimo (9) o peor.

Si es cuarto (13), Rossi debe ser décimo (6) o peor.

Si es quinto (11), Rossi debe ser 12º (4) o peor.

Si es sexto (10), Rossi debe ser 13º (3) o peor.

Si es séptimo (9), Rossi debe ser 14º (2) o peor.

Si es octavo (8), Rossi debe ser 15º (1) o peor.

Si es 9º (7) y Rossi no puntúa.

premio, hizo una propuesta al director ejecutivo de Dorna, Carmelo Ezpeleta: quiere que el paddock se cierre a los aficionados con pase de invitado a partir de las 18.00. Hay circuitos en los que la presencia de seguidores pasa inadvertida; en otros, como ocurrió en Misano este año, por ejemplo, había rusistas apostados a la puerta del hospitality de Yamaha hasta pasadas las 22.00, esperando a ver a su ídolo por una rendija. Ni siquiera podía comerse tranquilo un chuleton.

El domingo pasado, Rossi perdió definitivamente el juicio al echar a Márquez de la pista con una coz. Pero o no se ha dado cuenta o no quiere admitirlo, por mucho que sí asumirá hace tiempo que la presión la siente desde Argentina, cuando se percató de que podía pelear por el Mundial. Cree que le buscan las coquillas, algo que a él siempre le encantó hacer. "Cuando había peleas de este tipo, Valentino siempre decía que las carreras eran esto, ahora ha cambiado su discurso. Es un poco contradictorio. Pero se está jugando el título, yo nunca he sido campeón de MotoGP, así que este es un momento del que debo aprender", decía Pedrosa tras la carrera.

"Demasiado fácil culpar a Vale"

La prensa italiana critica a 'Il Dottore', pero acusa al español de iniciar el pique

MARÍA SALAS ORMÁ. **Roma** La polémica entre Valentino Rossi y Marc Márquez acapara las primeras páginas de la prensa italiana. Aunque los periódicos deportivos cuestionan la actitud de Rossi y critican su reacción, excusan al piloto y, en muchos casos, culpan al de Honda de haber iniciado el enfrentamiento.

El diario deportivo *La Gazzetta dello Sport* critica la actitud

del italiano. Afirma que "así no Vale" y añade que "Rossi pierde la cabeza y se juega el Mundial, pero ha empezado Márquez". Aunque pide una "tarjeta roja" para Rossi, habla de una "maniobra confusa" en carrera. En su versión digital, publica también un vídeo del incidente y describe con subtítulos que "Márquez golpea con el casco a Rossi y este reacciona alargando la piedad".



Rossi posa con Márquez en Montmeló en 2008. / JIMÉ OLIVARES

El *Corriere dello Sport* titula en portada "Rossi, tormenta mundial" y defiende que es "demasiado fácil culpar a Vale". En su inte-

rior, el diario deportivo dice que la patada no existió y "fue Márquez quien tocó al italiano con el casco". Para este medio, Rossi

reaccionó de una forma "discutible" a un "obstruccionismo exagerado y exasperante" de Márquez, al que acusa también de permitir que Lorenzo le adelantase sin oposición.

Más crítico es *La Repubblica*, que sostiene que Rossi esperó "con maldad" a Marc y "le forzó a alargar la trayectoria alargando su piedad y golpeándole con la rodilla". Sin embargo, dice también que el análisis es "difícil" porque "antes del golpe de Rossi se puede ver que Márquez se apoya sobre la moto de Valentino".

En toda esta polémica no han faltado las encuestas a los lectores. En la *La Gazzetta*, más del 75% afirma que el gesto de Rossi es "injustificable", mientras que menos del 25% piensa que Márquez ha provocado y ha sobrepasado los límites.

OPINIÓN

Errores preelectorales

Tanto el Gobierno como Pablo Iglesias se exceden con el general Rodríguez

El Gobierno perdió ayer los papeles al forzar el retiro del general Julio Rodríguez, jefe del Estado Mayor de la Defensa, cuando este militar ya había pedido su paso a esa situación. Reunir al Consejo de Ministros y solemnizar el anuncio durante la conferencia de prensa semanal en La Moncloa es una sobreactuación innecesaria, cuya desmesura contribuye a potenciar la campaña de Podemos bastante más que al desprestigio del flamante fichaje realizado por esta formación.

Las justificaciones escuchadas están fuera de lugar. La vicepresidenta, Soraya Sáenz de Santamaría, habla de "pérdida de confianza" en el general y le atribuye falta de neutralidad al opinar sobre cuestiones políticas cuando aún era militar en la reserva. Mejor sería que Julio Rodríguez hubiera esperado a que se consumara el hecho administrativo de encontrarse fuera de las Fuerzas Armadas, pero no tiene sentido insinuar que al general de cuatro estrellas se le sanciona por similares razones a las que provocaron la destitución de altos cargos militares en el pasado. Si se refiere a las declaraciones dudosas constitucionales de algunos responsables de la milicia, o a quien azuzó la intervención militar en supuestos reservados a la decisión del Gobierno, nada de cuanto ha comentado el general Rodríguez recuerda tales situaciones, ya sea sobre una solución política para Cataluña o respecto a la permanencia de España en la OTAN.

La equivocación del Gobierno sucede a otra cometida por el líder de Podemos, Pablo Iglesias, que habló del militar co-

mo de su futuro ministro de Defensa. Afortunadamente ya no vivimos en los años de zozobras golpistas, ni tampoco en otros que, sin ser tan peligrosos, registraban presiones de profesionales de la milicia a favor de la autonomía del poder militar. Los Gobiernos democráticos han sostenido que no se puede degradar a España a la condición de un sistema a medias entre los regímenes autoritarios y un Estado plenamente democrático, y las declaraciones de Pablo Iglesias inciden en un asunto que se creía normalizado: que el Ministerio de Defensa sea regido por un civil. Desde 1979 siempre ha sido así —el primer civil al frente de ese departamento fue Agustín Rodríguez Sahagún, nombrado por Adolfo Suárez— y no hay razón de peso para cambiarlo. Otra cosa es que Pablo Iglesias magnifique el fichaje del general para hacer olvidar tiempos en los que defendía su interés por sacar a España de la OTAN.

Todo esto no implica dudar de la preparación técnica ni de la experiencia de Julio Rodríguez, como tampoco de sus propósitos en el hipotético caso de que llegara a encontrarse en condiciones legales de ocuparse de la cartera de Defensa. El paso a la política de este militar de talante liberal ha sido un aldabonazo en la campaña preelectoral y una muestra de habilidad táctica por parte de los dirigentes de Podemos. Sin duda es muy positivo enriquecer la política con buenos profesionales procedentes de diversos sectores, pero no es en absoluto necesario que un militar, en España, se convierta en ministro de Defensa de la noche a la mañana.

Objetivo yihadista

Si finalmente se confirman las sospechas —cada vez más abundantes— de que el avión ruso precipitado en el desierto del Sinaí fue objeto de un atentado islamista, la amenaza yihadista habrá dado un salto significativo en su ofensiva contra Europa y Occidente. Las imágenes de miles de turistas británicos tratando de salir de la localidad egipcia de Sharm el Sheij, mientras Rusia ordena la suspensión de vuelos con Egipto y otros países, como España, piden a sus ciudadanos que no viajen a la zona, son por sí mismas una victoria de los terroristas y un recordatorio contundente de que absolutamente todos los ciudadanos de los países democráticos se encuentran bajo una amenaza real, no importan cuáles sean sus ideas, creencias individuales o circunstancias. Para la amenaza yihadista no hay inocentes.

Y este es un hecho que es muy peligroso ignorar. Desde hace más de un año la península del Sinaí se encuentra prácticamente fuera del control del Estado egipcio.

Si ahora grandes partes de Egipto se convierten en terreno vedado para cualquier visitante extranjero y peligroso para quien no abraza el yihadismo, será un golpe muy duro a la estrategia de seguridad europea. En este contexto, conviene no considerar como un simple ejercicio para la galería las masivas maniobras militares que la OTAN acaba de realizar en España, Italia y Portugal. Las más grandes realizadas en una década.

Guste o no, nuestro país se encuentra en el punto de mira del radicalismo islámico y es constantemente citado y amenazado en los comunicados de las diversas organizaciones terroristas. Y no son bravatas, como lo muestran la detención en Madrid de tres individuos que se disponían a atacar de forma inminente y de otros dos adormadores en Cataluña. Hay que felicitarse, una vez más, por la actuación de los cuerpos de seguridad y ser conscientes de que, en cualquier momento, nuestra sociedad puede verse golpeada.

EL PAÍS

EDICIONES EL PAÍS, SOCIEDAD LIMITADA

PRESIDENTE
Juan Luis Cebrián
CONSEJERO DELEGADO
Mariano Martín
DIRECTOR GENERAL
Ignacio Soto

DIRECTOR
Antonio Cobo
DIRECTORES ADJUNTOS
David Aláiz
y Luis Bassat

Subdirectores
Bernardo Marín, Eva Sainza,
Luis Prado, Marc Rico,
José Manuel Calvo y Francisco Villó

FORGES



EL ACENTO

Que la violencia machista vuelva a la agenda política

Milagros Pérez Oliva

La Ley Integral contra la Violencia de Género de 2003 marcó un antes y un después. La de Igualdad de 2007 debía sentar las bases estructurales que hicieran posible su erradicación. En las últimas décadas se han destinado recursos materiales y jurídicos para erradicarla. Y sin embargo, la violencia machista sigue cobrándose cada año una insostenible cantidad de víctimas: 56 en 2014, 63 en 2013, 56 en 2012, 69 en 2011... Así, año tras año. En lo que llevamos de 2015 ya son 47 las mujeres que han muerto a manos de sus parejas o ex parejas. Los grupos feministas se refieren a esta violencia como *terrorismo machista* y piden que sea objeto de un pacto de Estado. Este es el propósito de la gran manifestación convocada hoy en Madrid.

Sucede a veces que cuando un problema social tan grave y arraigado como la violencia machista se aborda legislativamente, la sociedad tiende a durir por resuelto. Se supone que las instituciones funcionarán, que llegarán los recursos prometidos y que, pasado un tiempo, todo comenzará a cambiar. Pero no ha sido así. Los recursos no siempre han llegado en la cantidad suficiente —el presupuesto se ha recortado en un 26%— y aunque tanto a nivel policial como judicial se han habilitado servicios y mecanismos de pro-

tección, el número de denuncias sigue creciendo —un promedio de 266 diarias— y el de víctimas no decae. Entre tanto hemos observado un fenómeno inquietante. El machismo no solo resiste en el santuario de lo privado, sino que experimenta mutaciones peligrosas destinadas a legitimar la supremacía masculina en el discurso público. El neomachismo no solo practica un descarado negacionismo respecto de la violencia, sino que llega a presentar a los hombres en general como víctimas de la persecución feminista.

La violencia de género atañe en primer lugar a las mujeres, porque ellas son las víctimas. Pero el abono que la nutre, la cultura patriarcal, es un problema de toda la sociedad. También de los hombres, por supuesto. El feminicidio es el último y más irreparable estallido de la pirámide de la dominación machista. Pero debajo hay muchos otros, entre ellos la desigualdad salarial o la escasa presencia de las mujeres en los puestos de representación y decisión, a pesar del salto que han dado en cuanto a preparación y disposición para ocuparlos. Esa desigualdad constituye la primera forma de discriminación estructural que se ejerce contra las mujeres. Y de ella se derivan todas las demás. La sociedad debe preguntarse si puede seguir sosteniendo un estado de cosas que malbarata la energía y el conocimiento de las mujeres.

Sería bueno que en la manifestación que se celebrará hoy en Madrid contra las violencias machistas hubiera tantos hombres como mujeres. Sería un indicador de que algo está cambiando. La principal asignatura pendiente es acabar con la inhibición e indiferencia, cuando no la tolerancia, ante las conductas violentas. El día en que los machistas violentos sepan que, en cuanto levanten el brazo, alguien les va a denunciar, las cosas habrán empezado a cambiar de verdad.

ANEXO 19 – EL PAÍS 7/11/2015

7 NOVIEMBRE 2015 | ACTUALIZADO 17:20 CET | HEMEROTECA

ESPAÑA | AMÉRICA | BRASIL | CATALUÑA

INICIA SESIÓN | REGÍSTRATE | **SUSCRÍBETE**

EL PAÍS

EL PERIÓDICO GLOBAL

INTERNACIONAL | OPINIÓN | ESPAÑA | ECONOMÍA | CIENCIA | TECNOLOGÍA | CULTURA | ESTILO | DEPORTES | TELEVISIÓN

VIDEO

LA PRECAMPAÑA ELECTORAL

Rajoy asegura que perder la mayoría es peligroso para España

NATALIA JUNQUERA | Lorca | 181

"Hemos cometido muchos errores. No somos tan listos. Pero este es un partido que no nació en ninguna tertulia", asegura el presidente del Gobierno refiriéndose a Ciudadanos y Podemos

» **Cospedal dice que defenderá a Castilla-La Mancha desde el Congreso**

Rivera pide suprimir el Senado y el Consejo General del Poder Judicial

JUAN JOSÉ MATEO | Cádiz | 284


Ciudadanos presenta sus planes de reformas institucionales y constitucionales, que incluyen la eliminación del decreto ley

» **Votar por separado a diputados y partidos**

Todo el poder para el superpresidente del Supremo

FERNANDO GAREÁ | Madrid | 24

Las propuestas electorales de Justicia de Ciudadanos mantienen la designación de los partidos



Cabecera de la marcha de hoy en Madrid. / ATLAS / AFP

Una multitud marcha en Madrid contra la violencia machista

AITOR BENGOA / FRAN SERRATO | Madrid | 160

Decenas de miles de personas reclaman en la calle que la lucha contra la violencia machista sea cuestión de Estado

» **FOTOGALERÍA Las imágenes de la protesta**


#7N: La manifestación feminista no es sólo de mujeres

MARÍA SÁNCHEZ SÁNCHEZ

El hashtag #7NFeminista registra más de 13.000 menciones con lo mejor de la manifestación

» **El acoso machista a las mujeres que muestran su feminismo**

EL ÓRDAGO DE LOS INDEPENDENTISTAS



FERNANDO VICENTE


La presidenta y los esclavos

CRISTIAN SEGURA | 315

Carme Forcadell anima a incumplir las leyes de un Estado que mantiene a los catalanes subyugados desde el medievo

» **Forcadell será suspendida si el Parlament desoye al Constitucional**

LA CARRERA DECISIVA DEL MUNDIAL DE MOTOCICLISMO



Lorenzo, en el circuito de Cheste. / EDUARDO MANZANA (AP)

Lorenzo se lleva la 'pole' en Cheste con un tiempo récord y Rossi se cae

NADIA TRONCHONI | Cheste


El mallorquín mejora la 'pole' récord del 2013. El italiano, líder del Mundial, acaba por los suelos en una caída sin consecuencias

» **Yamaha "El que tiene que estar más nervioso es Rossi"**

¿Qué tiene que pasar para que Lorenzo sea campeón?

Rossi partirá último, pero ahora mismo comanda la clasificación con 312 puntos. Le sigue el mallorquín con 305

» **FOTOGALERÍA Las imágenes de los entrenamientos en Cheste**




Erosión producida por la lluvia en una zona de pastizal. / HÉCTOR GARRIDO

Doñana, como nunca lo habías visto

Las fotografías aéreas tomadas durante 20 años por Héctor Garrido en el parque nacional aterrizan en el Palacio de la Moncloa

» **La geometría íntima de la naturaleza, por MAURICIO VICENT**

deportes



El delantero francés, durante un entrenamiento. / P. MARCOU (AFP)

Benítez no cuenta con Benzema para el partido frente al Sevilla

ELEONORA GIOVIO | Madrid

El técnico del Madrid no convoca al delantero y evita profundizar sobre su imputación (Sevilla-Madrid, mañana a las 20.30)


» **Benzema, atrapado en el barrio, por DIEGO TORRES**

"Tenemos recursos a pesar de quién esté de baja"

JUAN L. IRIGOYEN | Barcelona

El Barça se aferra al poder goleador de Suárez y Neymar ante el Villarreal

» **EN BREVE Delta - Valencia**



Murray vence a Ferrer y jugará la final de París

ALEJANDRO CIRIZA | Madrid

El escocés gana por 6-4 y 6-3 y se medirá al vencedor del Djokovic y Wawrinka

EL TIEMPO

NEWSLETTERS

EL PAÍS IN ENGLISH

OPINIÓN

Objetivo yihadista

EDITORIAL

El probable atentado contra el avión ruso en el Sinai es un recordatorio de la amenaza terrorista contra Europa

La plaga nacionalista

NIURIA AMAT

El Gobierno catalán evanesca la vida de los ciudadanos; el español, nos observa con desdén

TEMAS DEL DÍA

MARCHA CONTRA LA VIOLENCIA MACHISTA

RETO SECESIONISTA

LAS LISTAS DEL PP

PROPUESTAS DE CIUDADANOS

REFORMA DE LA CONSTITUCIÓN

ENTREVISTA A JULIO RODRIGUEZ

Más temas

SIGUENOS EN

EL PAÍS+

VENTAS PARA SUSCRIBIDORES

SUSCRÍBETE A EL PAÍS

- INTERNACIONAL
- OPINIÓN
- ESPAÑA
 - ANDALUCÍA
 - CATALUÑA
 - C. VALENCIANA
 - GALICIA
 - MADRID
 - PAÍS VASCO
 - MÁS COMUNIDADES
- ECONOMÍA
- CIENCIA
- TECNOLOGÍA
- CULTURA
- ESTILO
- DEPORTES
- TELEVISIÓN
- IN ENGLISH
- MOTOR
- OBITUARIOS
- EL PAÍS SEMANAL
- BABELIA
- NEGOCIOS
- PLANETA FUTURO
- EL VIAJERO
- GUÍA DEL OCIO
- ENTREVISTAS
- CONVERSACIONES
- BLOGS
- Escuela de Periodismo

OFERTAS

VIVIENDA

CURSOS

EMPLEO

ANEXO 20 – EL PAÍS 8/11/2015

EL PAÍS

www.elpais.com

EL PERIÓDICO GLOBAL

DOMINGO 8 DE NOVIEMBRE DE 2015 | Año XL | Número 14.006 | EDICIÓN MADRID | Precio: 2,50 euros

Rajoy espera aplazar las medidas más duras en Cataluña a después del 20-D

El Gobierno solo inhabilitará a cargos públicos cuando desobedezcan la anulación judicial de la declaración independentista que se vota mañana

FERNANDO GAREA, Madrid El Gobierno de Mariano Rajoy está convencido de que no deberá tomar medidas de fuerza o de sanción contra los independentistas que controlan el Parlamento catalán hasta después de las elecciones generales del 20 de diciembre. Es más, cree que las respuestas que se deriven de la anulación por parte del Tribunal Constitucional de la declaración de independencia, que se vota mañana, pueden esperar hasta que haya nuevas Cortes

constituidas, en enero. Los servicios jurídicos de Moncloa recalcan que no hay fuerza ejecutiva en esa declaración de independencia. El Gobierno podrá actuar cuando se viole la ley con

medidas como la creación de nuevas instituciones—una seguridad social o una hacienda pública, por ejemplo—. El Ejecutivo se ha marcado como objetivo de sus primeras acciones lega-

les a la actual presidenta del Parlamento catalán, Carme Forcadell. Será ella quien reciba la notificación del Tribunal Constitucional con la suspensión de la declaración de independencia, y a partir de ese momento será responsable de velar por que se cumpla la legalidad. De lo contrario, podrá ser destituida. El Gobierno tiene todo listo, sin embargo, para precipitar las suspensiones si los soberanistas aceleran algunos de los trámites que han previsto. PÁGINA 19

El PSOE se compromete a anular todas las reformas de la justicia del PP

P21

Ciudadanos propone eliminar el Consejo General del Poder Judicial y el Senado

P22

China y Taiwán consuman su acercamiento en una cumbre histórica

X. FONTDEGLÒRIA / P. WANG

Pekín / Hong Kong El presidente de China, Xi Jinping, y el de Taiwán, Ma Ying-jeou, protagonizaron ayer la primera cumbre entre ambos países desde la guerra civil que acabó en 1949. En un encuentro en Singapur, consumaron un acercamiento que se ha fraguado en los siete años de Gobierno de Ma en Taiwán. Este último pidió a Pekín ayuda para lograr mayor peso en los organismos internacionales. China les ofreció el ingreso en el Banco Asiático de Inversiones e Infraestructuras. PÁGINAS 4 y 5

Interior alerta de los yihadistas que planean atentar en solitario

PATRICIA ORTEGA DOLZ, Madrid Los llamados lobos solitarios, islamistas que planean ataques por su cuenta, sin apoyo de células, y los yihadistas retornados de Irak o Siria son un grave peligro que obliga a mantener en España la alerta terrorista en un nivel 4, de "riesgo alto". Un informe interno del Ministerio del Interior, al que ha tenido acceso EL PAÍS, identifica las diez principales amenazas a las que se enfrenta el país. PÁGINA 30

La ofensiva talibán frustra los planes de salida de Afganistán

SILVIA AYUSO, Kabul Los avances de los talibanes y el auge del ISIS en Afganistán han llevado a EE.UU. a replantearse su calendario de salida. PÁGINAS 2 y 3



UNIDOS CONTRA LA VIOLENCIA MACHISTA. Decenas de miles de personas se manifestaron ayer en Madrid contra la violencia de género convocadas por 400 colectivos feministas. A la marcha se unieron representantes de todos los partidos políticos. / ALVARO GARCIA PÁGINA 28

La última oportunidad del planeta



De las minas al futuro del agua. Los retos ante la crucial cumbre del clima de París, analizados por seis diarios europeos

Forcadell y los esclavos Cristian Segura

La curia contra el Papa Rubén Amón

El turismo y el Estado Islámico Lluís Bassets

negocios

El crimen lastra la economía mundial



ANEXO 21 – EL PAÍS 8/11/2015 P. 28

09/11/2015

Kiosko y Más - El País - 8 nov. 2015 - Page #28

28 EL PAÍS

Domingo 8 de noviembre de 2015

ESPAÑA

Las regiones mediterráneas pactan contra el cambio climático

IGNACIO ZAFRA, Valencia
Los Gobiernos de la Comunidad Valenciana, Cataluña, Baleares y Andalucía firmaron ayer la *Declaración del Mediterráneo por el Cambio Climático*. Se trata de un documento en el que instan "a combatir el calentamiento global" y "construir una auténtica justicia climática a escala mundial".

Los territorios llaman a "coordinar acciones tanto a nivel estatal, como europeo e internacional para exigir que el Mediterráneo obtenga una atención preeminente en el estudio, adaptación y mitigación" del cambio climático. Las comunidades advierten que "por sus peculiares características", las zonas ribereñas del Mediterráneo representan uno de los puntos "más vulnerables" del planeta ante este desafío.

El documento fue presentado en Valencia, donde se celebraban unas jornadas sobre el cambio climático organizadas por el Gobierno autonómico. El jefe del Ejecutivo, el socialista Ximo Puig, afirmó que la "gran deuda que tenemos, más allá de la económica, es la medioambiental".

Hace poco el presidente Mariano Rajoy afirmó que se equivocó al dudar de la existencia del cambio climático. "Es un problema grave", dijo. Una postura que hoy comparten los principales líderes mundiales desde el presidente de EE UU, Barack Obama, al papa Francisco.

Políticas con garantías

La declaración de Valencia tiene la vista puesta en la cumbre mundial del clima que se celebrará en París a partir del 30 de noviembre. Los cuatro territorios, a los que, según los organizadores, se unirá Murcia, señalan que la biodiversidad del entorno mediterráneo y la concentración de población y actividades en el litoral "hacen necesaria la consecución de políticas que aporten garantías".

El objetivo de las medidas debe ser triple, según los firmantes: la protección del medio natural, el incremento de los niveles de salud de pueblos y ciudades y el avance "hacia economías más sociales y bajas en carbono".

La declaración insta a "los Gobiernos y a la comunidad internacional a trabajar en un acuerdo vinculante y a largo plazo". Compromete a los Ejecutivos a "articular políticas adecuadas e innovadoras". Y pretende sumar al resto de territorios ribereños, "así como a otras regiones del mundo con características climáticas mediterráneas", como California.



La manifestación contra la violencia machista, en su recorrido por la Gran Vía de Madrid. / SAMUEL SANCHEZ

Una multitud exige acabar con la violencia machista

AITOR BENGODA / FRAN SERRATO, Madrid
La *Marcha Estatal contra las Violencias Machistas*, convocada por más de 400 colectivos feministas de toda España, recorrió ayer el centro de Madrid para exigir que la lucha contra la violencia de género sea "una cuestión de Estado". Decenas de miles de personas de todas las comunidades —medio millón, según los organizadores—, junto a representantes de todos los partidos políticos, clamaron que "no se puede permitir ningún asesinato más".

La manifestación, que recorrió el paseo del Prado y la Gran Vía, estuvo presidida por una gran pancarta con el lema "Contra las violencias machistas" en las cuatro lenguas oficiales españolas. Otros carteles llevaban proclamas como "Denuncia el maltrato", "Machismo cobarde, terrorismo" o "No más muertes por ser mujeres", mientras se escuchaban gritos de "no estamos todas, faltan las muertas" y "la lucha será feminista o no será".

Varias representantes del Movimiento Feminista, plataforma que ha promovido la primera gran movilización nacional de este tipo, leyeron un manifiesto con el que denunciaron que la violencia machista "es la más grave violación de los derechos humanos de las mujeres". Recordaron que "el terrorismo machista" ha asesinado a más de 1.300 mujeres desde 1995. "Y esto es solo la punta del iceberg".

Con el documento se exigía el compromiso de todas las instituciones contra la violencia hacia las mujeres y que se aplique el Convenio de Estambul sobre los derechos de las mujeres. La marcha también demandó medidas para facilitar la recuperación social, económica y vital de las víctimas y de sus hijos. Se exigió, asimismo, que la custodia compartida no sea obligatoria y que se retire la patria potestad a los maltratadores.

"No podemos permitir ningún asesinato más. ¡Basta ya!". Los manifestantes corearon esas últimas palabras a lo largo de todo el recorrido. Las promotoras pidieron a los medios de comunicación que se comprometan a dar visibilidad al problema, a no emplear expresiones sexistas y a evitar el morbo.



Manuela Carmena (izquierda) y Ada Colau, antes de la marcha. / EFE

Las cifras del drama

807 mujeres asesinadas desde 2003 por sus parejas o exparejas, según el Ministerio de Sanidad.

41 víctimas por violencia machista en 2015 y cuatro casos en investigación.

266 denuncias diarias por violencia de género se presentan en los juzgados.

general de los socialistas se refirió a este acuerdo como un "pacto de vida", y señaló que su primera visita al ser elegido líder de su partido fue a un piso de mujeres víctimas de la violencia machista. "Hoy quiero reivindicar la memoria de las más de 800 mujeres asesinadas, pero también a los niños que se han quedado huérfanos o han perdido la vida a manos de las parejas o exparejas de sus madres".

El candidato a La Moncloa por Podemos, Pablo Iglesias, también participó. Consideró que la manifestación no debía tener un carácter partidista, pero matizó que "tiene que quedar claro quién ha estado con las mujeres y quién no". A continuación se refirió a que "no puede haber más recortes" en las medidas contra la violencia machista. Defendió, asimismo, el derecho de toda mujer a hacer lo que considere con su cuerpo.

Recepción municipal

El PP estuvo representado por su vicesecretaria de Programas y Estudios, Andrea Levy, a pesar de que inicialmente su partido no se había adherido. Levy negó los recortes en la lucha contra el machismo y defendió la gestión del Gobierno de Mariano Rajoy que, según afirmó, "tiene y ha tenido sensibilidad con este tema". Alberto Garzón, candidato de IU a la Presidencia del Gobierno, también presente, abogó por "luchar por una concepción feminista de la vida". También acudió a la marcha la portavoz municipal de Ciudadanos en Madrid, Begoña Villacís.

En el Consistorio madrileño, la alcaldesa Manuela Carmena recibió antes de la manifestación a diversas representantes de ciudades comprometidas contra las "violencias machistas", entre ellas la regidora de Barcelona, Ada Colau. El ministro de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad, Alfonso Alonso, mostró su respeto a "todo el mundo" que participó en la marcha, aunque anunció que no él no asistiría.